

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

FILHOS DA LUA
**a ausência de *relações sociais* de reconhecimento em crianças
que vivem em instituições de atendimento à infância**

Sheila Daniela Medeiros dos Santos

**Campinas
2006**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

FILHOS DA LUA

**a ausência de *relações sociais* de reconhecimento em crianças que vivem em
instituições de atendimento à infância**

Autor: Sheila Daniela Medeiros dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Angel Pino Sirgado

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por
Sheila Daniela Medeiros dos Santos e aprovada pela Comissão
Julgadora.

Data: 14/12/2006.

Prof. Dr. Angel Pino Sirgado

Comissão Julgadora:

Campinas

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Sa59f

Santos, Sheila Daniela Medeiros dos
Filhos da lua : a ausência de relações sociais de reconhecimento em
crianças que vivem em instituições de atendimento à infância / Sheila
Daniela Medeiros dos Santos. – Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Orientador : Angel Pino Sirgado.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Crianças - Assistência em instituições. 2. Semiótica. 3. Relações sociais.
4. Vínculo duplo (Psicologia). 5. Não reconhecimento social. I. Sirgado, Angel
Pino. II. Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-670-BFE

Título em inglês : Children of the moon : the absence of social relations of recognition in children who live in institutions of attendance to infancy

Keywords : Children-Institutional care; Semiotics ; Social relations ; Double bind (Psychology) ; Not social recognition

Área de concentração : Educação, Conhecimento, Linguagem e arte

Titulação : Doutora em Educação

Banca examinadora : Prof. Dr. Angel Pino Sirgado (Orientador)

Profa. Dra. Kátia de Souza Amorim

Profa. Dra. Anna Maria Lunardi Padilha

Profa. Dra. Ana Luíza Bustamente Smolka

Profa. Dra. Ana Lúcia Horta Nogueira

Data da defesa: 14/12/2006

Programa de Pós-Graduação : Educação

e-mail : sdani@unicamp.br

*Dedico este trabalho a todas as crianças que,
em nossa sociedade, mais que esquecidas,
são ignoradas.*

AGRADECIMENTOS

Ao orientador e amigo, Prof. Livre Docente Angel Pino Sirgado, que com sua riquíssima experiência acadêmica e científica me mostrou a relevância de dois pontos cruciais: o significado do cultural, que qualifica o desenvolvimento humano, e a questão semiótica como instrumento de análise do funcionamento psíquico.

À Prof^a. Dr^a. Ana Luiza B. Smolka, que com sua presença delicada e marcante, me ensinou a caminhar provocativamente pelo tênue fio que existe entre o real e o imaginário e entre natureza e cultura.

Às Prof^{as}. Dr^{as}. Anna Maria Lunardi Padilha, Ana Lúcia Horta Nogueira e Kátia de Souza Amorim, que tão gentilmente aceitaram o convite para participar da Banca e das discussões teóricas dessa aventura intelectual.

Ao Nei, meu marido, que com amor e paciência preencheu os contornos delineados pela minha ausência, para que a nossa vida não fosse transformada em uma reticência verbal ou em uma sùmula nebulosa sem nenhum feixe de luz.

À minha filha Letícia, que nos momentos fatigantes de produção teórica sempre me convidou para voar, fazendo-me sentir como um jovem cisne, do qual a vida ainda não cortou as asas.

Aos meus pais e irmãos que, com simplicidade, me mostraram como mobiliar a vida de um outro modo, tornando-a mais sólida e menos efêmera.

À Dorinha, amiga e interlocutora, que realizou a revisão cuidadosa do texto e foi companheira assídua durante as viagens apaixonantes pelas trilhas do mito.

À amiga Rita Carvalho, que indicou o local para a realização do trabalho de campo, apresentando-me uma realidade peculiar marcada por desigualdades e injustiças sociais.

À assistente social Gina e às monitoras Lúcia, Marilene, Zildinha e Ivonete, que sempre me receberam bem durante as visitas à instituição, permitindo assim que esta história fosse contada.



O JARDIM: CORES DE MUITAS FLORES

A lua, no alto do céu, iluminava o canteiro de gerânios, verbenas, azaléias, begônias, orquídeas e petúnias. Era difícil confundir uma espécie e outra, mesmo porque elas estavam acompanhadas de uma pequena placa com os respectivos nomes, impecavelmente esculpidos em madeira de lei. Em meio a essa mescla de flores tratadas, que criavam um cenário deslumbrante no jardim, salpicando o verde da grama com os mais variados tons, desde o branco até o vermelho, nasciam inúmeras florzinhas de pequeno porte: delicadas, frágeis e belas em sua simplicidade. Estas florzinhas tinham uma vontade imensa de viver. Tanto é que até entre as reentrâncias do muro de pedra que cercava o jardim, onde se havia aberto uma pequena fenda, uma delas incansavelmente teimava em brotar. Estas flores também tinham nomes, mas não havia preocupação em conhecê-las, pois suspeitava-se que elas deveriam ser iguais àquelas que nascem e crescem desordenadamente em matas nativas, bosques úmidos, terrenos baldios ou em qualquer lugar.

Como estas flores, apesar de não serem bem-vindas, já haviam marcado sua existência no jardim, para contornar a situação as mesmas foram transferidas para um canteiro à parte. E toda vez que outras florzinhas indesejáveis, como estas nasciam, logo eram trazidas para este lugar. Assim acontecia sempre, em todos os jardins, até nos mais distantes.

Olhando de longe, parecia que tais florzinhas eram todas iguais. De fato, havia algumas semelhanças, alguns traços comuns, mas quando era possível aproximar-se e chegar bem perto, dava para ver que elas possuíam especificidades e eram completamente diferentes entre si.

Com o passar do tempo, elas foram aumentando em número e foi preciso fazer outros canteiros para abrigá-las. Na verdade, a impressão que se tinha era a de que um outro jardim estava sendo criado dentro do próprio jardim, aquele em que viviam os gerânios, as verbenas, as azaléias, as begônias, as orquídeas e as petúnias.

Havia noites em que o perfume que estas florzinhas exalavam era tão forte que qualquer forasteiro que por ali passava ficava entontecido. Já os mais desavisados achavam o cheiro deste perfume tão habitual que nem mais o sentiam. De qualquer forma, os olhares tanto de uns quanto de outros, sempre se voltavam para as flores bem cuidadas. Por isso, podia-se dizer que as florzinhas estavam sendo ainda mais desprezadas. Diante de tanto infortúnio e desprestígio, elas chegaram até a ganhar uma placa, não com os seus nomes específicos, como era de se esperar,

mas uma que lhes atribuía uma denominação geral, um nome em comum: flores “menores”, “abandonadas”.

Por outro lado, entre as sombras da noite, sempre havia uma réstia de luar iluminando os canteiros, envolvendo as florzinhas e pondo-se a acalentá-las. Portanto, a lua, a grande amiga, companheira noturna e ouvinte dos mais íntimos segredos e desejos, nunca as deixava de lado, nunca as esquecia. Mas não só a lua, pois felizmente havia algumas pessoas, embora fossem poucas, que vez ou outra passavam por ali e, depois de seus olhos perscrutarem a escuridão e avistarem as florzinhas já abatidas, sem força e sem viço, debruçavam-se sobre as mesmas e, num ímpeto, tentavam arrancar a placa com o estereótipo que lhes haviam colocado.

Qualquer dia desses, mesmo que tarde da noite, seria bom que você, leitor, se aproximasse de um dos canteiros para olhar estas flores, ouvi-las e senti-las sendo embaladas pelo mais ínfimo balanço provocado pelo vento; afinal, somente assim será possível compreendê-las e perceber que, apesar de estarem confinadas nos mais diferentes canteiros, estas pequenas flores também nasceram para um grande destino.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo elucidar a essência de um paradoxo (aparente): crianças que não vivem em família, mas falam continuamente de família, tendo como pontos de ancoragem o referencial teórico de Lefebvre e Vigotski. Após realizar, durante um ano, visitas semanais a uma instituição de atendimento à infância, localizada em um município da região de Campinas, há evidências de que as crianças não estão falando propriamente de família; na realidade, elas estão reclamando da ausência de *relações sociais* de reconhecimento, já que o Estado/a sociedade ignoram os seus direitos, impondo-lhes como destino a situação em que foram geradas: a pobreza, a realização de tarefas socialmente desvalorizadas e a participação no sistema produtivo como exército de reserva.

Palavras-chave: crianças institucionalizadas, semiótica, relações sociais, vínculo, não-reconhecimento social.

ABSTRACT

This work has the objective of elucidating the essence of an apparent paradox: children who do not live in family, but talk continuously about family. The work has its anchor points on the theoretical referential of Lefebvre and Vigotski. After carrying out, during one year, weekly visits to an institution of attendance to infancy, located in the Campinas region, there are evidences that the children are not talking exactly about family; in reality, they are complaining about the absence of social relations of recognition, since the State and the society ignore their rights, imposing to them as their destiny the same situation in which they were born: poverty, the accomplishment of tasks socially devaluated and participation in the productive system as reserve army.

Key-words: institutionalized children, semiotics, social relations, bond, social not-recognition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Produção escrita de Adilson.....	2
Figura 2 – Edmonds, Chris H. Mame. In: Steuer, Werner. <i>Hot Air 1</i>	14
Figura 3 – Desenho de Danilo.....	27
Figura 4 – Desenho de Alberto.....	29
Figura 5 – Ilustração da primeira Roda de Expostos.....	42
Figura 6 – Roda de Expostos do Rio de Janeiro.....	46
Figura 7 – Roda de Expostos de São Paulo.....	46
Figura 8 – Desenho de Walmir.....	122
Figura 9 – Colagem e produção gráfica de Alberto.....	127
Figura 10 – Desenho de Tales.....	130
Figura 11 – Desenho de Tales.....	131
Figura 12 – Produção escrita de André Luís.....	133
Figura 13 – Produção escrita de Roberto.....	137
Figura 14 – Entrevista elaborada pela professora de Alberto.....	139
Figura 15 – Produção escrita de Alberto (respostas às questões da entrevista).....	139
Figura 16 – Colagem e produção escrita de Alberto.....	140
Figura 17 – Desenho de Alberto.....	141
Figura 18 – Produção escrita de Alberto corrigida por sua professora.....	143
Figura 19 – Desenho de Alberto.....	144
Figura 20 – Desenho de Alberto.....	146
Figura 21 – Desenho de Patrícia.....	159
Figura 22 – Foto dos bonecos de massinha confeccionados por Patrícia e Priscila.....	161
Figura 23 – Desenho de Patrícia.....	161
Figura 24 – Desenho de Priscila.....	162
Figura 25 – Produção gráfica de Danilo.....	168

Figura 26 – Desenho de Vagner.....	179
Figura 27 – Foto dos bonecos de massinha confeccionados por Vagner.....	180
Figura 28 – Cópia de uma página do diário de Silvia.....	204
Figura 29 – Cópia de uma página do diário de Silvia.....	204
Figura 30 – Cópia de uma página do diário de Silvia.....	204

SUMÁRIO

Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vii
Ilustração: Filhos da Lua.....	ix
O jardim: cores de muitas flores.....	xi
Resumo.....	xiii
Abstract.....	xiii
Lista de figuras.....	xv

INTRODUÇÃO.....	1
------------------------	----------

PRIMEIRA PARTE – A ENCENAÇÃO DA PESQUISA E A EMERGÊNCIA DE ASPECTOS TEÓRICOS

Capítulo I – O Início de uma longa viagem.....	13
Deixo o cais.....	13
Uma habitação à “margem”.....	15
Alegria e tristeza em um dia de festa.....	17
Impressões confusas.....	30
Capítulo II – As vicissitudes do abandono: do mito à realidade contemporânea.....	33
Algumas questões fundamentais.....	33
O lugar do abandono na mitologia grega.....	35
O fenômeno do “abandono” ao longo da História.....	39
Ambigüidades e conflitos: o caso do Brasil.....	44
O sentido do termo abandono.....	52
Capítulo III – Cruzando olhares na História: a família em foco.....	57
Da concepção de infância à concepção de família.....	57
O conceito de família: imagens contraditórias.....	61

Capítulo IV – Do mito à representação social.....	71
Regresso ao mito.....	71
Representação social: eclipse do mito.....	73
A dinâmica da representação.....	76

SEGUNDA PARTE – VOZES QUE NÃO SÃO OUVIDAS: DA ANÁLISE À SÍNTESE

Capítulo V – Em busca de pistas.....	87
Os protagonistas.....	87
O mensageiro.....	89
 EPISÓDIO 1 – SURGE UM OUTRO PARADOXO (APARENTE).....	 91
Cenário antigo.....	92
Incompreensível ao olhar.....	99
 EPISÓDIO 2 – DESEJO INTENSO.....	 105
Sentimento indefinível.....	107
Apego.....	110
 EPISÓDIO 3 – A FELICIDADE POR UM FIO.....	 113
O jogo da vida real.....	114
Obsessão.....	117
Prelúdios da desilusão.....	120
 EPISÓDIO 4 – A CULPA.....	 125
As portas de um drama.....	128
Sem saída.....	132
Mundo subterrâneo.....	136
 EPISÓDIO 5 – MARCAS DA AUSÊNCIA.....	 147
O corpo também fala.....	150
Mudança enigmática.....	156

EPISÓDIO 6 – DIAS FLORESCENTES.....	163
Cicatrizes profundas.....	167
Felicidade incerta.....	171
EPISÓDIO 7 – LÁGRIMAS DA SEPARAÇÃO.....	175
Total incompreensão.....	178
O impacto de uma nova experiência.....	182
Capítulo VI – Da sociabilidade natural às relações humanas.....	187
Necessidade de contato.....	188
O movimento da sociabilidade animal/humana.....	191
Um outro sentido do termo função.....	194
Ecos do imaginário.....	202
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	211
Histórias que vão e que vêm.....	211
Destino impresso.....	214
Mais uma vez, o mensageiro.....	217
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	219

INTRODUÇÃO

Toda vez que eu procuro enveredar pela paisagem histórica que constitui esse trabalho, lembro-me do pálido verão em que comecei a exercer a prática pedagógica em um projeto de alfabetização de jovens e adultos, que funcionava em uma escola pública situada em um bairro periférico de uma cidade da região de Campinas. Nesses momentos, as primeiras recordações que se impõem diante dos meus olhos referem-se às histórias dramáticas de três alunos que tive em semestres letivos diferentes: Cleonice, Adilson e Rosemeire.

Cleonice tinha vinte anos quando a conheci. Durante uma conversa informal, contou-me que quando tinha sete anos, sua mãe havia se suicidado em sua frente, enrolando o corpo em um cobertor embebido em álcool, bebendo um pouco deste produto antes de atear fogo em si mesma. Cleonice tentou abraçá-la, mas um outro litro de álcool que estava por perto explodiu e o fogo começou a queimá-la também. No desespero, ela correu para dentro de um guarda-roupa, onde permaneceu até desmaiar. Ao ser encontrada, Cleonice foi internada com queimaduras no braço direito, nas duas pernas e, principalmente, no rosto, o que lhe causou algumas deformidades.

No entanto, quando Cleonice já havia se recuperado e saído do hospital, o pai disse que ia comprar cigarros e que voltaria logo, mas não voltou mais e ela acabou sendo encaminhada para uma instituição de atendimento à infância¹.

Cleonice disse também que, durante a sua infância, sempre esperou que alguma família a adotasse, mas conforme os anos iam se passando, percebia que isso ia se tornando cada vez mais difícil, porque as pessoas sem filhos queriam adotar bebês que tivessem algumas de suas características físicas, principalmente aquelas relacionadas à cor da pele. Além de Cleonice não ser mais um bebê, ela ainda tinha as marcas de um acidente que a diferenciava fisicamente de outras crianças, embora já tivesse passado por diversas cirurgias plásticas faciais.

Algum tempo depois, também conheci Adilson, um rapaz de dezoito anos. Em certa ocasião, Adilson comentou que foi encaminhado para uma instituição aos três anos de idade, por determinação do Juiz de Menores, uma vez que a sua mãe não tinha as mínimas condições

¹ Hoje em dia não se usa mais a palavra *orfanato* para fazer referência a tais instituições, uma vez que a grande maioria das crianças tem família e não são conduzidas ao abrigo devido à morte dos pais, mas devido a outros dramas, tais como: a miséria, os maus-tratos, o abuso sexual, o alcoolismo, a dependência química dos pais, entre outros.

financeiras para criá-lo. Acrescente-se a isso, o fato de não haver registros de quem pudesse ser o seu pai e, ainda, o fato dos parentes mais próximos não poderem ficar com ele, já que possuíam um número grande de filhos e viviam em situação de extrema pobreza.

Ao ter em conta a história de vida de Adilson, foi interessante olhar para as produções escritas deste rapaz, uma vez que as mesmas sempre faziam referência a acontecimentos que ele não havia vivenciado de fato, e que reproduziam os valores da classe dominante. Para se ter uma idéia, a partir da produção de um texto em sala de aula, cuja proposta era narrar uma situação que havia marcado a vida dos alunos, Adilson escreveu²:

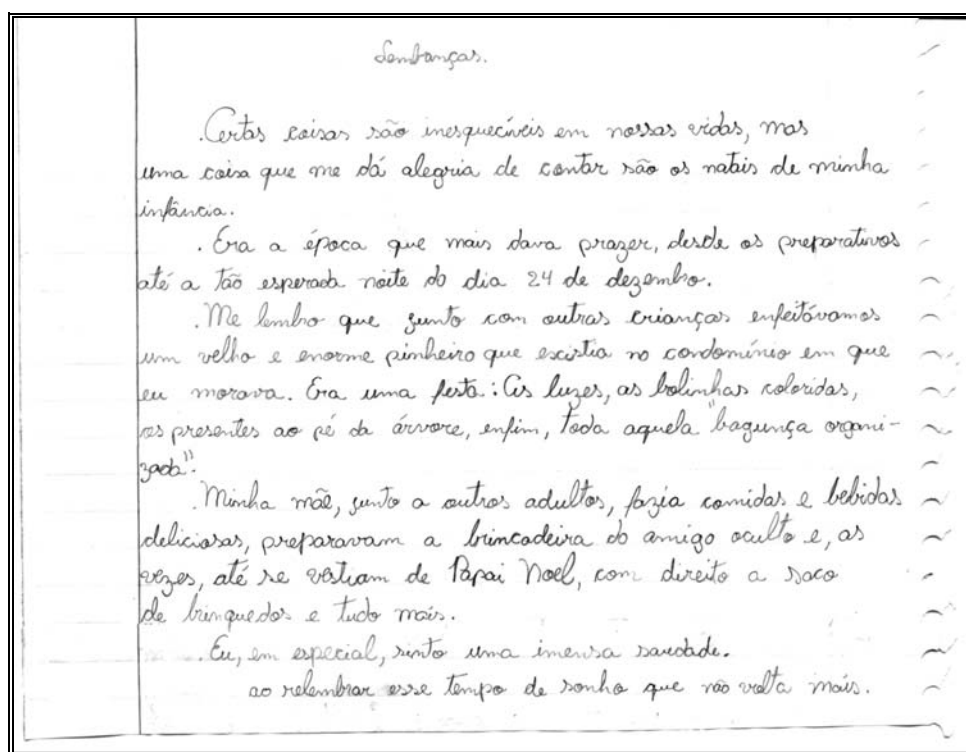


Figura 1 – Produção escrita de Adilson

Lembranças

Certas coisas são inesquecíveis em nossas vidas, mas uma coisa que me dá alegria de contar são os natais de minha infância.

Era a época que mais dava prazer, desde os preparativos até a tão esperada noite do dia 24 de dezembro.

² Os textos produzidos pelos protagonistas desta pesquisa, foram reescritos com algumas correções gramaticais, somente para facilitar a leitura e a compreensão dos mesmos. No entanto, isso será feito sempre com a apresentação da cópia reduzida do texto original.

Lembro-me que, junto com outras crianças, enfeitávamos um velho e enorme pinheiro que existia no condomínio em que eu morava. Era uma festa: as luzes, as bolinhas coloridas, os presentes ao pé da árvore, enfim toda aquela “bagunça organizada”.

Minha mãe, junto a outros adultos, fazia comidas e bebidas deliciosas, preparavam a brincadeira do amigo oculto e, às vezes, até se vestiam de Papai Noel, com direito a saco de brinquedos e tudo o mais.

Eu, em especial, sinto uma imensa saudade ao relembrar esse tempo de sonho que não volta mais.

Algum tempo depois, conheci Rosemeire, uma jovem de dezoito anos, que também conheceu uma dessas instituições. No entanto, ao contrário das experiências de institucionalização de Adilson e Cleonice, sua experiência não foi como interna, mas sim como mãe e como visitante.

Na época em que eu dava aulas para Rosemeire, ela chegou a ser presa por algumas semanas, por ter agredido com uma faca a assistente social e a médica do hospital onde seus três filhos estavam sendo atendidos, uma vez que as duas profissionais disseram que ela poderia perder temporariamente a guarda das crianças por não estar cuidando devidamente das mesmas. De fato, os filhos de Rosemeire acabaram sendo encaminhados para uma instituição, após várias denúncias feitas pelos vizinhos, que afirmaram que eles continuavam ficando dia e noite sozinhos, sem comida e sem banho. Isso porque, durante o dia, Rosemeire ia catar lixo no “lixão” da cidade, e à noite, ao término das aulas do curso de alfabetização de Jovens e Adultos, ia para a Rodoviária se prostituir, a fim de tentar garantir o sustento da casa. De qualquer forma, após a decisão do Juiz de Menores, restou a Rosemeire apenas visitar os filhos semanalmente na instituição.

Como as experiências que marcaram as histórias de vida de Cleonice, Adilson e Rosemeire, haviam chamado a minha atenção, decidi visitar uma instituição de atendimento à infância³, com o intuito de, num primeiro momento, apreender as tramas que se construía na cotidianidade desta realidade institucional e conhecer, de fato, quem eram as crianças institucionalizadas.

No entanto, logo nos primeiros dias de observação, pude notar algo estranho acontecendo com aquelas crianças, algo que era paradoxal: crianças que não viviam em família, mas que

³ A escolha por esta instituição se justifica pelo fato da mesma estar situada próxima ao local onde eu trabalho como professora e por ser a única que a cidade possui.

falavam de família, produziam textos cujo tema era família, desenhavam uma família, confeccionavam bonecos de massinha que se referiam aos elementos que compunham uma família e encenavam papéis familiares no jogo simbólico.

Em princípio, cheguei a pensar que poderia não ser interessante investigar essa questão suscitada pelo fato empírico, uma vez que a sua resposta parecia ser óbvia demais: do mesmo modo que um presidiário sonha com a liberdade por não possuir a liberdade, as crianças desejam uma família e falam continuamente de família, por não viverem em família.

No entanto, comecei a observar outras situações intrigantes: crianças ora afirmando que gostavam da instituição, ora que queriam sair de lá; crianças que haviam vivenciado situações de violência física/simbólica por parte dos pais, mas que desejavam voltar a viver com os mesmos; crianças que falavam do pai, falavam da mãe, mas chamavam qualquer visitante de pai ou de mãe; crianças que diziam que o maior sonho de suas vidas era voltar a morar com os pais, mas que “agarravam” os visitantes, pedindo que os mesmos as levassem para casa.

Estas situações fizeram-me suspeitar de algo que ia além do perceptivo, algo que estava por trás do paradoxo observado e que deveria ser desvendado; afinal, conforme observou Lefebvre (1963, p. 29), as contradições, que se manifestam em toda parte e a cada instante, sempre colocam um problema essencial a ser analisado e uma relação básica a ser descoberta.

Desse modo, o paradoxo observado era apenas “aparente”, já que na maioria das vezes não é possível apreendermos, num primeiro golpe, as coisas reais. Portanto, se eu quisesse afastar as idéias e os fatos cruciais de seu aparente isolamento e, ainda, atingir as contradições reais, seria necessário avançar com cautela, através do confronto das experiências, das hipóteses e dos conhecimentos adquiridos.

Pensando sobre isso, meu primeiro passo para seguir o movimento de conjunto que se esboçava na realidade observada em seus aspectos distintos, cambiantes e antagônicos, sem descuidar de seu liame, foi realizar um estudo bibliográfico sobre as crianças que viviam em instituições de atendimento à infância, com a intenção de verificar o modo como os grupos organizados da sociedade civil e os teóricos de diversas áreas ou setores ligados ao Estado, estavam debatendo este tema amplo, complexo e multidisciplinar.

Nesse momento, notei que alguns estudos (OLIVEIRA, 1997; WESTPHAL, 2002; RIZZINI, 1993; RIBEIRO E BARBOSA, 1987) estavam priorizando não somente a análise do contexto social, político, econômico e cultural em que o problema da institucionalização de

crianças se enraizava, mas também estavam considerando as dimensões em que este problema se projetava. Por esse motivo, o discurso que imperava nestes estudos era marcado pela indignação, pela denúncia e, basicamente, pela reivindicação de políticas governamentais capazes de garantir o direito dessas crianças institucionalizadas à cidadania.

Outros estudos (GOFFMAN, 1974; GARCIA, 1979; CAMPOS, 1984; VAINSENER, 1989; ALTOÉ, 1990), por sua vez, estavam tentando desvendar e detalhar os meandros do cotidiano institucional que se consolidavam através de aspectos, tais como: as regras disciplinares, as relações mantidas entre a comunidade e a assistência institucional, as possíveis dominações internas, o papel da instituição na sociedade e, ainda, o processo de constituição de identidade das crianças institucionalizadas.

E algumas pesquisas psicológicas (GUIRADO, 1986; SILVA, 1996; SEARS, 1975; BOWLBY, 1990; SPITZ, 1996) estavam se preocupando, predominantemente, com o impacto da institucionalização sobre o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, evidenciando não somente os problemas relacionados às características da instituição, à época, ao motivo e à duração da internação, mas também estavam avaliando os desvios e as perturbações decorrentes da separação mãe-criança.

Nesse cenário de controvérsias, quer a literatura especializada priorizasse um objeto de estudo, quer priorizasse outro, percebi que a mesma estava se referindo, de forma generalizada, às crianças que viviam nesses tipos de instituições como “crianças abandonadas”. Sem contar que grande parte dessa literatura, ao considerar a família como ponto fundamental de referência para nortear e situar a criança no mundo, estava estabelecendo uma correlação entre a presença ou a ausência da família e o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

Embora a linha deste trabalho não estivesse direcionada no sentido de empreender uma discussão conceitual extensa acerca dos termos: “abandono” e “família”, percebi que seria necessário ao menos apresentar elementos de reflexão teórica para que fosse possível compreender quem eram as crianças que viviam em instituições de atendimento à infância e, principalmente, qual era a essência do paradoxo observado.

Nesse momento, algumas questões começaram a se colocar: Se essas crianças não vivem em família, por que falam continuamente de família? De que modo e em que situações elas falam de família com os seus pares e com os adultos que trabalham na instituição ou que vão visitá-las?

Qual o impacto dessa experiência nas relações que se instauram entre adulto/criança e criança/criança na instituição?

Com o intuito de buscar respostas para estas questões, procurei adotar um estilo coerente com a abordagem histórico-cultural e optar por uma orientação metodológica voltada para a escolha de técnicas e procedimentos que privilegiassem a obtenção de dados de natureza qualitativa e que permitissem uma análise semiótica centrada em minúcias indiciais⁴, ou seja, em um relato minucioso dos acontecimentos, que conservasse a complexidade do fenômeno – considerando a conjuntura social, econômica, política e cultural que o produz – bem como a riqueza de seu contexto peculiar.

Desse modo, apesar de privilegiar o singular, procurei não abandonar a idéia de totalidade, empreendendo uma convergência entre a composição de delineamentos com ênfase indiciária e o ponto de vista epistemológico que postula a interação entre vários planos históricos: a história da espécie humana (filogênese); a história do grupo cultural, considerando as práticas sociais, os discursos circulantes e as esferas institucionais (sociogênese); a história do organismo individual da espécie humana (ontogênese) e a seqüência singular de processos e experiências vividas por cada indivíduo (microgênese).

Seguindo esta linha de pensamento e, ainda, considerando as sábias palavras de Anton Tchekhov (1995, p. 25) “no meio da calma noturna, ouvem-se vozes”, percebi que auscultar vozes, diferentes e simultaneamente, acompanhando até os mais imperceptíveis ruídos que se propagam no silêncio da escuridão, poderia ser um caminho profícuo para captar as mais delicadas nuances da realidade a ser observada.

Por esse motivo, durante as visitas realizadas à instituição, uma vez por semana, no período de um ano, como se estivesse munida de uma lupa, decidi observar as atitudes, os gestos, os desenhos, o silêncio, a linguagem oral/escrita e as brincadeiras (jogo simbólico) das crianças nos momentos em que elas estivessem sozinhas e, principalmente, nos momentos em que estivessem interagindo com as outras crianças, com os funcionários, com os familiares e com os visitantes.

⁴ Ginzburg (1989) discute um paradigma de natureza indiciária, fundamentado na semiótica, cujas formas de saber assumidas implicam uma atitude orientada para casos individuais, que devem ser reconstruídos e compreendidos por meio de sinais, signos, pistas e indícios. Como decifrar e ler por meio de pistas é rebuscar o miúdo e mostrar nele uma grandeza, uma singularidade insuspeitada, estabelecendo elos de coerência indelével entre eventos, o componente narrativo faz parte das interpretações indiciárias.

Em função dos objetivos propostos, passei igualmente a observar as situações recorrentes que faziam parte do cotidiano da instituição, assim como aquelas peculiares, tais como: a visita dos familiares, a chegada e/ou a saída definitiva de crianças da instituição e as festas realizadas em finais de semana ou em datas comemorativas (Dia das Crianças, Páscoa, Natal e Ano Novo). Seguindo as recomendações de Thiollent (1980), todas estas observações, bem como a transcrição das gravações realizadas em áudio e em vídeo, foram registradas num Diário de Campo.

Visando à efetivação desse estudo, também priorizei os depoimentos/conversas informais com a assistente social, com as monitoras e com os visitantes (familiares ou não) e coletei como documento fotos, desenhos e produções escritas das crianças. Este material empírico, tal como preconiza a pesquisa em Educação, numa abordagem qualitativa (ANDRÉ E LUDKE, 1986), foi objeto de análise em duas fases, não estanques, mas que se inter-relacionam.

Na 1ª fase exploratória, como forma de organizar as informações obtidas e as reflexões feitas no decorrer do processo de investigação, procurei focar minha atenção em torno das crianças que mais se destacaram frente aos objetivos da pesquisa na dinâmica interativa e discursiva que ia sendo tecida, encontro a encontro, mediada e materializada na/pela palavra.

Nesse momento, os pressupostos teórico-metodológicos de Vigotski (2000; 1995) e Lefebvre (1983; 1979) marcaram o meu modo de olhar, de tal forma que o “não-significativo” se transformou em indício, em pista possível, demarcando o terreno da investigação e revelando, conforme bem observaram Ezpeleta e Rockwell (1989), conflitos pouco visíveis na rotina diária da instituição. Esse referencial teórico permitiu que eu partisse para a 2ª fase do processo de investigação, realizando a análise dos episódios recortados do material empírico.

Desse modo, o trabalho foi organizado em duas partes, sendo a primeira composta por quatro capítulos, e a segunda por dois.

No capítulo 1, apresento a instituição em que foi realizada a pesquisa. O cotidiano entra em cena e, sob a trivialidade, as crianças se destacam como protagonistas, surgindo um paradoxo: crianças que não vivem em família, mas falam continuamente de família. Propor como objeto de investigação o estudo deste paradoxo é reconduzir um fato aparentemente informe ao conhecimento e reconstituí-lo não de forma arbitrária, mas de acordo com conceitos e segundo uma teoria.

No capítulo 2, após verificar que a imprensa falada e escrita do país, as organizações governamentais e não-governamentais, e grande parte dos estudos de diversas áreas do conhecimento fazem referência às crianças que vivem em instituições semelhantes à que visitei como “crianças abandonadas”, recoloco a questão do abandono no seu contexto histórico, econômico, político e social, desvelando os pressupostos ideológicos que estão implícitos no uso deste termo.

No capítulo 3, após enfatizar que há uma variedade de experiências familiares nas sociedades humanas que indicam a impossibilidade de encontrar um fio unitário que defina conceitualmente o termo família, procuro rever alguns aspectos teóricos subjacentes a este termo, com o intuito de evitar interpretações inadequadas que possam comprometer a leitura deste trabalho. Fica evidenciado que a família é um tipo de vínculo humano criado pela cultura, do qual não se encontra nenhum protótipo no reino animal.

Depois de montar o quebra-cabeça dos fragmentos que compõem os termos abandono e família e concluir que os mesmos, da maneira como têm sido tratados atualmente, constituem “mitos modernos”, no capítulo 4, trago para a discussão autores como Lefebvre e Vigotski, especificamente o conjunto de idéias sustentadas por estes teóricos, cada um a seu modo, a respeito do termo representação; afinal, estes “mitos modernos”, na verdade, são representações sociais que fazem parte de nossa sociedade contemporânea e que servem a muitas iniciativas – políticas, ideológicas, filosóficas – contestáveis. Dito de outro modo, tais representações sociais surgem com o intuito de mascarar a estrutura contraditória das relações sociais para dar continuidade ao modelo de crescimento econômico capitalista.

Como as discussões teóricas empreendidas mostraram a necessidade de novos desdobramentos, ao final do capítulo 4, procuro reformular a questão que estava orientando a investigação. Ao ter em conta que as crianças vivendo em instituições de atendimento à infância são provenientes de famílias que não têm como garantir nem mesmo as suas necessidades básicas, tais como moradia, alimentação, educação, assistência médica, saneamento básico; e, ainda, que viver em família não faz parte da natureza humana, mas sim do mundo da cultura, comecei a suspeitar que essas crianças, na verdade, não estavam falando de “família”. Mas, se não estavam falando de família, de que elas estariam falando afinal?

Na segunda parte, pensando sobre essa nova questão, faço um recorte no material empírico e, no capítulo 5 apresento sete episódios com o objetivo de encontrar pistas que revelem

o que, de fato, as crianças obstinadamente estão falando através de gestos, de desenhos, da linguagem oral/escrita, do jogo simbólico e do próprio silêncio.

No capítulo 6, realizo a análise dos registros cuidadosamente organizados e enfatizo que a chave explicativa para compreender as vozes silenciadas e audíveis das crianças observadas são as *funções* de que fala Vigotski (2000), no sentido de *relações sociais*, ou melhor, no sentido de um complexo sistema de *posições sociais* que definem como os sujeitos se situam uns em relação aos outros em uma determinada formação social.

Nessa delicada trama de relações, à medida em que as análises tornam visíveis aspectos que são a expressão externa de processos internos, ou seja, a expressão de uma relação social entre duas pessoas e que se tornou função, emerge o drama que as crianças institucionalizadas vivenciam para serem ouvidas e terem seus direitos devidamente reconhecidos pela sociedade civil e política.

Buscar respostas para as questões que emergem no processo de investigação e compreender a real significação dessa experiência em que as crianças institucionalizadas buscam o tempo todo relações sociais de respeito e de reconhecimento é um modo de recolocar a questão do homem enquanto ser *semiótico*, lembrando que a característica humana básica é a inserção da criança, desde o seu nascimento, em um mundo simbólico e em um processo social contínuo de construção de significados, conhecimentos, sentimentos e linguagem.

Ao trazer à tona todos estes aspectos, o trabalho torna-se um convite à tomada de consciência por parte da sociedade a respeito do que realmente ocorre no mundo dessas crianças que vivem em instituições de atendimento à infância, a fim de que ele seja interpretado. Este é um modo de a sociedade deixar de estigmatizar estas crianças para sinalizar-lhes a esperança de um futuro melhor. Na instituição que visitei, vi crianças inferiorizadas e discriminadas, que daqui a alguns anos irão completar a maioridade e deixar a instituição para cumprir um destino que para elas parecia não ser passível de modificação: o destino de desempenhar tarefas socialmente desvalorizadas e de participar do processo produtivo como exército de reserva.

Se você, leitor, quiser saber o que aconteceu durante este longo percurso de investigação, se quiser conhecer o lugar e as crianças que nele habitam, venha que serei seu cicerone. Através da arte da palavra, deste veículo privilegiado que nos ensina a conviver intimamente com o

mundo e com o *outro*⁵ e que não se dissolve depressa demais na memória, irei levá-lo a seguir o mesmo caminho percorrido por mim, um caminho sinuoso e trepidante, repleto de acontecimentos díspares e confusos, que ora nos deixa mais solitários que Robinson Crusoé, sem um chão para pisar, ora nos incita a curiosidade para buscarmos como compreender as situações enigmáticas da vida.

Sem mais nada para dizer, curvo a cabeça e tomo meu chá, enquanto as faces consternadas das crianças se repetem na lembrança e se confluem. Os meninos e meninas que conheci, pequenas flores de um canteiro, são *Filhos da Lua*.

⁵ O *outro* que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento psicológico do indivíduo permitindo que ele tome consciência de si enquanto sujeito, através da linguagem, tanto pode ser aquele que está face a face, como pode ser o lugar simbólico que ocupam pessoas concretas. Na expressão de Wallon, esse estranho essencial que é o *outro*, também pode ser chamado de *socius* “o parceiro permanente do eu na vida psíquica” (WALLON, 1968, p. 165).

PRIMEIRA PARTE
A ENCENAÇÃO DA PESQUISA E A EMERGÊNCIA DE
ASPECTOS TEÓRICOS

Capítulo I

O início de uma longa viagem

DEIXO O CAIS

A noite estava quente. Meus olhos não queriam dormir. Depois de conhecer as histórias dramáticas de três jovens que haviam vivenciado experiências diferentes em uma instituição de atendimento à infância, decidi visitar uma dessas instituições, porque percebi que seria inútil virar o corpo de um lado para o outro à procura de uma posição que aquietasse minha ansiedade, uma vez que uma infinidade de pensamentos jorrava teimosamente em minha cabeça numa velocidade convulsiva.

Sentei-me na cama e fiquei imaginando como poderia ser a instituição que eu pretendia conhecer, bem como as crianças que a habitavam. Aproveitei a claridade inebriante dos raios do luar que penetravam pelas frestas da janela e fitei demoradamente o relevo deixado pela minha cabeça no travesseiro branco, certa de que aquela noite seria longa e errante, e de que eu não iria voltar para a cama tão cedo. Fiquei assim durante um bom tempo, até que o cansaço começou a apoderar-se de mim, fazendo-me adormecer. Então, nesse momento, algumas cenas indizíveis passaram a invadir os meus sonhos.

Levantei-me e fui em direção à janela de meu quarto, com o intuito de abri-la. Hesitei por alguns minutos, pois ainda não estava realmente preparada para olhar o céu estrelado e ver a lua inteira. Desta vez, não seria a lua inspiradora dos poetas ou a lua inocente e impulsiva dos jovens apaixonados que eu iria encontrar. Nem tampouco seria a lua fascinante dos astrônomos, mas seria a lua inquieta, viva e sem reticências de crianças que viviam em instituições de atendimento à infância.

Assim que abri a janela, se descortinou diante de meus olhos uma paisagem surpreendente. Ao invés de ver a rua retilínea de minha casa iluminada pela luz enigmática da lua ou as conhecidas criaturas noturnas – vaga-lumes, pequenos morcegos e mariposas – que compunham o cenário das horas tépidas da noite com o qual eu já estava habituada a me deparar, fiquei perplexa ao ver que era o mar que estava lá. O mar, evasivo, veemente, solto nas encostas

ensombradas das montanhas e pronto para quebrar o silêncio da noite com o beijo frágil das ondas na areia.

Havia também um cais e diversos saveiros ancorados. Alguns estavam prestes a levantar velas e desbravar a imensidão do mar. Outros estavam indecisos em deixar a segurança do cais para enfrentar as ondas gigantescas que pudessem ser criadas por dias tempestuosos. E outros, ainda, permaneciam acorrentados e assim pretendiam ficar, simplesmente por terem receio de partir e ver aquilo que, até então, apenas se tinha ouvido dizer.

Nesse momento, olhei para o céu e avistei ao longe uma casa suspensa no ar, sobre as nuvens, única e tétrica, como uma ilha deserta.



Figura 2 - Edmonds, Chris H. Mame. In: Steuer, Werner. *Hot Air 1*. Cincinnati, Ohio: North Light Books, 1990, p. 28.

Ao olhar para cima, notei também que a lua estava por um triz, pois uma imensa nuvem se aproximava com o intento de encobri-la. No entanto, antes de seu desaparecimento passageiro, a lua sussurrando com voz tímida de cristal, convidou-me para soltar as velas ao vento e navegar pelo mar revolto.

Aceitei o convite, mesmo sabendo que eu poderia chegar à outra margem com os olhos cerrados e com o corpo enleado pela escuridão; afinal, frente à realidade desconcertante que poderia inundar a minha vida, seria impossível simplesmente colocar as manhãs embaixo do braço, esperando com a mesma serenidade de sempre o crepúsculo repousante. Assim que o saveiro começou a resvalar no espaço imenso do mar, deitei sobre o duro assoalho do convés e, sentindo a doce brisa da noite, esperei pacientemente a chegada ao lugar de destino.

UMA HABITAÇÃO “À MARGEM”

Quando a aurora surgiu entre as brumas e o rumor da dança das gaivotas que sobrevoavam a frágil embarcação, começou a anunciar um novo dia abri os olhos de súbito e ergui a cabeça bruscamente, com a intenção de visualizar ao menos o vértice de uma montanha. No entanto, a essa altura meu sonho havia sido interrompido e eu já estava acordada. Olhei ao redor do quarto, meio atordoada, e procurei me recompor. Havia amanhecido e o dia da visita à instituição havia chegado. Coloquei uma roupa qualquer e, sem um minuto de indecisão, entrei no carro e parti rumo ao desconhecido.

Logo que cheguei à instituição, procurei aproximar-me para vê-la melhor. Notei que a casa possuía dois pavimentos e era toda pintada de branco. Como um muro alto a cercava, ficava à mostra apenas o telhado e as duas janelas de venezianas fechadas do piso superior. Do lado esquerdo do muro havia um portão de duas folhas, vazado, feito com ripas de madeira e fechado por uma corrente e um cadeado. Já do lado direito do muro havia um portão estreito de ferro, com palhetas inclinadas, exclusivo para a entrada e a saída de pessoas.

O que mais impressionava naquela casa não era o corpo de imagens que revelava a sua evidência geométrica, mas o matiz dos feixes luminosos que impetuosamente atravessavam o vidro das janelas, insinuando que somente esses feixes seriam capazes de penetrar na essência íntima e concreta daquele simples e sólido recinto fechado.

Embora eu tivesse me deparado com uma casa simples e discreta em sua construção arquitetônica, bem diferente daquela casa misteriosa que convidava à reflexão e com a qual eu havia sonhado, notei que entre ambas havia um ponto em comum, ou seja, uma espécie de isolamento que as distanciava de todo o resto do mundo.

Logo que toquei a campainha daquela instigante habitação, uma mulher morena, de cabelos curtos e passos tranquilos, veio atender-me e, pelas frestas do portão de madeira, perguntou o que eu desejava. Depois fiquei sabendo que ela era a assistente social. Expliquei-lhe detalhadamente o motivo de minha visita e ela permitiu que eu entrasse.

Cruzamos a varanda e caminhamos em direção à porta de entrada da casa. Assim que entrei em um corredor estreito, a porta se fechou com um som abafado e rouco, como uma despedida para a rua.

Ao final do corredor, havia uma pequena sala com bancos de alvenaria, que antecedia o refeitório. Paramos ali por alguns minutos para conversar. A assistente social disse que embora a instituição⁶ estivesse atendendo naquele momento vinte e seis crianças, este número oscilava bastante, uma vez que as crianças encaminhadas por decisão do Juiz possuíam, pelo menos, de três a quatro irmãos e por esse motivo entravam e saíam todas ao mesmo tempo.

A assistente social comentou que, geralmente, as crianças são enviadas para a instituição devido à pobreza e à violência doméstica:

– Para mim o conceito de violência doméstica é bem amplo, porque inclui tanto a violência física e simbólica, como o abandono e os maus tratos. Às vezes as crianças estão em casa com o pai e a mãe, mas eles não dão conta nem das necessidades básicas dos filhos, que são: higiene, alimentação, educação... E isso, sem a gente entrar na questão do amor!⁷ [assistente social]

A assistente social disse também que para atender as crianças a instituição contava com onze funcionárias: quatro monitoras que trabalhavam no período diurno, três que trabalhavam no período noturno, uma cozinheira, uma lavadeira, uma funcionária que havia sido contratada para executar serviços gerais (limpeza) e a secretária que cuidava da parte burocrática da instituição.

⁶ A instituição foi idealizada em 1987 por um grupo de voluntários e passou a ser liderada em 1988 por um vereador e um grupo de diretores e conselheiros. De acordo com o depoimento de um dos diretores, publicado em uma revista informativa que circula no município, para atender as crianças, a instituição conta com doações, com o lucro de uma casa de lanches, localizada em frente a um hospital da cidade, e com uma verba municipal garantida por lei. Além disso, como os gastos com luz, água e encargos sociais dos funcionários são altos, a alimentação das crianças é garantida pela prefeitura do município, que procura abastecer a dispensa da casa semanalmente.

⁷ Na transcrição, procurei preservar a linguagem coloquial de todos os atores sociais que constam nesta pesquisa.

Após essa breve conversa com a assistente social, entrei no refeitório. A agitação estava grande, pois neste dia estava tendo uma festa para as crianças. Havia oito mulheres que não pertenciam à instituição preparando cachorro-quente, enchendo bexigas e atendendo ao chamado das crianças, que estavam alvoroçadas.

Mal apareci na porta e uma menina morena, de aproximadamente seis anos, sorriso delicado e trancinhas no cabelo, me puxou pela mão e me pediu para levá-la ao banheiro para fazer xixi. Seu nome era Jaci⁸.

No mesmo instante, dois meninos gêmeos vieram ao meu encontro. Eles eram os irmãos mais novos de Jaci. Os dois agarraram em minha blusa e começaram a me puxar em direção à área externa que ficava nos fundos da casa, para que eu fosse brincar com eles. Expliquei-lhes que primeiro eu iria levar Jaci ao banheiro e que somente depois eu iria brincar. Eles concordaram, mas não soltaram minha blusa e disseram que iriam entrar no banheiro comigo para me esperar. Pedi a Jaci que me mostrasse onde ficava o banheiro, pois eu ainda não conhecia as dependências da casa. Uma monitora que estava ao meu lado disse que eu não precisava me preocupar, pois ela mesma iria acompanhar Jaci até o banheiro.

Fui com os gêmeos, Raul e Raí, para a sala. Neste cômodo havia dois sofás (um deles estava em más condições, com parte do assento rasgado e sem espuma) e uma estante em alvenaria, pintada de preto, que ia do chão até o teto. No centro da estante havia uma televisão e nas demais repartições havia livros e enciclopédias antigos.

No sofá, de frente para a televisão, uma das monitoras segurava um bebê no colo, de pele bem branquinha, bochechas rosadas e olhos verdes. A monitora disse que seu nome era Paulo e que ele era a criança mais nova da instituição, pois tinha apenas três meses de vida. Ao seu lado havia duas visitantes esperando-a terminar de dar mamadeira a Paulo. As visitantes riam e discutiam qual delas iria segurá-lo primeiro.

Olhei ao meu redor e notei que em um dos cantos da sala, entre o sofá e a estante em alvenaria, havia um chiqueirinho⁹ com uma menina moreninha, miúda, de sete meses. Seu nome era Camile. Ela era bem menor que Paulo e apresentava um olhar distante e triste. Ela estava

⁸ Os nomes de todos os atores sociais mencionados nesta pesquisa são fictícios.

⁹ Espécie de cercado pequeno, comercializado em lojas de artigos para bebês.

isolada nesse local, mordendo um brinquedo de borracha. Como Camile estava somente de fralda devido ao calor, notei que sua pele era toda marcada por cicatrizes de feridas.

Perguntei à monitora o que havia acontecido e ela explicou-me que Camile teve catapora, mas que a doença se manifestou de modo tão grave que a menina precisou ficar internada em um hospital durante um bom tempo. Alberto, um menino de dez anos, gordinho e de sorriso simpático, que também estava na sala, comentou:

– Ela teve catapora, dona, e foi feio! Virô um monte de bola! Quando ela e os irmãos chegaram aqui, eles estavam tudo se coçando. Eles tinham sarna, dona! Logo depois ela teve isso. [Alberto]

Nadir comentou que enquanto uma monitora leva as crianças ao médico, ao psicólogo ou a algum especialista que atende na própria cidade ou em municípios da região, a outra fica em casa com as demais crianças. O mesmo acontece quando uma delas precisa levar ou buscar as crianças na escola. Essa tarefa geralmente é realizada pela monitora Beatriz, que cobre as férias, o afastamento ou a ausência de uma das monitoras que fica como acompanhante no hospital, caso seja necessário internar alguma criança por problemas de saúde. Nadir disse também que nesses momentos as crianças mais velhas ajudam bastante¹⁰.

Após concluir sua fala, Nadir pediu a Raul e a Raí que soltassem a minha blusa e fossem brincar um pouco. Eles concordaram e foram para a área dos fundos. Assim que eles me soltaram, Viviane, uma menina de dois anos, de cabelos longos e cacheados, que estava sentada no outro sofá, esticou os braços em minha direção e me pediu para pegá-la no colo. Ela chorava e dizia ao mesmo tempo:

– Mamãe foi embola! Mamãe foi embola! [Viviane – soluçando]

A monitora Nadir interferiu:

– A Viviane está um pouco confusa. Não foi a mãe que veio visitá-la, foi o pai e a tia. Eles vieram hoje de manhã e depois que eles foram embora, ela não parou mais de chorar. [monitora Nadir]

¹⁰ No primeiro dia de visita à instituição, Fátima, uma menina de 18 anos, estava ajudando as monitoras na limpeza da casa. Em visitas posteriores, presenciei Fátima dando banho nos bebês, Paulo e Camile, e tentando acalmá-los no momento em que estavam chorando.

Ao lado de Viviane estava Patrícia, uma menina negra, de olhos espertos e curiosos. A monitora disse que Patrícia tinha sete anos e possuía dois irmãos: Priscila de doze anos e Davi de dois anos. Eles estavam há apenas um mês na instituição. Como Patrícia estava com um vidro de esmalte vermelho em sua mão, ela olhou para mim e disse:

– Posso pintar a sua unha? Por favor, tia! Por favor! Por favor! [Patrícia]

Após concordar, sentei-me no chão com Viviane e coloquei as mãos sobre as pernas de Patrícia para que ela pintasse as minhas unhas.

Walmir, um menino de cinco anos, de cabelo raspado, olhos oblíquos e sorriso esperto, entrou na sala correndo e, como eu estava de costas para a porta, tentou me assustar, gritando: *Buuuhhh!!!*

Walmir começou a dar gargalhadas e me abraçou. Ele achou a situação engraçada e não queria mais parar de me assustar, dizendo repetidas vezes: *Buuuhhh! Buuuhhh! Buuuhhh!*

Depois de alguns minutos, Toni, outro menino de cinco anos, magrinho, de dentinhos cerrados, entrou na sala avisando que era hora dos “Parabéns”. Ele estava com as unhas pintadas. Patrícia olhou para Toni e disse para ele tomar cuidado, pois o esmalte ainda não havia secado.

Como Patrícia já havia terminado, levantei-me para ajudar Toni a chamar as outras crianças. Viviane achou que eu iria embora e começou a chorar. Procurei acalmá-la, dizendo que eu não iria naquele momento. Enquanto eu conversava com Viviane, Karina uma menina loira, de três anos, subiu no sofá e pulou em minhas costas, segurando em meu pescoço e dizendo: *Pocotó, pocotó, pocotó!*

No mesmo instante, Walmir interferiu:

– Tia, não vamo brincá de cavalo, não! Vamo brincá de mamãe, papai, filhinho, *Power Ranger*¹¹, *Batman*... O pai é o Danilo! [Walmir – falando rapidamente]

Embora Walmir tivesse se empolgado ao sugerir a brincadeira, a mesma não aconteceu de fato, pois as crianças já estavam indo para o refeitório para cantarem os “Parabéns”.

Na mesa do refeitório havia um bolo grande (de chocolate branco, decorado com confeito colorido), dois pratos de brigadeiros e duas caixas de chocolate. As crianças sentaram nos bancos

¹¹ Seriado exibido na época pela Rede Globo de televisão.

ao redor da mesa e permaneceram imóveis em seus lugares, sem tocarem em nada, esperando a vez de serem servidas. Outras, as menores, preferiram ficar no colo das visitantes. Karina disse para uma delas:

– Minha mãe veio me visitá. [Karina]

– É mesmo, meu bem? [visitante – passando a mão no cabelo de Karina]

Uma senhora que estava ao meu lado e que não pertencia à instituição, apontou para uma mulher morena e disse:

– É aniversário dela, “Dia de São Cosme e Damião”. Todos os anos ela faz duas festas para comemorar seu aniversário: uma, durante o dia, para comemorar com as crianças daqui, e outra, durante a noite, para comemorar com a família. [visitante]

Sentada em uma das extremidades da mesa estava Valquíria, uma menina de onze anos, loira, de cabelos longos. Ela estava com um vestido azul de alças finas e toda maquiada com batom rosa claro nos lábios, *blush* nas bochechas e sombra azul nas pálpebras, para combinar com o vestido. Em seu cabelo havia várias fivelinhas coloridas. Algumas visitantes elogiaram Valquíria, dizendo que ela estava bonita. Valquíria ficou sem jeito, olhou para baixo e respondeu que havia se arrumado para a festa.

Nesse momento, Jaci puxou minha blusa e me pediu para levá-la ao banheiro. Tales, um menino de onze anos, que estava ao meu lado, interferiu:

– Ela já sabe í sozinha, dona! [Tales]

Em seguida, Tales falou para Jaci:

– Vai, fia, vai sozinha! A dona vai cantá Parabéns. [Tales]

Jaci saiu correndo em direção ao banheiro que ficava próximo à sala. Começamos a cantar os “Parabéns”. Notei que as crianças menores estavam alegres. Elas cantavam em entonação alta e sorriam, com exceção de Viviane, que estava emburrada. Já as maiores, estavam apreensivas e cantavam com certo desânimo. Alberto e Tales, ao invés de cantarem, juntaram as mãos, apoiaram a cabeça sobre as mesmas e rezaram o “Pai-Nosso” (faltando algumas partes),

agradecendo pelo alimento daquele dia. Algumas visitantes ficaram emocionadas diante de toda aquela situação. Ao final dos “Parabéns”, as visitantes gritaram: *Crianças! Crianças! Crianças!*

Priscila, irmã de Patrícia, esperou terminar os “Parabéns” e discretamente saiu para a área dos fundos com os olhos cheios de lágrimas. Como eu havia notado sua saída, fui atrás dela para levar-lhe um pedaço de bolo e um copo de refrigerante.

Neste local havia um amplo galpão de piso cimentado, coberto com telhas de amianto e alguns bancos e mesas grandes com base de madeira e sustentação em ferro. Havia também uma área menor, sem telhado, cujo piso era todo gramado. Neste outro espaço ficavam o gira-gira, o escorregador, o balanço (que estava quebrado) e o circuito com escadas, barras e argolas.

Na área coberta, em um dos bancos, estava Priscila. Ela recusou o bolo e o refrigerante que eu havia lhe oferecido. Perguntei se ela estava bem. Ela fez sinal de afirmativo com a cabeça, mas no mesmo instante em que respondeu, não conseguiu se conter e começou a chorar. Envergonhada, Priscila saiu correndo e entrou em um banheiro que ficava na parte externa da casa. Alberto, que estava comendo bolo na porta da sala, mas havia presenciado a cena, gritou de longe:

– Não esquentar não, dona! Não é nada. É que ela chegou aqui faz um mês e ainda tá se adaptando. [Alberto]

Nesse instante, Patrícia apareceu na área externa, me puxou pelo braço para que eu me agachasse e me deu um longo beijo no rosto. A monitora Nadir brincou:

– Chega, Patrícia! Vai machucar a bochecha da Sheila! [Nadir – rindo]

Em seguida, ela ergueu rapidamente parte de minha blusa e deu uma mordida de leve em minha barriga, sem que machucasse. Como eu não esperava esse tipo de atitude, assustei-me e disse num sobressalto:

– Quê isso, Patrícia! [pesquisadora]

– É que você é a minha fofa! Vem sempre me vê, fofa! [Patrícia – sorrindo e me abraçando apertado]

Do mesmo modo que Priscila, Dagoberto, de quatorze anos, irmão mais velho de Alberto, também não quis cantar os “Parabéns”. Ele se isolou em um dos cantos da área dos fundos e não quis comer nada. Depois, ficou andando de um lado para o outro, da área dos fundos para a sala e da sala para um outro cômodo que as crianças chamavam de padaria¹². Dagoberto demonstrava estar agitado e impaciente. Uma das visitantes, que também havia notado o comportamento de Dagoberto, sugeriu que fizéssemos um prato com doces e salgados e levássemos para ele. Mesmo assim, Dagoberto se recusou a comer. Quando perguntei às monitoras por que Dagoberto não queria ficar conosco, Marta respondeu que ele era mais reservado e que geralmente se comportava dessa maneira nas festinhas. Em relação a esse aspecto, a monitora Beatriz disse:

– O ano passado cada criança foi passar o Natal e o Ano Novo em um lugar diferente: Danilo e seus irmãos foram para a casa de uma tia que já morou na instituição; João e Hélio passaram o Natal na casa de uma das monitoras e o Ano Novo na casa de uma professora; Sandro e Tales foram para a casa da assistente social; André Luís foi para a casa de uma tia; Priscila, Patrícia e Davi passaram o Natal com a mãe; Silvia e Fátima foram para a casa de parentes; Valquíria e Carlos foram para a casa do pai; e Alberto e Roberto foram para a casa dos tios. O único que ficou na instituição foi Dagoberto que não quis ir para lugar nenhum. [Beatriz]

No refeitório, as visitantes começaram a distribuir presentes. Cada criança recebia dois embrulhos. Um deles continha balas, bombons e pirulitos e o outro um brinquedo e uma peça íntima: calcinha, no caso das meninas, e cueca, no caso dos meninos. As meninas menores ganharam bonecas, e as maiores, diários com pequenas chaves. Os meninos menores ganharam carrinhos, e os maiores, jogos diversos.

Patrícia, irmã de Priscila, assim que recebeu o seu presente franziu a testa, demonstrando estar brava. Uma visitante, ao notar a sua reação, perguntou se ela não havia gostado do presente. Patrícia olhou para baixo e não disse nada. Em seguida, começou a chorar baixinho e foi para a sala. A visitante achou melhor não insistir em saber o que estava acontecendo com Patrícia e decidiu conversar com Toni, que estava sozinho brincando com uma bexiga.

Enquanto isso, Jaci aproximou-se com uma boneca e uma mamadeira pequena que havia acabado de ganhar e disse:

¹² Trata-se de um anexo, de dois pavimentos, construído a partir da intenção inicial de instalar uma padaria que pudesse gerar recursos para a instituição. Como os planos para o funcionamento da padaria não se concretizaram, este espaço passou a ser utilizado como sala de TV e sala de estudos para as crianças maiores. Neste local há um banheiro e uma escada que leva até um cômodo no piso superior.

- Cê pode segurá minha filha e dá mamadeira pra ela? [Jaci]
- Ah! É sua filha? Claro que eu posso! [pesquisadora – apoiando a boneca em uma das pernas]
- Não! Não é assim, tia! Você precisa deixar encostadinha aqui no coração. Tem que dar mamadeira bem abraçadinha! [Jaci]

Nesse momento, Raul e Raí vieram me chamar, puxando a minha blusa e dizendo que queriam algumas bexigas. Entreguei a boneca à Jaci e disse que voltaria logo. Antes de ir, Jaci insistiu para que eu abrisse o seu pacote de balas e comesse algumas delas. Agradei e disse que não queria. Mesmo assim, Jaci pegou uma bala e pediu para que eu a deixasse colocar em minha boca. Acabei concordando e depois acompanhei os gêmeos, que a essa altura já estavam impacientes com a demora, me puxando com força.

Raul e Raí me levaram até a pequena sala que antecedia o refeitório. O pedido de bexigas era apenas um pretexto para que eu os seguisse. Eles me mostraram uma escada que levava até o pavimento superior, abriram um portão baixo de madeira de aproximadamente oitenta centímetros que estava apenas encostado (antes do primeiro degrau da escada) e começaram a subir. Eu não sabia se podia subir as escadas sem a companhia da monitora ou da assistente social, mas naquele momento decidi ir atrás deles, pois poderia ser perigoso deixá-los sozinhos, já que tinham apenas quatro anos de idade e o lance de escadas era grande.

No pavimento superior, havia quatro dormitórios e dois banheiros. Em cada dormitório havia beliches. Raul e Raí entraram nos dormitórios e disseram repetidas vezes que ali era “os grandes” que dormiam. Depois eles quiseram me mostrar os banheiros.

No momento em que eu disse a eles que deveríamos voltar para o refeitório, olhei para trás e notei que uma das monitoras estava próxima à escada nos observando. Procurei justificar-me. Ela disse que eu não precisava me preocupar, pois havia percebido que os meninos só estavam ali porque ficaram empolgados em me mostrar toda a casa, já que dificilmente tinham interesse em ir ao piso superior.

Assim que descemos as escadas, os gêmeos também quiseram me mostrar o berçário. Raul apontou para um dos berços e mostrou, sobre o lençol branco, uma cueca infantil e um carrinho que havia ganhado de presente. Em seguida, seu irmão Raí apontou para outro berço e disse que dormia ali.

Depois disso, fomos para a sala de televisão. André Luís, um menino de olhos verdes e cabelos castanhos com pequenas mechas loiras¹³, estava deitado no sofá assistindo novela. Tales também estava na sala. Ele abriu seu saquinho de doces e ofereceu para mim e para as outras visitantes. Ele insistiu para que aceitássemos suas balas e seus bombons. Valquíria fez o mesmo.

Alberto apareceu na porta da sala e me chamou para ver algo que ele iria fazer na área dos fundos. Ele me esperou chegar até a área externa e jogou a bexiga em cima do telhado. Como estava ventando muito, a bexiga começou a voar para longe. Ele disse:

– A bexiga é livre para sair, para ir onde quiser. Eu queria ser a bexiga. [*Pausa*] Nossa! Para onde será que ela vai? [Alberto]

Antes que eu falasse qualquer coisa, Patrícia aproximou-se com um batom na mão e disse:

– Tia, deixa eu passar na sua boca. Faiz de conta que você é a minha filha grande. Eu só tenho uma filha que é você. Eu vou cuidar de você. [Patrícia – afinando a voz]. Faiz assim, filhinha! [Patrícia – esfregando o lábio superior no inferior]

Como eu procurei imitá-la, Patrícia completou:

– Isso! Isso! Pronto! Certinho, filhinha! Ai, que filha linda! [Patrícia]

Nesse instante, Danilo, um menino de sete anos, cabelo raspado e lábios grossos, interrompeu Patrícia e me chamou para vê-lo deitado no colo de uma das visitantes:

– Tia, olha onde eu tô! Eu não quero mais saí daqui! [Danilo]
– Você gostou desse colo? [pesquisadora]
– O problema é o peso dele! [visitante – rindo e abraçando-o, após referir-se ao fato de Danilo ser gordinho]

Valquíria, que estava sentada em um dos bancos da área externa, levantou-se e veio me abraçar. Ficamos assim por aproximadamente quarenta e cinco minutos. Andávamos de um lado

¹³ Além de André Luís, outros meninos maiores (Hélio, Roberto e Tales), também passaram água oxigenada nos cabelos, embora tivessem feito mechas apenas no topete. Hélio, o menino mais velho, também furou a orelha dos colegas e do irmão Roberto com agulha, para que todos pudessem usar brinco. A monitora Marta comentou que Hélio é o “cabeleireiro da casa”, pois ele mesmo corta e raspa com a máquina o cabelo dos meninos.

para o outro, abraçadas. Como o dia estava muito quente, começamos a transpirar demais e sugeri que ficássemos apenas uma ao lado da outra. Valquíria disse que, mesmo assim, gostaria muito de continuar abraçada comigo. Fiquei sem saber o que dizer. No entanto, a monitora Marta, que estava por perto, procurou intervir pedindo a ela para me soltar, devido ao calor, pois poderíamos nos sentir mal. Desta vez, Valquíria concordou, mas antes de me soltar, pediu que eu fosse com ela até o cômodo onde as crianças guardam seus materiais escolares. Lá, Valquíria abriu um dos armários, pegou um livro de estórias e alguns gibis velhos e disse:

– Dona, leva isso aqui pra sua casa pra guardá pra mim. E cada vez que cê vié, cê traiz pra contá estória pra gente. Ficá guardado aqui não é seguro! Os pequenos mexem e estragam tudo.
[Valquíria]

Depois disso, Valquíria chamou Tales, Karina, Walmir e Davi, que estavam na sala, para brincarem na área dos fundos. Eles entraram em um espaço delimitado por uma parede de aproximadamente um metro e vinte de altura, onde havia um tanque e uma pia. Valquíria disse para Tales que estava próximo:

– Nós vamos brincar que eu sou a mamãe e eles são os filhinhos. Cê quer brincar? [Valquíria]

Tales concordou e no mesmo instante entrou na brincadeira. Como Viviane veio me pedir guaraná, não pude observar o desenrolar da brincadeira. Enquanto eu colocava refrigerante no copo de Viviane, uma das visitantes aproximou-se e comentou comigo que havia achado Viviane linda e que ela “parecia filha de gente rica”. Depois, a visitante apontou para Paulo e disse que ele era um bebê que deixava qualquer um com vontade de levá-lo embora para casa. Ela comentou que não podia ter filhos e que gostaria de adotar Paulo, mas seu marido preferia uma menina¹⁴.

Quando olhei novamente para Valquíria e para as outras crianças, notei que elas haviam parado de brincar, pois a aniversariante havia se aproximado para se despedir. Primeiro a aniversariante se despediu de Alberto, dando-lhe um abraço carinhoso e falando em seu ouvido:

¹⁴ De acordo com pesquisas realizadas pelo *Projeto Acalanto*, existem muitas crianças nas instituições prontas para serem adotadas e a burocracia não é tão grande. O difícil está nas restrições que a família que pretende adotar impõe, pois geralmente ela idealiza uma criança que não existe ou que não está disponível na instituição. Desse modo, são grandes os esforços na tarefa de encontrar famílias para as crianças já destituídas, que apresentam dificuldades em serem adotadas devido à idade, cor, grupo de irmãos ou problemas físicos e mentais. Para obter maiores informações a esse respeito, consultar: www.projetoacalanto.org.br.

– Fique com Deus! Que Deus te proteja, meu bem! [aniversariante – passando a mão na cabeça de Alberto]

Alberto chegou até a deitar a cabeça no ombro da aniversariante e a fechar os olhos por alguns minutos. A aniversariante se despediu do mesmo modo das outras crianças. As menores não queriam que ela e as outras visitantes fossem embora. Viviane começou a chorar de modo incontrolável, pois não queria sair do colo de uma das visitantes. A monitora Nadir tentou acalmá-la.

Jaci aproximou-se e pediu novamente para que eu a levasse ao banheiro. Karina, irmã de Danilo, também disse que queria ir. Alberto interferiu:

– Não, mãe! [No mesmo instante corrigiu]. Mãe não, tia! Elas tão fazendo graça! Elas sabem ir sozinhas! Elas vão todo dia sozinhas! [Alberto]

Nesse momento, a aniversariante foi se despedir de Sandro, um menino magrinho, de seis anos, que de acordo com a monitora Marta freqüentava um Centro de Reabilitação da Secretaria da Saúde do Município por apresentar problemas de aprendizagem e ter certo atraso em relação ao nível de desenvolvimento de uma criança típica. Sandro olhou para a aniversariante e disse:

– Mãe, mãe, eu quero í no balanço. [Sandro]

Os olhos da aniversariante ficaram inundados de lágrimas, mas ela não disse nada. Apenas deu um beijo de despedida em Sandro e foi embora.

Enquanto a monitora foi acompanhar as visitantes até a porta, Tales foi tomar banho e André Luís foi varrer a área externa. Danilo foi até a sala e logo em seguida retornou com uma folha de papel em branco e um lápis na mão, dizendo que ia fazer um desenho para mim. Assim que terminou, Danilo me entregou o desenho e disse:

– Eu desenhei várias pessoas. É uma família numa árvore. Só que essa tá feliz. Ó as boquinhas aqui, tia! [Danilo – mostrando o desenho]

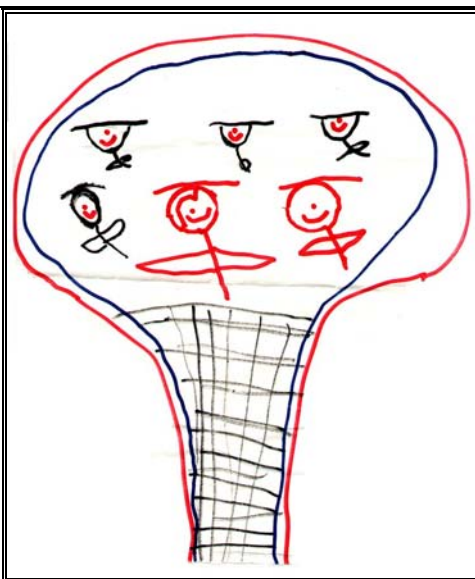


Figura 3 – Desenho de Danilo

Patrícia aproximou-se aflita, me pediu para segurar seu saquinho de doces e seu presente e saiu correndo. Quando olhei para ver onde Patrícia estava indo, notei que ela havia iniciado uma briga com Valquíria, a qual estava em uma das mesas da área dos fundos. André Luís parou de varrer e falou:

– Pare macaquinho! Capeta! Pare! [André Luís – referindo-se à Patrícia]

A monitora Marta apareceu e apartou a briga. Em seguida, abraçou Patrícia, que estava muito nervosa, e pediu a ela para se acalmar. Patrícia atendeu ao pedido da monitora e começou a chorar baixinho.

Tales, após sair do banho, aproximou-se reclamando:

– Aí, dona, as minhas balas sumiram! Meu saquinho de balas sumiu! Eu deixei aqui na mesa. Eu esqueci de pedir pra senhora segurá pra mim! [Tales – chorando]

Fui com Tales até a padaria para ver se encontrávamos o seu saquinho de doces. Ieda, irmã de Walmir, foi atrás. Assim que entrou na padaria, Ieda pegou um fatoche do *ursinho Pooh* que ela havia ganhado na escola na semana da criança, colocou-o em sua mão e disse:

- Oi, dona! Eu sou a Georgina! [Ieda – afinando a voz]
- Tudo bem com você, Georgina? [pesquisadora]
- Não, não tá tudo bem porque eu tô sozinha! A minha mãe ursa me abandonô e agora eu tô com muito medo! [Ieda – rindo e mexendo a mão]
- Medo de quê? [pesquisadora]
- De ficá sozinha! Eu tamém não tenho pai. O meu pai Georgino foi embora. Eu só tenho um irmão. [Ieda]
- Seu pai se chamava Georgino? [pesquisadora]
- Chamava. [Ieda – rindo] Minha mãe batia nas crianças. Ela matô todos os ursinhos. Só sobrô eu e meu irmão. Agora eu tô procurando uma ôtra família que queira a gente, mais tá difícil, ninguém qué, porque a gente já é grande! [Ieda]

De repente, ouvi um grito estridente que vinha do corredor, próximo à padaria. Era Viviane. Sandro havia passado as rodinhas do carrinho à fricção que ele havia ganhado em cima da cabeça de Viviane e seu cabelo estava todo enroscado nas rodinhas. Viviane gritava, pois Sandro puxava o carrinho cada vez com mais força, por não ter percebido o que de fato havia acontecido. Seguei o carrinho próximo à cabeça de Viviane e fui caminhando em direção ao refeitório para pedir à monitora uma tesoura, pois o cabelo estava tão enroscado nas rodinhas que a única possibilidade seria cortá-lo. Sandro foi atrás, chorando. Ele tentava pegar e puxar o carrinho, pois estava pensando que eu não iria devolver seu brinquedo. Eu tentava impedir, explicando a ele que o cabelo de Viviane estava preso no carrinho. Ao chegar ao refeitório, contei à monitora Marta o que havia acontecido. Ela tentou tirar um pouco do cabelo das rodinhas do carrinho, mas não obteve sucesso. Então, tivemos que cortar uma pequena mecha do cabelo de Viviane. Voltei para a área externa. Jaci veio novamente me pedir para levá-la ao banheiro. Abracei-a e disse:

- Você já não foi há pouco com a Karina? [pesquisadora]

Jaci sorriu para mim e saiu correndo para a sala. Logo em seguida, Tales, André Luís, Alberto e Valquíria se aproximaram e me perguntaram se eu iria voltar à instituição em um outro dia para vê-los. Disse a eles que iria visitá-los uma vez por semana, às quintas ou sextas-feiras, e que chegaria sempre às três horas e que iria embora às seis horas da tarde.

Olhei no relógio. Já havia dado o horário de ir embora. Comecei a me despedir das crianças. Danilo pulou em meus braços e as outras crianças menores (Jaci, Ieda, Viviane, Karina,

Walmir, Davi, Toni, Sandro, Raul e Raí), ao perceberem a atitude dele, decidiram pular em cima de mim também. As crianças ficaram tão eufóricas que acabei perdendo o equilíbrio e caindo no chão. Elas puxavam meu braço, seguravam em minha perna e em meu rosto, fazendo carinho e me beijando, todas ao mesmo tempo. A monitora Nadir interferiu e as crianças me soltaram. Em seguida, elas começaram a gritar em coro:

– Tchau, mãe! Tchau, mãe! Mãe! Mãe! Manhêêê! Viva! Viva! [crianças]

No meio da agitação, Alberto se aproximou, me puxou pelo braço para que eu lhe desse atenção exclusiva e me entregou uma folha de papel com um desenho. No papel estava escrito/desenhado:

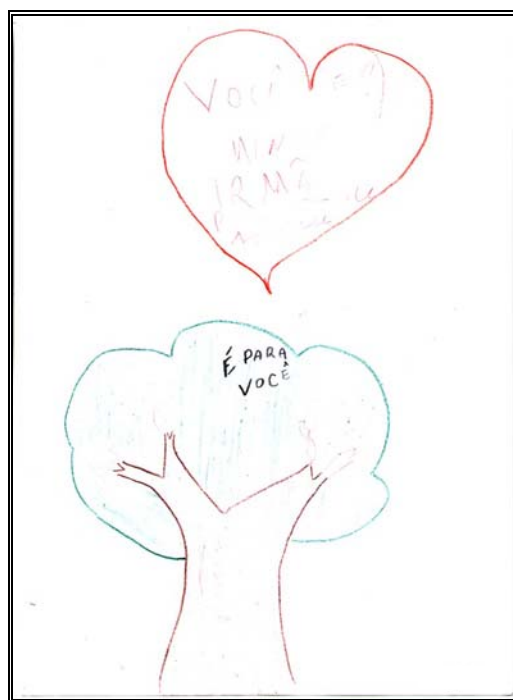


Figura 4 – Desenho de Alberto

Você é minha irmã de sangue.

É para você.

Assim que fechei o portão da casa, Tales se aproximou correndo e, pelas frestas do portão, disse com um olhar triste:

– Tchau, mãe! [Tales]

Deixei a casa com uma estranha sensação. Embora o dia tivesse sido muito agitado, não era o cansaço que de fato me incomodava, mas um sentimento inexplicável que me fazia duvidar até mesmo das mais sólidas muralhas que eu já havia construído em minha vida.

Se no início da minha viagem eu estava certa de que iria penetrar na intimidade daquela casa, agora eu já não tinha certeza de mais nada, pois a impressão que tive foi a de que a casa é que havia penetrado em minha intimidade; afinal, a casa parecia ser comum, mas por trás de suas paredes pude observar situações ímpares.

Afirmo isso porque após olhar aquela simples habitação de longe por algum tempo, fiquei pensando em como havia sido aquele dia. Pensei em Jaci, que a todo momento pedia para que eu a levasse ao banheiro só para me ter ao seu lado. Pensei em Raul e Raí, que literalmente ficaram agarrados em mim, me puxando pela blusa para brincar ou para me mostrar as dependências da casa. Pensei em Viviane, que ora chorava chamando a mãe, ora chorava porque queria ficar em meu colo ou no colo de outras visitantes. Pensei nos bebês, um que tinha atenção demais das visitantes e o outro que era esquecido pelas mesmas em um dos cantos da sala. Pensei em Patrícia, que me cercava de atenção, querendo pintar as minhas unhas, passar batom em meus lábios, me chamando de “fofa” e dizendo que eu era a sua filha. Pensei em Priscila e Dagoberto, que não quiseram cantar os “Parabéns” e se isolaram, expressando tristeza em um dia de festa. Pensei nas situações de brincadeira propostas por Walmir, Jaci, Valquíria e Ieda, que apesar de haverem emergido em momentos diferentes, abordavam o mesmo tema: a família. Pensei em Alberto, ao dizer que queria ser livre como a bexiga que foi levada pelo vento; ao fechar os olhos e deitar sua cabeça no ombro da aniversariante e ao me entregar o desenho de um coração onde estava escrito que eu era “sua irmã de sangue”. Pensei em Valquíria, que mesmo em um dia de calor insuportável, estava disposta a ficar mais de quarenta e cinco minutos agarrada a mim. Pensei em Jaci, Tales e Valquíria, que procuravam agradar a mim e as visitantes oferecendo insistentemente as balas e os bombons que haviam ganhado. Pensei na árvore que Danilo havia desenhado, que reunia em sua copa uma família, “desta vez, feliz”. Pensei em Tales, Patrícia e Valquíria, que pediam para que eu tomasse conta de seus doces, brinquedos e livros de histórias para que ninguém mexesse. Enfim, pensei em todas aquelas crianças que o tempo todo falavam

de família e, o que era mais impressionante, me agarravam, me abraçavam, me beijavam excessivamente e me chamavam de “mãe”.

Capítulo II

As vicissitudes do abandono: do mito à realidade contemporânea

ALGUMAS QUESTÕES FUNDAMENTAIS

Logo que cheguei em minha casa, fui direto para o quarto. Eu estava febril e suada. Se as paredes pudessem falar, apelaria hoje para que elas fossem testemunhas do derradeiro grau de decadência de meu coração naquele momento. Eu estava tão desolada que até o meu mais cruel inimigo teria me concedido uma trégua, deixando-me um pouco de tranqüilidade. Chorei o tempo todo. Jamais tive certeza dos motivos pelos quais chorava. Se eu deixasse meus olhos fechados durante um só minuto, sentia que seria oprimida pelos detalhes e embaraços daquela visita que havia realizado. Mantive os olhos abertos tanto quanto pude e enrosquei-me num cobertor que estava sobre a minha cama.

Nesse momento, senti o toque de uma mão pequenina e ouvi uma voz suave dizendo:

– Mãe! O que é que você tem?

Era minha filha. Achei muito curioso que ela me fizesse tal pergunta. Lancei-lhe um sorriso amarelo e respondi:

– Não tenho nada.

– O que é isso em seu rosto? – ela insistiu.

– Algo provocado pela poeira ou pela alergia ao cobertor – disse rapidamente.

Logo em seguida virei o rosto, lembro bem, para lhe ocultar os olhos inchados, que poderiam denunciar a verdade. No entanto, de nada adiantou. Embora minha filha fosse apenas uma criança, os seus seis anos de vida já haviam permitido que ela soubesse que aquilo que ela vira em meu rosto eram vestígios de lágrimas angustiantes.

Então, minha filha disputou comigo um espaço na cama e foi se aproximando até que seu corpo se encostasse ao meu e ela pudesse me abraçar. Garanto que nada do que ela dissesse me afetaria tanto como aquele momento de contato.

Naquele instante, veio-me um alento passageiro e depois de sentir o coração de minha filha bater de encontro ao meu, percebi que de nada adiantaria eu deixar o tempo escoar imperceptivelmente, sem ao menos procurar compreender o que estava acontecendo com as crianças que havia conhecido. Portanto, respirando um ar de desafio, sentei-me na cama, cruzei maquinalmente as mãos e comecei a pensar no próximo passo que poderia dar para prosseguir minha viagem instigante.

No dia seguinte, gastei uma manhã inteira esperando luzir alguma idéia que pudesse ser flagrada em sua materialidade. Comecei a sentir que as palavras surgiam ao mesmo tempo em que escapavam. Gostaria de saber para onde elas estavam indo naquele momento, mas não obtive resposta imediata. Então, antes que elas voassem sobre asas, tal a rapidez da fuga, decidi formular as questões: Quem são as crianças que vivem em instituições de atendimento à infância? Qual é o contexto histórico que situa o problema da institucionalização de crianças e legitima a existência da própria instituição?

Estas perguntas e o impacto provocado pelo primeiro dia de visita na instituição, permitiram-me compreender que as situações que eu havia observado só iriam adquirir inteligibilidade, na medida em que eu contextualizasse o solo histórico e cultural em que o problema da institucionalização dessas crianças havia sido engendrado. Por esse motivo, com o intuito de dar continuidade ao meu percurso de investigação, passei a ter como única companhia os livros. Sim, recorri a eles como um náufrago que pede auxílio a um albatroz no oceano.

Nesse momento, fui percebendo que grande parte da literatura especializada no assunto, dos discursos oficiais e da imprensa falada e escrita, faziam referência às crianças que eram atendidas em instituições tais como a que visitei, como “crianças abandonadas”. No entanto, fiquei me perguntando: Será que essas crianças são realmente abandonadas? Se são abandonadas, quem as abandona?

Essas questões levaram-me a perceber que eu não deveria ter pressa em compreender a realidade observada, portanto buscando desenrolar o novelo de interrogações que se avolumava, fui sistematizando meus estudos a partir das “histórias de abandono” presentes na mitologia grega.

Os autores que falam sobre “o abandono de crianças” e que recorrem à mitologia grega para iniciar as suas discussões, fazem uso dos termos “exposição” e “criança exposta” de modo sugestivo, como sinônimos de “abandono” e “criança abandonada”, uma vez que os mitólogos não falam em “abandono”, mas apenas de “exposição” e “criança exposta” para discorrerem sobre as histórias míticas de personagens que durante a infância foram deixados pelos pais em bosques, montanhas ou que foram lançados ao mar, para posteriormente serem encontrados e criados por animais ou por outros seres humanos. Mas será que, de fato, estes termos podem ser utilizados como sinônimos?

Pensando sobre essa questão, de início, preferi manter o uso da palavra “exposição” e “criança exposta” tal como apareciam nas obras consultadas produzidas por autoridades em assuntos mitológicos, para somente depois questioná-las.

Os primeiros registros escritos da mitologia grega encontrados nas obras *Ilíada* e *Odisséia* do poeta Homero, e *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias* do poeta Hesíodo, de fato, trazem inúmeras histórias de exposição de deuses, heróis e monstros, após o nascimento.

De acordo com Brandão (1991, p. 36), o mito “abre-se como uma janela a todos os ventos e presta-se a diversas interpretações”, por ter surgido em condições específicas num tempo e espaço determinados e por ter passado por diferentes traduções. Por esse motivo é que o mito, nas palavras de Roland Barthes (1987), não pode ser um objeto, um conceito ou uma idéia, mas sim um modo de significação.

No entanto, apesar das variantes, é análogo, na maioria das narrativas míticas, o fato de alguns recém-nascidos serem entregues à correnteza das águas ou às florestas, em cestos, potes ou urnas, para posteriormente serem recolhidos e salvos por pastores, pescadores ou por animais.

Geralmente, nestes casos, a união dos pais é secreta e precedida por dificuldades. Durante a gravidez, ou mesmo antes, os pais, ou outro membro da família, ao consultarem um oráculo, são advertidos sobre o perigo que o nascimento da criança representa para a conquista do poder, para a vida de alguém ou de uma cidade inteira. Há as mais inimagináveis tentativas de impedir a concepção ou o nascimento desta criança. Mas, como bem observou Zacharakis (1995, p. 70), nos mitos “evitar o destino é impossível”, assim a criança sempre acaba por nascer, sendo exposta e logo depois salva, concretizando dessa forma a profecia.

Após uma leitura atenta do *Dicionário da mitologia grega e romana*, de Grimal (2000), e do livro *Mitologia geral: a idade da fábula*, de Bulfinch (1991), foi possível perceber que uma grande parte dos personagens da mitologia grega havia vivenciado situações de exposição durante a sua infância. Dentre os personagens mais conhecidos, estão as histórias de nascimento de Zeus, Édipo e Páris.

Zeus é filho dos Titãs Crono e Reia. Crono foi alertado por um oráculo que um de seus filhos o destronaria. Por isso, para tentar impedir a concretização desta ameaça, Crono passou a devorar os filhos e as filhas à medida que Reia os ia dando à luz. No entanto, Reia decidiu salvar o sexto filho, Zeus, levando a Crono uma pedra envolvida em panos de linho. Crono, de imediato, engoliu esta pedra, acreditando que se tratava de uma criança. Para continuar a salvo, Zeus foi entregue aos cuidados dos Curetes e das Ninfas e foi alimentado pela cabra Amaltéia e pelas abelhas do monte Ida, que destilaram o mel propositadamente para ele.

Édipo é filho de Laio e Jocasta. O oráculo de Delfos anunciou, numa ocasião, que o nascimento de Édipo estava marcado por uma maldição: ele não só derramaria sangue parental, matando o seu progenitor, como seria o causador de uma terrível cadeia de desgraças por desposar a própria mãe e com ela ter quatro filhos. Para evitar que o oráculo se cumprisse, Laio expôs o recém-nascido, após perfurar-lhe os pés e amarrá-los. Existem duas versões diferentes deste episódio: ora se conta que o menino foi colocado numa cesta e lançado ao mar, ora que foi exposto no Monte Citéron, perto de Tebas. Seja como for, Édipo foi encontrado e criado na corte de Corinto, como filho do rei Pólibo e da rainha Peribeia, que não tinham descendentes e há muito ansiavam por um filho.

Páris foi exposto no monte Ida pela mãe Hécuba, uma vez que seu pai Príamo queria matá-lo após ouvir a explicação de um sonho que a própria Hécuba havia tido durante a gravidez, o qual revelava que a criança que iria nascer causaria a ruína de Tróia. Páris foi alimentado por uma urso nas montanhas e recolhido e criado por pastores, que lhe deram o nome de Alexandre.

Segundo Bulfinch (1991, p. 9), como o mito, na medida em que pretende explicar a complexidade do real, evoca em nossa mente “as ilustrações mais vívidas e diretas do que poderia qualquer lápis desenhar”, nesta direção há, ainda, diversas narrativas míticas capazes de mudar o cenário da situação: Egisto, filho de Tiestes e da própria filha deste, Pelopeia, foi exposto e recolhido por pastores que o alimentaram com leite de cabra. Mileto, filho de Apolo e Acacális, foi deixado pela mãe junto de uma árvore sendo, amamentado por lobas e encontrado

por pastores que o recolheram e o criaram. Asclépio, filho de Apolo e de Corónis, após ter sido exposto, foi amamentado por uma cabra e protegido por um cão. Militeu, filho de Zeus e da ninfa Ótris foi miraculosamente alimentado por um enxame de abelhas no bosque onde sua mãe o expusera. Neleu e Pélias, filhos de Tiro e Posídon, foram expostos pela mãe após o nascimento e alimentados por uma égua que Posídon enviou para tomar conta das crianças. Os gêmeos Anfíon e Zeto, filhos de Zeus e Antíope, foram expostos pela mãe e recolhidos por pastores. Helena, filha de Zeus e da deusa Némesis, nasceu de um ovo que foi deixado em um bosque sagrado. Um pastor encontrou-o e levou-o à Leda que criou Helena como se fosse sua filha.

Se por um lado, dentro deste longo tema “a criança exposta na mitologia grega” há mitos que visam à exclusão de seres natos ou nascituros considerados maléficos porque constituem uma ameaça ao rei, à *polis* e à comunidade inteira, há por outro lado, dentro desta mesma temática, mitos que retratam histórias de exposição porque as crianças foram simplesmente rejeitadas, uma vez que a aparência física após o nascimento não correspondia às expectativas criadas pelos pais durante o período de gestação.

Hefesto, filho de Zeus e de Hera, era um deus coxo. Há duas explicações míticas, para o seu defeito físico. A mais vulgar refere-se ao fato de Hefesto, ao intervir numa briga entre seus pais tomando o partido da mãe, ter sido atirado por Zeus do Olimpo e caído durante um dia inteiro. Ao embater em terra, na ilha de Lemnos, praticamente sem respirar, foi recolhido e reanimado pelos Síntios, embora tivesse ficado coxo para sempre. Outra lenda a respeito da mesma enfermidade, afirma que Hefesto seria coxo de nascença e a mãe, envergonhada por ter produzido com toda a sua beleza e grandiosidade um filho tão imperfeito, teria decidido escondê-lo das outras divindades para depois livrar-se dele atirando-o do alto do Olimpo. Hefesto caiu no oceano, onde foi recolhido pelas deusas marinhas Tétis e Eurínome, que lhe salvaram a vida e o criaram durante nove anos numa gruta debaixo do mar.

Semíramis é filha da deusa Dérseto e de um jovem sírio chamado Caístro. Dérseto tinha cabeça de mulher e o resto do corpo de peixe. Após o nascimento da criança, envergonhada, Dérseto expôs a filha e matou o pai. No entanto, pombas criaram milagrosamente a criança, roubando o leite e o queijo necessários para alimentá-la. Por fim, os pastores descobriram a menina, que era de extraordinária beleza, e levaram-na ao chefe, que lhe deu o nome de Semíramis, o que em língua Síria quer dizer, “a que vem das pombas”.

Pã, filho de Hermes e da filha de Dríope, tinha o rosto barbudo e enrugado, o queixo saliente e a testa ornamentada por dois cornos. O corpo era peludo, os membros inferiores eram de bode, os pés apresentavam um casco fendido e a pata era magra e nervosa. Quando ele nasceu, a mãe teve medo do filho monstruoso que acabara de trazer ao mundo. Mas Hermes envolveu o recém-nascido numa pele de lebre e levou-o para o Olimpo, onde foi recebido com alegria pelos deuses.

Minotauro era uma criatura que possuía corpo de homem e cabeça de touro por ser filho de Pasífae, mulher de Minos, e de um touro branco de rara beleza enviado por Posídon a este rei. Minos, aterrorizado e envergonhado com o nascimento do monstro, fruto do amor contranatural de Pasífae, ordenou ao artista ateniense Dédalo a construção de um labirinto composto de um emaranhado de salas e corredores, do qual ninguém escapava, para confinar o monstro.

Tendo em conta estas narrativas da mitologia grega e lembrando que o mito, de acordo com Brandão (1991, p. 35), é uma representação coletiva transmitida através de várias gerações que expressa o mundo e a realidade humana, cuja função segundo Dumézil (1992), é a de exprimir dramaticamente a ideologia de que vive a sociedade, mantendo na consciência do homem não só os valores que ela reconhece e os ideais que persegue ao longo da história, mas, principalmente, mantendo sem questionamento científico a sua própria estrutura, os vínculos, as tensões e os problemas ético-sociais que a constituem, pude perceber que os autores que abordavam o tema “criança abandonada”, iniciando suas produções escritas pelas histórias da mitologia grega, estavam interpretando superficialmente as expressões “exposição” e “criança exposta” usada pelos mitólogos e referindo-se a elas como análogas às expressões “abandono” e “criança abandonada”. Tanto é que tais autores afirmavam com propriedade que “o fenômeno do abandono” fazia parte da história viva dos povos desde os tempos primordiais.

É certo que, segundo Dowden (1994, p. 103), o mito é mais do que a definição de povos, lugares e coisas, uma vez que o mesmo procura explicar e justificar não só os problemas de ordem divina, mas também os problemas do ser humano e os sistemas políticos e sociais, expressando a evolução do homem dentro da história. É certo também que o mito abre portas e possibilidades para entrelaçar e tecer as idéias sobre diversas problemáticas indiscutivelmente relevantes em nossa realidade. No entanto, eu ainda não estava convencida de que a prática de expor crianças, presente na literatura mitológica, poderia ser caracterizada gratuitamente como “abandono”. A impressão que tive era a de que se tratava apenas de uma aproximação fantasiosa

e mítica em relação a este termo pelo fato do mesmo estar constantemente aparecendo de modo implacável em nossa sociedade.

Por esse motivo, antes de mais nada, decidi mergulhar nas reentrâncias do conceito de “abandono”, tal como estava sendo discutido pela literatura especializada no assunto, com o intuito de destruir as aparências e as ilusões, desmascarando e trazendo à luz do dia o sentido oculto que poderia haver por trás de tal conceito.

O FENÔMENO DO “ABANDONO” AO LONGO DA HISTÓRIA

Durante uma revisão bibliográfica sobre esse assunto, mais uma vez notei que os autores consultados usavam as expressões “criança abandonada”, “criança exposta”, “criança desvalida”, “criança enjeitada” ou, ainda, “criança desamparada” como sinônimos. No entanto, como a minha intenção não era a de empreender, nesse momento, uma discussão terminológica, até porque eu queria obter mais elementos para tanto, procurei manter o uso de tais termos com o intuito de ser fiel à obra citada, porém sem perder de vista que eu estava mencionando-os com “ressalvas”.

De acordo com Marcílio (1998), abandonar bebês é uma prática presente desde as grandes civilizações da Antigüidade. Para essa autora, nesse período da história, o abandono era um costume freqüente e até mesmo regulamentado, assim como o aborto e o infanticídio.

Tanto na Grécia quanto em Roma o poder do pai sobre os filhos era absoluto. Segundo Negrão (2002, p. 21), era outorgado ao chefe de família (o *paterfamilias*), prerrogativas para rejeitar, expor (*jus exponendi*), vender como escravo ou até mesmo matar (*jus vitae ac necis*), os filhos recém-nascidos. Sem contar que, quando os bebês nasciam com alguma deformidade, os mesmos podiam ser mortos, atirados ao mar ou queimados, uma vez que acreditava-se que bebês malformados poderiam trazer mau agouro para a comunidade e para a família.

Somente a partir do ano 318 de nossa era, quando o infanticídio passou a ser condenado pela legislação da Roma Imperial, é que um vasto e variado conjunto de leis foi se formando, de tal modo que algumas medidas em favor das crianças expostas passaram a ser tomadas, como a regulamentação do direito de adoção. No entanto, tais mudanças não perduraram por muito tempo, uma vez que no ano 331, as leis de Constantino, primeiro imperador cristão, alteraram profundamente os princípios jurídicos até então consolidados.

As leis de Constantino, que prevaleceram por mais de um milênio, não permitiam que os pais biológicos recuperassem os filhos abandonados, já que aqueles que os acolhiam e os criavam, passavam a ter direitos definitivos sobre os enjeitados, podendo até mesmo transformá-los em escravos.

Com a difusão do Cristianismo no Império Romano, estas leis praticamente não foram alteradas, uma vez que os moralistas e patriarcas da Igreja, embora reprovassem o incesto, o infanticídio e o estímulo às relações extramatrimoniais ou à prostituição, não proibiam ou negavam o direito dos pais de abandonarem ou venderem os filhos, em caso de miséria.

A partir da desintegração do mundo romano, provocado pelas invasões bárbaras, e a emergência da Idade Média, a Igreja assumiu com mais intensidade o controle da situação, divulgando novas leis sobre a exposição, a venda e a criação de bebês. Portanto, apesar do infanticídio ainda ser considerado um dos males mais graves, como a Igreja possuía uma tradicional política de amenizar as punições para os casos de extrema pobreza, foi estabelecida para esta prática, a cláusula de que as penas seriam reduzidas em mais da metade (de quinze para sete anos), caso a mãe infanticida fosse pobre. Além disso, a Igreja procurou não só facilitar, em sua organização paroquial, o local da exposição, como também procurou buscar novos lares para as crianças enjeitadas.

Nesse período, como estava presente nas mentalidades laica e religiosa a idéia utópica da concretização de uma sociedade que se situasse entre a Terra e o Céu (MARCÍLIO, 1998, p. 31), foram criados hospitais e hotelarias monásticas para receber “os pobres e os desamparados, principalmente os velhos e os infantes com menos de doze anos de idade”.

Nesse mesmo contexto, surgiu uma instituição chamada *oblata*, onde bebês, de qualquer categoria social (incluindo filhos de nobres) e de qualquer sexo, eram “ofertados” por seus pais ao mosteiro para que ficassem a serviço de Deus e de sua religião.

De acordo com os estatutos civis e eclesiásticos da época, havia vantagens em praticar a oblação, tanto do ponto de vista espiritual quanto do ponto de vista prático, uma vez que a família que doasse um filho a Deus não só obteria como recompensa o reconhecimento social e a promessa da salvação futura de sua alma, como também poderia controlar o tamanho da família e a distribuição de sua herança, impedindo a fragmentação excessiva da propriedade entre muitos filhos.

Segundo Marcílio (1998, p. 37), apesar de a Igreja ter oferecido alguns benefícios aos oblatos, uma vez que muitos deles chegaram a posições-chaves na vida monástica e puderam desfrutar de uma educação superior (oportunidade ímpar para a época), a mesma condenou a maioria deles a uma vida de infelicidade. Isso porque, se nos primórdios da oblação as crianças “ofertadas”, ao atingirem a maioridade, tinham a oportunidade de escolherem se queriam permanecer ou não na vida religiosa, com o estabelecimento efetivo desse tipo de prática, as crianças foram proibidas de sair do mosteiro, ficando irrevogavelmente confinadas a uma vida de pobreza, de castidade e de obediência aos preceitos religiosos.

A partir do século XII, o aumento da população e da miséria favoreceu a difusão de epidemias e a exposição de crianças, exigindo uma renovação das obras de misericórdia, de modo a dar conta de superar os problemas emergentes que explodiam no contexto europeu da época. No entanto, como a demanda se tornara superior à capacidade de atendimento dos mosteiros e dos hospitais medievais, uma vez que houve um crescimento substancial dos encargos gerando graves dificuldades para a administração destas instituições, a responsabilidade pelos doentes, pobres e desvalidos começou a sair das mãos dos religiosos e passou à jurisdição secular dos municípios – embora não houvesse uma total substituição do clero nesse setor, permitindo que as duas formas de assistência convivessem por muito tempo.

Com o passar do tempo, foram sendo criadas as instituições de abrigo e proteção aos enjeitados, seguindo o modelo do Hospital, da Roda de Expostos¹⁵ e das Casas de Recolhimentos. Transplantados para o Novo Mundo, estes sistemas desenvolvidos em Roma, serviram de modelo para todo o resto da Europa Católica e, através de Portugal, se consolidaram no Brasil depois do século XVIII.

O surgimento da Filosofia Iluminista e Liberal, bem como as mudanças estruturais que a industrialização e o acelerado desenvolvimento científico e tecnológico provocaram na Europa, tais como o crescimento populacional, o êxodo rural e a duplicação demográfica, foram responsáveis pelo agravamento da pobreza, pelo aumento do número de crianças ilegítimas e,

¹⁵ A Roda de Expostos tratava-se de um cilindro oco de madeira, fixado no muro ou na janela da instituição, onde as crianças eram colocadas por um expositor, que girava a Roda e puxava um cordão com uma sineta para avisar a “rodeira” que uma criança estava sendo colocada ali naquele momento. Marcílio (1998, p. 57) afirma que “a origem desses cilindros rotatórios vinha dos átrios ou vestibulos de mosteiros e de conventos medievais, usados para outros fins, como o de evitar o contato dos religiosos com o mundo exterior”. Para obter mais informações sobre esse assunto, consultar Bittencourt (1991), Fazenda (1991) e Flores (1985).

conseqüentemente, pelo crescimento assustador e vertiginoso do então chamado “fenômeno do abandono”.

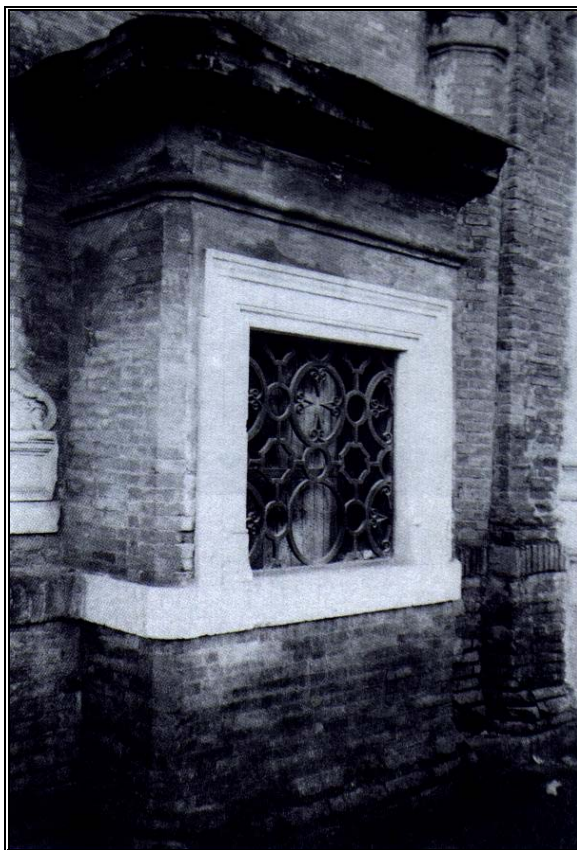


Figura 5 – A primeira Roda de Expostos. Roma, início do século XIV. In: MARCÍLIO, M. L. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 124.

Tal fenômeno tomou tamanha amplitude na Europa, que acabou por pressionar os governos e a sociedade a estabelecerem normas, instituições e políticas públicas que pudessem enfrentá-lo. Segundo Marcílio (1998, p. 71), “buscava-se adequar essas políticas ao ideário do progresso, da ciência, da medicina higiênica, do interesse da nação e do liberalismo triunfante”. Em outros termos, as idéias da Igreja passaram a ser criticadas e houve uma progressiva tendência em substituir a caridade religiosa por uma beneficência pública.

A partir do século XVIII, como o abandono de crianças persistia e as taxas de mortalidade se tornavam cada vez mais altas, teorias fundamentadas no utilitarismo e no higienismo começaram a dominar as práticas de assistencialismo e serviços sociais, de tal forma que os

expostos passaram a ser vistos como cidadãos úteis que a Pátria não poderia perder. Eles poderiam executar trabalhos pesados; poderiam ajudar a povoar colônias que a Europa havia conquistado na América, na África e na Ásia; poderiam tornar-se soldados (substitutos ideais de famílias sorteados para o serviço de milícias); e poderiam, ainda, ser utilizados como cobaias de novos experimentos médicos (como ocorreu com as pesquisas referentes à inoculação da varíola).

No entanto, na Europa do século XIX, a filantropia, filha do Iluminismo, do Higienismo e da Revolução Industrial, começou a compartilhar com a assistência caritativa os mesmos objetivos. No entanto, essa fase perdurou até o final da Segunda Guerra Mundial, pois em meados do século XX, o Estado assumiu a responsabilidade pela assistência e pela proteção da infância desvalida, dando início à fase denominada Estado do Bem-Estar Social.

A partir de 1924, com a Declaração dos Direitos da Criança em Genebra, ocorreu a primeira manifestação internacional em prol dos direitos das crianças. Depois disso, em 1959, a Organização das Nações Unidas (ONU), enunciando que “a criança, em decorrência de sua imaturidade física e mental, precisa de proteção e cuidados especiais, inclusive proteção legal apropriada antes e depois do nascimento”¹⁶, finalmente reconheceu os princípios relativos a essa proteção na Declaração Universal dos Direitos Humanos, nos estatutos das agências especializadas e nas organizações internacionais interessadas no bem-estar da criança.

Desse modo, pouco a pouco, a criança foi ganhando um lugar de importância nas preocupações da sociedade e o “fenômeno do abandono” deixou de ser aceito e tolerado. Paralelamente, como a relação mãe ⇔ filho começou a ser vista como fator fundamental para o desenvolvimento da criança, cada nação européia passou a incluir em sua legislação o instituto da adoção, ou seja, o direito da “criança abandonada” a ter uma família substituta.

Todavia, as primeiras leis que reinauguraram a prática da adoção passaram por um processo longo e conturbado e acabaram sendo extremamente restritivas, não só pelo fato de tal prática ter sido abolida da história européia desde a Idade Média pela ação da Igreja, mas também, e principalmente, pelo fato da mesma pôr em risco as leis de sucessão biológica e o patrimônio familiar durante o apogeu do liberalismo e da defesa da propriedade particular.

¹⁶ Os princípios estabelecidos pela ONU podem ser consultados na versão portuguesa e na sua íntegra na Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo: www.direitoshumanos.usp.br.

Tendo em conta essa breve trajetória retrospectiva, é possível perceber que a História do Brasil, tal como a História do Ocidente Cristão, também foi marcada pelas três fases de assistência e proteção às crianças consideradas abandonadas. No entanto, pelo fato de nosso país ser apoiado inicialmente no antigo sistema colonial e, posteriormente, numa tardia industrialização, medidas capazes de abrir novas perspectivas de vida para essas crianças¹⁷ e de promover a conquista de espaços pela infância, chegaram com uma defasagem de quase dois séculos quando comparadas às medidas tomadas pelos países europeus.

A fase denominada caritativa caracterizou-se por três formas de atendimento à infância: as Câmaras Municipais, a Roda de Expostos e a adoção informal dos expostos por famílias.

As regras metropolitanas, que constavam em alvarás régios, deixavam explícito que deveria ser competência das Câmaras Municipais darem auxílio financeiro às famílias ou criadeiras (amas-de-leite) que aceitassem recolher e criar uma criança exposta. De acordo com Marcílio (1998, p. 141) e Venâncio (1999, p. 27), os critérios utilizados pelo presidente da Câmara para julgar a concessão deste auxílio às famílias, geralmente eram baseados na amizade pessoal ou no clientelismo mantidos em relação aos solicitantes, uma vez que o ônus da criação representava uma vantagem econômica.

Com o passar do tempo, observou-se que a atuação das Câmaras Municipais estava sendo indireta, pouco eficiente e omissa, uma vez que, segundo Marcílio (1998, p. 140), os gastos com a ajuda financeira proporcionada às famílias e às criadeiras estavam comprometendo as finanças da Municipalidade. Sem contar que a população geralmente se via forçada a pedir a intervenção do rei de Portugal para que as Câmaras Municipais cumprissem a lei, já que algumas delas, ao deixarem de pagar quem alimentasse e criasse as crianças, permitia que o povo presenciase uma

¹⁷ Maricondi (1997), ao contextualizar historicamente o surgimento de “crianças abandonadas”, em nosso país, afirma que alguns jesuítas comandados pelo padre Manoel da Nóbrega, na tentativa de reagir à Reforma Protestante que se fortalecia na Europa, chegaram ao Brasil, em 1549, com o intuito de investir na educação e catequese das crianças indígenas, afastando-as deliberadamente de suas tribos e abrigando-as em casas custeadas pela Coroa Portuguesa. Estas casas também foram ocupadas por mestiços da terra e por órfãos e enjeitados providos de Portugal. Entre os séculos XVI e XIX, uma parcela significativa de crianças negras vieram da África para serem vendidas em nosso país como escravas, havendo ainda, os filhos de escravos nascidos no Brasil, os quais tinham desde cedo os laços de parentesco desfeitos, ficando sob a responsabilidade de outras negras, de modo que não mantinham contato algum com a mãe biológica. Com a Lei do Ventre Livre, uma avalanche de crianças negras e mulatas juntou-se àquelas que eram deixadas nas ruas, provenientes de famílias pobres e filhas de prostitutas. Este cenário agravou-se ainda mais com a abolição da escravidão, uma vez que a pobreza e a miséria expandiram-se e, conseqüentemente, o abandono acentuou-se.

trágica cena: crianças sendo lançadas ao desamparo em lugares imundos e, muitas vezes, sendo devoradas pelos cães que vagavam pelas ruas da cidade.

Por volta do século XVIII, a responsabilidade pelo encaminhamento das crianças expostas foi retirada das Câmaras Municipais, sendo implantada nas capitais brasileiras, a exemplo da criação européia, a Roda de Expostos¹⁸, com o intuito de dar continuidade ao tratamento desta questão.

Embora algumas Misericórdias recolhessem e assistissem crianças abandonadas, algumas delas não contavam com o sistema de Rodas. De acordo com Negrão (2000), a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo recebia crianças enjeitadas não somente da capital, mas também das cidades circunvizinhas, onde as Santas Casas funcionavam como instância mediadora. Como em algumas destas cidades havia um número significativo de famílias de elite, que por trás de um manto de virtuosidade e de hipocrisia teimavam em manter requintes de notoriedade, em esconder as mazelas concernentes à estratificação social e, principalmente, em ocultar “o produto de seu pecado”, diluindo e resguardando os atos que provocaram o deslize cometido, as mesmas admitiam a criação de uma Santa Casa que fosse encarregada apenas de prestar atendimento à população pobre e não que possuísse a mancha social que representava a Roda de Expostos.

Desse modo, embora a Roda de Expostos tivesse como principal justificativa impedir o aborto e o infanticídio, a sua criação esteve relacionada a outros aspectos: o primeiro deles, atrelado à religião, referia-se à preservação da ordem familiar e, conseqüentemente, à obtenção da hegemonia social e da moral pública, uma vez que o número de crianças nascidas de uniões consensuais, ilegítimas e adulterinas, de padres e mães solteiras e da exploração da mulher índia ou negra pelo senhor branco¹⁹, era altíssimo; o segundo, referia-se ao fato da criança abandonada, expressão fatídica da miséria, ser tirada das ruas; e o terceiro, referia-se ao fato dos pais, de meios modestos ou mesmo de categorias mais elevadas, como os burgueses e os artesãos, abandonarem

¹⁸ Segundo Marcílio (1998), durante o período colonial, apenas três Rodas de Expostos foram instaladas: a primeira, em 1726, esteve sob os cuidados da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Salvador e perdurou até 1935; a segunda, em 1738, era subordinada à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e funcionou até 1948; e a terceira, em 1789, foi instalada na capitania de Pernambuco, em Recife, embora não haja data precisa de seu período de funcionamento, uma vez que a última referência encontrada sobre essa Roda está em um relatório do governador que data de 1917. Somente após a Independência do Brasil é que foram criadas mais de uma dezena de Rodas de Expostos. A Roda de Expostos da Santa Casa de São Paulo, baseada no modelo existente em Lisboa, foi colocada em 2 de setembro de 1825 no andar térreo do hospital da Misericórdia e teve vida longa, sendo a última a ser extinta no País, em 3 de outubro de 1951.

¹⁹ A Roda de Expostos também era procurada por muitos senhores que obrigavam suas escravas a abandonarem seus filhos para alugá-las como amas-de-leite.

os filhos em hospitais de expostos, uma vez que os mesmos estavam enfrentando temporariamente problemas econômicos que os impediam de cuidar dos filhos como gostariam²⁰. Nesse caso, os pais deixavam sinais para futuras identificações com a intenção de reaver os filhos quando as circunstâncias permitissem.



Figura 6 – Roda de Expostos do Rio de Janeiro. Museu do IHGB. Rio de Janeiro. In: MARCÍLIO, M. L. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 116.



Figura 7 – Roda de Expostos de São Paulo. Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Foto Norival Corrêa / Eletropaulo. In: MARCÍLIO, M. L. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 117.

Atentando para esse aspecto, Venâncio (1999) nos dá uma pista interessante para pensarmos o fenômeno do abandono, uma vez que este autor, ao analisar a legislação, os regimentos dos abrigos de caridade, os dicionários da época e os abundantes relatos produzidos por instituições assistenciais e jurídicas, traçou um perfil da criança enjeitada e de seus pais, desmontando o discurso oficial proferido através de definições legais e regimentais que

²⁰ O próprio Rousseau declarou, enfaticamente, que preferiu “*gaillardement, sans le moindre scrupule*”, abandonar seus cinco filhos tidos com Thérèse Levasseur, para serem criados em uma instituição de caridade: “Pensando bem,

escolhi para meus filhos o melhor, ou o que acreditava ser o melhor. Eu gostaria de ter sido criado e alimentado como eles foram.” (ROUSSEAU, 1988, p. 403).

estigmatizavam e incriminavam os protagonistas do abandono com acusações de irresponsabilidade e desamor.

Afirmo isso porque, segundo Venâncio (1999), a leitura de uma boa parte de bilhetes que acompanhavam as crianças enjeitadas, informando se as mesmas já possuíam um nome, se já haviam sido batizadas ou, ainda, informando quais os motivos do abandono, revelava o sofrimento dos familiares envolvidos, uma vez que os mesmos, por não conseguirem apoio público para criar os filhos, encontravam como único recurso para protegê-los, deixá-los na Roda de Expostos.

Segundo Mesgravis (1975), o processo de encaminhamento das crianças lançadas nas Rodas iniciava-se com o recebimento incondicional de bebês²¹ pelas “amas-rodeiras”, sem que houvesse qualquer tipo de contato com o autor do abandono, de tal modo que a identidade do mesmo fosse preservada. Posteriormente, os bebês eram encaminhados às “criadeiras” (amas-de-leite) para serem amamentados e receberem o sacramento do batismo (quando necessário). Apesar das criadeiras serem responsáveis pelos cuidados das crianças até que completassem sete anos, os gastos com vestuário, doenças ou morte ficavam a cargo da Casa de Expostos. Após essa idade, as crianças eram devolvidas à Casa para serem encaminhadas para uma casa de família ou de recolhimento.

Como as Casas de Expostos e as Casas de Recolhimentos, apresentavam como prioridade manter a sobrevivência das crianças, as mesmas funcionavam meramente como abrigo. Somente em meados do século XIX começou a se esboçar a preocupação em oferecer às crianças abrigadas algum tipo de instrução ligada ao trabalho. No caso das meninas, a preocupação primeira era resguardar sua honra e prepará-las para o serviço doméstico, com tarefas do tipo culinária, bordado e princípios de religião, a fim de “aprenderem” a ser “boas mães de família” ou de trabalharem em casa de família em troca de sustento e moradia. No caso dos meninos, a situação apresentava-se mais complicada: alguns eram encaminhados para o trabalho na agricultura, na casa de artesãos ou nos arsenais da marinha para se iniciarem em um ofício; outros eram encaminhados para os Seminários, onde aprendiam a ler, a escrever e a contar. No entanto, a maioria deles passava a ser escravizados por suas próprias amas ou senhores após a fase de amamentação, ou eram deixados nas ruas, desamparados.

²¹ Marcílio (1998, p. 63) destaca que a Roda de Expostos recebia apenas bebês de poucos meses. Por esse motivo, em 1699, foi acrescida nas rodas uma grade de ferro para impedir o depósito de crianças maiores.

Nessa longa trajetória de circulação, por não haver fiscalização dos administradores das Santas Casas de Misericórdia, muitas crianças morriam por maus-tratos ou por descuido das amas mercenárias que, motivadas pelo salário que recebiam, mesmo este sendo ínfimo, traziam para seus cuidados mais de uma criança, não conseguindo cuidar de todas devidamente. Para se ter uma idéia, Marcílio (1998, p. 273) destaca que há registros históricos de amas mercenárias que, em menos de dois meses, tomaram três bebês da Roda para criar, pois assim que um falecia, iam logo buscar outro para substituir o primeiro.

Embora houvesse casos raros de criadeiras afetuosas e dedicadas às crianças que amamentavam, a maioria delas, quando não representava uma verdadeira coveira de expostos, se especializava em um tráfico tenebroso, ao vender, trocar ou doar de presente, como escravas, crianças negras e pardas. Nesse panorama, segundo Venâncio (1999, p. 99), a mortalidade das crianças era assustadora, ultrapassando os índices registrados entre as crianças escravas.

Além desse tipo de atendimento, um terceiro tipo de assistência caritativa dizia respeito à criação dos expostos por famílias que os adotavam. Uma das justificativas desse gesto tão comum de acolhimento entre as famílias era o fator religioso. Outra justificativa apontada por Marcílio (1998, p. 137) é a idéia de que essas crianças, dentro de uma sociedade escravista, eram muitas vezes vistas como mão-de-obra suplementar e gratuita mais eficiente do que a do escravo, por serem livres e ligadas a laços de fidelidade, de afeição e de gratidão.

Por tais motivos, Marcílio (1998, p. 139) destaca que antes da instituição legal da adoção plena (somente em 1979), a situação dos filhos de criação no âmbito das famílias sempre foi muito ambígua, fazendo com que os expostos figurassem nas listas nominativas de habitantes, ora como filhos do chefe do domicílio, junto aos filhos biológicos, ora como expostos ou simples agregados. Em todo caso, raramente os expostos partilhavam com os filhos naturais a herança do patrimônio familiar.

Em meados do século XIX, iniciou-se um embate conflituoso entre a tendência assistencial caritativa, até então predominante, e a tendência assistencial filantrópica, uma vez que esta última teceu uma crítica pragmática apontando para a desorganização e para a falta de cientificidade que caracterizavam a assistência caritativa. Esse conflito sedimentou-se dentro de um contexto marcado por mudanças sócio-econômicas, de decréscimo do modelo agrário-exportador e de ascensão do modelo urbano-comercial.

De acordo com Mendes Jr. e Maranhão (1983), se por um lado a emergência do processo de industrialização e o avanço das relações capitalistas de produção fizeram com que as cidades se expandissem, por outro lado tais acontecimentos fizeram com que as mesmas se tornassem o berço de tensões sociais, devido ao aumento populacional desordenado, marcado pelo pauperismo e pelo grande número de camponeses, prostitutas, marginais, mendigos, doentes e crianças que vagavam pelas ruas, contribuindo para que a promiscuidade e a falta de condições mínimas de higiene provocassem doenças e epidemias.

Essa urbanização descontrolada acabou dando suporte para o desenvolvimento e a intervenção da medicina social no país, que por sua vez, criou propostas práticas que levaram a uma reorganização do espaço urbano no sentido de um maior controle social.

Decorrente da influência higienista, intensificou-se, nesta época, a luta pela extinção das Rodas de Expostos²², devido às fraudes, à alta taxa de mortalidade infantil, à educação “quase que exclusivamente religiosa” dos internos, ao tratamento indiscriminado e não especializado das crianças e ao descaso em relação aos preceitos da higiene.

Joaquim Manoel de Macedo, em seu romance *A luneta mágica*, publicado pela primeira vez em 1869, também fez críticas severas ao referir-se à Roda e ao seu modo de funcionamento. Em um dos trechos deste romance, este autor diz: “Que faz a roda ao enjeitado? Se pode, livra-o da morte; mas depois condena-lhe a vida [...]” (MACEDO, 1995, p. 54).

Além da influência dos médicos higienistas, outra forte influência na filantropia brasileira foi a dos juristas que, ao criarem o estereótipo da criança ideal enquanto promessa de virtudes, se preocuparam em oferecer a educação elementar, a formação cívica e a capacitação profissional para as crianças, a fim de “prevenir e eliminar a desordem” nos centros urbanos²³.

²² Considerando que a Roda de Expostos vigorou em São Paulo até 1951 e foi a última do Brasil (e do mundo!) a ser desativada, é possível perceber que muitas leis brasileiras já vinham sendo desrespeitadas há décadas, uma vez que, conforme Almeida (1965) o primeiro *Código de Menores*, aprovado em 1927, declarava em seu capítulo III – Dos Infantes e Expostos, artigo 15, que a admissão de expostos à assistência se faria por consignação direta, excluindo o sistema de Rodas. No entanto, segundo Marçílio (1998), a miséria, a gravidez provada por estupro ou incesto, a ausência de apoio familiar, a gravidez indesejada, a ilegitimidade, entre outros motivos, impediam a lei de produzir os efeitos a que se propunha, fazendo com que muitas Rodas não deixassem de funcionar, apesar da vedação expressa no Código de Menores.

²³ Nesse contexto, para a sociedade burguesa, instituições tais como hospitais, prisões, hospícios, cemitérios e asilos de mendigos, de velhos e de “menores”, tornaram-se cada vez mais necessárias para disciplinar a complexa vida que constituía o tecido urbano. Limpar este cenário de pessoas indesejáveis e “pôr em ordem o mundo da miséria” (BALEN, 1983, p. 42), tornou-se uma preocupação veemente para essa sociedade que objetivava esconder da vida social o espetáculo da pobreza, já que tudo o que era desordenado, poderia fugir ao controle de seu poder político.

Uma das grandes marcas deixadas por esta influência, que se proliferou por todo o país, foi o uso de dois termos específicos para se referir à infância: enquanto os meninos e as meninas de famílias abastadas eram chamados de “crianças”, os meninos e meninas provenientes de famílias economicamente desfavorecidas eram chamados de “menores”.

De acordo com Del Priore (2000, p. 17), esse termo de procedência jurídica, construído a partir dos critérios de moralidade e classe social, transcendia a questão da faixa etária e trazia conseqüências nefastas implícitas nesse rótulo; afinal, tal termo inspirava discursos e posturas discrimináveis com relação a estes meninos e meninas, insinuando que os mesmos eram potencialmente perigosos já que, devido à condição de extrema pobreza de seus progenitores, encontravam-se em situação de risco e não recebiam a educação considerada adequada pelos especialistas.

Num sentido amplo, a linha invisível que separava a “criança pobre” da “criança rotulada como menor”, explicava o surgimento de instituições fechadas e distantes do perímetro urbano. Enquanto “a criança pobre” deveria receber o atendimento de cunho preventivo, sendo resguardada, protegida e educada com base em princípios filantrópicos e higiênicos, “o menor”, percebido consensualmente pelos especialistas como um ser desviante, deveria ser afastado do convívio social, para que se isolassem os problemas que dele poderiam advir, ou seja, para que o mesmo não cometesse atos que pudessem pôr em risco a sociedade circundante.

Nesse contexto, o Estado começou a dar os primeiros passos com relação à assistência e proteção à infância. Tanto é que, em 1927, a partir da promulgação do primeiro *Código de Menores*, o Estado possibilitou a criação de um sistema público de atendimento que definia um novo projeto jurídico e institucional que não fosse apenas repressivo, mas ao contrário fosse preventivo, disciplinar e tutelar. A idéia, conforme Rizzini (1993, p. 98) destacou, era preparar o indivíduo para a vida social, sem separá-lo desta.

No entanto, em 1941, o Serviço de Assistência a Menores (SAM) passou a aglutinar a assistência à infância no país, abandonando o ideal filantrópico de integrar jovens ao mercado de trabalho e encarcerando crianças e adolescentes em instituições fechadas. Segundo Maricondi (1997, p. 9) seu funcionamento era semelhante ao sistema penitenciário e expandiu-se país afora, estimulando a proliferação de outras iniciativas da mesma natureza. Como o SAM era correccional e repressivo, condenando aos maus tratos e à miséria os que dele precisavam, no início do regime militar, por volta de 1960, o SAM revelou-se à opinião pública e mergulhou em decadência.

Já em 1964, o Estado estabeleceu, através da lei nº 4513, uma Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM), cujas linhas de ação eram determinadas pela Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM).

De acordo com Lobo Neto (1987, p. 71), através da FUNABEM, desejava-se uma política de atendimento que levasse em conta novas perspectivas, tal como o reconhecimento de que a criança era possuidora do direito de receber o atendimento necessário na família e na comunidade ou em estabelecimentos que se assemelhassem o mais possível às condições de vida em família.

No entanto, apesar da FUNABEM ter retomado a integração social pelo trabalho e ter empreendido reformulações em seus programas de ação, isso foi feito apenas no sentido promocional, uma vez que a execução destes programas ficou a cargo dos Estados da Federação, através da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM).

Como a FEBEM assumiu uma estrutura centralizadora e vertical que camuflava as peculiaridades advindas da implantação de uma política de segurança nacional dirigida à infância, tal órgão estatal, em seus grandes complexos caracterizados por muros altos, portas fechadas e módulos homogêneos, continuou prestando um atendimento massificado às crianças e aos adolescentes, segregando-os e deixando-os alheios à tessitura social e à vida comunitária. Em outros termos, juntando os fios e desembaraçando as meadas destes fatos emergentes, foi possível perceber que o que estava em jogo era apenas a troca de cores das linhas que compunham as bases históricas desse tecido.

Por outro lado, nos interstícios da década de 80, o cenário político nacional entrou em ebulição, fazendo com que as Pastorais do Menor, as organizações não-governamentais (ONG'S), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Comissão dos Direitos Humanos se organizassem com o objetivo de defender e legitimar os direitos da infância e da juventude, além de denunciar toda a violência e os arbítrios praticados contra as crianças e os adolescentes que eram colocados, intencionalmente, à margem pela sociedade em todo o País.

Desse modo, no bojo das mudanças democráticas, após a Constituição Brasileira de 1988, foi elaborado e sancionado no Brasil, em 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instrumento jurídico que procurou empreender uma revisão sobre o tratamento dispensado à população infanto-juvenil, dando-lhe a possibilidade de passar para a condição de cidadão com direitos e deveres reconhecidos.

É consenso que o Estatuto da Criança e do Adolescente alargou fronteiras ao adentrar no âmago de questões relacionadas ao atendimento e à proteção desse segmento etário, considerado há séculos em plano de subordinação e inferioridade²⁴. No entanto, de nada adianta um cipoal legislativo, composto por uma profusão de leis, decretos, regulamentos e portarias, se as mazelas e as desigualdades sociais que se alastram vertiginosamente em nossa sociedade não são contidas. Afirmo isso porque já se passaram anos da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente e até hoje as leis que constam neste documento têm sido tão desrespeitadas quanto as próprias crianças e adolescentes que as mesmas pretendem proteger.

Desse modo, apesar dos espaços conquistados pela infância dentro da legislação brasileira e dos progressos apresentados no Estatuto da Criança e do Adolescente, é possível perceber que o âmbito de ação de tal documento é ainda restrito e pouco visível, pois há muito a percorrer para que possam se efetivar as diretrizes de uma política de governo de alcance nacional, uma vez que nos dias de hoje ainda presenciamos o processo de marginalização e exclusão social da criança, bem como as formas de assistencialismo que perpetuam a condição de pobreza e as desigualdades sociais de grandes segmentos da classe trabalhadora.

O SENTIDO DO TERMO ABANDONO

A maioria dos debates que se travam acerca do fenômeno do abandono nos meios acadêmicos e científicos ou nos meios políticos e sociais, geralmente afirma que esse fenômeno é histórico e, pelo menos no Ocidente, não reconhece limites geográficos, culturais e ideológicos. Nesse sentido, tais debates ressaltam que a história humana nos dá inúmeros exemplos de situações de abandono de crianças, uma vez que tais situações aparecem na Mitologia, na Antigüidade, nas Idades Média, Moderna e Contemporânea. Mas, afinal, que abandono é esse?

Essa questão levou-me a perceber que, para não perder a dimensão da contínua reflexão sobre o tema, seria necessário fazer uma ressalva em relação ao modo como eu iria fazer referência, durante esse trabalho, às crianças e adolescentes que não viviam em família, uma vez que o conceito de abandono não deixava de ser uma categoria sociológica negativa, pelo fato de esconder, atrás de suas reentrâncias, uma outra realidade. Afirmo isso porque simplesmente falar

²⁴ O poema *Pai e Filho*, de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, a Cora Coralina (1995), enfatiza através de palavras sólidas e expressivas, essa passagem em que a criança, num país vincado pela pobreza material e por diferenças regionais e de condição social, se transforma em sujeito de direitos.

da história do abandono significa reconhecer e reafirmar a ideologia do abandono em nossa sociedade.

Portanto, após retomar algumas vozes e ver a maneira como vem sendo tratada essa questão, foi possível perceber que há uma visão distorcida do próprio conceito de abandono, decorrente da ocultação da questão social que ele evoca.

Craidy (1993) ao focar a questão do abandono, faz um alerta sobre o equívoco de denominarmos as crianças como abandonadas, uma vez que a maioria delas tem família.

Do mesmo modo, Martins (1993), aprofundando a discussão sobre este aspecto ressalta que as crianças que são consideradas abandonadas, além de serem provenientes de famílias que carecem das condições mínimas de sobrevivência, ainda têm seus direitos cotidianamente violados e negados.

Nesse sentido, o conceito de abandono somente se configura como tal, a partir do momento em que o mesmo ganha uma conotação jurídica e passa a ser resultado de um não cumprimento da lei, de um não cumprimento de direitos. Desse modo, abandonar significa ignorar e não atender alguém que tem direitos.

Tendo isso em conta, eu poderia dizer que na Mitologia não há abandono no sentido restrito do termo, uma vez que a Mitologia não pertence ao “mundo das leis”, mas pertence ao “mundo do sagrado”.

Além disso, se na Antigüidade e na Idade Média a criança ainda não era sujeito de direitos, então nesse período de nossa história também não havia abandono de fato, uma vez que este fenômeno era aceito e em algumas situações até mesmo incentivado. Desse modo, somente quando a criança passa a ser sujeito de direitos é que o conceito de abandono começa a adquirir contornos mais nítidos.

No entanto, se afirmarmos que a criança é abandonada, isso implica em dizer que alguém a abandonou. Nesse momento surgem as questões: Se a criança é abandonada, quem a abandona? É a família? É a sociedade? É o Poder Público? É o Estado de Direito?

Colocar o fenômeno do abandono no contexto estrutural da realidade social, considerando as suas contradições, constitui um passo fundamental para repensar essa questão em um contexto mais amplo.

Pino (1989, p. 155) destaca, de modo relevante, que “o abandono, por razões de pobreza, passa a ser um *estigma* que marca os filhos da classe operária”. Sem contar que esse estigma

social de origem classista, “aparece como sinal de uma série de qualidades negativas atribuídas ideologicamente a essa classe social (falta de interesse pela prole, falta de moral, desunião conjugal, vida irregular, conflitos, brigas, alcoolismo etc.), efeitos e, ao mesmo tempo, causa de sua pobreza”. (PINO, 1989, p. 155)

Desse modo, acreditar que a família abandona a criança porque os pais não cumprem seus deveres ou não têm responsabilidades, implica em tirarmos conclusões precipitadas, em mantermos a ideologia burguesa e, conseqüentemente, em ocultarmos o foco da problemática; afinal, como garantir o núcleo familiar se não há propriedade, alimentação, assistência médica, saneamento básico, educação, justiça e segurança social?

A condição que as crianças consideradas abandonadas vivenciam é produto das estruturas social, econômica e política do país, geradoras do rebaixamento brutal das conquistas materiais das classes trabalhadoras. Alguns componentes²⁵ responsáveis por esse processo são o caráter excludente e de concentração de renda, próprios do sistema capitalista de produção; o emprego parcial, temporário ou o desemprego estrutural a que está submetida a classe de baixa renda; o avanço tecnológico responsável pela relativa “intelectualização do trabalho” e conseqüente desqualificação e fragilização da grande massa de trabalhadores; a aceitação integral da lógica societal pela classe trabalhadora, que precarizou-se em diversos setores; a inexistência de instrumentos políticos que permitam o acesso das classes trabalhadoras ao processo de tomada de decisões, entre outros.

Nesse cenário, tanto o aspecto material vai sendo afetado gradativamente, como também a esfera propriamente subjetiva, política e ideológica que pauta as ações e práticas concretas da classe trabalhadora.

Nesse contexto, fica sem sentido dizer que é a família que abandona a criança. Insistir nesse modo de pensar é contribuir para a continuidade do processo de acumulação desigual que caracteriza o sistema capitalista de produção, no qual a riqueza de uma minoria se constrói sobre a miséria da grande maioria da população.

Por outro lado, afirmar simplesmente que é o Estado que abandona, do mesmo modo é jogar a denúncia no vazio, afinal uma coisa é dizer “o Estado abandona”, outra coisa é dizer que o Estado não “reconhece devidamente os direitos do cidadão”. É diferente. O não reconhecimento

²⁵ Apenas indicarei alguns dos elementos que são centrais para uma apreensão mais totalizante desse cenário, uma vez que seu desenvolvimento seria aqui impossível, dada a amplitude e complexidade de questões que cada componente suscita.

do direito das crianças e jovens à cidadania, independente da classe social de origem, particularmente no momento em que já existem os direitos da criança, concretizados nos direitos humanos, implica a criação e a aplicação de penalidades, uma vez que as autoridades (poderes públicos) têm a obrigação de reconhecer tais direitos.

Nesse sentido, Pino (1990, p. 63) lembra que “toda ação ou omissão em relação a esses direitos, por pessoa física ou jurídica (incluídos os poderes públicos) é passível de responsabilidade legal e/ou criminal”.

Desse modo, se não há o reconhecimento devido dos direitos por parte do Estado, então o Estado joga a responsabilidade do problema do abandono de crianças à família, a fim de permanecer omissa em sua função de reconhecimento dos direitos do cidadão²⁶.

Portanto, para que haja o cumprimento dos direitos, a família precisa ter propriedade e a propriedade precisa ser construída pelo trabalho. Se a família não tem trabalho, ela não tem propriedade. Aí vem toda uma gama de justificativas ideológicas, de explicações para um fato fundamental que não está sendo abordado suficientemente. Nesse contexto, como não há o reconhecimento devido dos direitos da criança, o Estado não utiliza recursos necessários para que esse reconhecimento se concretize, fazendo com que as políticas empreendidas produzam situações de abandono. O Estado precisa garantir o acesso aos bens para todo e qualquer cidadão e este acesso se dá através de recursos financeiros. Desse modo, conforme Pino (1987, p. 42) bem observou:

A pobreza extrema encerra, sem dúvida, os germes da desorganização familiar, como negação de uma das condições básicas do modelo da família burguesa: o patrimônio. Isso não significa que pobreza seja sinônimo de irresponsabilidade moral, como riqueza não é o de responsabilidade. Problemas familiares existem em todas as classes sociais, embora eles não tenham a mesma significação e o mesmo impacto social em todas elas. O que para algumas classes sociais é um “caso doméstico”, para outras se torna um “caso social”. A condição de classe afeta desigualmente a conduta dos indivíduos, conferindo-lhe uma significação social também desigual.

Nesse quadro, onde se tem a prevalência do capital sobre a força humana de trabalho e um “enorme leque de trabalhadores que são explorados crescentemente pelo capital” (ANTUNES, 2000, p. 185), é possível perceber que o fenômeno do abandono, na verdade, é um falso problema, pois este é parte do problema social criado pela reestruturação produtiva do modelo econômico capitalista. Em outros termos, “o abandono é um mito”.

²⁶ De acordo com Pino (1990, p. 61), esse reconhecimento “só advirá pela ação política dos movimentos sociais”.

Capítulo III

Cruzando olhares na História: a família em foco

DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA À CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA

Sob o termo “criança abandonada” se esconde uma certa categoria de criança que não responde ao modelo de infância criado pela sociedade burguesa. Essa questão implica em pensarmos sobre qual é o significado da infância em nossa sociedade e o lugar que nela é reservado às crianças da classe trabalhadora, especificamente àquelas provenientes dos segmentos de mais baixo poder aquisitivo.

Se olharmos para trás e trilharmos os caminhos longínquos da História, veremos que em meio às formas de existência cotidiana, a criança sempre foi um espectador silencioso, uma vez que a voz dos adultos é que registrava, ou ocultava, de forma contundente, as impressões sobre a criança. Por outro lado, como tais impressões não são irreduzíveis, mas se constroem socialmente, as mesmas foram se transformando ao longo de um processo histórico, através dos tempos²⁷.

De acordo com Del Priore (2000, p. 14), como restou apenas o silêncio “audível” dos pequenos, autoridades e teóricos de diversas áreas do conhecimento passaram a escutar a história da criança e as mutações de seus vínculos sociais e afetivos, com o intuito de repensar uma nova ética para a infância e a melhor inserção da criança na sociedade.

No cenário internacional, Philippe Ariès lançou os primeiros estudos sobre essa questão em *Histoire des populations françaises: et le leurs attitudes devant la vie depuis le XVIIIe siècle*. Neste livro, Ariès (1971) trouxe um capítulo completo sobre a criança e a família. Logo depois, no clássico *História social da criança e da família*, Ariès (1981) mostrou que no contexto medieval até o início da Idade Moderna, a criança não era vista como um ser que possuía especificidades diametralmente distintas da condição adulta. Esse trabalho ocupou a cena soberanamente e tornou-se uma espécie de precursor das histórias sociais da criança e da família, visto que o mesmo passou a ser uma referência constante para muitos autores que, em

²⁷ As mudanças que ocorreram na visão que se tem de criança, estão relacionadas às mudanças que ocorreram na visão que se tem de família. Estas, por sua vez, estão relacionadas às mudanças econômicas, políticas, sociais, culturais que ocorreram em nossa sociedade, principalmente a partir da Revolução Industrial.

continuidade ou em direção oposta às teses de Ariès, procuravam trazer para dentro de suas próprias investigações o modo como determinada sociedade (re)criava as representações sobre a vida infantil.

Nesse trabalho, Ariès (1981), baseando-se no estudo iconográfico, discutiu as intrincadas relações entre o tema da infância e da família e as progressivas mudanças que ocorreram no que dizia respeito ao lugar ocupado por estas duas instâncias nas sociedades industriais européias:

Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função – assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe da sensibilidade. (ARIÈS, 1981, p. 275)

Desse modo, na sociedade medieval, a criança muito pequena era considerada frágil somente até o momento em que conseguisse superar a fase crítica em que se inscrevia o alto nível de mortalidade que colocava em risco sua sobrevivência. Assim que cessasse esse período, a criança passava a se confundir com os adultos, diluindo-se em seu meio social através da realização de atividades, marcadas pela indeterminação da idade, que se estendiam desde os jogos e brincadeiras, até às profissões e às armas. Por essa razão, pode-se dizer que até por volta do século XII o sentimento de infância²⁸ era inexistente.

Segundo Ferreira (2002, p. 169), a descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pôde ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI, uma vez que as crianças, de início, começaram a ser representadas em suas peculiaridades como figuras ornamentais e pitorescas que serviam para dar vida a um quadro, para depois, a partir do século XVII, apresentarem valor suficiente a ponto de serem representadas sozinhas ou no centro de uma composição familiar. No entanto, nesse período, a criança ainda era vista apenas por seu caráter incompleto, por um não-ser adulto, cujo comportamento frágil deveria ser, ao mesmo tempo, preservado e disciplinado.

²⁸ Segundo Ariès (1981, p. 156), o sentimento de infância não significa afeição pelas crianças, mas sim consciência às particularidades infantis que distinguem essencialmente a criança do adulto.

Tendo essas idéias como princípio, surgiram dois tipos de sentimentos que demonstraram a sensibilização da sociedade em relação à infância. O primeiro deles emergiu no meio familiar, quando o adulto encontrou na criança, “por sua ingenuidade, gentileza e graça, uma fonte de distração, de admiração e de relaxamento” (ARIÈS, 1981, p. 158), e o segundo, o oposto a tal sentimento, proveio de uma fonte exterior à família, ou seja, de eclesiásticos, de moralistas e de educadores do século XVII, que estavam preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes e que consideravam insuportável a atenção excessiva dispensada às crianças por parte dos adultos.

Se, anteriormente, a formação das crianças ocorria pelo convívio com os adultos, agora as relações entre classes, entre estamentos e entre faixas etárias, eram modificadas em função dos novos códigos modernos, que alteravam os vetores das interações entre pais e filhos, entre crianças e parentesco e entre linhagem e tradição. Esse movimento deu origem à estrutura familiar nuclear burguesa, imaginada e organizada segundo os códigos da razão eclesiástica, compondo o triângulo pai-mãe-filhos e atendendo aos critérios da monogamia, da fidelidade, da reprodutividade e da consangüinidade.

A instância familiar, compreendida como célula primeira, passa a ser o local de abrigo, de reconhecimento, de refúgio, do amor conjugal entre pais e filhos, do cuidado intenso com a prole no sentido de protegê-la e educá-la de acordo com os princípios da moral, da higiene e dos bons costumes. Enfim, a instância familiar passa a ser um lugar de proteção e, sobretudo, de respeito à autoridade do pai, provedor e responsável pelo bem-estar da família.

Segundo Boto (2002, p. 22), tais aspectos fazem com que as relações sociais se agitem de tal forma, que as mesmas acabam resultando em alterações significativas nos padrões de sociabilidade.

Portanto, enquanto a família, para os homens da Idade Média, existia pela solidariedade e pela honra à linhagem, que se estendia a todos os descendentes de um mesmo ancestral, no século XVII, a família passa a ganhar uma representação diferenciada daquela preponderante até então, com tendências à indivisão do patrimônio, fazendo despontar uma sensibilidade nova e distinta para com a infância e para com as relações parentais.

Nos termos de Ariès (1981, p. 274), começou a ocorrer em toda a parte um movimento que reforçaria a intimidade da vida privada em detrimento das relações de vizinhança, de

amizades ou de tradições, levando-nos a crer que “o sentimento de família e a sociabilidade não eram compatíveis, e só se podiam desenvolver a custa um do outro”.

Entretanto, a família do século XVII ainda não era a família moderna, uma vez que esta distinguia-se daquela pela densidade social e pela enorme massa de sociabilidade comunitária que conservava. Somente a partir do século XVIII a família começou a constituir, de fato, um plexo de relações de dependência indissociáveis, mantendo a sociedade à distância e separando-se do mundo por um novo elo de liames sociais.

Segundo Donzelot (1986), tendo em conta que a família é ao mesmo tempo parte ativa imediata e parte submissa desse jogo movediço de vínculos, o problema estava, conforme nos chamou a atenção Ariès & Duby (1991, p. 16), em como se dava a passagem de um tipo de sociabilidade na qual o privado era separado do público a ponto de absorvê-lo e reduzi-lo.

Nessa trajetória, a criança passa a ocupar um lugar central na família e, conseqüentemente, não apenas o seu futuro, mas também a sua simples presença e existência tornam-se assunto sério e digno de preocupação.

Ante o exposto, é preciso considerar as clivagens de classe social quando se analisa esta questão. Segundo Donzelot (1986, p. 11), a moderna sensibilidade da família para com a criança surgiu primeiramente nas camadas burguesas e nobres do Antigo Regime e estendeu-se somente depois, através de círculos concêntricos, para todas as classes sociais, incluindo o proletariado do fim do século XIX, impondo-se às consciências.

Além disso, como o social é um domínio híbrido, sobretudo nas relações entre o público e o privado, aspectos históricos e culturais, sucessivos e simultâneos, agiram para formar um novo contorno, uma nova característica, fazendo com que as famílias da época, mesmo pertencentes às classes sociais simetricamente invertidas, ou seja, mesmo constituídas em torno de dois pólos nitidamente distintos e jogando com o binômio cidade-campo ou com a diferença “riqueza-pobreza”, sofressem mutações através de um viés, reorganizando os comportamentos dos membros que as compunham a partir de uma organização de família nuclear, centrada na privacidade e na educação das crianças.

De acordo com Saraceno (1988, p. 132), nesse novo modelo de família, a mulher passa a exprimir a atenção e a responsabilidade familiar para com as crianças, sendo identificada como mãe, não apenas no sentido biológico, mas também em termos afetivos e educativos. Desse modo, pode-se dizer que a família nuclear além de tornar as figuras mãe e criança como

assimétricas e interdependentes, uma vez que o espaço que as circunscrevem é cada vez mais exclusivamente doméstico-familiar, também faz com que o modelo cultural da maternidade especifique e delimite os contornos do papel social e familiar das mulheres nas classes burguesas.

Em paralelo, a figura do pai também vai sendo construída. Apesar de tal construção ocorrer a partir de um processo menos explícito e com conteúdos mais indefinidos, pode-se dizer que a figura do pai procura manter as características de poder e autoridade social de organizações familiares anteriores. Portanto, a família que se constitui nos códigos dos estados burgueses, acaba sendo uma família fortemente centrada na figura autoritária e dominante do pai, mesmo porque a própria autoridade do pai de família é necessária, em última instância, para manter a estrutura autoritária da sociedade emergente.

Desse modo, de acordo com Macedo (1993, p. 64), embora esse modelo tivesse sido inicialmente restrito à burguesia, após o primeiro período de industrialização, tal modelo se disseminou como representação social da família e penetrou na classe operária emergente.

Nesse momento, é impossível deixar de mencionar Engels (1979), uma vez que este autor sustenta que o desenvolvimento das forças produtivas, próprio da era burguesa, além de ser a premissa para a cisão histórica entre a esfera pública e a esfera privada, ainda é responsável por fazer com que essa última se desenvolva simultaneamente com a propriedade e a família. Segundo Engels (1979), a contraposição entre o sujeito livre, possuidor de mercadorias, criador e fruidor de cultura, por um lado, e o cidadão público que goza de direitos precisos e exerce determinadas funções sociais, por outro permite à família burguesa, em sua fase ascendente, derrubar a rígida hierarquia da família feudal extensa, correspondente aos vários graus de hierarquia social.

O CONCEITO DE FAMÍLIA: IMAGENS CONTRADITÓRIAS

A industrialização, conforme Engels (1988) bem observou, é um fenômeno complexo, que inclui tanto a busca incessante pelo acúmulo do capital através do sistema de fábrica e do trabalho assalariado, como processos de urbanização, inovações tecnológicas no domínio da produção, desenvolvimento do comércio, criação de classes sociais, migração do campo para a cidade, explosão demográfica, novas formas de divisão de trabalho e, portanto, alterações significativas na qualidade das relações sociais.

Apesar da família conjugal nuclear ter sido predominante com o impulso da industrialização e ter se difundido rapidamente nas áreas e nas categorias caracterizadas anteriormente por outros tipos de estrutura familiar, segundo Saraceno (1988, p. 32), é consenso entre historiadores, sociólogos e antropólogos sociais, a existência de uma variedade de experiências e relações familiares, que ocorreram através de processos de transformação e que marcaram de forma singular a história e a cultura do ser humano.

De acordo com Saraceno (1988), a investigação histórica sobre os processos de transição, adaptação e reorganização familiar provocados pela industrialização indicou precisamente que a rede parental, enquanto pluralidade de direções e entrelaçado de relações, em determinadas circunstâncias não foi “desativada”, pelo fato de revelar-se não somente uma atividade de apoio e proteção à família progressivamente enucleada, mas também por revelar-se um importante elemento de mediação social.

Pensando sobre isso, pode-se dizer que o termo família é pouco específico e, além de estar imerso em uma imprecisão terminológica, ainda envolve uma multiplicidade de discursos: religiosos, morais, legais, de tradições culturais, de políticas sociais e de cada indivíduo, devido à complexidade dos vínculos que se articulam nas dimensões do espaço social da família, em diferentes épocas.

Desse modo, embora Corrêa (1982, p. 9) aponte para a necessidade de estudar as alterações que a estrutura familiar sofreu historicamente num cenário de profundas modificações econômicas, neste trabalho procurei privilegiar apenas as perspectivas de leitura suscetíveis de um maior distanciamento com relação aos discursos ideológicos que abordavam o conceito de família a partir de “modelos ideais”.

Na Psicologia, embora a família seja revestida de uma importância capital, uma vez que segundo Wallon (*apud* WEREBE e NADEL-BRULFERT, 1986), a família é considerada como um sistema matricial de todas as formas humanas de relação, já que é em seu interior que se instaura a relação mãe $\Leftrightarrow$ filho, onde a mãe (ou o seu substituto) é o primeiro agente de mediação da criança com o meio sócio-cultural, não podemos nos esquecer de que a família é um lugar de muitas contradições, oposições e conflitos, cujo papel em uma sociedade está intimamente relacionado ao modo como irão se constituir as relações de cada formação social, em determinada época. Sem contar que a família não é da ordem da natureza, é da ordem da cultura.

Em relação a esse aspecto, Lévi-Strauss (*apud* CANEVACCI, 1984, p. 177), ao assinalar que a família expressa a passagem da natureza (filiação e consangüinidade) à cultura (afinidade), derruba definitivamente a premissa sobre a família enquanto fato substancialmente natural, fundado sobre a essência biológica do ser humano²⁹. Como o homem é criador do seu ser social e cultural (no sentido da afirmação de Marx de que “os homens fazem a história”), a “família biológica” só pode ser uma abstração indeterminada, que não tem nenhuma relação com a realidade histórica. De fato, não pode ser natural aquilo que é historicamente construído.

Lévi-Strauss (*apud* CANEVACCI, 1984, p. 192) chegou a essa conclusão, após considerar que nenhuma relação pode ser isolada arbitrariamente de todas as outras, e que o contexto social não deve ser concebido como uma moldura vazia em cujo interior os seres e as coisas são ligados ou simplesmente justapostos. Em relação a esse aspecto, esse autor afirma que o contexto social é inseparável das coisas que o povoam; e estas, reunidas, formam um conjunto coordenado em que cada elemento, ao modificar-se, provoca uma modificação em todo o contexto.

Nesse sentido, se as transformações sociais provocam mudanças de modo diferenciado nas estruturas familiares de vários grupos e culturas, estas estruturas familiares também contribuem para definir as formas e os sentidos das transformações sociais, ainda que com diferentes graus de autonomia e segundo as circunstâncias.

Avançando nessa discussão, Saraceno (1988), em *Sociologia da Família*, traz a seguinte questão: Que há de comum entre a família como grupo restrito ou extenso, de conviventes em volta de um casal de cônjuges, e a família como linhagem, de dimensões variadas, estruturada por uma solidariedade, ou a família como parentela³⁰ aberta em todas as direções como veículo de transmissão de valores e de responsabilidades?

A partir de uma visão superficial, a resposta poderia ser: de comum, há apenas a noção do sangue. No entanto, nem todos os laços de sangue dão lugar, e de igual modo em todas as culturas, a laços familiares e de parentela. Numa contínua intersecção de vínculos biológicos (de

²⁹ Malinowski (*apud* CANEVACCI, 1984, p. 138), assim como Lévi-Strauss, também afirma que os laços familiares são colocados pela cultura e não pelas necessidades biológicas.

³⁰ Como observou Lévi-Strauss (*apud* SARACENO, 1988, p. 56) a parentela é efetivamente considerada pelo cruzamento entre dois novos tipos de laços sociais (e eventualmente legais), instaurando uma modificação em certa medida das relações entre aqueles que têm laços de sangue. Estes laços, ao colocarem de modo específico cada indivíduo no seu interior, são continuamente modificados, exatamente pelo encontro de dois indivíduos no casamento. Portanto, pode-se dizer que a parentela é um vocabulário social, através do qual se definem não somente espaços e fluxos de relações, mas também limites entre grupos, no sentido de separações ou de possíveis alianças.

sangue) e vínculos sociais (de aliança e afinidade), bem se vê que o princípio da consangüinidade é apenas um pretexto, ou uma ocasião, para construir a imagem de universalidade da família como instituição de proteção, assistência e educação das crianças, definida por limites espaciais e relacionais precisos, cujos membros se ligam por vínculos especiais.

Exatamente porque tem a ver com relações e fatos que tocam as dimensões mais profundas e ao mesmo tempo mais aparentemente “universais”, da vivência humana, a família constitui o material privilegiado de que se constroem os mitos. Ao lado da Sagrada Família da tradição cristã há as visões utópicas de um passado, e mais freqüentemente de um futuro, feliz porque sem família – da República de Platão, às utopias sociais de Fourier, às historicamente recorrentes utopias comunitárias. De resto o próprio cristianismo das origens era pelo menos ambivalente relativamente à família. (SARACENO, 1988, p. 13)

Desse modo, a família não é simplesmente uma instituição fundada no princípio do “sangue” e do parentesco natural, mas é um espaço histórico e simbólico sob o qual se escondem interesses, modelos de hierarquias, relações de poder e processos de negociação.

Para Hegel (1999), a família se apóia na relação autoritária e dialética entre o servo e o senhor, que vai da luta pela posse dos meios de produção até o reconhecimento do direito de propriedade.

Nesse mesmo sentido, Adorno e Horkheimer (1978) afirmam que a autoridade que tomava corpo na família foi capaz, no curso do tempo, de levar os homens a realizar os esforços indispensáveis para reproduzir, nas condições de assalariados separados da propriedade dos meios de produção, a sua força de trabalho e, com isso, a sua vida. Só a família podia fazer com que surgisse nos indivíduos a identificação com a autoridade.

O alvo para o qual a sociedade burguesa se dirigiu desde o início de seu percurso foi a formulação do princípio de subordinação. Segundo o ideal burguês, quem deseja atingir algo, deve aprender a dar satisfação aos outros. Portanto, já não bastava mais a mera obediência ao *pater familias* para que o homem pudesse cumprir o seu papel no universo do trabalho assalariado, era preciso “querer ser disciplinado e obediente”.

Segundo Adorno e Horkheimer (1978), tudo isso era explicado e demonstrado à criança no seio da família, de modo mais claro do que em qualquer outra parte. A criança aprendia a respeitar, a amar, a evitar conflitos, a obedecer aos pais, mas efetivamente, aprendia a relação

burguesa com a autoridade. A família se tornara uma entidade em cujo seio a sociedade agia: lugar de obediência e subordinação para a adequação social³¹.

De fato, historicamente, vimos afirmar-se o respeito da criança diante da autoridade paterna e depois diante de qualquer autoridade. No entanto, não há dúvida de que, atualmente, a própria dinâmica social que permitiu a constituição da família burguesa, na qual os indivíduos encontraram um ponto de apoio na corrente da dinâmica social e contra ela, ameaça de modo constante e progressivo a própria família.

Enquanto a família garantia aos seus membros proteção, a autoridade familiar encontrava uma justificação; além disso, a propriedade hereditária constituía um sólido motivo de obediência para os herdeiros. Hoje, num mundo onde há um número crescente de famílias que não têm propriedade³², o conceito de família vai se diluindo e se perdendo na abstração.

Nesse contexto, vejo que como o modelo de família nuclear é imposto às famílias das classes populares e, contraditoriamente, os vínculos que se criam entre os seus integrantes não correspondem a esse modelo, os efeitos sociais e políticos decorrentes dessa situação são complexos. Afirmo isso porque, considerando que os pilares básicos do Código napoleônico³³ (1810) são: a família, a moral e a propriedade, se os pais pertencentes às classes populares não têm propriedade, não têm herança para passar aos filhos, então eles não têm nada. Nesse momento, se instaura um movimento dialético, afinal, como é na família e através dela que a propriedade transforma-se em patrimônio estável e seguro, se não há propriedade, não há família e, se não há família, não há moral para preservar o núcleo familiar e o direito à propriedade.

Esses três direitos que compõem a estrutura do Código napoleônico estão intimamente relacionados. O direito principal é a *propriedade*. Como esta precisa ser passada para alguém na ocasião da morte do proprietário, é necessário que exista uma *família*, de modo que seja possível estabelecer uma hierarquia de prioridades, no sentido de definir quem tem direito a esta *propriedade*, ou seja, quem tem direito à herança. Nesse momento, a *família* torna-se uma exigência do destino da *propriedade*, pois além de definir o âmbito de circulação dos bens, a

³¹ Isso explica porque Marx e Engels (1999), no Manifesto Comunista, exclamam: “Abolir a família”!

³² Como é na família que o sujeito herda e toma posse do patrimônio familiar, pode-se dizer que a propriedade está ancorada e se perpetua na família.

³³ Segundo Hobsbawn (2000, p. 94), como o Código Civil napoleônico inspirou os códigos modernos, o mesmo se tornou ponto de referência social da legislação para todo o mundo burguês, exceto para o mundo anglo-saxão. De fato, em relação ao Código Civil napoleônico, Lefebvre (1973, p. 26) já havia dito anteriormente: “aditado, revisto, aperfeiçoado, ele constitui ainda o fundamento da codificação das relações sobre a propriedade privada da terra, estendida ao dinheiro e, portanto, ao capital”.

mesma também define quais são os direitos de cada um dos membros que a compõem. É aí que entra a *moral*, pois o primeiro critério da *família* é biológico (a consangüinidade), embora haja outros critérios que permitem que a *propriedade* passe para os filhos “legalmente” adotados ou para os filhos de criação.

De acordo com Lefebvre (1977, p. 72), as relações de propriedade que emergem e inserem-se no tecido da vida social, constituem um direito. No entanto, como as relações burguesas de propriedade formaram-se em função das relações de produção capitalista e tenderam desde então a estabilizar a sociedade burguesa, o direito estabelecido já não basta, é necessário mais que isso, é necessário que haja reconhecimento desse direito e condições para se adquirir a propriedade.

De qualquer forma, é por isso que Hegel (1999) nos chama a atenção para o fato de que somente na propriedade a pessoa “está completa em si mesma” e só na propriedade ela tem a esfera “exterior de sua liberdade”. Segundo esse autor, o nexó entre liberdade pessoal e propriedade privada é tão essencial, que a propriedade não é apenas meio para a satisfação do carência, mas é a primeira forma de existência da liberdade e é a finalidade por essência para si.

Pensando sobre isso, se, por um lado, há casos em que a criança, mesmo vivendo em uma situação de miséria e residindo em uma habitação extremamente precária, acaba possuindo uma referência em sua vida, pois existe a possibilidade de, nesse local, se configurar uma família; por outro lado, há casos em que a criança deixa de ter essa referência, uma vez que a família da qual ela faz parte, pelo fato de vivenciar a “quase ausência” de propriedade e o estado de empobrecimento que se instaura dia-a-dia em decorrência do sistema capitalista de produção³⁴, chega a um ponto tão conflitante, que as bases de sua estrutura, bem como os laços que foram criados em seu interior, se rompem de modo implacável.

No primeiro caso, por mais adversa que seja a situação vivenciada, há a moral para garantir o núcleo familiar e, conseqüentemente, a “reprodução do modelo burguês”; não podemos nos esquecer de que é dentro deste núcleo que se constitui um conjunto de obrigações, de direitos e de deveres. Já no segundo caso, embora o modelo de família nuclear teoricamente exista e imponha regras, determinando aos pais, por exemplo, a obrigação de garantir de modo seguro a

³⁴ Para Engels (1988) é inevitável que essa situação criada pela burguesia gere o alcoolismo, a prostituição, o crime.

vida material de seus filhos, na prática esse modelo falha, pois se os pais não têm condições de suprir as necessidades básicas dos filhos, “são acusados de abandoná-los”.

É por esse motivo que, segundo Matos (1984, p. 10), na sociedade contemporânea há um descompasso em manter a figura do pai enquanto autoridade familiar, uma vez que o mesmo já não consegue exercer a função de provedor econômico.

Seguindo as pistas dadas por Stolcke (1982, p. 89), em uma sociedade na qual a economia e a vida cotidiana são estruturadas na premissa da universalidade da família nuclear, estas funções são difíceis de serem colocadas em prática.

Por esse motivo, como o capital organiza suas estratégias de acumulação com base em instituições sociais existentes, tais como a família, e tais estratégias mudam resultando em situações de exploração extrema, estas instituições com o tempo acabam sendo corroídas.

Sendo assim, a dinâmica que se instaura é a de que a sociedade, ao perceber que a moral³⁵ não está sendo cumprida, decide denunciar inquestionavelmente a família, com o intuito de dar continuidade à falsidade da estrutura de família nuclear³⁶, já que a moral existe, justamente, para garantir o núcleo familiar.

Portanto, nesse momento, surge a questão: Em uma vida presa a uma miséria sem limites, para alguns apenas momentaneamente suportável, haveria lugar para a “vida em família”?

De acordo com Canevacci (1984, p. 162), o direito hereditário da família serve não apenas para garantir a posse da propriedade através das gerações, como também para garantir a união das pessoas no interior da família, sem ter que colocar diretamente em ação o Estado e a sociedade. No entanto, não podemos nos esquecer de que existe um nexo indissolúvel entre família/propriedade/Estado.

Nas sociedades contemporâneas, como a maioria das famílias não tem acesso aos bens necessários à manutenção da vida e, conseqüentemente, no interior das mesmas não há transmissão de patrimônio, as formas de obrigatoriedade social em que se pautam as relações familiares se debilitam e se dissolvem.

Nesse quadro, como toda relação familiar define certo conjunto de direitos e deveres, para conservar-se e perpetuar-se a família precisa continuar fundada no princípio do “sangue” e do

³⁵ Sarti (1994) aprofunda essa questão no artigo “A família como ordem moral”.

³⁶ Todavia, de acordo com Ribeiro (1987, p. 37), não se pode pretender a redução de uma instituição histórica como a família a um conceito fixo, porque o que se encontra impostado dentro dessa formulação é a idéia incorreta de que há

um tipo determinado de família, da qual se passa a avaliar todos os núcleos familiares existentes. E é isso que parece estar implícito quando se fala, de modo equivocado, em família desestruturada, desorganizada e incompleta.

parentesco natural, bem como no afeto permutado e, acima de tudo, na “obrigação moral”: “deve-se” amar, obedecer e respeitar os pais, da mesma maneira que se deve esperar afeto e respeito dos mesmos³⁷. Dever implica direito, assim como direito implica dever. Deveres e direitos são recíprocos. Os pais têm o dever de cuidar dos filhos; os filhos têm o direito de receber cuidados dos pais. Do mesmo modo, os filhos têm o dever de respeitar e obedecer aos pais, e os pais têm o direito de serem respeitados pelo filho. Entretanto, essa imagem de família sem conflitos que a sociedade burguesa nos impõe, na verdade é uma farsa.

Pensando sobre isso, é impossível deixar de mencionar as palavras que vertem da poetisa brasileira da era moderna, Cecília Meireles, que nasceu três meses após a morte do pai, ficando também órfã de mãe antes de completar três anos de idade:

Não digas: Este que me deu corpo é meu Pai.
Esta que me deu corpo é minha mãe.
Muito mais teu Pai e tua Mãe são os que te fizeram
Em espírito.
E esses foram sem número.
Sem nome.
De todos os tempos.
Deixaram o rastro pelos caminhos de hoje.
Todos os que já viveram.
E andam fazendo-te dia a dia
Os de hoje, os de amanhã.
E os homens, e as coisas todas silenciosas.
A tua extensão prolonga-se em todos os sentidos.
O teu mundo não tem pólos.
E tu és o próprio mundo. (MEIRELLES, 1982, p. XXIV)

Atentando para estas palavras de Cecília Meireles, pode-se dizer que enquanto as raízes do antagonismo de classes, bem como as relações de poder e a exploração do sistema capitalista de produção se mantiverem para perpetuar a ordem econômica vigente, tais palavras não terão sentido para a maioria das pessoas e constituirão meramente uma poesia, uma vez que a complexa articulação da família e as relações de dominação dentro dela, continuarão obscurecidas pelos valores culturais referentes aos “laços de sangue” e a “dependência emocional

³⁷ Considerando a afirmação de Engels (1988) de que o trabalhador, na sociedade em que vive, é impedido de dissolver a vida familiar – ele é forçado a viver dentro de uma instituição guiada por profundas tensões e contradições, mesmo que para isso tenha que viver com negligência e desprezo – concordo com Saraceno (1988, p. 13) quando afirma: “analogamente, ao lado das imagens contemporâneas da família-refúgio, da família lugar de intimidade e afetividade, espaço de autenticidade, de solidariedade, da privacidade, juntam-se as imagens da família como lugar de opressão, de obrigação, de violência”.

entre os membros da família”, valores estes que não só escondem a exploração subjacente, mas também tornam, acima de tudo, as relações pessoais conflituosas.

No entanto, ao ter em conta que a realidade social e histórica compreende as condições materiais e simbólicas que capturam a criança ao nascer e sob as quais ela se desenvolve como ser humano e, ainda, considerando que a família “não” é uma ilha em meio ao fluxo da dinâmica social, estes argumentos se tornam frágeis perto da ausência de propriedade e da situação de extrema miséria em que vivem a maioria das famílias brasileiras. Por isso, é indubitável, “a família é um mito”.

Capítulo IV

Do mito à representação social

REGRESSO AO MITO

Durante séculos os seres humanos usaram mitos para explicar os mistérios da vida e torná-los suportáveis – desde porque as estações do ano mudavam até o enigma da morte, passando por complexas questões de relacionamento. Os mitos procuraram preservar e transmitir os mais importantes eventos ocorridos no princípio dos tempos, desde a criação do Cosmos pelos deuses, até as histórias protagonizadas por seres sobrenaturais ou heróis míticos. Desse modo, os mitos fizeram desaparecer “num passe de mágica” o caos e o entrelaçamento dos conflitos, substituindo a desordem pela ordem e a opacidade pela transparência.

No entanto, com o avanço tecnológico e científico e as mudanças econômicas, políticas e sociais relacionadas de modo inextricável a este avanço, o mito foi historicamente cedendo lugar à ciência e passando a ser abordado apenas como gênero literário, uma vez que a ciência, em nome da razão e da objetividade, começou a impor-se de maneira urgente sobre o homem.

Todavia, conforme bem observou Lefebvre (1977, p. 75), como em cada momento histórico as forças sociais predominantes definem uma determinada ordem social, com normas jurídicas, interesses materiais, idéias e instituições, essas forças sociais só admitem as novas técnicas segundo os seus interesses.

No livro *A vida cotidiana no mundo moderno*, Lefebvre (1991) também menciona este aspecto. Ele diz:

A técnica aperfeiçoou-se extraordinariamente, mas é ao nível do Estado, das pesquisas espaciais e nucleares, dos armamentos e das estratégias que ela apresenta seus resultados. Já notamos o contraste entre esta força e a miséria técnica do cotidiano, entre o esplendor dos verdadeiros objetos técnicos e as pobres pequenas invenções em sua embalagem ideológica. (LEFEBVRE, 1991, p. 65)

Acrescenta-se a essa afirmação de Lefebvre (1991), uma outra de Mircea Eliade (1992), que sustenta que uma das principais diferenças entre o homem das sociedades arcaicas e tradicionais e o homem da sociedade contemporânea, encontra-se no fato de o primeiro

sentir-se indissolúvelmente vinculado ao mito, enquanto que o segundo insiste em vincular-se à ciência para, através dela, explicar os mistérios paradoxais da vida.

A partir destas duas colocações, de Lefebvre (1991) e de Eliade (1992), pode-se dizer que o homem da sociedade contemporânea não pode, em hipótese alguma, acusar o homem das sociedades arcaicas e tradicionais de viver aprisionado dentro do horizonte mítico, uma vez que ele próprio, em nome das leis frias da ciência, está construindo “mitos modernos”.

Lefebvre (1966), seguindo o caminho de análise apontado por Marx nas *Teses sobre Feuerbach XI*, enfatiza que onde existe um interesse (político ou qualquer outro), não pode haver “ciência”, não pode haver objetividade do pensamento, já que este é necessariamente tendencioso e desviado da verdade objetiva. Desse modo, se a posição científica é abandonada, se resvala insensivelmente em direção à tendência que conduz ao “mito”.

Portanto, segundo Lefebvre (1973) em lugar de uma abordagem das questões centrais, sobrevém uma consideração acerca dos mitos, erigidos em critérios ou modelos epistemológicos que possuem apenas uma capa de cientificidade. Bem se vê que esse procedimento é ideológico por excelência, uma vez que o mesmo se desvia dos elementos contraditórios da realidade ou apenas os contorna.

Nesse quadro, é possível perceber que há apenas um tênue fio que separa o mito da ciência, pois a decantada liberdade do homem contemporâneo no sentido de compreender a realidade e de enxergar o cerne da questão em volta e acima de um dilema, na verdade, é ilusória. Aliás, é ilusória para a quase totalidade da raça humana, já que um número reduzido de homens que detém os meios de produção não quer que tenhamos essa liberdade. Nesse contexto, as relações que se produzem procuram nos afastar da essência dos problemas que emergem na sociedade contemporânea.

Portanto, seguindo as pistas dadas por Malinowski (1978, p. 245), apesar da distinção, o mundo dos mitos não se distancia da ciência por um abismo intransponível, uma vez que o mito, por ter a misteriosa capacidade de conter paradoxos, enveredou por caminhos candentes e deixou de ser uma simples história diversificada de ficção ou uma fábula infíma, algo inquebrantável e “sem realidade”, para ser, segundo Goethe (1987), relações permanentes da vida.

Nessa linha de argumentação, os termos “abandono” e “família”, da maneira como vêm sendo tratados, tanto nas conversações cotidianas como no imaginário que subentende a legislação e as políticas sociais, revelam o seu verdadeiro papel: dissimular sob as aparências,

mascarar o essencial do processo histórico, disfarçar as contradições e, conseqüentemente, velar a superação do modo de produção reinante, sob falsas soluções.

A partir de uma perspectiva materialista histórica, isso nos coloca diante da idéia de que na sociedade contemporânea, a representação social ocupa o lugar do mito, uma vez que esta, segundo Lefebvre (1973) exprime à sua maneira a situação concreta, dissimulando a realidade e contribuindo para mantê-la e reproduzi-la.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL: ECLIPSE DO MITO

Para compreendermos o que é representação social é necessário, antes de mais nada revermos os contornos conceituais do termo representação.

Lefebvre (1983), em sua obra *La presencia y la ausencia: contribucion a la teoria de las representaciones*, afirma que para compreender o conceito de representação é necessário ir contra os dogmas da tradição filosófica e introduzir a dialética das relações entre aparência e realidade, entre verdade e ilusão, uma vez que as representações, ao circularem entre as brechas das instituições sociais, do universo de signos e de símbolos, intervêm nas vivências e nas práticas, sem dominá-las, ampliando, deslocando e transpondo certas “realidades”.

Além disso, para esse autor a representação possui uma riqueza ímpar; ela não é eco, sombra ou reflexo, mas é acima de tudo algo que implica-explica a linguagem: “a linguagem é uma presença-ausência, presença evocada, ausência preenchida” (LEFEBVRE, 1983, p. 67).

De fato, a linguagem, construída e transmitida social e culturalmente, é atravessada por visões de mundo, por representações mais próximas ou mais distanciadas da realidade vivida.

Como não é possível nomear sem representar, as representações são provenientes das condições concretas de existência, são acontecimentos de palavra que não podem conceber-se sem levar em conta o social, os valores, as convenções aceitas. Por isso é que as representações são repletas de ideologias: “o modo de existência das representações somente se concebe levando em conta as condições de existência de tal ou qual grupo, povo ou classe” (LEFEBVRE, 1983, p. 60).

De acordo com a definição marxista, a ideologia tem uma função política incontestável e não se trata apenas de uma representação incompleta e mutilada do real, mas se trata, primeiramente, de uma apresentação desse real que o inverte, mascarando a produção de novas

relações e ocultando e dissimulando as contradições diversas nele presentes. Desse modo, é ideológica toda a representação que contribui mediata ou imediatamente para a reprodução das relações de produção.

Entretanto, segundo Lefebvre (1979), somente a análise dialética pode revelar a ideologia, uma vez que a mesma rasga e afasta os véus (aparências, representações) que encobrem a realidade, trazendo à luz do dia as ilusões e as mentiras e, ainda, desmascarando e dissociando as contradições emaranhadas no novelo de sua unidade.

Além das representações serem repletas de ideologia, outra característica delas é que as mesmas fazem parte da linguagem. No entanto, em relação a esse aspecto, Lefebvre (1983, p.24) nos alerta: “as representações não podem reduzir-se nem a seu veículo lingüístico nem a seus suportes sociais”.

Nesse sentido, é preciso considerar o vivido pautado no discurso, e vice-versa, posto que as representações são fatos de palavra (discurso) e de prática social:

As representações e suas tendências provêm dos *sujeitos* sem reduzir-se a uma subjetividade e têm uma objetividade sem reduzir-se a objetos sensíveis ou sociais, muito menos a *coisas*. Isso porque as representações não podem nem prescindir de um conteúdo (relação), nem deixar que esse conteúdo (suporte) atue sozinho. (LEFEBVRE, 1983, p. 95, grifos do autor)

Para uma compreensão maior sobre as representações e a relação destas com o conhecimento e a linguagem, Lefebvre (1983) enfatiza as tríades: *vivido-percebido-concebido* e *representante-representação-representado*.

De acordo com este autor, as representações têm origem no vivido e devem ser estudadas interagindo com o concebido, ou seja, devem ser estudadas no jogo do imediato com o mediato³⁸, uma vez que as representações se situam no movimento entre o representante e o representado. Como a representação encontra seu suporte na linguagem, não só pelo fato desta última possuir um caráter mediador, mas também por ser um traço cultural que nasce e se transforma na sociedade, é inegável o fato de que a idéia de representação seja algo intrigante, afinal vivemos

³⁸ De acordo com Lefebvre (1979, p. 105) o imediato é o dado inicial, que dá a ilusão do concreto. Pode-se chamar de imediato todo conhecimento que não é obtido através de um processo. Na linguagem filosófica, todo conhecimento imediato tem o nome de “intuição”, isto é, as sensações dadas por um objeto. O imediato indica apenas a constatação da existência da coisa e não aquilo que a coisa é. O imediato é apenas o ponto de partida. O conhecimento mediato, por sua vez, são pensamentos, idéias. O conhecimento mediato resulta de uma atividade

em um mundo marcado por oposições e por uma luta incessante entre diferentes forças: “O movimento dialético entre o vivido e concebido nunca cessa” (LEFEBVRE, 1983, p. 70).

Com o passar do tempo algumas representações que vêm de longe, de sociedades anteriores, de mitologias, de religiões, vão sendo modificadas, desprendendo-se daquilo que a sociedade estabeleceu convencionalmente. Tais representações vão, desse modo, multiplicando-se e simulando o real.

Daí a necessidade, segundo Lefebvre (1979, p. 112) de “penetrar no real e superar o imediato – o sensível – a fim de atingir conhecimentos mediatos, através da inteligência e da razão”.

De fato, o conhecimento não pode parar nesse imediato (nas sensações, nas primeiras impressões). Ao contrário, tal conhecimento deve ir mais longe, na convicção de que, por detrás do imediato, há uma outra coisa que, ao mesmo tempo, se dissimula e se expressa nesse imediato. Assim, uma palavra, um gesto de alguém, pode parecer um detalhe insignificante. Mas, refletindo sobre ele, é possível ultrapassar o que é mera aparência e atingir aquilo que é essencial no sujeito em questão.

Nesse processo, Lefebvre (1983) também se refere à necessidade de buscarmos o sentido da palavra, não só pelo fato do mesmo ser inesgotável – por passar por transições, recorrer à memória individual e social e reenviar-nos ora ao passado histórico, ora à época presente – mas também pelo fato do mesmo ampliar as nossas possibilidades de escolha, promovendo um movimento que atravessa a sociedade e que permite que a realidade se modifique representando-se. Desse modo, o que está em jogo é o poder da palavra que nomeia e verbaliza com sua significação e sua concatenação, resultando num duplo processo de substituição pelo real e de representação:

Não obstante, a concatenação dos signos e significações não basta para explicar o discurso. Nele intervêm outros elementos que fazem o sentido, a saber, os valores e normas admitidas em tal ou qual sociedade, incorporados em palavras chaves, símbolos, imagens fortes, em suma em representações [...]. As representações fazem os sentidos que se superpõem às significações das palavras, mas não se reduzem a elas. (LEFEBVRE, 1983, p. 47)

Isso quer dizer que a representação é produzida nesses complexos simbólicos, repletos de alterações do real, de máscaras ou de ligações profundas com o vivido. Por isso Lefebvre (1983) reconhece, nas representações, a possibilidade de mudança, de transformação.

O movimento incessante e simultâneo entre os três termos da tríade lefbreviana *vivido-percebido-concebido* se dinamiza e produz impactos sobre a própria representação. Essa contínua circularidade é a sua condição de produção. Como a história e a cultura se fazem a partir e através do modo humano de representar o mundo e de atuar nele, transformando-o, é nessa complexidade simbólica que as representações possibilitam a discussão com base em dados reais e imaginários. Porém, se o representante se distancia do representado, do vivido, a representação se autonomiza e se multiplica, podendo tornar-se falsa e enganadora em relação a esse representado, esmaecendo-o.

“Se captar o *vivido*, é abrir caminho à vida” (LEFEBVRE, 1973, p. 70, grifo do autor), ao contrário, ao menosprezar-se o vivido, comete-se o engano de estudar o concebido e tornar o saber como absoluto. Segundo Lefebvre (1973, p. 32), nesse caso, o vivido se dissipa como um nevoeiro, com as representações (ideológicas) que fazem parte do cotidiano.

Nesse processo, o conhecimento pode ser obstruído ou facilitado pelas representações. Se for aberto a transformações, o conhecimento necessita de liberdade do imaginário, afinal não há imaginação sem conhecimento assim como não há conhecimento sem imaginação.

Desse modo, a representação tem um suporte material e um conteúdo prático irreduzível, oscilando entre real e imaginário³⁹, entre ético e estético, entre conhecimento e ideologia. A representação nasce no imaginário e é instituída a partir de uma mistura de idéias de diferentes classes sociais, contendo elementos de dominação, de resistência e de valores morais, religiosos, políticos e ideológicos.

A DINÂMICA DA REPRESENTAÇÃO

Na perspectiva histórico-cultural em Psicologia, a produção da representação está intimamente entrelaçada à atividade material dos homens.

Marx e Engels trabalham com o duplo sentido da palavra produção⁴⁰. De acordo com

³⁹ De acordo com Pino (2000, 47), “real e imaginário opõem-se, mas não em termos de verdade e ilusão, como o fazem o idealismo e o realismo empiricista, uma vez que o real não se apresenta de forma direta e imediata, mas na sua representação, a qual é uma formação imaginária”.

⁴⁰ De fato, segundo Lefebvre (1999) se um conceito ou uma realidade apreendida pelo pensamento tivesse apenas um sentido, não possuiria uma dupla determinação, nem conteria nenhuma oposição. Os problemas seriam todos

Lefebvre (1999), em uma acepção ampla, herdada da filosofia, produção significa criação e se aplica à arte, à ciência, às instituições, ao Estado e às atividades geralmente designadas “práticas”, tais como a divisão do trabalho que fragmenta a produção e faz com que o processo escape à consciência e a linguagem. Já em uma acepção restrita, herdada dos economistas (Adam Smith, Ricardo), produção significa uma atividade precisa, reduzida e redutora, que é continuamente modificada pela história.

A dupla acepção do termo decorre de que os homens em sociedade produzem ora coisas (produtos), ora obras (todo o resto). A natureza, ela própria transformada, é produzida. Nesse sentido, o mundo sensível, que parece dado, é criado. Portanto, produzir, em sentido amplo, implica e compreende a produção das idéias, das representações, assim como da linguagem e da própria consciência. A produção não deixa nada fora dela, nada do que é humano.

Para Marx e Engels, não há pensamento sem consciência e não há consciência sem linguagem, quer dizer sem suportes e relações. O ser humano se distingue do ser biológico pelo fato de que ele cria as suas relações e porque, em consequência, tem uma linguagem: sua linguagem com a qual as relações existem enquanto relações. A consciência, portanto, é um produto social. (LEFEBVRE, 1999, p. 45)

Nessa perspectiva, o homem é o resultado da atividade do trabalho: ao mesmo tempo em que transforma a natureza para atender as suas necessidades básicas, ele transforma a si mesmo, desenvolvendo funções especificamente humanas (funções mentais e habilidades técnicas). Portanto, a atividade do trabalho resulta numa dupla produção: os objetos culturais e o ser humano.

Esse poder produtivo ou transformador da atividade humana decorre da capacidade do homem de criar instrumentos. O instrumento de trabalho é mais do que um simples objeto material fabricado pelo homem. Ele leva a marca do seu fabricante, não somente por ser sua produção, mas por ser sua criação, uma vez que, segundo Marx (1972), o resultado a que chega o trabalho preexiste idealmente na imaginação do trabalhador. Em relação a esse aspecto, Lefebvre (1977) diz:

O homem na sua práxis (prática social) hesitante e criadora conhece as coisas ao produzir; age sobre elas, transforma-as; e o seu conhecimento *reflete* a ação prática e o

resolvidos virtualmente e poder-se-ia mesmo, como em matemática, supô-los resolvidos para buscar a solução. No domínio que Marx explora não há nada disso.

resultado – o produto – da ação. O homem conhece o mundo ao criar o seu mundo humano: ao criar-se a si próprio. (LEFEBVRE, 1977, p. 45, grifo do autor)

Portanto, o instrumento – como toda obra humana, produto da invenção do homem – é um objeto cultural, de natureza semiótica; um meio de transformação do mundo, mas também do homem.

Esse campo de mediação instrumental descrito por Marx (1988) e Engels (1975), foi ampliado por Vigotski (1996), que fez do signo o outro tipo de elemento interposto na relação entre o homem e o mundo. Nesse sentido, as relações dos homens entre si e deles com o mundo (natural e cultural) mediadas por instrumentos e por sistemas de signos, ao mesmo tempo em que tornam possível influenciar os outros, influenciam também aquele que os utiliza.

O duplo sistema de instrumentos inventado pelos homens ao longo da sua história confere à sua atividade o poder de transformar a natureza, as coisas e os homens, construindo um novo mundo de natureza simbólica: o mundo da cultura. O mundo natural – aquele que preexiste ao homem e que ele não fabricou – conserva sua existência própria, em si; porém, só existe para o homem enquanto reconstruído pela linguagem. (PINO, 1993, p. 52)

Desse modo, embora seja impossível pensar sem o funcionar neurológico, o pensar é de outra natureza: é de natureza semiótica⁴¹, cuja fonte é o pensar social. A mesma coisa deve-se afirmar das outras funções psíquicas – percepção, atenção, memória, imaginação. E, dizer que o ser humano é um ser de natureza semiótica, equivale a afirmar que ele se constitui – não apenas é constituído – pela linguagem, principal sistema semiótico da sociedade humana.

Pensando sobre isso, pode-se dizer que o ser humano é um ser produtor por genética. Ele nasce produtor e vive sua vida produzindo. Ele pode inventar instrumentos, símbolos, enfim, pode construir todo um mundo simbólico. Essa capacidade de produzir é uma das linhas mestras do materialismo histórico-dialético e é algo que escapa a toda estrutura feita, montada. Portanto, o homem é um sujeito cultural, que se situa na ordem do simbólico e de suas leis histórico-culturais.

Nessa perspectiva de análise, do mesmo modo que o imaginário é a fábrica de produção da sociedade, da cultura, da ordem simbólica, estas, por sua vez, são responsáveis pela produção

⁴¹ O conteúdo da semiótica é como o ar que respiramos. Em outros termos, a semiótica é da essência do ser humano. No entanto, em sua grandeza, a semiótica revela um paradoxo: a ficção. No mundo animal não há ficção, uma vez que o animal quando quer atacar sinaliza essa sua intenção mostrando os dentes e se colocando em posição de ataque. Ele não finge. Já no mundo dos homens a ficção está indiscutivelmente presente. O homem pode fingir sentimentos de alegria, de simpatia, de coragem, tentando convencer o *outro* que esse sentimento é verdadeiro. Portanto, mesmo que os olhos, a expressão e os modos de agir revelem tais sentimentos, o homem pode estar sentindo outra coisa: a tristeza, a antipatia e o medo.

do imaginário⁴². Desse modo, simbólico e imaginário constituem registros diferentes do mundo humano, mas estão intrinsecamente imbricados um no outro. O simbólico só existe a partir do imaginário, e este só se objetiva no e pelo simbólico.

Além disso, tal como observou Castoriadis (1982), embora o imaginário se dê a partir de experiências, de representações sociais, do próprio simbólico, produzir significação e multiplicidade de sentido não é papel do simbólico, mas é papel do imaginário.

No mundo sócio-histórico, diz Castoriadis (1982, p. 142), tudo “está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico”. O simbólico encontra-se, em formas e graus diferentes, em todas as instituições sociais, particularmente na linguagem. Elas não se reduzem ao simbólico, mas são impensáveis fora dele.

Nesse contexto, pode-se concluir que o conceito de *mediação semiótica* na perspectiva e nas dimensões aqui propostas, é um bom instrumento conceitual para pensar o psiquismo humano como um processo permanente de produção que envolve o indivíduo e seu meio histórico e cultural numa interação constante, uma vez que a capacidade de produção imaginária que caracteriza o ser humano permite-lhe a construção de um universo simbólico que define a especificidade de sua natureza. Portanto, como todos nós vivemos num mundo criado por nós mesmos, não é à toa que Dostoievski (*apud* TARKOVSKI, 1990, p. 124) afirma, com extraordinária precisão, que “a vida é mais fantástica que qualquer fantasia”.

Nesse processo, a capacidade semiótica do homem de representar para alguém qualquer outra coisa (material ou imaterial) é “quase” ilimitada, uma vez que os termos da convenção social que cria o signo é que procuram limitá-la. Isso implica negociação e acordo entre sujeitos.

Apesar de resultarem de uma convenção social, os signos não garantem uma interpretação única e segura da realidade, uma vez que os mesmos, pela sua própria natureza, admitem múltiplas significações (polissemia).

Numa situação de interação verbal ou dialógica, a linguagem se constitui numa atividade produtora de significação⁴³ que extrapola as limitações impostas aos signos pela convenção. Em outros termos, os sujeitos têm o poder de fazer com que as palavras digam mais e outra coisa diferente do que elas dizem convencionalmente. Assim, o valor de um signo está naquilo ao qual ele se refere: a significação.

⁴² As representações produzidas pelo imaginário são constitutivas da subjetividade.

⁴³ Segundo Pino (1995, p. 9) “a significação é objeto permanente de reelaboração em função das condições históricas próprias a cada pessoa ou grupo cultural”.

De acordo com Pino (2001, p. 12), a invenção dos sistemas de signos, em particular os lingüísticos, é a mais importante das invenções humanas devido ao papel que eles desempenham na constituição pessoal (de natureza social), na história e no processo de evolução do homem. Sem contar que tais sistemas permitem ao homem transmitir suas experiências e representar o real ultrapassando a materialidade ou a aparência das coisas, a ponto de reconstituí-lo não apenas ao nível das imagens, mas principalmente ao nível de suas representações simbólicas.

A criança, quando nasce, é capturada por uma rede de relações próprias do mundo da cultura. Desde o início, ela é *sujeito* de ações significantes para o *outro*, o que a insere irremediavelmente na ordem simbólica. De acordo com Pino (2000, p. 41), o desenvolvimento psíquico é o resultado da ação da sociedade sobre o homem para integrá-lo na complexa rede de relações sociais e culturais que constituem uma formação social. Assim, para tornar-se um ser “humano”, a criança tem de “reconstituir” nela (não simplesmente reproduzir) o que já é aquisição da espécie. Isso supõe processos de interação e intercomunicação sociais que só são possíveis a partir de sistemas de mediação altamente complexos, produzidos socialmente.

Portanto, a criança, desde o seu nascimento vai tornando seu tudo aquilo que circula no mundo da cultura e que faz parte da existência do *outro*. Nesse processo é a linguagem, sob as suas várias formas, que dá a ela a possibilidade de comunicar-se com os outros e de associar a ordem do real (coisas em si) à ordem do simbólico (representações), de tal forma que ele possa apropriar-se do conhecimento, das idéias e dessas representações. Em relação a este aspecto, Pino (2001, p. 16) afirma que:

[...] por muito sugestiva que possa parecer a metáfora "o mundo é um livro aberto", ela só tem sentido se existir alguém que detenha os códigos que lhe permite a leitura desse "livro", caso contrário ele permaneceria eternamente fechado para os homens, como permanece para as outras espécies.

É por isso que, para Vigotski (1995), a linguagem tem uma dupla função: a de comunicação e a de representação constitutiva do pensamento⁴⁴. Em relação à função representativa, Pino (2001, p. 18) diz:

⁴⁴ O conceito de representação pode ser entendido como significando uma função ou um objeto mental. De acordo com Pino (2001, p. 16), “como função, a representação é a propriedade que têm as coisas – atribuída a elas pelos homens – de substituir e evocar outras. Como objeto mental, a representação é o desdobramento do real no seu equivalente simbólico, o que implica a função semiótica”.

[...] quando a criança entra em contato com o mundo dos objetos e os manipula não são apenas objetos o que ela percebe, mas objetos semióticos, ou seja, ‘objetos com nome’ ou significação (sejam eles físicos ou imaginários). Como diz Vigotski, junto com a imagem visual do objeto, a criança capta a palavra que lhe confere significação, mesmo se nessa idade palavra e objeto se confundem.

A função de representação dos signos permite-nos recriar a realidade material a partir de um “jogo de substituições” (PINO, 2001, p. 16), de sentidos, ou melhor, a partir de uma rede de relações significativas que confere uma nova forma de existência a essa realidade, tornando-a inteligível, pensável e comunicável: a existência simbólica. Como os processos representacionais vão se instalando no homem ao longo de sua infância, adquirindo formas cada vez mais elaboradas em função da progressiva complexidade de sua rede neural e de sua experiência cultural, as representações que o homem faz do mundo e dele mesmo vão se modificando ao longo de sua história através das práticas sociais.

Como a linguagem é um sistema articulado de signos, construído socialmente ao longo da história, que veicula significados instituídos relativamente estáveis, embora mutáveis – o que faz a polissemia das palavras – é possível afirmar que esses significados adquirem sua significação na estrutura das relações sociais. Desse modo, significado e referente não coincidem necessariamente, o que permite a variação do sentido das palavras. E variando o sentido das palavras, conseqüentemente irá variar a representação social que delas se faz.

Pensando sobre isso, é possível afirmar que a representação social de família pode ser construída a partir de experiências, de relações conflituosas, de desejos ou pode ser construída a partir de uma série de elementos que tem como base uma representação social básica, simbólica, afinal tal produção é contínua.

Portanto, a palavra “família” tanto pode estar contextualizada e, desse modo, estar acompanhada de indicadores que permitem identificar uma família concreta, como também pode trazer à tona uma idéia de família estranha à experiência, que não possui relação alguma com a família concreta, existente de determinado sujeito. De qualquer forma, é evidente a presença do imaginário em funcionamento e a construção de uma representação móbil, dinâmica e não estática de família.

Se a elaboração da representação social de família é obra do imaginário, então esta representação, que se constrói em função de diversos elementos, está revestida de traços sócio-históricos variáveis que têm a ver em grande parte com o modo pelo qual são vistos e considerados os discursos em diferentes épocas e em cada sociedade.

A sociedade, através do simbólico, cria uma representação social de família. Essa é a idéia que circula. Então, a criança deseja uma família, porque ela nasce numa sociedade que mostra que é essencial viver em família, quando na verdade não é. Afirmo isso porque “o fato de não viver em família” constitui uma “ameaça simbólica” à ordem burguesa, sobretudo, à ordem familiar burguesa.

Seguindo as idéias de Barthes (1988, p. 108), um jogo de passa anel parece pautar essa experiência: a classe dirigente, política e econômica, com a intenção de limitar o poder de produção do imaginário, mantém os participantes do jogo (que pertencem às camadas populares) sentados uns ao lado dos outros, sempre à espera do mesmo anel, ou seja, dos signos que lhe são impostos.

Por outro lado, à luz dessas considerações, como não há sujeito fora da linguagem, como a linguagem é o que constitui o sujeito e, ainda, como a linguagem não é só comunicação, mas é representação, há uma luta permanente do ser humano contra estes signos que lhe são impostos.

Portanto, conforme Castoriadis (1982, p. 153) bem observou, “não podemos jamais sair da linguagem, mas nossa mobilidade na linguagem não tem limites e nos permite tudo questionar, inclusive a própria linguagem e nossa relação com ela”.

De acordo com Pino (2003) a ordem simbólica impõe suas leis ao imaginário, mas não consegue neutralizar seu poder de produção. Isso explica a complexidade da realidade social e cultural da sociedade e suas múltiplas expressões. “A ordem simbólica é constituinte do homem como indivíduo social, mas pode tornar-se uma ameaça para o homem quando se pretende fazer dela a negação do imaginário”. (PINO, 2003, p. 48)

Como a humanidade não tem uma única maneira de elaborar a representação social de família, mas esta representação varia em razão das condições sócio-econômicas, culturais e históricas de cada época – se constituindo como um complexo dinâmico, é possível ora captar elementos simbólicos, simplesmente incorporando e continuando a representação simbolicamente, ora alterar o simbólico, introduzindo elementos novos e produzindo uma nova representação.

Lidamos com o mundo a partir daquilo que percebemos, sentimos e pensamos dele. Portanto, interpretar as representações sociais permite-nos compreender a trama e o drama que se dá ao nível material, concreto e imaginário.

O embate entre estas considerações teóricas, levaram-me a pensar que o importante não é explicar como surge essa representação, se é da experiência vivida ou se é de elementos simbólicos que circulam na sociedade, mas é explicar a dinâmica (o modo de funcionamento) dessa representação. Dito de outro modo, o problema que se coloca é o que o discurso diz, onde circula, para quem diz e como se diz, uma vez que o imaginário entra aí como elemento dinâmico de produção.

Das discussões empreendidas até aqui, vejo que a representação social de família é utilizada pelo Estado e por aqueles que detêm os meios de produção para assegurar determinadas funções e posições sociais.

A análise da representação social de família desmascara, por um lado, o modo como estão sendo reproduzidos e legitimados os valores de uma sociedade dominante que impõe preconceitos e estereótipos às crianças que vivem em instituições de atendimento à infância. E, por outro lado, tal análise revela que o paradoxo observado – crianças que não vivem em família, mas falam o tempo todo em família – é apenas um paradoxo aparente. Afinal, se viver em família não faz parte da natureza humana, mas faz parte do mundo da cultura, então pode-se dizer que as crianças observadas não estão propriamente falando de família. O que ocorre é que o paradoxo surge num contexto em que as crianças estão privadas do convívio familiar e falam o tempo todo de família. Mas se o paradoxo é aparentemente contraditório, onde está a essência da contradição? Percebi que isso eu teria que desvendar através das palavras, dos gestos, e do próprio silêncio das crianças. Nesse momento, surge a questão inevitável: Se estas crianças não estão falando de família, então de que elas estão realmente falando? O que elas não têm e desejam? Por que elas “agarram” os visitantes? A que se referem as vozes insinuando o que está faltando?

Encontrar o fio desse enredo emaranhado que aos poucos foi se formando não seria tarefa fácil. Se minha intenção era a de compreender a riqueza desse universo peculiar a partir da matriz histórico-cultural, que assume a centralidade do entrelaçamento das dimensões cultural, histórica e semiótica⁴⁵ no estudo do psiquismo humano, eu deveria orientar as análises das tramas que se construíam na cotidianidade observada, para uma forma de construção de dados que colocasse em evidência os pormenores que estavam sendo considerados irrelevantes e negligenciáveis,

⁴⁵ À semiótica interessa não como o discurso descreve a *realidade* (ilusão do real), mas como a produz.

afinal, a realidade é nebulosa, confusa e desconexa, mas as crianças deixam “pistas, indícios” (GINZBURG, 1989, p. 177) que nos permitem decifrá-la.

SEGUNDA PARTE

VOZES QUE NÃO SÃO OUVIDAS: DA ANÁLISE À SÍNTESE

Capítulo V

Em busca de pistas

OS PROTAGONISTAS

PAULO
3 MESES

CAMILE
7 MESES

VIVIANE
2 ANOS

DAVI
2 ANOS

KARINA
3 ANOS

RAUL
4 ANOS

RAÍ
4 ANOS

WALMIR
5 ANOS

TONI
5 ANOS

JACI
6 ANOS

SANDRO
6 ANOS

VAGNER
6 ANOS

IEDA
7 ANOS

DANILO
7 ANOS

PATRÍCIA
7 ANOS

CARLOS
7 ANOS

ALBERTO
10 ANOS

VALQUÍRIA
11 ANOS

TALES
11 ANOS

JOÃO
12 ANOS

ANDRÉ LUÍS
12 ANOS

PRISCILA
12 ANOS

ROBERTO
13 ANOS

DAGOBERTO
14 ANOS

HÉLIO
14 ANOS

FÁTIMA
18 ANOS

SILVIA
18 ANOS

A minha vida é muito simples. Eu moro na Casa do Menor. Meu pai e minha mãe morreram quando eu tinha... (começa a chorar) quando eu acabei de nascer. Meu pai e minha mãe morreram. Meu irmão veio junto comigo para a Casa do Menor de São Paulo. E a gente veio para Serra Azul⁴⁶, na Casa do Menor. Olha aqui, lá em São Paulo era muito legal também! A gente brincava, a gente passeava, tudo. A gente ia pra escola estudar, tinha hora pra tudo lá. Aqui é a mesma coisa, só que diferente. É diferente... Aqui as pessoas são legais, algumas são chatas, legais, chatas... E até mesmo tem dois bebês: um de quatro meses e um de um mês. Eu acho legal isso! Porque você não experimenta vim aqui também e porque você também não experimenta vim aqui compartilhar a sua vida conosco? Vem! Aproveite! É um convite que eu estou fazendo.

[João⁴⁷]

João é irmão de Hélió, o menino mais velho da instituição. O pai de João e de Hélió foi preso quando eles ainda eram pequenos e, anos depois, morreu na própria penitenciária. A mãe, abalada com a morte do marido e preocupada em não dar conta de cuidar dos filhos, não quis mais ficar com os mesmos. A avó também não os quis, pois já havia ficado com a irmã dos meninos. Devido a tais motivos, João e Hélió foram destituídos do pátrio poder.

João e Hélió viveram durante algum tempo na rua e depois foram para um abrigo provisório, em uma pequena cidade da região de Campinas. Na época, como este abrigo de menores solicitou duas vagas através de um contrato que mantinha com o Estado, os meninos foram encaminhados para a instituição localizada em Serra Azul. Hoje, João e Hélió são órfãos.

⁴⁶ Como a cidade onde a pesquisa foi realizada possuía apenas uma instituição que atendia crianças privadas do convívio familiar, optei por fazer uso de um nome fictício, por uma questão de ética, para que a mesma não fosse identificada.

⁴⁷ João gravou esta mensagem, isolado, em um dos cantos da área dos fundos da instituição. Como nos primeiros dias de visita eu havia explicado às crianças que iria fazer uma pesquisa e que, por esse motivo, gostaria de conhecê-las melhor, provavelmente João lembrou-se desse fato e, após realizar a gravação, disse que era para eu ouvi-la somente em minha casa. Ele explicou-me que havia falado duas coisas diferentes, porque não queria ser reconhecido: uma delas referia-se ao fato de sua mãe ter sido portadora do vírus HIV e ter falecido, mas isso não ocorreu quando ele nasceu; e a outra se referia ao fato dele e do irmão terem vindo de uma instituição da cidade de Sumaré e não da cidade de São de Paulo.

Episódio 1

Surge um outro paradoxo (aparente)

A caminho da instituição, começou a chover granizo. Quando olhei em direção ao portão de entrada, percebi que Valquíria⁴⁸ estava toda molhada, me esperando na chuva. Assim que me avistou, Valquíria sorriu e disse:

– Eu fiquei preocupada! Eu tava te esperando aqui faz um tempão! Pensei que você não viesse só porque tava chovendo pedra de gelo!⁴⁹ [Valquíria]

Cumprimentei Valquíria com um beijo e caminhei em direção à sala. Alberto, Tales, Patrícia e Danilo estavam sentados no sofá assistindo televisão com uma das monitoras. Assim que me viram, eles se levantaram rapidamente para me cumprimentar e Tales sugeriu que fôssemos até a padaria. Ele e Alberto quiseram ir abraçados comigo, um de cada lado. No entanto, no momento de passarmos pela porta, como não havia espaço para três pessoas passarem simultaneamente, Tales e Alberto começaram a discutir, pois nenhum dos dois queria me soltar. Para evitar maiores confusões, resolvemos o problema atravessando a porta os três abraçados, em fila, com o corpo virado para o lado. Atrás de nós estava Patrícia, segurando a minha bolsa, e Danilo, segurando uma pasta que eu havia levado contendo folhas de sulfite, giz de cera e lápis de cor.

Na padaria havia duas cadeiras velhas de aglomerado, uma mesa com tampo de madeira e estrutura de ferro, com uma televisão e um vídeo-game em cima, um armário e um arquivo de aço. Como estava muito abafado neste local e não havia cadeiras suficientes para todos nós, decidimos ir para a área dos fundos, onde estavam Valquíria e Walmir.

Ao ver as crianças, Valquíria perguntou se as mesmas queriam fazer teatro. Todas concordaram e começaram a definir os papéis:

– Eu vô sê o vampiro! [Tales]

⁴⁸ Este episódio refere-se à história de Valquíria (11 anos) e de seu irmão Carlos (7 anos).

⁴⁹ Dentre as visitas realizadas durante um ano à instituição, apenas em quatro delas Valquíria não estava no portão de entrada me esperando chegar. Os dias em que Valquíria não esteve presente neste local se justifica pelo fato da menina ter saído para ir à escola na recuperação paralela.

FILHOS DA LUA

– Eu vô sê a mãe. [Valquíria]

– Eu sô o filho adotivo. [Walmir]

– Eu quero sê o personagem principal. [Alberto]

– Então, cê é o pai! [Tales]

– Isso! O pai que protege a família dos vampiros do mal! [Alberto]

– Então, vai! Começô! [Danilo]

As crianças começaram a correr apavoradas. Walmir gritava para Alberto:

– Papai! Papai! Socorro! [Walmir]

– Cadê o pai? Cadê ele? Vem ajudá, porque eu sô amiga do vampiro. Eu sô o Saci-Pererê.

[Patrícia – falando para Alberto]

– Eu vô corrê com meu filhinho pra protegê ele, pra ninguém pegá ele! [Valquíria]

Alberto começou a correr atrás de Tales e Danilo, mas como se cansou rapidamente, ele acabou dizendo à Valquíria:

– Eu não quero mais brincá. Faiz-de-conta que o pai dele morreu. Teve Aids. [Alberto]

– Ah! Sem pai não tem graça! Só eu não consigo tomá conta do filho! Se você saí eu não brinco mais! [Valquíria]

As crianças se dispersaram com a saída de Alberto e a brincadeira terminou desta maneira.

CENÁRIO ANTIGO

De acordo com a assistente social, Valquíria e Carlos vivenciaram situações de maus-tratos e violência física⁵⁰, desencadeadas pelo fato dos pais serem alcoólatras. Por esse motivo, o Juiz encaminhou os dois irmãos para a instituição e proibiu a visita dos pais por tempo indeterminado. Segundo a assistente social, isso é difícil de acontecer, mas no caso daquela família havia sido necessário tomar tal decisão.

Segundo a assistente social, Valquíria chegou à instituição com cinco anos de idade, apresentando apatia, depressão e melancolia. Por isso, na ocasião, se Valquíria não fosse tirada da família, ela seria capaz até mesmo de morrer. Valquíria tinha tanto medo que chegava a tremer e a ficar toda empipocada quando alguém a tocava. Ela quase não falava e as poucas palavras que pronunciava não eram possíveis de serem compreendidas. Desse modo, a partir de uma determinação judicial, Valquíria passou a receber o atendimento de psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais.

⁵⁰ A assistente social explicou-me, durante conversas informais, que não poderia mencionar exatamente os fatos que levaram as crianças a serem encaminhadas à instituição, uma vez que tais fatos constituíam segredo judicial.

Carlos, por sua vez, chegou à instituição com um ano e meio. De acordo com o depoimento da assistente social, ainda não falava e era extremamente agressivo. Na verdade, as duas crianças foram encaminhadas duas vezes para a instituição, sendo que na primeira vez, ficaram um ano na casa.

– Eu lembro quando Valquíria chegou pela primeira vez na instituição. Assim que eu abri o portão, os olhinhos dela se iluminaram. Lembro da carinha dela. Ela olhou tudo e era como se ela estivesse chegando num paraíso. Ela imediatamente entrou pelo corredor, subiu as escadas, ia chamando todo mundo, ia falando com todo mundo. Ela passou o dia gritando, mas feliz da vida. Ela pegava os brinquedos, como se tudo fosse dela. Ela ficou extremamente feliz. Valquíria saiu de uma situação horrorosa e foi acolhida por um lugar que, naquele momento, salvou a vida dela. Por isso, Valquíria era uma das crianças que gostava do abrigo. [assistente social]

Nessa época, o Juiz solicitou às assistentes sociais da Secretaria da Criança e do Adolescente, do Fórum e da própria instituição, que fizessem o acompanhamento do caso durante sessenta dias, conversando com os pais, interferindo em alguns aspectos e dando-lhes orientações. Logo depois, foi permitido a eles visitarem os filhos na instituição. A esse respeito a assistente social disse:

– Quando o pai veio para a visita a primeira vez, Valquíria chegou a tremer de medo. Ela não se aproximava do pai de jeito nenhum. Ele dizia: “Vem cá, Valquíria”, e ela até arriscava se aproximar um pouco, mas ia morrendo de medo. Assim que chegava perto dele, ela voltava rapidinho para se esconder atrás de mim. Durante a visita, eu e duas assistentes sociais ficávamos presentes. A mãe, por sua vez, ficava parada com Carlos no colo e mal conseguia segurá-lo. A mãe de Valquíria e de Carlos tinha diversos problemas. Embora ela não tivesse cuidado direito dos filhos, na realidade ela também havia sido uma vítima da violência. Eu conhecia o histórico dela e sabia que ela não estava bem. Ela simplesmente reproduziu o que ela aprendeu, o que ela entendia de cuidado, de amor. [assistente social]

Apesar de todas as tentativas de orientação por parte dos profissionais envolvidos no caso, os pais de Valquíria e de Carlos acabaram se separando, uma vez que já vinham apresentando sérios problemas de relacionamento. Diante deste fato, as assistentes sociais documentaram em relatórios e pareceres técnicos tudo o que haviam observado a fim de subsidiarem e agilizarem as decisões judiciais.

Durante esse trabalho, elas descobriram que Valquíria e Carlos pertenciam por parte de pai, a uma família grande e tradicional da cidade. Sendo assim, as assistentes sociais procuraram alguns membros desta família e pediram para que os mesmos acolhessem as crianças, após explicarem a necessidade de as mesmas estarem próximas de uma família, ao invés de ficarem confinadas em um abrigo de menores.

Depois de um ano, Valquíria e Carlos deixaram a instituição para morar com um casal de tios, extremamente responsáveis, cumpridores das determinações dadas pelos profissionais que acompanhavam o caso. No entanto, conforme salientou a assistente social, essa tentativa não deu certo, porque o pai começou a se embriagar novamente e a frequentar a casa dos tios de Valquíria e Carlos, fazendo escândalos e causando problemas para esta família.

De fato, pude perceber que o tema “alcoolismo”, vivenciado por Valquíria no contexto familiar, vez ou outra, emergia em uma situação de jogo simbólico:

Valquíria entrou na padaria e viu que Ieda estava brincando com um fantoche. Ela propôs à colega que mudasse a brincadeira:

– Vamo brincá de imitá bêbado? [Valquíria]

– Vamo!!! [Ieda]

Danilo aproximou-se e disse que também queria brincar. Ele e Ieda começaram a girar sem parar.

– Não é nada disso! Tá tudo errado! Eu vou ensiná. [Valquíria]

Valquíria pegou um estojo de pano e levou-o à boca, como se fosse uma garrafa de bebida. Então, ela começou a cambalear, a virar os olhos e a imitar o modo de falar de uma pessoa embriagada:

– Cadê a minha cachaça? Homem nenhum presta! Eu não quero tê filho! Eu vô matá meus filhos! Pára de gritá, de chorá! Eu não agüento ouví esse choro! Eu quero a minha cachaça! [Valquíria – gritando]

Nesse momento, Ieda pegou um cinto que estava em cima da mesa, colocou-o na cintura e depois puxou-o com força, batendo-o no chão:

– Eu tô cheia desses filhos! Eu vou batê nessas crianças até estorá! [Ieda gritava, pulava e cambaleava com o cinto na mão]

Danilo deitou no chão e disse:

– Eu tô bêbado. [Danilo]

– Eu não quero sabê de nada! Eu vô bebê minha cachaça até cá! [Valquíria levou novamente o estojo à boca e continuou cambaleando]

Segundo a assistente social, em decorrência do problema de alcoolismo do pai e das situações constrangedoras que começaram a acontecer na casa dos tios, o Juiz decidiu encaminhar novamente Valquíria e Carlos para a instituição. Por esse motivo, para a assistente social, acabou ocorrendo um retrocesso em relação a tudo o que havia sido feito pelas crianças até aquele momento.

Depois disso, a ação de destituição começou a caminhar e o pai foi chamado para dar esclarecimentos de como a situação iria ficar: se ele iria aderir a algumas determinações do Juiz ou não. No entanto, nesse período, o pai de Valquíria conheceu uma senhora e começou a namorá-la. A assistente social comentou que essa senhora, que Valquíria chamava de tia Íris, havia sido a única pessoa, até aquele momento, capaz de interferir positivamente na vida do pai da menina, a ponto de fazê-lo até mesmo parar de se embriagar. Como a história começou a mudar, surgiu um pedido para que Valquíria e Carlos pudessem passar os finais de semana com o pai, na casa dessa senhora. Esse pedido foi atendido pelo Juiz para ver como o caso iria caminhar, ou melhor, para ver se ainda haveria alguma possibilidade futura das crianças retornarem ao convívio familiar, desde que o pai continuasse se relacionando com essa senhora.

De acordo com a assistente social, o abrigo é uma das medidas de proteção previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (art. 101), de caráter provisório e excepcional, cujo objetivo é proteger e acolher a criança, mantendo a esperança de (re)estruturação familiar. Por esse motivo, enquanto a criança permanece no abrigo, há um procedimento verificatório por parte de assistentes sociais e psicólogos, no sentido de obter informações sobre a ocorrência de alguma mudança com relação aos pais ou ao lugar e às condições em que vivem.

A assistente social disse que a rede de atendimento à criança sempre discute os casos de violência para dar uma direção, porque a criança não pode ficar muito tempo dentro da instituição sem que a família resolva se vai aderir a alguns dos aspectos que o Juiz determina. Se os pais têm dependência química, por exemplo, eles passam por um processo de supervisão e avaliação e são encaminhados ao psiquiatra ou ao grupo de terapia. No entanto, se passar algum tempo e não houver mudanças, se os pais não aderirem a nada, não visitarem regularmente a criança, não demonstrarem nenhum vínculo, então pode ocorrer a destituição do pátrio poder:

– Há casos em que o bebê é tirado da mãe, mas ela vem semanalmente para visitá-lo e cumpre todas as determinações. É possível observar nesse caso que o vínculo é muito forte. A mãe supera todos os seus problemas para rever o filho. Mas tem pais que dão graças a Deus quando os filhos

são encaminhados para a instituição. Em casos como este, através de um relatório, emitido por um grupo de profissionais tais como: assistentes sociais, psicólogos, médicos, o Juiz dá um parecer final e o processo termina em destituição do pátrio poder. Neste relatório, o testemunho das assistentes sociais tem um peso grande. No entanto, os profissionais envolvidos têm que esgotar todas as possibilidades de retorno à família de origem ou parentes próximos e padrinhos, antes de cogitar a destituição do pátrio poder. Em último caso é que as crianças são destituídas da família, ficando na instituição até atingirem a maioridade ou até serem adotadas. Uma condição que também procura ser preservada é a não separação de irmãos no abrigo, no caso de adoção ou colocação em família substituta. [assistente social]

A assistente social contou que, a partir das mudanças ocorridas com o pai de Valquíria, o Juiz liberou novamente a visita do mesmo à instituição. Apenas dele, da mãe não, uma vez que ela não havia cumprido as determinações judiciais. Mesmo assim as assistentes sociais continuaram analisando se existia vínculo entre o pai e as crianças, se ele realizava regularmente as visitas e se as crianças queriam vê-lo.

Segundo a assistente social, durante a análise do processo de Valquíria e Carlos, a visita da mãe foi proibida porque alguns acontecimentos envolvendo-a contribuíram para agravar ainda mais a situação. Em seu depoimento, ela comentou que depois que Valquíria e Carlos passaram a morar na instituição, a mãe teve mais dois filhos, de pais diferentes.

O primeiro filho, Robson, caiu do beliche várias vezes e bateu a cabeça no chão, a ponto de abri-la. Por esse motivo, Robson quase morreu. O sangramento ocorreu de tal modo, que não se sabe como essa criança sobreviveu. No momento em que Robson foi hospitalizado, descobriu-se que ele era hemofílico. De acordo com os depoimentos das funcionárias da instituição, a mãe não tinha condições psicológicas de cuidar do menino, uma vez que ela chegava a pedir para uma criança de dois ou três anos, filha de alguma vizinha ou parente que estava em sua casa, ficar olhando o bebê enquanto ela saía de casa para telefonar.

A cidade inteira ficou sabendo do caso e as pessoas comentavam que a mãe é que havia jogado a criança no chão ou contra a parede. Então, esse filho também foi tirado da mãe e encaminhado para a mesma instituição onde Valquíria e Carlos estavam.

No entanto, a assistente social afirmou que a situação piorou ainda mais, porque a mãe de Valquíria não havia sido proibida de visitar Robson. Quando a mãe ia visitá-lo na instituição, às vezes Valquíria e Carlos se aproximavam, mas ela apresentava dificuldades até mesmo para falar. Ela não conseguia se expressar e as crianças não gostavam de ficar com ela. A mãe chegou a

reclamar com uma das monitoras a respeito dessa indiferença dos filhos, mas a assistente social comentou que ela havia recebido autorização para visitar somente Robson. Porém, se Valquíria e Carlos quisessem ver a mãe, as funcionárias da instituição não poderiam proibi-los. Por outro lado, se Valquíria e Carlos não quisessem vê-la, do mesmo modo as funcionárias não poderiam obrigá-los a isso, até porque a visita não era para eles.

Nesse período, a mãe de Valquíria ficou grávida novamente, e Robson, que estava na instituição, foi adotado, uma vez que o Juiz acabou optando pela destituição do pátrio poder. Certo dia, ela chegou à instituição e ficou desesperada porque o menino tinha ido embora sem que ela pudesse se despedir.

A monitora Nadir, durante uma conversa informal, comentou sobre este acontecimento. Ela disse que Valquíria e Carlos tinham um irmão que havia sido adotado por um casal que morava na própria cidade. No momento da adoção, como havia a possibilidade de mudar o nome da criança, o casal decidiu alterar o nome de Robson para Lucas. Isso porque, de acordo a monitora Nadir, os pais adotivos eram muito religiosos e por considerarem a adoção “uma bênção de Deus”, preferiram colocar no menino um nome bíblico. Nadir disse que quando Robson chegou à instituição, ele tinha poucas chances de vida e as funcionárias não sabiam o que fazer para ajudá-lo:

– Um dia a assistente social conversou com todas as monitoras e disse que ia chegar um menino na instituição, de aproximadamente um ano, que ela não sabia se ia viver. Quando morava com a mãe, o menino havia caído do berço várias vezes e havia batido a cabeça. Eu não sei explicar muito bem o que aconteceu, só sei que ele teve um problema no cérebro e acabou ficando com um lado paralisado. Quando nós vimos o Robson, nós não sabíamos o que fazer para ajudar, porque ele chorava e ficava roxinho. Eu ficava desesperada e até chorava. Nós levamos o Robson na Unicamp pra fazer acompanhamento médico e ele teve que fazer uma cirurgia. Mesmo assim, Robson continuou tendo dificuldades pra respirar. A médica disse que se fechasse um negócio aqui [apontou para a traquéia], não iria precisar fazer outra cirurgia, caso contrário, iria precisar. Então, a médica fez o exame e, graças a Deus, não foi preciso. Eu orava ao pé da cama para Robson melhorar. Aquela criança tinha uma vontade de viver! Isso estava nos olhinhos dele, não é Cidinha? [Nadir – referindo-se à outra monitora]

Cidinha, com os olhos cheios de lágrimas, fez sinal de afirmativo com a cabeça. Nadir continuou:

– Por mais que aqui na casa a gente dê atenção às crianças, Robson precisava de um cuidado especial e Deus fez com que duas pessoas boas adotassem esse menino. O casal disse que tinha vindo apenas pra fazer uma visita, mas assim que os dois viram o Robson, eles se apaixonaram pelo menino. Além de todos os problemas, Robson também é hemofílico e hoje ele tem a atenção que precisa. A mãe adotiva montou o quarto dele, comprou as roupas dele, tudo novo, como se fosse ganhar um filho da barriga, como se estivesse esperando. Hoje, graças a Deus, Robson está melhorando porque o casal leva ele pra fazer tratamento. Agora já está voltando alguns de seus movimentos e ele respira bem. Ele está com dois anos. [Nadir]

A monitora Beatriz também comentou a respeito dessa vontade de viver do irmão de Valquíria:

– Robson tinha um problema no braço e não era uma criança que chamava tanta atenção como o Paulo⁵¹, mas ele tinha alguma coisa, que eu não sei explicar o quê era, mas que deixava todo mundo encantado. Acho que tinha muita vida dentro dele. Foi por ter esse jeito especial que o Robson foi adotado. Eu gostava muito dele! [Beatriz]

Durante uma conversa informal a assistente social disse que logo depois que Robson foi adotado, Paulo nasceu, mas a mãe nem chegou a vê-lo porque o bebê saiu do hospital e foi direto para a instituição, uma vez que, segundo ela, o Juiz não iria permitir que uma mãe com um histórico tão complicado, colocasse novamente em risco a vida de outra criança. A mãe de Valquíria também foi proibida de visitá-lo na instituição. A assistente social disse que foi necessário tomar essa decisão porque ela poderia ter outro filho, já que se recusava a se submeter à cirurgia contraceptiva e não usava nenhum método anticoncepcional para evitar a fecundação. Por esse motivo, se ela ficasse grávida novamente e tivesse outro filho, com certeza o vínculo seria tão curto quanto fora aquele estabelecido com Robson e depois com Paulo.

Paulo ficou pouco tempo na instituição, pois havia muitos casais interessados em adotá-lo. Em certa ocasião, perguntei à monitora Marta se Valquíria e Carlos também teriam que ser adotados pela mesma família e ela disse que não, pois eles eram filhos de pais diferentes. Além disso, o pai de Valquíria e de Carlos havia reclamado a guarda dos filhos, e quando isso acontece a criança não pode ir para a adoção. Já com relação a Paulo, Marta disse que não haveria esse problema, uma vez que a mãe teve vários relacionamentos com outros homens e não sabia quem poderia ser o pai do menino.

⁵¹ Trata-se do outro irmão de Valquíria, que nasceu depois de Robson.

De qualquer forma, tanto para a assistente social quanto para as funcionárias, Valquíria e Carlos guardavam um sentimento de revolta em relação à mãe, porque após a separação, o pai passou a induzir os filhos a acreditar que a violência que eles haviam vivenciado no passado havia sido provocada pela mãe. Sem contar que, durante as visitas que foram autorizadas posteriormente à instituição, o pai dizia às crianças que a mãe ficava dormindo na praça da cidade e sempre estava com um homem diferente; que a mãe não ia à instituição para vê-los, mas ia para visitar apenas Robson; e que a mãe não sabia cuidar dos filhos, pois também havia perdido a guarda de Robson e Paulo, uma vez que eles também haviam sido encaminhados à instituição. A assistente social comentou que estes foram os motivos que reforçaram ainda mais o distanciamento e a indiferença que Valquíria e Carlos tinham pela mãe:

Valquíria estava na área dos fundos. Danilo aproximou-se e disse:

– O seu irmão xingô a minha mãe. Ele falô que eu era filho-da-puta e agora eu vô xingá a mãe de vocês. Depois não adianta ele reclamá pra você vim me batê! [Danilo]

– Pode xingá Danilo, se quisé! Eu não tô nem aí! Eu não sinto falta dela! [Valquíria]

A assistente social disse que conversa bastante com Valquíria, enfatizando que a história não ocorreu exatamente como o pai, em determinada época, havia contado aos filhos. Ela procura explicar à Valquíria que a mãe não conseguiu cuidar dos dois porque enfrentou dificuldades que surgiram em decorrência de problemas psicológicos. Além disso, a assistente social comentou que procura fazer Valquíria compreender algo com que ela tem que conviver, sem se sentir odiada.

INCOMPREENSÍVEL AO OLHAR

Quando conheci Valquíria e Carlos, eles ainda estavam sendo atendidos pelo Centro de Saúde Mental do município. Apesar de Valquíria ter recebido alta da fonoaudióloga há algum tempo porque havia começado a falar sem dificuldades, ela ainda estava tendo acompanhamento com psicólogos e pedagogos.

A assistente social e as monitoras comentaram que Valquíria havia se apegado demais aos irmãos menores, Robson e Paulo, mas como cada um deles saiu da instituição para morar com uma outra família⁵², ela estava sentindo muita falta dos dois:

As crianças estavam na sala de televisão brincando com um jogo. Alberto comentou:

– Tia, sabia que o irmão da Valquíria foi adotado? [Alberto – referindo-se a mim]

– Eu não. [pesquisadora]

Valquíria ficou em silêncio. Depois de alguns minutos, ela pediu à monitora Nadir para pegar a foto que ela havia tirado ao lado do irmão, para que eu pudesse conhecê-lo. Na foto estava Valquíria, Paulo e Robson. Valquíria ficou com o olhar fixo na foto e em seguida falou com a voz trêmula:

– Eu sinto muita falta dos meus irmãos. [Valquíria]

Estávamos na área dos fundos conversando. Fátima perguntou se eu era feliz. Antes que eu dissesse qualquer coisa, Valquíria interferiu:

– Eu sô feliz quando eu sei de uma notícia boa dos meus irmãos. Às vezes eu fico triste porque eu queria í embora com o meu pai. É o que eu desejo, em primeiro lugar! Eu queria í embora com a minha família, porque eu sinto saudade. Eu não vejo a minha família direito. [Valquíria – abaixando a cabeça]

– A Valquíria pergunta muito do Paulo. Às vezes ela chora por estar com saudades dele. Ela era muito apegada ao irmão. Os pais adotivos deram o telefone pra ela ligar a hora que ficasse com saudades. Mais de que adianta? O bebê ainda não fala! É uma pena! Não se deve tentar esconder da criança ou tentar fazer a criança esquecer de onde ela veio. [Nadir]

Segundo a assistente social, estes fatos, ao lado de todos os outros que Valquíria vivenciou durante a infância, contribuíram para que ela passasse a apresentar problemas de relacionamento com as outras crianças, com as monitoras e com o próprio irmão.

Carlos pegou um apito e começou a assoviar bem alto. Como as crianças menores estavam dormindo, Valquíria interferiu:

– Esse moleque! Me dá aqui! [Valquíria]

– Dona, essa semana a Valquíria pegô a faca de ponta e ia matá o irmão dela. Eu acho que o capeta tava no corpo dela! [Alberto]

⁵² De acordo com a monitora Marta, Paulo está morando com uma família, mas ainda não foi adotado, pois o Juiz, em princípio, concedeu ao casal somente a guarda provisória do menino por um ano, para depois concedê-la definitivamente. Marta comentou que antes de adotar uma criança, o Juiz investiga detalhadamente a vida do casal.

Valquíria ficou sem jeito. Mesmo assim, completou:

– É esse moleque besta! Ele não obedece! Qualquer um perde a paciência! [Valquíria]

A monitora Nadir, que estava próxima, comentou:

– Outro dia a Valquíria brigou com o Carlos de rolar no chão, puxar o cabelo e um esmurrar o outro. E olha que são irmãos! [Nadir]

Valquíria e João estavam brincando de pega-pega. Durante a brincadeira, Valquíria se desentendeu com João e jogou uma cadeira de madeira em cima do menino, com o intuito de acertá-lo. No entanto, João conseguiu desviar o corpo da cadeira, impedindo que um acidente grave tivesse acontecido.

A monitora Nadir comentou que, em certa ocasião, Valquíria bateu tanto em Ieda que a menina chegou a sangrar. Como Valquíria estava incontrolável, ela teve que chamar a assistente social para ajudá-la a apartar a briga e a acalmar Valquíria.

Conforme a monitora Irene relatou, há momentos em que Valquíria tem “uma espécie de crise” que ninguém consegue controlar. Durante uma conversa informal, Silvia, a menina mais velha da instituição, também mencionou “estas crises” que Valquíria geralmente tem:

– Valquíria sofreu muito na infância. Ela ficou traumatizada e às vezes tem umas crises. Ela bate nos pequenos, xinga todo mundo, sobe no telhado da casa e sai quebrando tudo o que vê pela frente. Ela faz isso porque quer chamar a atenção de todo mundo, principalmente da tia Laura, a assistente social. Outro dia a Valquíria subiu em cima do telhado e a tia Marta pediu pra ela descer porque ela podia cair de lá. Ela não obedeceu e começou a batucar tão forte no telhado que acabou quebrando um pedaço dele. A tia Laura teve que sair correndo e ir até lá pra falar com a Valquíria. [Silvia]

Por outro lado, a assistente social comentou que considerava ser inacreditável o fato de Valquíria ter sido capaz de se levantar depois de vivenciar tantos acontecimentos difíceis e conflituosos. Ela disse que o mais impressionante de toda a situação, é que Valquíria havia mudado muito, porque mesmo a violência física/simbólica tendo sido mais por parte do pai, hoje Valquíria demonstra adorar esse pai e ter uma expectativa muito grande de voltar a viver com o mesmo. A assistente social afirmou, ainda, que esse modo de agir também podia ser observado em relação a Carlos.

Algumas situações que ocorreram em ocasiões distintas envolvendo Valquíria e Carlos acenavam para estes aspectos destacados pela assistente social:

No dia vinte e dois de dezembro, eu, meu marido e minha filha fomos levar um presente de Natal para as crianças. Logo que chegamos, vimos Valquíria sentada na varanda com a cadeira posicionada de frente para um homem moreno e magro. Parecia uma visita formal e distante. No entanto, assim que nos viu, Valquíria se levantou e apresentou com orgulho e empolgação o homem com o qual ela estava conversando. Era seu pai. Ele também se levantou para nos cumprimentar e aproveitou para se despedir da filha.

Estava no degrau da escada da padaria observando André Luís, Tales e Alberto fazerem as atividades escolares. Valquíria aproximou-se e, sem mais nem menos, comentou sobre a última visita que o pai havia feito a ela e ao irmão. Ela disse:

– Tem dia que meu pai vem visitá a gente e depois que ele vai embora, o Carlos fica andano pela casa nervoso. Dessa última vez que meu pai veio aqui, o Carlos chorou. Ele queria í embora daqui. Até eu queria í embora com meu pai! [Valquíria]

Estávamos na padaria. Como eu havia levado o gravador, Carlos queria que eu gravasse a sua voz. Ele disse:

– Tia, eu tô nessa casa porque a polícia me pegô e me trouxe aqui. [Carlos]
– O que aconteceu? [pesquisadora]
– Nada. Meu pai tava levando eu pra escola, aí a polícia pediu eu pro meu pai. Daí meu pai dexô. Aí eu vim aqui. Meu pai não tem culpa de nada. Agora grava. [Carlos]
– Tá gravando. [pesquisadora]
Viviane aproximou-se nesse momento e disse:
– Eu quero í embola. [Viviane – chorando]
– Não é só você, Viviane! Eu também quero í embora com meu pai. [Carlos]

João, Tales, Roberto, André Luís, Dagoberto e Carlos estavam na padaria assistindo a um filme. Carlos estava com um crucifixo pendurado no pescoço. André Luís falou em tom de sarcasmo:

– Tá se protegendo de vampiro? Tá com medo? [André Luís]
– Não, ô! É meu pai que me protege e que cuida de mim! Logo eu vô morá com ele! [Carlos]
– Um dia, dona, o Carlos assistiu “O exorcista” e não saiu mais do pé das tias, de tanto medo! Quando ele ia dormir eu batia na porta e falava assim: “Cuidado heim, Carlos!” Aí ele começava a pedir o pai. Era maior da hora, dona! [André Luís]

Estávamos na área dos fundos. Fátima estava entrevistando algumas crianças a partir de um roteiro de perguntas que Alberto havia trazido da escola e que fazia parte de uma atividade a ser entregue no dia seguinte. Como eu estava com o gravador, Alberto me pediu para gravar a entrevista. Fátima perguntou para Carlos:

– Onde você mora? [Fátima]

– Eu moro com a minha família. [Carlos]

– Cê mora aqui, ô, na Casa do Menor! [Fátima – falando com ironia]

– Desgrava isso, então, dona! [Carlos – referindo-se a mim]. Em seguida, aproximando-se do gravador, Carlos falou baixinho:

– Eu queria í embora com o meu papai. [Carlos]

Nesse momento, ao ter em conta as diversas situações observadas envolvendo Valquíria e Carlos, comecei a suspeitar que as explicações dadas pela assistente social e pelas monitoras com relação ao modo de agir dos dois irmãos, também revelavam apenas a “superfície”. Por esse motivo, com o intuito de estudar os pontos nodais distintos da problemática que os envolvia, decidi retomar novamente a dialética entre *essência* e *aparência* e lançar um novo olhar sobre as profundezas dessa realidade.

Episódio 2

Desejo intenso

Como de costume, Valquíria estava me esperando na varanda da casa. Ela estava andando no velotrol de uma das crianças menores. A monitora Irene veio abrir o portão e pediu para Valquíria deixar o brinquedo, pois ela era grande e poderia quebrá-lo. Cumprimentei-as e fui direto para a área dos fundos, uma vez que a monitora Irene havia dito que as crianças estavam brincando neste local. Assim que me avistou, Toni veio correndo me abraçar e disse:

- Vamo brincá de filhinho e só você é a mamãe e nós é tudo filhinho? [Toni]
- Vamos! [pesquisadora]
- Eba! Eba! Eba! [crianças]

Mal havia cumprimentado as outras crianças e todas já estavam me abraçando e comemorando por eu ter aceitado participar da brincadeira:

– Não vai tê pai, só mãe. A mãe é você e ela é a avó. [Toni – apontando para mim e para Ieda, respectivamente]

– Eu não! Eu não vô sê a avó, não! [Ieda]

– Eu vô sê o avô. Ah, não! Eu vô sê o filhinho. [Toni]

Karina e Davi, que não estavam participando da brincadeira, me chamaram:

– Mãe! [Karina]

– Mamãe! [Davi]

Viviane⁵³ interferiu:

– Não é mamãe! [Viviane]

– É de mentirinha, Viviane! [Toni]

Viviane não entendeu muito bem o comentário de Toni e continuou insistindo que eu não era a “mamãe”. Toni reforçou ainda mais os papéis que iríamos ocupar, dizendo:

– A Ieda é a avó, e você é a mamãe, e eu sô o filhinho, e todas as crianças daqui são os filhinhos! [Toni]

Viviane ficou nervosa e partiu para cima de Toni para mordê-lo.

– Não é mamãe! Eu não sô filinho! Eu sô Viviane! [Viviane]

⁵³ Este episódio refere-se à história de Viviane (2 anos).

Danilo, com o intuito de defender o irmão, empurrou Viviane, e ela, após cair sentada no chão, começou a chorar. Enquanto eu procurava acalmá-la, as crianças acabaram se dispersando e a brincadeira nem chegou a se iniciar.

Atentando para as falas desta situação de jogo simbólico pude perceber que as crianças menores geralmente me chamavam de mãe. O mesmo aconteceu em uma outra situação observada:

As crianças menores estavam na área dos fundos. Algumas queriam desenhar e outras queriam brincar com um jogo de encaixe que eu havia levado. As crianças estavam agitadas e todas queriam chamar a minha atenção:

– Mãe! Mãe! Mãe! [Karina]

– Mamãe, quero desenhá! [Toni]

– Ô mãe! Olha! [Raul – mostrando uma peça do jogo que havia caído embaixo da mesa]

Raí machucou o braço no balanço e veio buscar consolo comigo, chorando. Ele dizia:

– Mãe! Mãe! Machuquei! [Raí]

Procurei acalmar Raí, dando-lhe um beijo no rosto e abraçando-o. No mesmo instante ele parou de chorar. Viviane, demonstrando estar zangada, disse:

– Mamãe? Mamãe não! [Viviane]

Apesar da intervenção de Viviane, as outras crianças continuaram me chamando de mãe:

– Manhêêêê! [Jaci – gritando para que eu visse seu desenho]

– Mãe, mãe, mãe, consegui! [Walmir – mostrando que havia conseguido encaixar uma peça do jogo]

Nesse momento, Viviane chutou as pecinhas do jogo que Walmir estava montando e disse ainda mais irritada:

– Não é mamãe! [Viviane]

Durante uma conversa informal com a monitora Marta, ressalttei que desde o meu primeiro dia de visita na instituição, as crianças menores me chamavam de mãe, com exceção de Viviane que sempre dizia que eu não era “a mamãe”. Embora eu tivesse percebido que as crianças chamavam as monitoras de tia, perguntei para Marta se as crianças, eventualmente, as chamavam de mãe. Marta respondeu:

– Quando algumas chegam, no começo, elas às vezes chamam de mãe. Até a gente às vezes esquece e fala: “Vem filho, vem trocá de roupa! Vem dormi!” Mais a gente trabalha explicando pra criança que nós não somos mães. Tinha uma moça que vinha fazer trabalho e as crianças também

chamavam de mãe, agora ela já foi embora. Vinha um rapaz também fazer trabalho e o Davi chamava ele de pai. Era só ele que chamava o moço de pai. Geralmente é a mãe que eles chamam. Já a Viviane, como você sabe, está pra sair. Então a mãe está muito presente vindo visitar ela. A mãe mostra que gosta dela. A presença da mãe é forte na vida dela. [Marta]

Tendo em conta este comentário, aproveitei para perguntar porque Viviane estava na instituição. Marta disse que o problema maior era o pai de Viviane, uma vez que o mesmo era alcoólatra. Marta disse também que depois que Viviane foi para a instituição, os pais se separaram e por esse motivo eles iam visitá-la em dias diferentes para não se encontrarem.

SENTIMENTO INDEFINÍVEL

De acordo com a monitora Marta, Viviane gostava tanto do pai quanto da mãe, a ponto de, até mesmo, se sentir mal antes e após as visitas dos mesmos. Diversas vezes ao dia, Viviane chorava pedindo o pai, a mãe ou a irmã.

Karina aproximou-se e disse:

– Mamãe vem hoje! Mamãe vem hoje! [Karina]

– A mamãe vem te vê? [pesquisadora]

Karina fez sinal de afirmativo com a cabeça. Viviane, que estava ao lado, escutou e disse:

– Quero mamãe! Quero mamãe! [Viviane]

Logo em seguida, Viviane começou a chorar.

Havia dado o horário da assistente social ir embora. Ela veio se despedir. Nesse momento, eu estava segurando Viviane no colo, tentando acalmá-la, pois ela estava chorando de modo incontrolável, pedindo o pai. No entanto, as outras crianças menores também queriam que eu as segurasse no colo. Algumas até fingiam que estavam chorando. Como elas haviam formado uma fila, coloquei Viviane no chão e fui pegando uma de cada vez. Então, Viviane começou a chorar ainda mais, ao mesmo tempo em que dizia: “Buna! Buna! Buna!”

Perguntei às crianças quem era “Buna” e elas disseram que era a irmã de Viviane.

Estava na padaria com outras crianças. Viviane aproximou-se e disse:

– Doi baiga! Doi baiga! [Viviane]

– Está doendo a barriguinha? Vamo lá falá com a tia Marta. [pesquisadora]

Marta estava na sala de televisão com Paulo no colo:

– Marta, a Viviane disse que está com dor de barriga! [pesquisadora]

– Eu já dei remédio. É que quando ela pensa no pai, ela fica assim. Aliás, toda quinta-feira, um dia antes da visita, ela fica assim. Parece até que ela sabe que amanhã é dia de ver alguém da família. [Marta]

Estávamos brincando de ciranda perto do portão que dá para o terreno baldio ao lado da casa. Viviane encostou o corpo na parede e ficou emburrada. Perguntei:

– Quer brincar, Viviane? Vem! [pesquisadora]

– Bincá, não! Bincá, não! Quero papai! [Viviane – fazendo expressão de brava e se encolhendo na parede]

Logo depois, Viviane começou a chorar.

As crianças estavam lanchando no refeitório. Viviane estava chorando e não conseguia comer. Perguntei à Nadir porque Viviane chorava tanto. Nadir disse:

– Ah! Toda vez que alguém vem vê ela, ela fica assim. [Nadir]

– O pai dela veio visitá-la hoje? [pesquisadora]

– Não, mais veio um moço fazê doação e quis tirá foto. Ele tirô foto com ela e ela ficô assim. Ela deve ter lembrado do pai. [Nadir]

As monitoras Nadir e Marta chamaram as crianças para almoçar. Assim que Viviane entrou no refeitório e avistou Danilo, que havia cortado o cabelo, ela disse:

– Parece papai! Papai! [Viviane]

As monitoras começaram a rir:

– Parece o pai dela mesmo. Ele é fortinho que nem o Danilo. E agora que o Danilo cortô o cabelo, tá ainda mais parecido. [Marta]

No mesmo instante, Viviane começou a chorar e a chamar o pai.

De acordo com a assistente social, Viviane era uma criança que solicitava o tempo todo a atenção de algum adulto, chorando e pedindo colo:

Viviane não saía do meu colo. Valquíria interferiu:

– As costas da dona vai ficá doeno. Vai no chão, Viviane! [Valquíria]

Tentei colocá-la no chão, mas ela começou a chorar de modo ininterrupto.

Entrei na sala de televisão para brincar com as crianças. Viviane estava chorando e assim que me viu, começou a puxar a minha camiseta e a pedir colo. Alberto, Tales e André Luís me chamaram para ir até a área dos fundos. Viviane começou a chorar ainda mais, dizendo:

– Não! Embola, não! Embola, não! [Viviane]

No mês de outubro, eu, minha irmã e algumas amigas, decidimos fazer uma festinha para as crianças da instituição. Logo que chegamos, nos dirigimos à área dos fundos e Viviane começou a pedir a uma das visitantes para segurá-la. Durante toda a festa Viviane ficou sentada nas pernas da visitante Roberta. Como estava muito calor e Roberta mal podia levantar que Viviane ameaçava chorar, me ofereci para segurá-la um pouco, a fim de que Roberta pudesse descansar. No entanto, Viviane não quis vir comigo e começou a falar com voz de choro:

– Fica no cóio! Fica no cóio! [Viviane]

Ao final da festa, quando Roberta anunciou que precisava ir embora, Viviane começou a chorar ininterruptamente.

Viviane raramente sorria e chorava tanto que, em alguns momentos, as próprias crianças procuravam acalmá-la:

Viviane acordou chorando e não parou. As monitoras não sabiam o que fazer para distraí-la. A monitora Marta chamou Valquíria e disse:

– Valquíria, vê se você consegue acalmar a Viviane! [Marta]

Em seguida, Marta comentou comigo:

– Hoje foi dia de visita e ela viu a família. Por isso que ela tá assim. Toda vez que ela vê a família ela fica desse jeito. Depois da visita ela dorme, mais não esquece. [Marta]

Valquíria pegou Viviane no colo e, andando de um lado para o outro, começou a falar:

– Não fia, não chora, eu tô aqui! [Valquíria]

Algum tempo depois, Viviane parou de chorar.

Viviane começou a chorar pedindo a mãe. Como André Luís estava andando de bicicleta na área dos fundos, ele aproximou-se de Viviane e, com o intuito de acalmá-la, perguntou:

– Vamo passeá com o André Luís, fia? [André Luís]

Viviane não apresentou resistência e André Luís, segurando-a na cintura com um braço só – de tal forma que ela ficasse em posição ereta, sem apoiar em nada – deu uma volta completa no pátio da área externa. Assim que o vento começou a bater em seu rosto, Viviane parou de chorar e começou a dar gargalhadas. Foi a primeira e a única vez que vi Viviane sorrir.

Ieda fez um desenho e comentou:

– Ó o passarinho! O passarinho e o filhinho. [Ieda]

Viviane começou a falar com voz de choro:

– Papai foi embola. [Viviane]

– Quando a tia Nadir vai embora ela chora, dona! [Alberto]

– Tá faltando um papai pra ela. Eu vô fazê um papai pra Viviane pará de chorá. [Ieda]

Ieda fez um desenho e mostrou para Viviane:

– Ó lá o papai! [Ieda]

Viviane olhou o desenho e apontando o dedo para a figura falou para mim:

– Ó o papai! Ó o papai! [Viviane]

APEGO

Durante uma festa na instituição, organizada pela professora e pelas alunas do curso de magistério de uma escola municipal da cidade, tive a oportunidade de conhecer o pai de Viviane. Aproximadamente uma hora após o início da festa, a campainha da instituição tocou. Como eu estava na varanda, que fica na frente da casa, olhando Dagoberto e Fátima jogarem bola, fui chamar a monitora Nadir para atender o portão. Era o pai de Viviane acompanhado de uma menina, aparentando ter aproximadamente oito anos, que chorava de forma desmedida. O pai de Viviane explicou à monitora, que Bruna estava sentindo falta da irmã e queria vê-la.

Assim que a monitora Nadir chamou Viviane e abriu o portão, Bruna entrou correndo para abraçá-la. Viviane, Bruna e o pai sentaram no assoalho de uma pequena casa de madeira pré-fabricada, de apenas um cômodo, que ficava encostada no muro, na parte interna da instituição. Bruna parou de chorar e ficou acariciando Viviane, enquanto o pai lhe dava balas e proferia algumas palavras. Como eu estava distante, não pude ouvir sobre o que os três conversavam, mas pude observar que diversas vezes Viviane fazia sinal de afirmativo com a cabeça e abraçava a irmã e o pai. Após o término do horário de visitas, o pai e a irmã de Viviane foram embora e ela ficou chorando até o final da tarde.

Durante uma conversa informal, comentei com a monitora Nadir que em todas as visitas que eu havia realizado à instituição, Viviane sempre estava chorando, pedindo o pai, a mãe ou a Bruna. Nadir explicou-me que Viviane era uma menina muito triste, embora fosse manhosa também. Ela disse:

– Cê não viu antes! Era pior! Quando ela chegô aqui foi difícil. Ela melhorou bastante! [Nadir]

Nadir contou que quando Viviane chegou na instituição, ela chorava dia e noite, sem parar, e as monitoras não sabiam mais o que fazer. Como Nadir havia tido um filho e estava amamentando-o, num momento de compaixão e desespero, por ver a menina chorando e

sofrendo, ela decidiu dar o seio para Viviane, a fim de acalmá-la. Nadir disse que, de fato, a menina começou a ficar mais tranqüila e parou de chorar. O problema é que Viviane começou a se apegar demais a ela e, do mesmo modo, ela a Viviane. Então, Nadir contou a outros profissionais ligados à instituição o que estava acontecendo e acabou recebendo orientações dos mesmos de que não deveria agir desse modo, pois fortalecer o vínculo que estava sendo criado para cortá-lo mais tarde, implicaria num sofrimento ainda maior para a criança. Nadir disse que parou de amamentar Viviane, mas mesmo assim ela tinha a impressão de que Viviane guardava um carinho especial por ela, tanto é que havia dias que, quando dava o horário de Nadir ir embora, Viviane começava a chorar e a chamar por ela.

Durante uma conversa informal, a monitora Marta comentou comigo que Viviane estava para sair da instituição porque a avó havia pedido a guarda da menina. Então, duas semanas antes do Natal, assim que cheguei à instituição, a monitora Marta aproximou-se e deu a notícia:

– A Viviane foi embora ontem. A gente sabia que ela tava pra saí, mas a gente não sabia que ia sê assim de repente. A notícia pegô todo mundo de surpresa. [Marta]

– E quem levô ela? O pai, a mãe ou a avó? [pesquisadora]

– Nenhum deles. Ela foi embora com uma tia que é casada com o primo do seu pai. A Viviane pegô as coisinhas dela e foi toda contente. Pra ela, o importante era sair da casa porque cada hora era um que vinha fazer visita. Ela falava que queria ir embora com a avó, depois queria ir com a tia, depois com a mãe, depois com o pai e até com a “Buna”. [Marta – rindo e imitando o modo de falar de Viviane]

Episódio 3

A felicidade por um fio

A pedido das crianças maiores, além de ir na quinta-feira à instituição, também fui no sábado para levar um filme para as mesmas assistirem. Neste dia, meu marido e minha filha de seis anos me acompanharam durante a visita. Logo que chegamos, Valquíria veio nos receber. Ao atravessarmos o refeitório, vimos algumas crianças saindo do banho, enquanto outras já haviam se trocado e estavam na sala de televisão nos esperando. Sandro aproximou-se e pediu para que cheirássemos o seu cabelo. Logo em seguida ele disse:

– Vamo brincá de filhinho, de casinha? [Sandro]

Não tivemos tempo nem mesmo de responder a Sandro, pois os meninos maiores apareceram na sala, nos cumprimentaram com euforia, pegaram a fita VHS e o aparelho de vídeo-cassete que havíamos levado e foram para a “padaria” assistir ao filme.

Assim que apresentei meu marido às crianças menores, elas foram para cima dele, abraçando-o e beijando-o, até que ele se desequilibrou e caiu sentado no tapete da sala. Como meu marido sorriu, demonstrando ter gostado da atitude das crianças, as mesmas o abraçaram e o apertaram ainda mais. Sem contar que Sandro, Walmir⁵⁴ e Toni começaram a, repetidas vezes, chamá-lo de pai.

Logo depois, Walmir sugeriu que brincássemos de ovo-choco. Walmir iniciou a brincadeira fazendo questão de colocar o chinelo de Danilo, que as crianças haviam escolhido para ser o “ovo”, atrás de Letícia, minha filha. Letícia correu atrás de Walmir, mas não conseguiu pegá-lo. Walmir deu gargalhadas e depois foi abraçá-la, ao mesmo tempo em que, delicadamente, passava a mão em seu rosto. Ieda e Sandro também se levantaram para abraçá-la. Letícia olhava para mim assustada, sem entender o que estava acontecendo, pois durante a brincadeira as

⁵⁴ Este episódio refere-se à história de Walmir (5 anos) e de sua irmã Ieda (7 anos).

crianças queriam abraçá-la, beijá-la, passar a mão em seu rosto o tempo todo ou simplesmente tocá-la⁵⁵.

Em outras ocasiões, as crianças também agiram deste modo em relação à Letícia. Elas faziam questão de estar ao seu lado e a tratavam com tanto cuidado que às vezes a machucavam por excesso de zelo e preocupação. Letícia estranhava este tipo de comportamento e tentava se esquivar. As crianças, por sua vez, insistiam sem hesitação.

O JOGO DA VIDA REAL

Neste mesmo dia de visita, como as crianças menores estavam agitadas, virando estrela ou cambalhota e fazendo sons diferentes com a boca ou com as mãos devido à presença de meu marido e de minha filha na instituição, Ieda sugeriu:

– Mãe, vamo brincá de roda-roda do silêncio? [Ieda]

Letícia olhou para mim espantada e disse:

– Mãe? Ela chamô você de mãe? [Letícia]

Ieda insistiu:

– Mãe, quem vai começá escolheno? [Ieda]

– Mamãe, de novo! [Letícia – esperando que eu explicasse porque Ieda me chamava de mãe]

Antes que eu dissesse qualquer coisa à Letícia, Ieda propôs:

– Vamo brincá que você é minha mãe e da Letícia? [Ieda]

As crianças menores decidiram interferir:

– Não! Ela vai sê a mãe de todo mundo! [Carlos]

– É! Cê qué ela só pra você, Ieda! Menina forgada! Eu tamém vô sê a filha dela! [Patrícia]

Priscila, que estava por perto com uma lousa pequena na mão, disse:

– Eu vô sê a professora e seus filhos vão estudá na minha escola. [Priscila – falando para mim]

– E quem vai sê o pai? [Carlos]

– Vai sê o marido da tia. Eu vô lá atraís dele. [Patrícia]

Patrícia foi até a área dos fundos procurar meu marido e retornou logo em seguida:

⁵⁵ Esse tipo de comportamento também ocorria em relação às crianças maiores, embora fosse de modo diferente. Tanto é que, neste mesmo dia, ao final da visita, os meninos maiores, incluindo Dagoberto e Hélio, de 14 e 15 anos respectivamente, brincavam de “abraçar em diferentes níveis” com meu marido. Eles explicaram que o abraço “fraquinho” começaria no nível 1 e iria até o nível 10 que era o mais apertado. Os meninos riam e pediam para meu marido abraçá-los em diferentes níveis. Eles faziam fila para receber o abraço. Essa “brincadeira” eles haviam feito anteriormente com o irmão de meu marido, no dia em que ele havia ido à instituição a meu pedido, para dar uma aula de química para Fátima que estava com dificuldades nesta disciplina.

– Ele deve tá assistindo filme com os grande. [Patrícia]

– Ah! Sem pai eu não brinco. Então, eu vô sê o diretor da escola. [Carlos]

As crianças estavam gritando e falando todas ao mesmo tempo, por isso estava difícil dar início à brincadeira:

– Eu quero sê o irmão da Letícia. [Toni]

– E eu quero sê a irmã da Letícia e eu quero dormi no mesmo quarto que ela. [Ieda]

Letícia e Ieda deitaram nas repartições da parte de baixo da estante de alvenaria, enquanto Karina, Walmir, Davi e Sandro corriam de um lado para o outro, gritando. A brincadeira nem chegou a começar, pois as crianças menores se dispersaram ainda mais e correram para a área dos fundos.

Em outra ocasião, Ieda, tal como nessa situação de jogo simbólico, também sugeriu que eu assumisse o papel de “mãe”:

Patrícia, Ieda e Letícia estavam brincando no *playground* e eu estava sentada em um dos bancos que ficava embaixo da área coberta, observando-as. Ao perceber que eu estava olhando para elas, Ieda cochichou no ouvido de Patrícia e Letícia, e as três correram ao meu encontro me chamando de mãe, todas ao mesmo tempo. Perguntei do que elas estavam brincando e Patrícia disse:

– A gente tá brincando que aquela que chegá primeiro é a sua filha. [Patrícia]

– E quem deu a idéia dessa brincadeira? [pesquisadora]

– Fui eu. [Ieda – levantando o braço]. Eu cheguei primeiro, agora você é a minha mãe. Me chama de filha? Me chama, vai! [Ieda]

– Vem aqui, filhinha! [pesquisadora]

Ieda sorriu satisfeita.

– Agora eu que quero ganhá! [Patrícia]

– Ah, mamãe, eu tamém quero ganhá! [Letícia]

– Ah, Letícia, dexa a gente ganhá! Quando você for embora a mãe vai sê só sua! Dexa ela sê nossa mãe um pôco, senão eu não vô mais brincá! Senão não tem graça! [Patrícia]

Letícia concordou e as três deram continuidade à brincadeira, apesar de, em alguns momentos, negociarem a vez de quem seria a minha filha para evitar discussões.

Acrescenta-se a estes fatos observados, um outro inegavelmente marcante que chamou a minha atenção, devido ao desembaraço com que Ieda procurou contornar uma situação em que se viu envolvida:

As crianças menores estavam na sala de televisão. Logo que me viram, Walmir e Toni disseram:

– Tia, vamo brincá de mamãe e de filhinho? [Toni]

– Eu sô o filhinho! [Sandro]

– Você é a mamãe [apontando para mim] e eu sô o papai. E tudo isso aqui [apontando para as crianças que estavam na sala] são os filhinhos. Eu sô o pai que vai levá os filhinhos pra escola. [Toni]

Toni segurou a mão de Sandro e Karina, e disse:

– Vem com o papai! Vamo pra escola! [Toni]

No mesmo instante em que Toni estava indo em direção ao refeitório com Sandro e Karina, uma mulher bem vestida apareceu na porta da sala acompanhada de um homem. A monitora Nadir cumprimentou-a e depois apresentou-a para mim. Nadir referiu-se a ela, como diretora da instituição. Logo em seguida, esta senhora pediu-me licença e com toda eloquência, foi descrevendo e mostrando o espaço físico para o homem que a acompanhava.

Enquanto isso, Sandro voltou do refeitório imitando um cavalo relinchando e dando coice. Davi fez o mesmo. Já Walmir, começou a imitar um leão rugindo. Como a brincadeira estava seguindo um outro rumo, Ieda decidiu interferir para retomar a proposta inicial:

– Mãe! Mãe! Vamo continuá brincano de mamãe? [Ieda]

Nesse momento, como a diretora da instituição estava passando pela sala de televisão e ouviu o que Ieda havia dito, a mesma decidiu repreender a menina:

– Ieda, não é mãe! É tia! Ela não é a sua mãe! [diretora da instituição]

A monitora Nadir ficou sem jeito e procurou justificar:

– Não! Elas estão brincando de casinha! É só de brincadeira! [Nadir]

Após ter sido advertida pela diretora da instituição, Ieda repentinamente mudou o seu discurso procurando reforçar o argumento da monitora Nadir:

– Mãe, vamo no supermercado fazê compra que em casa não tem comida? [Ieda – falando para mim, mas olhando para a diretora da instituição]

No entanto, assim que a diretora se despediu e virou as costas, Ieda voltou a me chamar de mãe, só que desta vez, enfatizando ainda mais a palavra “mãe”, como se quisesse ir contra o que a diretora da instituição havia dito:

– Mãe, será que a gente continua a brincá de mamãe e filhinho ou de roda-roda? Ah, mãe, a gente pode brincá de ovo-choco! Mãe! Mãe! Mãe e mãe! Pronto e acabou! [Ieda – com o rosto contraído de raiva]

Nesse momento, Nadir procurou explicar-me que as as monitoras recebem orientação para esclarecer às crianças que elas não são mães, são “tias” e devem fazer o mesmo em relação aos visitantes.

A assistente social comentou que Ieda e Walmir estão na instituição desde pequenos e que Ieda sempre cuidou do irmão como se fosse “a mãezinha dele”. Quando Walmir ficava doente e chorava, ela chorava com ele. Sem contar que toda vez que as crianças brigavam com Walmir ou riam dele, Ieda procurava defendê-lo.

Ieda e Walmir foram encaminhados à instituição porque os pais não tinham condições de cuidar das necessidades básicas dos filhos. Além disso, como a mãe cometeu atos de violência física contra as crianças, o Juiz acabou proibindo a visita dela e liberando apenas a do pai. No entanto, como depois descobriu-se que o pai era dependente químico, a visita do mesmo também foi proibida.

A assistente social comentou que somente após um bom tempo que as crianças estavam na instituição, a visita dos pais foi permitida. Entretanto, o pai apareceu algumas vezes e a mãe fez apenas duas visitas. Depois disso, como eles não retornaram mais, o Juiz optou pela destituição do pátrio poder.

Os profissionais envolvidos no caso de Ieda e Walmir procuraram uma família entre as que estavam cadastradas para a adoção, mas como não havia nenhuma no Brasil inteiro que se interessasse pelas características físicas, pela idade e pelo sexo de Ieda e Walmir, houve a possibilidade dos irmãos serem adotados por um casal que morava na Itália⁵⁶.

No entanto, o processo de adoção de Ieda e Walmir pelo casal do exterior acabou parando, porque um outro casal, Isaías e Luzia, que residiam na própria cidade onde se localiza a instituição, manifestou interesse em adotar os irmãos. Este casal começou a manter contato com as crianças e a criar um vínculo forte com as mesmas. Desde então, Walmir não parava de falar no “tio Isaías”.

Em todas as observações realizadas, mesmo que o assunto não possuísse relação alguma com o provável pai adotivo, Walmir mencionava pelo menos uma vez ao dia o seu nome. Já Ieda, embora não mencionasse tantas vezes assim o nome do rapaz, tal como fazia o irmão, também havia mudado seu comportamento.

⁵⁶ Segundo a assistente social, o órgão autorizado a dar encaminhamento a processos de adoção internacional fica localizado na cidade de São Paulo.

De acordo com a assistente social, Ieda passou a cumprimentar as pessoas, a sorrir, a se aproximar para beijar, enfim, depois desse contato com Isaías, Ieda passou a se sentir amada.

As crianças estavam na área dos fundos fazendo as atividades escolares para o dia seguinte. Ieda terminou a sua tarefa e começou a desenhar. Ela fez um coração e disse:

- Dexo pensá pra quem eu vô dá esse coração... [Ieda – pensativa, com o lápis na boca]
 - Eu vô dá pro tio Isaías. [Walmir]
- Logo depois, Walmir começou a cantar em uma melodia desconhecida:
- Meu coração vai namorá o tio Isaías! O coração do tio Isaías vai namorá a Luzia. [Walmir]

Em certa ocasião, perguntei a Walmir:

- Do que você gosta de brincar, Walmir? [pesquisadora]
- Walmir respondeu de forma decisiva:
- Eu gosto de brincá de tio Isaías. [Walmir]

Walmir queria que eu gravasse a sua voz. Ele começou a dizer rapidamente:

- Eu sonhei que eu tava sozinho sem pai pra protegê... Aí, aí, eu sonhei com... com o tio Isaías!
- O tio Isaías protegeu eu e a Ieda. [Walmir]

As crianças menores estavam brincando no *playground*. Walmir estava no escorregador falando sozinho em voz alta:

- O tio Isaías tirô o neném da barriga. A Luzia tamém tirô o neném da barriga. E aí a Luzia beijô o neném. Um neném era a Ieda e o ôtro neném era o Walmir. [Walmir]

Em uma das visitas realizadas, tive a oportunidade de conhecer o “tio Isaías”:

Enquanto as crianças maiores assistiam televisão na padaria, fiquei jogando bola com as crianças menores na área dos fundos. Nesse momento a campainha tocou. Algum tempo depois, no portão próximo a lavanderia, apareceu um homem vestido socialmente com uma calça preta e uma camisa laranja, de manga longa. As crianças ficaram agitadas e foram ver quem era. Walmir e Ieda gritaram:

- Tio Isaías! [Ieda e Walmir]

Os dois irmãos correram ao encontro do “tio Isaías” e pularam em seus braços, enquanto as outras crianças voltaram cabisbaixas e decepcionadas, sem cumprimentá-lo. Patrícia sentou no banco, demonstrando estar emburrada, pegou uma folha que estava no chão e começou a dobrá-la, dizendo que ia fazer um chapéu; Danilo se escondeu atrás da mureta da área dos fundos; Davi foi para o cômodo ao lado da sala de televisão e ficou sentado no chão, olhando para baixo, com a

cabeça apoiada nos joelhos, Jaci entrou embaixo da mesa, com o olhar triste, se recusando a sair de lá.

Essa reação das crianças foi interessante de ser observada. Afirmando isso porque toda vez que chegava um visitante à instituição que não fosse parente de uma das crianças, todas elas ficavam eufóricas, abraçando, beijando ou simplesmente tocando a pessoa. No entanto, durante a visita de Isaías a Ieda e a Walmir, as crianças procuraram não interferir, tal como faziam quando uma criança recebia a visita de seus familiares. A impressão que tive é que as crianças acreditavam que Isaías “já pertencia” a Ieda e a Walmir:

Isaías parou próximo ao *playground* e se agachou para Walmir e Ieda abraçá-lo. Os dois irmãos estavam exaltados e sorridentes. Ieda começou a passar a mão no cabelo e no rosto de Isaías. Um fato curioso é que ela fazia carinho em Isaías olhando o tempo todo para mim e para as outras crianças sorrindo, como se estivesse exibindo com orgulho algo que ela havia conseguido. Já Walmir centrava a sua atenção apenas em Isaías. Ele passava as mãozinhas na face do rapaz como se quisesse apreender todos os detalhes de seu rosto. Ele fazia isso com ansiedade e euforia, tanto é que seus movimentos eram rápidos e descompassados.

Ieda e Walmir desenhavam juntos, em um papel pardo, uma figura humana. Alberto olhou o desenho dos dois e disse:

- É o pai deles, dona! É o pai adotivo que adotou eles. [Alberto]
- Mais se é o pai adotivo, porque eles estão aqui? [pesquisadora]
- Ainda eles vão, dona. Só vai esperá fazê um negócio lá. Mas esse pai já é deles. [Alberto]

Ieda e Walmir voltaram para a área dos fundos. Ieda aproximou-se e falou para mim:

- O tio Isaías foi embora. Ele me falou uma coisa que eu não posso contar pra ninguém, porque senão todo mundo vai pedir pro tio Isaías levá eles. Eu não, não vou falar nada! Eu não sou boba! [Ieda – falando em tom de provocação]

Walmir aproximou-se e disse:

- O tio Isaías vai levá eu e a Ieda pro churrasco. [Walmir]
- Não era pra falar, moleque burro! Eles vão tudo querê nosso pai! [Ieda]
- O tio Isaías falou que vai arrumar pai pra ela e pra ele. [Walmir – apontando para Jaci e para Raul]

Atentando para estes aspectos, pude notar que as outras crianças gostariam de estar vivenciando a mesma experiência de Ieda e Walmir com relação ao “tio Isaías”:

- Vocês não vão falar oi para o tio Isaías? [pesquisadora]
 - Eu tô fora de falar oi pra esse hómi aí! [Patrícia – demonstrando estar zangada]
 - Hómi feio, esse tio Isaías! [Danilo]
- Toni não respondeu, apenas abaixou a cabeça e continuou o que estava fazendo.

Em certa ocasião, Ieda disse que João estava fazendo inglês. Walmir interferiu:

- Tia, aula de inglês... O tio Isaías deu uma... Aí nós vamo na casa do tio Isaías, nosso rico, nosso riquinho... [Walmir]
 - Eu tô fora de í na casa desse tio Isaías! A Ieda come na casa dele sem educação. Ela enche a boca. [Patrícia – falando brava]
 - É tudo mentira! [Ieda]
- Walmir procurou finalizar a discussão, dizendo:
- A Patrícia não é filha do tio Isaías! O tio Isaías tá feliz de mim e da Ieda. [Walmir]

PRELÚDIOS DA DESILUSÃO

No entanto, de acordo com a assistente social, quando tudo parecia que ia dar certo com relação ao processo de adoção, a história entre este casal e as crianças tornou-se complicada. O casal começou a ficar confuso, a apresentar problemas de instabilidade emocional e a trazer seus problemas para os profissionais envolvidos no processo de Ieda e Walmir. Por esse motivo, o casal foi proibido de continuar visitando as crianças, até se resolver. O pior de toda essa situação é que, como Walmir havia criado um vínculo muito forte com Isaías, o menino estava sentindo bastante a sua ausência a ponto de mudar o seu comportamento em virtude deste acontecimento:

Em certa ocasião, Walmir disse:

- Eu sonhei que o tio Isaías não veio buscá eu e a Ieda. Por que o tio Isaías não veio buscá eu? [Walmir – falando com voz de choro]
- Toni procurou mudar o assunto e sugeriu:
- Vamo brincá de mamãe? Você é a mamãe e eu sô o filhinho? [Toni]
- Walmir interferiu:
- Só quem tem tio Isaías pode brincá. Se não tivé tio Isaías não pode brincá. [Walmir – mostrando um pequeno objeto quadrado, de plástico, que estava em sua mão]
- Pedi para Walmir me mostrar o que ele estava segurando. Era um chaveiro quebrado [sem a argola e a corrente] com a foto de Isaías dentro. Walmir disse:

– É o tio Isaías. Só que eu não gosto mais dele porque ele não vem mais me vê. Só gosto de você porque você vem me vê. [Walmir – falando para mim]

Neste momento, Sandro aproximou-se e, após tirar o chaveiro das mãos de Walmir, correu para a sala. Walmir se desesperou e começou a chorar. Ele sentou no banco da área externa, deitou a cabeça na mesa, gritando. Seu choro era tão angustiante que procurei me aproximar com o intuito de acalmá-lo. Walmir, com os olhos cheios de lágrimas, falou:

– O Sandro pegou o meu pai pra ele! Esse pai é meu! É só meu! É meu e da Ieda! Eu consegui primeiro! [Walmir – soluçando]

– Calma, Walmir! [pesquisadora – abraçando-o] O Sandro pegou só a foto! O pai continua sendo seu. Ele deve tá trabalhando essa hora. Ele não tá com o Sandro!

– Ele é meu pai! Não dixa ninguém levá meu pai! Eu não vô arrumá ôtro! [Walmir]

– Calma! Calma! [pesquisadora – passando a mão na cabeça de Walmir, enquanto o abraçava]

Walmir foi se acalmando. Perguntei a Sandro, que havia voltado para área dos fundos, onde estava a foto do tio Isaías. Ele disse que havia entregue para a monitora Irene. Walmir saiu correndo, entrou na sala e voltou com a foto de Isaías na mão. No entanto, Danilo, que estava observando toda a situação, esperou Walmir se aproximar, tirou de sua mão o chaveiro com a foto de Isaías e jogou-o em uma poça d'água que havia se formado próximo ao *playground*. As crianças pararam e ficaram olhando a reação de Walmir ao ver o chaveiro mergulhar nas águas turvas. Como havia entrado água pelo encaixe do chaveiro e estragado parte da foto, Walmir pegou o chaveiro sujo de barro, com toda delicadeza, e veio em minha direção chorando:

– Meu pai! Meu pai! Tia, estragaro tudo meu pai! [Walmir]

Como as crianças da instituição também notaram a ausência de Isaías nos dias de visita e perceberam que ele não vinha mais ver Ieda e Walmir, elas próprias buscaram justificativas para tal fato. Estas justificativas estavam sempre relacionadas a algo insignificante que Walmir ou Ieda haviam feito ou que as crianças apenas imaginavam que os dois haviam feito. De qualquer forma, a cada dia que passava os irmãos se sentiam mais culpados, culpados por algo que, na verdade, não estava relacionado ao modo de agirem:

Davi, Karina e Walmir estavam na área dos fundos desenhando. Walmir disse que estava fazendo seu pai. Ele fez o seguinte desenho:



Figura 8 – Desenho de Walmir

- É meu pai, tia! É meu pai! [Walmir]
- O tio Isaías? [pesquisadora]
- Não! O tio Isaías não é mais meu pai, porque ele nunca mais veio me vê. Esse é o ôtro pai.

[Walmir]

- Tamém, esse moleque mijô no carro do tio Isaías! [André Luís]
- Não mije, não! [Walmir]
- Não, não! Claro que mijô! [André Luís]
- Foi a Ieda, então, que mijô? [Roberto]
- Foi. [Walmir]
- Ah, foi, sim! A culpa é sua que o tio Isaías não veio mais! [André Luís]
- Mãe! Mãe! Faiz a barba do meu pai? [Walmir – falando para mim]
- Mãe! Esse moleque agora tá chamano a dona de mãe! Não dexa não, dona! Esse ET! [André

Luís]

- O tio Isaías não tem barba. [Ieda – referindo-se ao desenho de Walmir]
- Não é o tio Isaías! É o ôtro pai! [Walmir]

Estávamos na área dos fundos, conversando. As crianças disseram para mim:

- Dona! Reza por ela, dona! Ela é muito safada. [Alberto – referindo-se à Ieda]
- É, dona, essa menina é a maior maloquera! [Tales]
- Ela dá guaraná pros moleque e os moleques dá salgadinho, aí ela fica falando pros menino

fazê aquelas coisa com ela. [Priscila]

- Lá no banheiro. [Alberto]
- Fazê bestera. [Priscila]

– Tudo mentira! [Ieda]

– É verdade, Sheila! Pode perguntá pra tia! Por isso que ela ficô sem pai, sem o tio Isaías.

[Patrícia]

Walmir, Ieda, Patrícia e Priscila estavam na área dos fundos desenhando. Como eu havia levado o gravador, Walmir pediu que eu gravasse a sua voz enquanto ele desenhava:

– Tia, grava uma coisa? É, é, é... uma coisa, que eu vô falá! Eu não vô tê mais pai. [Walmir]

Patrícia, que estava ao nosso lado, aproximou-se e cochichou em meu ouvido para que Walmir não escutasse:

– Tia, o pai dele não veio mais porque ele ficô sabendo que a Ieda tava fazeno *nhec, nhec* com o Tales. [Patrícia]

Priscila escutou o que Patrícia havia dito e completou:

– É, tia! Eles tavam fazeno *fuc, fuc*! [Priscila]

Ieda ficou olhando para mim, sem dizer nada. Patrícia completou:

– Agora eles tão sem pai de novo por culpa da Ieda, essa beijola! [Patrícia]

Isaías ficou durante três meses sem aparecer na instituição. No entanto, logo depois, Ieda e Walmir finalmente foram adotados por Isaías e sua esposa.

Episódio 4

A Culpa

O dia estava nublado e o cinza do céu estava tão distinto e notável, por compor-se de um matiz que ficava entre a luz da manhã e a sombra da noite, que foi impossível deixar de me envolver por esse meio-tom convidativo a momentos de contemplação. Por esse motivo, retardei o passo e fiquei por um instante imóvel na frente da instituição, pensando nas implicações de uma infância ignorada por uma sociedade que, para desenvolver seu modelo econômico, estava propiciando maiores desigualdades, acirrando as diferenças sociais e tornando mais evidente as relações de dominação e exploração.

Nesse momento, o barulho provocado pelos carros que passavam pela rua foi ficando cada vez mais remoto, mais abafado, como se os mesmos estivessem indo para as profundezas da terra. De fato, pude perceber que eu havia reconquistado o silêncio. No entanto, a que preço! Meus olhos começaram a rodar exauridamente e o ar foi ficando pesado. Eu queria ser razoável, mas me sentia apreensiva, afinal, até então, a compreensão não estava influenciando no enredo de meu percurso de investigação.

Quando comecei a refletir sobre a possibilidade de existirem caminhos misteriosos e sólidos por baixo das mais frágeis muralhas ou do mais profundo fosso, assustei-me com uma risada anônima e, num espasmo, meu corpo amoleceu. Nesse momento, a emoção impediu que eu pronunciasse qualquer palavra. Então, uma voz branda se fez presente. Era Valquíria. Como de costume, ela estava à minha espera no portão da frente da instituição, só que desta vez, com um gato no colo. O pequeno animal também havia se assustado com o riso repentino de Valquíria e por esse motivo estava com o pêlo todo eriçado.

Logo que me viu, Valquíria apertou a face rosada contra as fendas do portão e anunciou às outras crianças que eu havia chegado. Tales⁵⁷ e André Luís vieram correndo me receber e começaram a explicar ansiosos que na escola onde estudavam, iria ter um concurso de redação promovido por uma grande loja de eletrodomésticos situada no município de Campinas, e como o

⁵⁷ Este episódio refere-se às histórias: de Tales (11 anos) e de seu irmão Sandro (6 anos); de André Luís (12 anos) e dos irmãos Alberto (10 anos), Roberto (12 anos) e Dagoberto (14 anos).

texto deveria ser entregue ao professor no dia seguinte, eles gostariam que eu corrigisse os erros gramaticais que surgissem após a elaboração do mesmo.

Tales e André Luís disseram que estavam empolgados com o concurso, porque a televisão da casa havia sido roubada há alguns meses e o prêmio seria cem reais em dinheiro e uma televisão em cores para o aluno que fizesse uma redação sobre o que seria necessário para tornar o mundo melhor.

No momento em que comecei a ler os textos produzidos por Tales e André Luís, notei que, embora eles não tivessem trocado informações durante a elaboração dos mesmos, havia inúmeras semelhanças no que dizia respeito ao conteúdo.

No início do texto, ambos agradecem a Deus pela vida que Ele havia lhes dado. Em seguida, eles pedem perdão a Deus pelo que fizeram, embora não tivessem mencionado qual ato poderiam ter cometido. Tales comenta brevemente sobre os problemas do meio ambiente: as queimadas, a poluição, e diz que o homem está se destruindo. Depois, ele termina seu texto pedindo novamente perdão a Deus e fazendo referência a uma passagem bíblica: “Deus é meu pastor e nada me faltará. Deus me guiará”.

Já André Luís escreve, ao longo do texto, que é de “um orfanato” e que gostaria de ganhar a televisão por esse motivo. Após enfatizar que os homens não deveriam matar ou “abandonar as crianças”, André Luís, assim como Tales, finaliza o texto pedindo perdão a Deus por tudo o que havia feito em sua vida.

O que mais me chamou a atenção nos textos destes dois meninos foi o fato de ambos pedirem perdão a Deus por algo que fizeram. Minha curiosidade aumentou ainda mais no momento em que Alberto, neste mesmo dia, entregou-me uma folha de sulfite com a colagem de um pequeno texto extraído de um jornal informativo sobre conjuntivite, além de algumas poucas palavras escritas logo abaixo do texto impresso.

Uma história da minha vida

Minha família era muito pobre e meu irmão tacou uma pedra no pé da minha mãe e ela acertou nele e ele ligou para polícia e amanhã a polícia chegou e pegou eu e o Roberto. E o Dagoberto tava na casa da minha tia e cada um estava separado e viemos para aqui. Olhamos tudo e fiquei uns 6 anos e foi uma casa muito divertida.

Sheila eu te amo. Sheila muitos beijos.

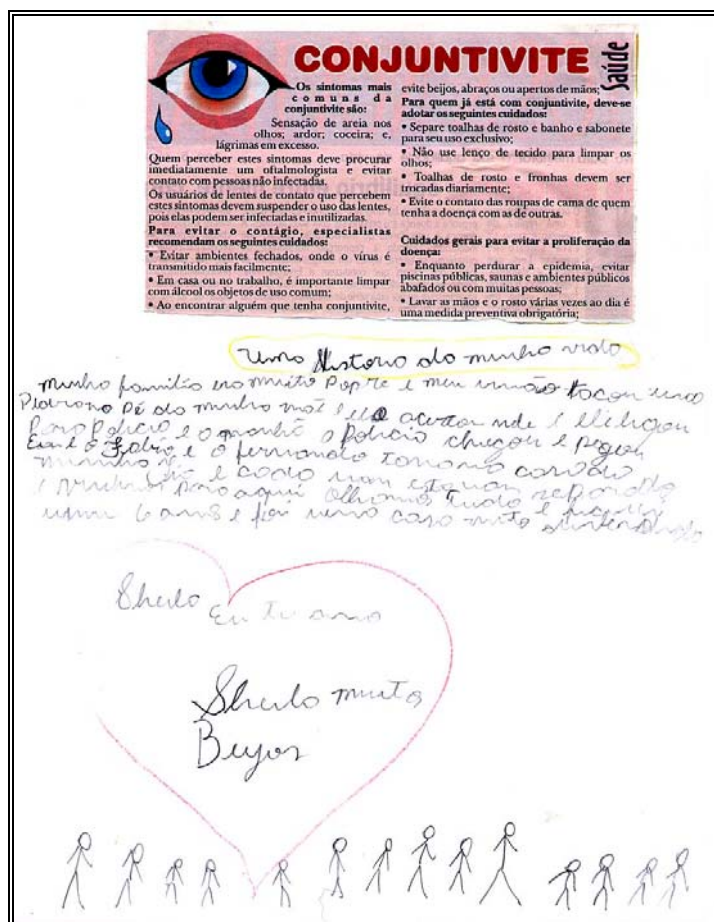


Figura 9 – Colagem e produção gráfica de Alberto

Assim que Alberto me entregou o texto, eu disse:

– Que interessante! Também tem um texto sobre conjuntivite! Os sintomas, os cuidados pra evitar... Eu vou terminar de ler em casa. [pesquisadora]

– Não, dona! Eu sei que é de conjuntivite, mais eu coleí esse olho não é por causa da conjuntivite. É por causa da lágrima que tá caindo do olho, porque é a história da minha vida! Aqui são as crianças da Casa do Menor [apontando para o desenho abaixo do coração]. Nós tamo aqui porque meu irmão Dagoberto jogou uma pedra na minha mãe. A culpa é dele! [Alberto]

Estas observações levaram-me a querer descobrir porque as crianças se sentiam culpadas por estarem na instituição. Portanto, após ter em conta as produções escritas de Tales, André Luís e Alberto, só me restava mergulhar no drama de relações que envolvia a vida destes três meninos

para compreender melhor o porquê de eles exprimirem de forma irremediável uma culpabilidade tão avassaladora.

AS PORTAS DE UM DRAMA

Em certa ocasião, a assistente social comentou que Tales, Sandro e o irmão mais velho, que na época estava com quatorze anos aproximadamente e morava com os tios no Paraná, foram tirados dos pais e ficaram um ano e meio na instituição, pelo fato dos mesmos apresentarem problemas de alcoolismo. Por outro lado, segundo ela, os pais de Tales eram extremamente afetuosos e nunca bateram nas crianças. Durante conversas informais, Tales faz referência a este aspecto:

Roberto e Tales estavam jogando futebol na área dos fundos. Tales, ao chutar a bola com toda a força contra a parede acabou atingindo o nariz de Roberto. Roberto, por sua vez, com a mão no rosto, proferiu alguns palavrões endereçados a Tales e depois finalizou a discussão de modo ainda mais ofensivo, dizendo:

– Vai chutar a cara do biscatão da sua mãe, moleque! [Roberto]

Tales começou a chorar e disse para mim:

– Não vale pôr a mãe no meio! Não pode xingar a mãe dos ôtro. Mãe, é uma só! [Tales]

Em certa ocasião André Luís contou que Hélio quebrou o vidro da porta da casa de um amigo e a mãe do menino foi até a instituição fazer um escândalo e exigir o pagamento do prejuízo. Após relatar o fato, André Luís comentou:

– Se os pais do Hélio tivessem vivos iam dar uma surra nele! [André Luís]

Logo em seguida, André Luís falou para Tales em tom de provocação:

– O Tales tá aqui na casa porque a mãe dele batia muito nele. [João]

Tales respondeu num sobressalto:

– Sai fora moleque! Minha mãe nunca que ia fazê isso! Minha mãe me amava! [Tales]

A assistente social disse que, após algum tempo, os pais de Tales pararam de beber e aderiram totalmente às determinações do Juiz, uma vez que os mesmos queriam os filhos de volta. Por esse motivo, as crianças puderam retornar ao convívio familiar. A cidade em que moravam ficou sensibilizada com a situação da família e procurou ajudá-la doando cestas básicas

e arrumando um trabalho para o pai de Tales. Segundo a assistente social, era evidente que, além do alcoolismo, o problema dos pais de Tales também era social.

No entanto, após as crianças saírem da instituição, a assistente social ficou observando a família por algum tempo e descobriu que outros problemas graves continuaram a ocorrer, tanto é que, em uma noite de inverno, os pais estavam dormindo embriagados e os dois filhos maiores, Tales e Guilherme (o irmão mais velho), decidiram fazer uma fogueira para aquecê-los. Após acender o fogo, Guilherme jogou um litro de álcool na fogueira para aumentar a intensidade das chamas. Foi aí que ocorreu uma explosão e o fogo acabou atingindo Tales. Na hora do desespero, Guilherme pegou um casaco e foi para cima de Tales com o intuito de apagar o fogo.

Na época, embora Guilherme ainda fosse criança, ele agiu corretamente, minimizando as conseqüências do acidente. Desse modo, embora as queimaduras em Tales tivessem sido graves, a ponto de este precisar ser hospitalizado, o menino acabou se recuperando e ficando com poucas cicatrizes no corpo. De qualquer forma, foi Guilherme quem salvou a vida de Tales.

A assistente social disse que, logo em seguida, ocorreu mais um acontecimento trágico na família destas crianças. A mãe de Tales ficou grávida e teve uma menina. Certa noite, após ser amamentada, a criança regurgitou e como a mãe não havia percebido porque estava embriagada, a mesma acabou morrendo asfixiada na cama. Por este e pelos demais acontecimentos mencionados, o Juiz decidiu encaminhar Guilherme, Tales e Sandro para a instituição.

De acordo com a assistente social, os pais se submeteram novamente ao tratamento mas não deu certo, porque depois que as crianças foram para a instituição, a mãe se entregou totalmente à bebida e acabou morrendo. Foi uma história muito triste, porque depois deste acontecimento, o pai passou a beber ainda mais. Apesar de continuar visitando os filhos na instituição, durante as visitas ele sempre reforçava esse acontecimento relacionado à morte da mãe, de tal forma que as crianças começaram a carregar uma culpa muito grande dizendo inúmeras vezes: “Minha mãe morreu por nossa causa”.

Estávamos na padaria. Carlos começou a falar sobre o modo como ele havia chegado à instituição. Tales quis dar continuidade a este assunto:

– O que aconteceu comigo foi parecido. Eu tava em casa, né. Eu, o Sandro e o meu ôtro irmão mais velho. Meu pai e minha mãe tiveram que saí pra fazê compra. Aí chegô a polícia lá e perguntô onde tava nosso pai e nossa mãe. Aí eu falei: *Foi fazê compra*. Aí ele falô pra nós entrá no carro

FILHOS DA LUA

que ele ia trazê nós pra cá, pro Juizado de Menor. Nós aprontava muito quando era pequeno. Era nós que dexava a nossa mãe doente. [Tales]

Em seguida, com o olhar triste, ele completou:

– A minha mãe morreu de tanto bebê. Meu pai também morreu. Eu queria morar com o meu tio.

Acho que ele tá tentando tirar eu e o Sandro daqui. [Tales]

Atentando para estas palavras, é possível perceber que Tales acreditava que havia sido encaminhado para a instituição, pelo Juiz de Menores, devido ao mau comportamento que ele e os seus irmãos apresentavam.

Em uma das visitas, Tales me entregou dois desenhos que não só faziam alusão a este aspecto, como também mostravam o modo como ele representava a si próprio:

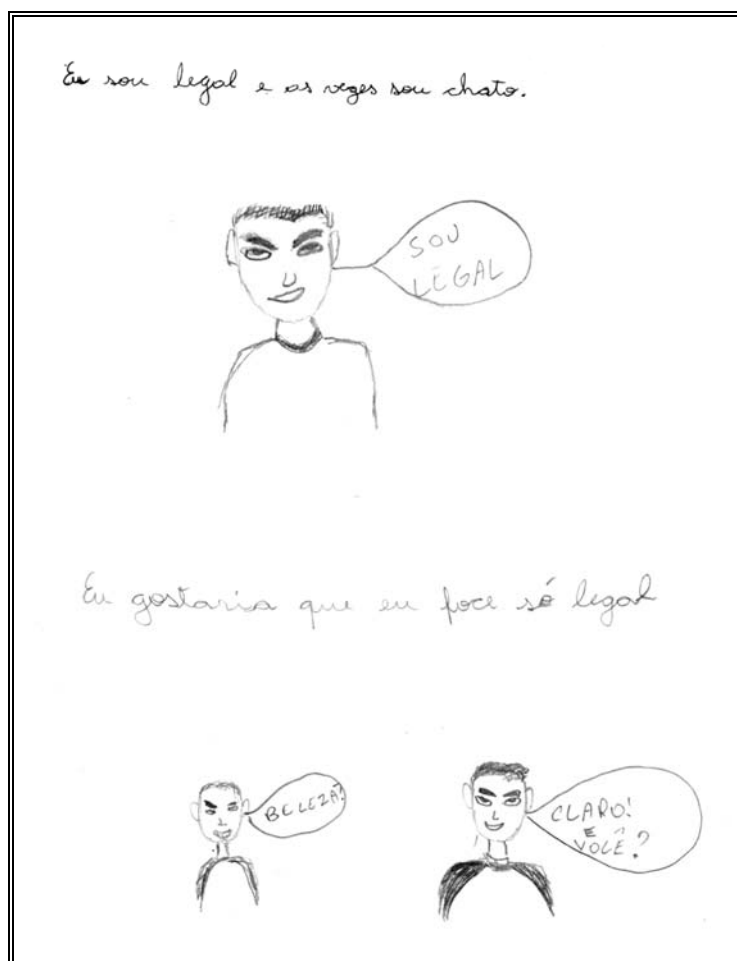


Figura 10 – Desenho de Tales



Figura 11 – Desenho de Tales

Em certa ocasião, a assistente social comentou que o Fórum havia entrado em contato com uma tia de Tales e Sandro, que morava em uma outra cidade, para verificar a possibilidade da mesma ficar com os meninos. A tia disse que iria vir nas férias escolares para conhecer as crianças, mas adiou a visita até não dar mais notícias.

Algum tempo depois, a assistente social de uma cidade vizinha procurou Laura, a assistente social da instituição, e perguntou se Tales e Sandro mantinham vínculos afetivos ou se poderiam ser separados em caso de adoção. Laura disse que não tinha dúvidas de que eles possuíam vínculos fortes, afinal não dava para separar de Tales a única coisa que havia lhe restado, o irmão. Mesmo assim, Laura decidiu chamar Tales em sua sala e consultá-lo, pois caso estivesse enganada, ela telefonaria para a outra assistente social e diria à mesma para dar encaminhamento ao processo de uma provável adoção.

No entanto, quando Laura perguntou a Tales se ele gostaria de ser adotado, mesmo que para isso fosse preciso ficar longe de Sandro, o menino respondeu sem hesitar: “Não, tia Laura! Eu não consigo ficar de jeito nenhum sem o meu irmão!”

Laura avisou a outra assistente social que havia a possibilidade de adoção sim, mas somente se os irmãos ficassem juntos. Além disso, ela disse que a família que tivesse interesse em adotá-los deveria ter condições para receber Sandro, uma vez que o menino exigia cuidados especiais.

De acordo com a assistente social, Sandro teve uma espécie de derrame quando era criança e apresentava problemas de envelhecimento precoce. Além disso, como Sandro vivia em uma situação de extrema pobreza, ao invés de receber estímulos para que pudesse se desenvolver, acabou ocorrendo um atraso em seu processo de desenvolvimento. Por esse motivo, desde cedo Sandro freqüentava um Centro de Reabilitação, no próprio município, para crianças portadoras de necessidades especiais.

SEM SAÍDA

André Luís chegou à instituição há aproximadamente seis anos. Ele, a mãe e os irmãos vieram de São Paulo para Serra Azul. Os irmãos se envolveram com drogas e a mãe, com medo que André Luís seguisse o mesmo caminho, começou a manter o menino preso em correntes, por acreditar que deste modo poderia ter um controle maior sobre a situação. No entanto, o caso veio à tona e, de acordo com as afirmações de moradores da cidade, virou notícia de jornais, uma vez que André Luís foi encontrado acorrentado em sua casa. Por esse motivo, o menino foi tirado da mãe e encaminhado para a instituição.

No início, como a visita da mãe fora proibida, a mesma acabou invadindo a instituição e fazendo um escândalo⁵⁸. Ela também chegou a passar uma madrugada inteira sentada na calçada em frente ao Fórum da cidade esperando uma posição em relação ao processo do filho, pois ela o queria de volta.

No entanto, a assistente social comentou que depois de algum tempo a mãe de André Luís aceitou a decisão do Juiz e não apareceu mais na instituição, porque achava que o filho estaria protegido no abrigo, longe do perigo de se envolver com as drogas.

Por outro lado, tendo em conta estes fatos que ocorreram na vida de André Luís, pude perceber que o menino acreditava que estava na instituição em decorrência de seu próprio modo de agir: desobedecer à mãe por querer brincar.

⁵⁸ De acordo com o depoimento das monitoras, algumas mães, inconformadas com a separação dos filhos, invadiam a instituição durante a noite, ameaçando-as com faca ou pedaços de pau no intuito de terem os filhos de volta. Tais acontecimentos também foram relatados por diversas crianças e adolescentes que ficaram impressionados e assustados com as cenas presenciadas.

FILHOS DA LUA

– Eu vim pra cá porque minha mãe não dexo eu brincá e eu queria brincá, não queria obedecê ela. Aí chegô uns policiais pensaro que tinha um pessoal robano a casa do lado. Não, do fundo! Aí a polícia chegou lá pra investigá. Aí me achô daquele jeito, preso, e me trouxe pra cá. [André Luís]

É interessante notar que André Luís, em suas produções escritas, sempre mencionava situações que não correspondiam em nada às experiências concretas que ele havia vivenciado. Para se ter uma idéia, durante uma atividade escolar cuja proposta era elaborar uma carta para algum parente que morasse distante, André Luís escreveu:

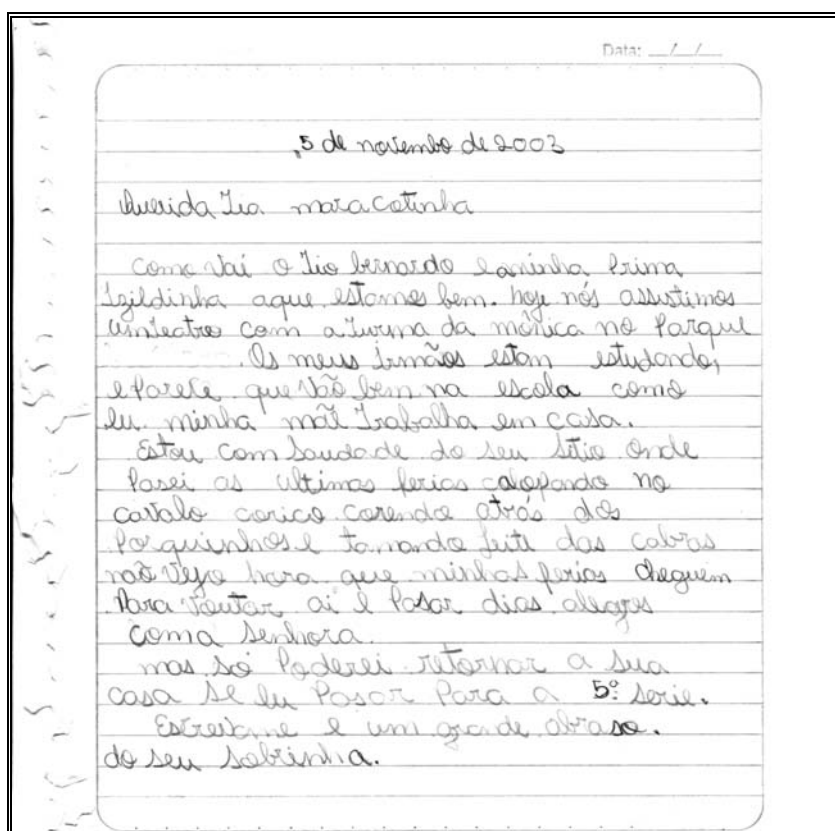


Figura 12 – Produção escrita de André Luís

Querida tia Maricotinha,

Como vai o tio Bernardo e a minha prima Izildinha? Aqui estamos bem. Hoje nós assistimos um teatro com a Turma da Mônica no Parque Ibiúna⁵⁹. Os meus irmãos estão estudando e parece que vão bem na escola como eu. Minha mãe trabalha em casa.

⁵⁹ O nome do parque foi ocultado na reprodução do texto original, para que a cidade não fosse identificada. Deste modo, ao reescrevê-lo, procurei substituir o nome do parque por um outro fictício.

Estou com saudade do seu sítio onde passei as últimas férias galopando no cavalo Corico, correndo atrás dos porquinhos e tomando leite das cabras. Não vejo a hora que minhas férias cheguem para voltar aí e passar dias alegres com a senhora.

Mas só poderei retornar à sua casa se eu passar para a 5ª série.

Escreva-me e um grande abraço do seu sobrinho.

Embora André Luís mantivesse boas relações com as crianças, em algumas situações pude notar que ele procurava irritá-las com suas brincadeiras sarcásticas, na maioria das vezes chamando-as de “ET’s” (extra-terrestres). Isso ocorria principalmente com relação às crianças que recebiam visitas de seus pais ou que estavam para sair da instituição:

Danilo e Toni vieram reclamar com André Luís, dizendo que Ieda não queria deixá-los andar de bicicleta. André Luís falou de longe:

– Ieda, deixa as crianças brincarem um pouco com a bicicleta! [André Luís]

Como ela não deu atenção, André Luís começou a falar num tom de provocação:

– Parente do ET! Parente do ET! Ieda beicuda! Ó o beirão dela! [André Luís – virando os lábios para baixo]

Danilo interferiu, proferindo mais uma ofensa à Ieda:

– Sua fedida! [Danilo]

Em certa ocasião, Patrícia aproximou-se e disse para mim:

– Minha mãe veio me visitá, tia! [Patrícia]

André Luís, que estava ao meu lado, interferiu:

– Eu pensei que a mãe dela fosse uma ET, mais ela é bonita, dona! [André Luís – rindo]

As crianças menores estavam na sala de televisão. André Luís aproximou-se e disse para Walmir:

– O Walmir é um ET! Ele tem uma irmã que também é um ET! Ó o cocão dele! [André Luís – erguendo Walmir pela cabeça]

Silvia, a menina mais velha da instituição, perguntou:

– O que é cocão, André Luís? É cuca grande? [Silvia]

– Não! Significa que é um cocô a cabeça dele. [André Luís – rindo]

Valquíria comentou que estava com saudades de Paulo, seu irmão. André Luís interferiu:

– Eu não tô com saudade do Paulo, aquele cabeção, parente de ET. Os ET’s tão tudo saindo: o Raul, o Raí, o Paulo... [André Luís]

– Essa menina quando chegô aqui na casa só chorava, ela e a irmã dela. [André Luís referindo-se a Priscila]

– Claro! Eu estranhei no começo. [Priscila]

– É uma cabeçuda! [André Luís]

– O Raul vai embora logo, dona! [Alberto]

– Já vai tarde! Ele é um ET! Um ET de nascença. [André Luís – rindo]

– E vai chegá mais alguém, alguma criança? [pesquisadora]

– Vai chegá uns seis. Quando chega alguém é da hora, dona! Eles ficam tudo chorando! [André Luís]

Estávamos conversando no refeitório quando Alberto comentou:

– Dona, os gêmeos e a Jaci foram embora. A saída deles foi emocionante! [Alberto – falando com ironia]

– Eu tô com saudade deles! [Priscila]

– Eu não, não tô com saudade! São tudo ET! Eu, heim! Eu tô fora deles! [André Luís – rindo]

No entanto, por trás desse modo de agir de André Luís, havia um grande desejo:

– Ô dona! Ô dona! No Ano Novo, eu, o Tales, o Alberto e o André ficamo acordado o maior tempão⁶⁰. [Roberto]

– Nós já passamo 2001, 2002, 2003 olhano na janela lá de cima! A gente todo ano faiz um pedido. [André Luís]

– Mais nunca se realiza. [Alberto]

– Realiza sim! Lá no sítio, lá na roça tavam soltano rojão e parecia que era perto. Era lindo de se vê! Eu fiz um pedido. Pedi pra sê adotado. [André Luís]

Hélio pegou um livro em sua mão e começou a rodá-lo com o dedo indicador. Patrícia comentou:

– Nossa, que legal! Como é que cê faiz isso? [Patrícia]

– Até meu pai faiz isso! [Alberto]

Hélio olhou para Alberto. No mesmo instante, Alberto completou:

– Eu só tô brincano! Meu pai já morreu. Morreu de tanto bebê. [Alberto]

Em seguida, Alberto abaixou a cabeça e completou:

– Dona, eu queria sê adotado por um casal de italianos. Aí eu ia pra Itália que nem aqueles

⁶⁰ De uns anos para cá, as crianças não têm mais passado o Natal e o Ano Novo na instituição, pois a partir da autorização do Juiz, cada uma vai para a casa de algum parente, visitante ou funcionário da instituição.

moleques adotado que aparece no Fantástico⁶¹. [Alberto – falando para mim]

André Luís interferiu:

– É, Boi, só que eu tenho mais chance! [André Luís– chamando Alberto pelo apelido]. Eu já tô até fazeno inglês, porque se um casal dos Estados Unidos gostá de mim e quisé me adotá eu já vô sabê falá inglês. Aí eles vão me escolhê porque eu já sei inglês.

Se para Alberto ser adotado parecia ser um sonho impossível, para André Luís este sonho estava próximo de ser realizado:

– Recentemente, uma tia de André Luís que mudou para a cidade entrou em contato com a instituição. Ela tem levado o André Luís para passar os finais de semana com a família na casa dela. Ela já levou ele no Natal e já levou no Ano Novo. Há a possibilidade do André Luís ficar com essa tia. Só que tem um professor da escola onde o André Luís estuda que também se interessou por ele e está querendo adotar ele. O final de semana passado ele e a namorada levaram o André Luís para a praia. O André Luís prefere ficar com esse professor do que com a tia. Há grandes chances do André Luís ser adotado pelo seu professor. [monitora Irene]

MUNDO SUBTERRÂNEO

Os pais de Alberto, Roberto e Dagoberto eram dependentes químicos. Como o pai faleceu em decorrência das drogas e a mãe se casou novamente com um homem que batia violentamente nos três meninos, os mesmos foram encaminhados para a instituição quando estavam com cinco, sete e dez anos respectivamente. No entanto, Dagoberto chegou à instituição somente alguns meses após os irmãos, uma vez que havia fugido de casa e vivido durante um certo tempo nas ruas da cidade.

Segundo a assistente social, como a mãe e o padrasto não foram visitar os meninos e não procuraram manter vínculos com os mesmos, o processo acabou culminando em destituição do pátrio poder.

De acordo com a monitora Irene, Dagoberto é um menino que toma medicamentos anti-depressivos. Ela comentou que, em certa ocasião, quando Dagoberto teve uma crise de depressão e ficou vários dias deitado na cama, em um quarto escuro, o menino a chamava, a abraçava e dizia: “Tia, me tira daqui!” Então, Irene procurava conversar com Dagoberto até ele se acalmar.

⁶¹ Programa de televisão exibido aos domingos à noite pela Rede Globo.

Irene disse que quando Dagoberto entra em depressão, ele não quer sair de casa e se nega a fazer qualquer coisa⁶².

Já Roberto, segundo a assistente social, é um menino ansioso, que ora está falando dos pais, ora está falando do tio que mora na cidade, que vez ou outra aparece para buscar os três irmãos para passarem o final de semana com ele:

Roberto pegou o gravador que eu havia levado e foi para a área dos fundos da casa. Ele gravou o seguinte:

– Meu nome é Roberto. Eu queria ser um jogador de futebol, um jogador de futebol. Queria morar com meus pais e ser feliz na minha vida, como todo mundo. Aqui em casa é muito legal e eu gostei de morar aqui. Só isso! Tchau! [Roberto]

Roberto pediu uma folha de sulfite e após escrever na mesma, entregou-a para mim, sem dizer nada. No papel estava escrito:

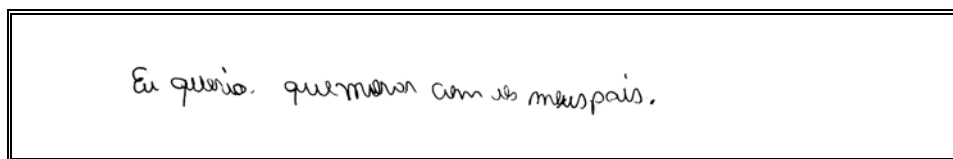
A rectangular box containing a handwritten note in cursive script. The text reads: "Eu queria. quer morar com os meus pais."

Figura 13 – Produção escrita de Roberto.

Eu queria [que] morar com os meus pais.

João, Roberto, André Luís e Tales estavam mostrando para mim os relógios que eles haviam ganhado no dia anterior em uma festa promovida por uma empresa da região. Nesse momento, o relógio de Roberto despertou avisando que eram três horas da tarde. André Luís indagou:

– De novo, Roberto? Cê programô o relógio pra despertá toda hora? [André Luís]

Roberto respondeu sem jeito:

– Eu coloquei pra despertá de uma em uma hora pra lembrá que a hora de í no aniversário na casa do meu tio tá chegado. [Roberto]⁶³

⁶² Dagoberto é o menino que no episódio “Uma habitação à margem” se recusa a cantar os parabéns e a comer na festinha do “Dia das Crianças”.

⁶³ Do mesmo modo que Roberto, Alberto, seu irmão, também estava ansioso. Tanto é que às 14h15min ele já estava pronto esperando o tio que iria chegar somente às 18h00min.

Em minhas observações, notei que Alberto, por sua vez, era um menino que, assim como Valquíria, esperava aflito pela minha visita. Por esse motivo, era ele quem avisava as crianças sobre o dia que eu iria visitá-las:

Na mesa da área externa Alberto comentou:

– Dona, ontem as crianças perguntaram se a senhora não vinha. Ficô todo mundo te esperando. Eu esperei a senhora o dia inteiro. Esperei, esperei e já tava ficando chateado. Aí eu fui lá ver o papel onde tá marcado o dia que a senhora vem. Aí eu fiquei mais sossegado, porque o dia tava perto. [Alberto]

Logo em seguida, Alberto me abraçou e disse que não via a hora que chegasse a próxima quinta-feira para me ver novamente. A monitora Beatriz, que estava ao nosso lado, começou a rir, dizendo que eu mal havia chegado e Alberto já estava ansioso, pensando na próxima visita.

Como já havia terminado o horário da visita, eu e meu marido avisamos às crianças que íamos embora. No entanto, mal conseguimos caminhar da sala de televisão ao refeitório, pois as crianças menores ficaram pulando em nossa frente, agradecendo a nossa visita e pedindo que voltássemos outras vezes. Algumas crianças se penduraram no pescoço de meu marido e começaram a, insistentemente, chamá-lo de pai. Danilo pediu para que ficássemos para a festa que ia ter. A monitora Irene disse que não iria ter nenhuma festa e que Danilo estava falando aquilo somente para que ficássemos. André Luís e Alberto pediram para que eu passasse a tarde toda com eles. Eu disse que eu não poderia ficar aquele dia, mas que na próxima semana eu estaria lá novamente. Alberto disse:

– Na quinta-feira. Eu já olhei e na ôtra semana vai cê na sexta, né dona? Eu sempre fico esperando! Eu não vejo a hora! [Alberto]

Alberto também era um menino que revelava através da linguagem oral/escrita e através de desenhos algo que ele intensamente desejava:

Alberto aproximou-se para me mostrar uma atividade que ele havia feito para ser entregue à sua professora no dia seguinte. Tratava-se de uma entrevista que após ser concluída, iria dar origem a um texto. Alberto pediu para que eu reescrevesse as questões em um papel para que ele pudesse respondê-las:

FILHOS DA LUA

NOME: _____ No. _____ DATA: ____/____/____

ENTREVISTA

- Qual é o seu nome?
- Quantos anos você tem?
- Onde você mora?
- Com quem você mora?
- Você gosta de brincar?
- Do que você costuma brincar?
- Qual a brincadeira de que você mais gosta?
- A que programa de televisão você assiste?
- De que programa você mais gosta? Por quê?
- Você tem amigos?
- Sobre o que vocês conversam?
- O que você faz com seus amigos?
- Quando você fica muito feliz? Por quê?
- Às vezes, você fica triste? Por quê?
- Você tem algum grande desejo? Qual?

Junte as respostas completas em cinco parágrafos e você terá um texto sobre sua vida.

1º parágrafo – respostas 1, 2, 3 e 4
 2º parágrafo – respostas 5, 6 e 7
 3º parágrafo – respostas 8 e 9
 4º parágrafo – respostas 10, 11 e 12
 5º parágrafo – respostas 13, 14 e 15

Figura 14 – Entrevista elaborada pela professora de

11/0 - 0 - 0

- Quantos anos você tem?
R: 10 anos
- Onde você mora?
R: Ne uma instituição
- Com quem você mora?
R: Com os meus amigos
- Você gosta de brincar?
R: Sim
- Do que você gosta de brincar?
R: Xadrez
- Qual é a brincadeira que você mais gosta?
R: Futebol
- A que programa de televisão você assiste?
R: Globo
- De que programa de televisão você mais gosta? Por que?
R: Eu gosto porque tem muitos desenhos legal
- Você tem amigos?
R: Sim
- Sobre o que vocês conversam?
R: Sobre a minha família
- O que você faz com seus amigos?
R: Brinco com eles
- Quando você fica muito feliz? Por que?
R: Porque eu vejo minha família
- Às vezes você fica triste? Por que?
R: Porque minha família morreu
- Você tem algum grande desejo? Qual?
R: Ter uma família

Figura 15 – Produção escrita de Alberto (respostas às questões da entrevista)⁶⁴.

2) Quantos anos você tem? R: 10 anos.	9) De que programa você mais gosta? Por que? R: Tv Globinho. Porque tem muitos desenhos legal.
3) Onde você mora? R: Ne uma instituição.	10) Você tem amigos? R: Sim.
4) Com quem você mora? R: Com os meus amigos.	11) Sobre o quê vocês conversam? R: Sobre a minha família.
5) Você gosta de brincar? R: Sim.	12) O que você faz com seus amigos? R: Brinco com eles.
6) Do que você gosta de brincar? R: Xadrez.	13) Quando você fica muito feliz? Por que? R: Porque eu vejo minha família.
7) Qual é a brincadeira que você mais gosta? R: Futebol.	14) Às vezes você fica triste? Por quê? R: Porque minha família morreu.
8) A que programa de televisão você assiste? R: Globo.	15) Você tem algum grande desejo? Qual? R: Ter uma família.

⁶⁴ A primeira questão foi ocultada por revelar o nome verdadeiro de Alberto.

Alberto disse que ia escrever para mim agradecendo o presente de Natal que eu havia dado às crianças. Ao concluir sua produção ele me entregou uma folha de sulfite com o recorte de um jornal informativo colado no centro de um coração que ele mesmo havia desenhado:

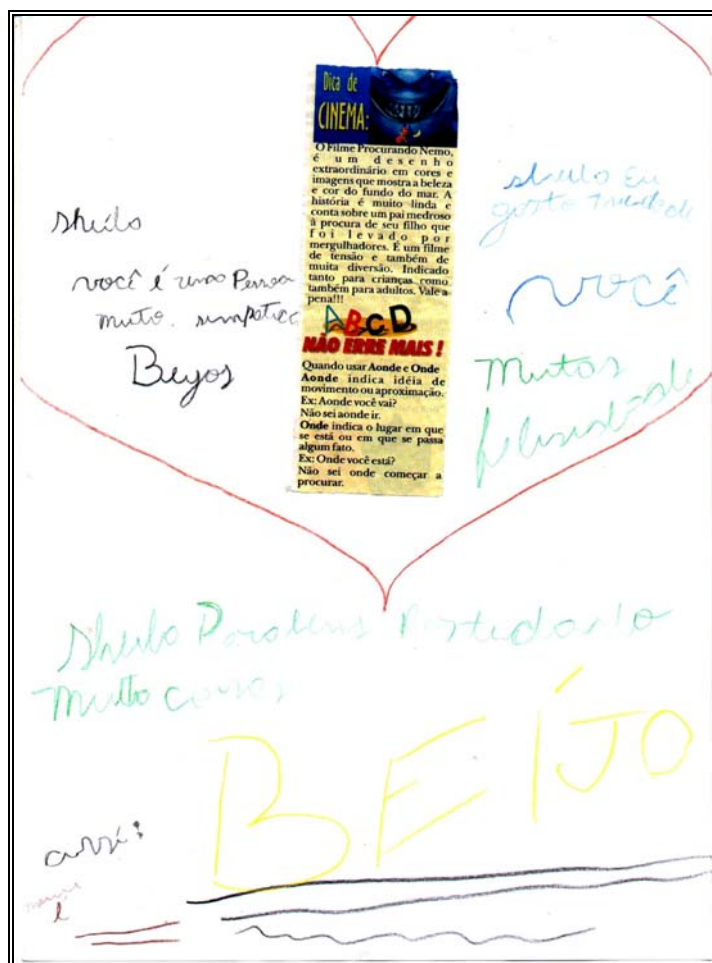


Figura 16 – Colagem e produção escrita de Alberto.

Sheila, você é muito simpática.

Beijos.

Sheila, eu gosto muito de você. Muitas felicidades.

Sheila, parabéns por ter dado muitas coisas.

Beijo.

Logo em seguida, Alberto pediu que eu lesse em voz alta o que estava escrito no recorte do jornal. No momento em que eu li: “A história é muito linda e conta sobre um pai medroso à procura de seu filho que foi levado por mergulhadores”, Alberto me interrompeu dizendo:

– Eu queria ter um pai que viesse atraindo de mim. [Alberto]

Estava na sala de televisão brincando com as crianças menores. Alberto aproximou-se e parou em minha frente. Percebi que ele queria falar alguma coisa, mas ele apenas me olhava e não dizia nada. Então, para quebrar o seu silêncio, perguntei:

– Tá tudo bem, Alberto? Você quer falar alguma coisa? [pesquisadora]

– Dona, eu queria sê adotado! A minha professora queria adotá eu, dona! Só que ela falô que não tem dinheiro. Ela é rica, só que o dinheiro que ela ganha, ela dá pro marido dela arrumá a casa dela. O que eu mais queria na vida era sê adotado, porque com a minha família eu não tenho mais chance. Eu nem sei mais da minha mãe. [Alberto]

Por outro lado, não eram raras as vezes em que Alberto revelava a falta de esperança em ter seus desejos realizados:

André Luís e Alberto estavam na mesa da área dos fundos confeccionando cartõezinhos com mensagens natalinas para colocarmos na árvore de Natal que havíamos montado. Alberto, mostrou o desenho de um Papai Noel ao lado de um presente e disse:

– Dona, sabe o que é esse presente especial? É daqui da Casa do Menor! É o André Luís. Ele tá embrulhado. Ele vai sê adotado. A família vai recebê esse presente e eu vô sê o Papai Noel, porque eu nunca vô conseguí sê adotado. [Alberto]

Estávamos na mesa da área dos fundos. Alberto disse que ia fazer um Papai Noel para mim. Enquanto desenhava o rosto, Alberto disse:

– Dona, o Papai Noel tá triste! Ele não conseguiu dá uma família pra todas as crianças, principalmente pra mim. [Alberto]



Figura 17 – Desenho de Alberto.

Na semana do Natal cheguei à instituição e vi uma moça loira, aparentando ter entre 30 e 35 anos, sentada na varanda ao lado de Valquíria. Depois, Marta comentou que aquela moça ia ficar com a guarda de Paulo e que provavelmente iria adotá-lo. Marta disse que aquele dia a moça nem tinha ido trabalhar para poder esperar, na própria instituição, a autorização do juiz para levar Paulo. Alberto estava ao lado ouvindo nossa conversa e interferiu:

– Eles vão ser o maior presente de Natal do nenê! Acho que eu nunca vô tê esse presente!
[Alberto]

Patrícia, Ieda, Danilo, Alberto e Carlos estavam na mesa da área dos fundos desenhando. Danilo disse:

– Tia, sabia que eu vô saí logo? A minha mãe vai levá a gente de volta pra nossa casa no Jardim Magnólia. Eu tô com saudades da minha rua. [Danilo]

– Dá licença, moleque! Eu que vô saí primeiro. E até agora ninguém veio me falá nada que eu vô saí. Então cê não vai saí logo. Quando cê chegou eu já tava aqui faiz tempo e agora cê qué saí antes, moleque? Dá licença! [Carlos]

– Mais eu vô saí. A tia falô! O juiz vai deixá. É só esperá o juiz. [Danilo]

– Então, o juiz vai deixá eu saí primeiro. Eu já tava aqui um tempão e você chegô bem depois.
[Carlos]

Alberto entrou na discussão:

– Isso não tem nada a vê Carlos, porque eu tô aqui há mais tempo ainda e eu não vô saí é nunca!
[Alberto – falando de cabeça baixa, enquanto desenhava]

A falta de esperança de Alberto de ter seu desejo realizado, ao lado da falta de esperança de ser notado, de ser reconhecido, de ser valorizado, se tornava ainda mais intensa a partir de outras situações que emergiam flagrantemente na instituição de atendimento à infância e no contexto escolar:

Durante o tempo que estive realizando o trabalho de campo, pude perceber que em dias de festa, os olhares dos visitantes voltavam-se sempre para as crianças menores, de pele branca, tais como Paulo e Viviane. Como as monitoras comentavam que Viviane não estava para adoção, mas Paulo sim, os visitantes pediam informações sobre quais os trâmites legais para adotá-lo.

Em certa ocasião, Alberto comentou:

– Dona, eu acho a escola ruim porque quando tem festa não é todo mundo que pode participá. Às vezes tem Festa da Família, Comemoração do Dia dos Pais, do Dia das Mães e tem criança que fica de fora. Isso não é justo, né dona? [Alberto]

FILHOS DA LUA

Estava olhando o caderno de Alberto. Em uma das folhas ele havia escrito: “Era uma vez uma família muito feliz que...” Perguntei a Alberto porque ele não havia continuado a escrever. Ele disse que sua professora não gostava de texto que começasse com “Era uma vez”, então ele parou de escrever. Em seguida, Alberto completou:

– Eu queria falar da família que eu não tenho. [Alberto]

Alberto aproximou-se com os olhos cheio de lágrimas e uma folha de fichário em sua mão. Pedi a ele que se acalmasse e perguntei o que estava acontecendo. Alberto disse que havia elaborado um texto sobre uma família e que a professora não havia gostado porque tinha dado “quase zero” de nota. Em seguida, Alberto disse que sua letra era muito feia e que ele não iria conseguir melhorá-la. Então ele me mostrou o texto que havia escrito:

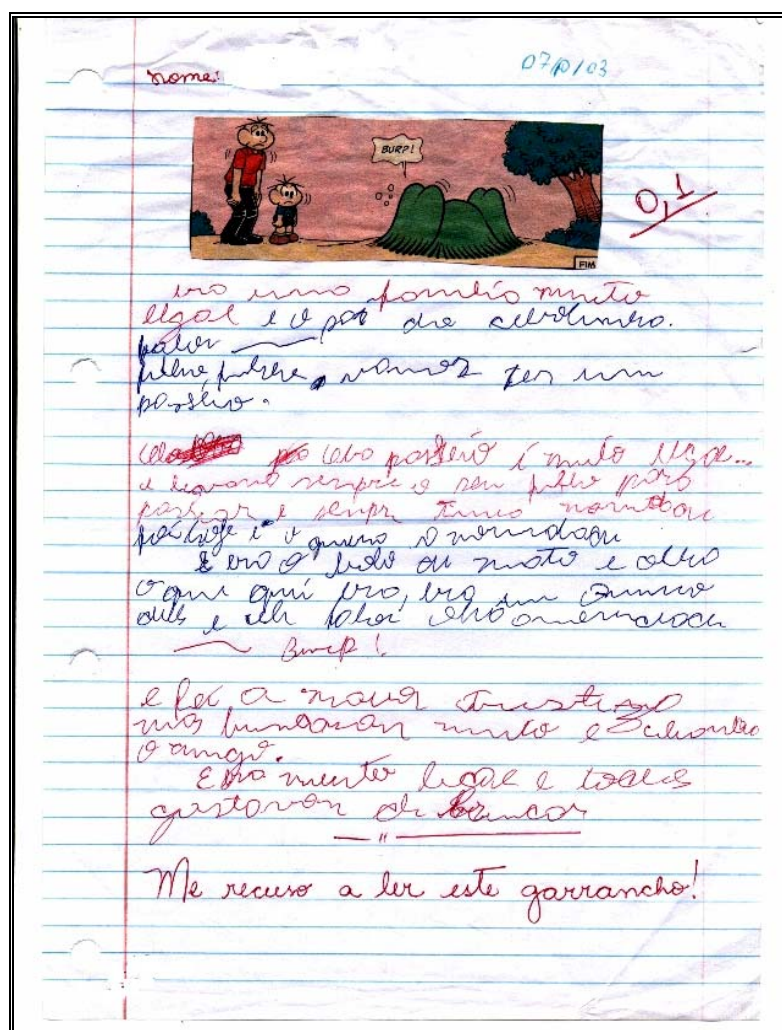


Figura 18 – Produção escrita de Alberto corrigida por sua professora

Era uma família muito legal e o pai do cebolinha falou:

– Filho, filho, vamos ter [dar] um passeio?

– Oba! Passeio é muito legal!

Ele levava sempre o seu filho para passear e sempre tinha [...]. Foi hoje e o quero [...]

E era o bolo de mato e olha o que era, era um [...] dele e ele falou:

– Olha o [...]

– *Burp!*

E foi a maior tristeza, mas brincaram muito e [...] o amigo.

E era muito legal e todos gostaram de brincar.

[Alberto]

De fato, havia palavras incompreensíveis de serem lidas que comprometiam a interpretação do texto, porém, a professora poderia ter questionado o menino sobre tais palavras, fornecendo pistas e levando-o a reescrever o texto, a fim de corrigi-lo. No entanto, ao invés disso, a professora entregou o texto atribuindo a nota “0,1” e escrevendo ao final do texto: “Me recuso a ler este garrancho!”

Estas situações, assim como outras que faziam parte da história de vida de Alberto e que envolviam indiferença, falta de reconhecimento, desprezo, contribuíam para que a sua auto-estima fosse afetada de forma negativa:

Estávamos na área dos fundos. Alberto fez o desenho de um menino e depois escreveu: “sou muito chato”, “sou feio”, “sou horroroso”.



Figura 19 – Desenho de Alberto

Tales e Alberto estavam na mesa da área dos fundos segurando os bichinhos de pelúcia que haviam ganhado de Natal. Tales, abraçando o seu ursinho, disse:

- Dona, o nome do meu ursinho é Milú! [Tales]
- E o seu, Alberto? [pesquisadora]
- Não sei. Não tem nome. É um Zé Ninguém, que nem eu. [Alberto – com o olhar triste]

Patrícia subiu em um dos pilares que sustentam o telhado da área dos fundos e começou a gritar para Sandro:

- Tonho da Lua⁶⁵! Da Lua! Da Lua! [Patrícia]
 - Faiz só um meis que essa menina tá aqui e já chama os ôtro pelo apelido. [Alberto]
 - E você, Alberto, faiz tempo que tá aqui? [pesquisadora]
 - Lógico, dona! Vai fazê uns cinco ou seis anos. Quando eu cheguei, demorô um ano e aí o Tales chegô, aí demorô mais um ano, daí chegô o André Luís. A Ieda e o Walmir são pequenos, mais tão aqui há mais tempo que eu. Só que eles vão saí, eu não. [Alberto]
- Nesse momento Danilo apareceu na porta da sala. Alberto olhou para ele e disse:
- Esse moleque aí chegô aqui atentano, mexeno com os ôtro. Quando ele chegô foi o meu aniversário, dia primeiro de julho. Esse é o único presente de aniversário que eu mereço: um moleque bem chato e cagão. [Alberto – abaixando a cabeça]

Desse modo, pude perceber que estas situações estavam fazendo com que Alberto, de apenas dez anos de idade, buscasse cuidados e proteção “na religião”:

Alberto veio me mostrar a sua bíblia. Na contracapa estava escrito: “Deus ama todos”; “O tempo está na mão de Deus”; “Deus cuida de mim”. Depois ele fez um coração e escreveu no centro: “Jesus e Alberto”.

Em um de seus trabalhos escolares, Alberto também faz referência a Deus:

⁶⁵ Nome de um personagem com deficiência mental que fazia parte de uma novela chamada “Mulheres de Areia”, exibida, na época, no período da tarde, pela Rede Globo de Televisão.

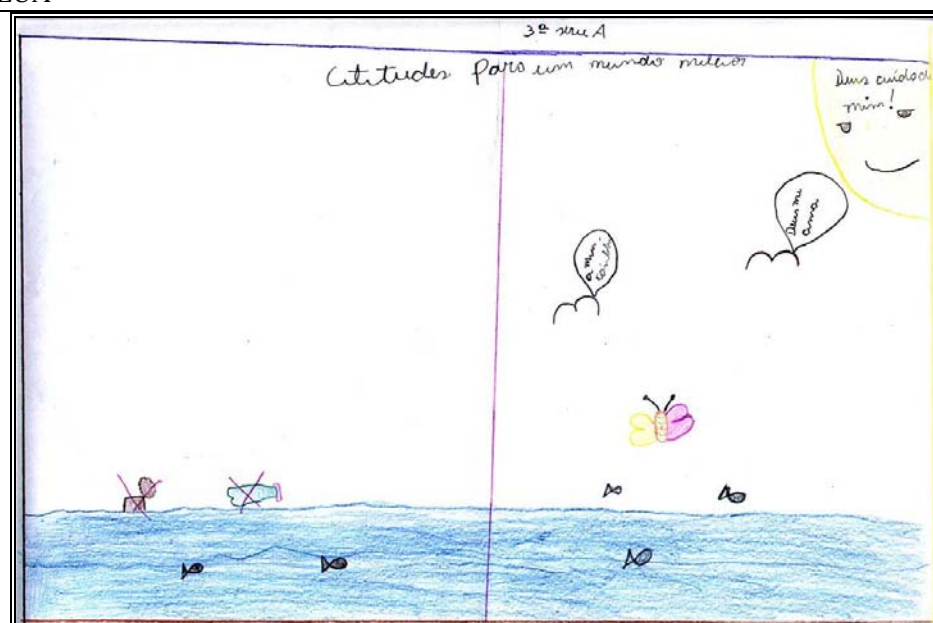


Figura 20 – Desenho de Alberto

Episódio 5

Marcas da ausência

Hoje, Valquíria não estava na varanda da casa à minha espera. Senti falta de ver a imagem desta menina estampando a entrada da casa, afinal o seu sorriso ensaiado e a fragilidade teimosamente escondida atrás de seu olhar, haviam marcado o início de minhas visitas anteriores. Logo que a monitora Marta abriu o portão, perguntei sobre Valquíria e ela me informou que a menina havia ido à aula de recuperação na escola onde estudava.

Atravessei o refeitório e fui direto para a área dos fundos, pois as crianças estavam neste local brincando com diversos jogos e bonecas. Assim que me viram, as crianças menores começaram a pular e a gritar. Em seguida, elas vieram correndo me abraçar, todas ao mesmo tempo. Devido ao forte impacto, acabei reclinando-me um pouco e batendo a cabeça no batente da porta da sala que antecedia a área dos fundos. Mal havia recuperado o equilíbrio e Patrícia⁶⁶ aproximou-se com uma boneca na mão e um carrinho de bebê de brinquedo, dizendo com exaltação:

– Tia, vamo brincá comigo? Você é da Casa do Menor e esse nenê mora aqui com você. Eu sô a mãe do nenê que qué que ele volte a morá comigo. Cê não qué dexá. Não! Pera aí! Cê vai dexá sim, mais cê vai falá que cê vai ficá de olho ni mim pra vê se eu não judio da minha filha em casa. Se eu judiá, o juiz pega de volta. É... cê avisa o juiz e ele tira de mim tá, tia? Vamo. Cê pega o nenê aqui, tia! [Patrícia]

Aceitei a sugestão de Patrícia e dei início à brincadeira:

– Oi! A senhora veio visitá seu bebê? Ele está aqui. [pesquisadora – entregando a boneca para Patrícia]

– Não, tia! Tá errado! Primeiro cê tem que trocá o nenê, dá banho nele e colocá uma roupa bonitinha, porque ele vai recebê a visita da mãe. É assim que tem que fazê quando a gente vai recebê visita. Cê não qué que os outros pense que você não cuida direito das crianças na Casa do Menor onde você trabalha, qué? [Patrícia]

⁶⁶ Este episódio refere-se à história de Patrícia (7 anos) e de seus irmãos Priscila (12 anos) e Davi (2 anos).

Aceitei a sugestão de Patrícia e comecei a fingir que estava trocando a boneca. Logo em seguida, Patrícia fingiu que tocou a campainha:

– Eu vim buscá minha filha pra í pra casa. Aqui tá o papel do Juiz dizendo que eu posso levá minha filha embora. Já tá assinado. [Patrícia]

Patrícia pegou a boneca no colo e foi para o canto direito da área externa, onde havia uma mesa de pebolim. Patrícia disse que ali seria a sua casa e que eu deveria visitá-la para ver se estava tudo bem com a criança.

Fingi que toquei a campainha, pressionando com o dedo indicador a parede. Patrícia fingiu que abriu a porta, fazendo um gesto com a mão:

– Oi! Cê veio vê o nenê? Eu tô tratando ele bem. Tô alimentando direitinho, tô dando carinho, tudo isso! Não tira minha filha de mim! [Patrícia – embalando a boneca]

– Então, eu já vô indo. Ôtro dia eu volto. [pesquisadora]

Nesse momento, André Luís aproximou-se e me pediu para trazer um filme na próxima visita. Patrícia e Alberto começaram a falar o nome de alguns filmes e a brincadeira terminou aí.

Nesta situação, Patrícia enfatizou aspectos que faziam parte da rotina da instituição, tais como: o processo de verificação iniciado por profissionais especializados, principalmente a assistente social, em relação à família da criança para observar se a mesma podia retornar ao convívio familiar; o cuidado das monitoras da instituição em manter as crianças bem vestidas nos dias de visita (de parentes ou não), para os visitantes não pensarem que elas não estavam sendo bem tratadas; e os casos das crianças que, após terem saído da instituição, acabaram retornando para a mesma por decisão do Juiz.

Durante conversas informais, os funcionários da instituição disseram que sabiam muito pouco sobre Patrícia e seus irmãos, uma vez que eles tinham vindo de um outro abrigo e até aquele momento a assistente social não possuía em mãos nenhum processo dessas crianças. Aliás, a instituição não possuía nem mesmo a certidão de nascimento das três crianças. Sabia-se apenas que a história de Patrícia, Priscila e Davi era muito complicada, pois a mãe havia assassinado a avó na frente de Priscila, em legítima defesa, e a menina havia presenciado toda a cena. Por este motivo, as crianças foram tiradas da mãe e encaminhadas para uma instituição na cidade de Campinas. Entretanto, como a mãe mudou-se de Campinas para Serra Azul, as crianças foram transferidas para esta instituição.

Pelo o que pude observar, Patrícia era uma menina que, assim como as outras crianças da instituição, sentia uma necessidade muito grande de se apegar a alguém e estava sempre preocupada em saber quem iria dispensar os cuidados de que precisava:

Patrícia agarrou em minha camiseta e não queria mais soltar durante a festa que estava tendo na instituição. A monitora Nadir, ao perceber, comentou:

– Patrícia, deixa a Sheila um pouco! [Nadir]

Patrícia não deu atenção e continuou atrás de mim, passando a mão em meu cabelo.

Patrícia ergueu parte da minha camiseta e colocou sua cabeça embaixo. Assustei-me e perguntei a ela o que estava fazendo. Ela respondeu:

– É só um carinho. Eu sô a sua filha que tá dentro da sua barriga e vai nascê da sua barriga. [Patrícia]

Estávamos na padaria assistindo uma fita de vídeo. Durante o filme, Patrícia pegou em minha mão e começou a beijá-la. Olhei para o seu rosto e ela disse apenas movimentando os lábios, sem emitir som algum: “Linda!”, “Eu te amo!” Depois disso, Patrícia ficou passando a mão em meu rosto, em meu cabelo, em meus braços e em minhas costas, até acabar o filme, ou seja, por mais de 50 minutos.

Estávamos na área externa. Eu observava os meninos [Tales, André Luís, Alberto e Hélio] jogarem burquinha [bolinhas de gude]. Patrícia aproximou-se com uma boneca enrolada em uma manta amarela e me pediu para segurá-la, dizendo:

– Tia, segura o bebê pra mim. Segura assim ó, senão afoga. [Patrícia – colocando a boneca em meu colo]

Peguei a boneca e comecei a olhar para o jogo dos meninos. Patrícia se exaltou:

– Não, tia! Tem que ficar olhando para o rostinho do bebê. Só pra ele! E pra cuidá do bebezinho tem que dá mamadeira, fazê carinho, brincá! E não pode batê nele! Nunca pode batê nele! Nem quando ele fizé travessura! [Patrícia]

Camile estava em seu carrinho ao lado da monitora Nadir. Como o telefone tocou e a monitora foi atendê-lo, Ieda aproximou-se e, rapidamente, pegou Camile no colo:

– Ah! Meu bebê! Vem mamá, meu bebê! [Ieda – mudando a voz e embalando o bebê]

– Eu tamém quero segurá! [Patrícia – tentando tirar Camile do colo de Ieda]

Procurei interferir apreensiva:

– Cuidado! Vamo voltá a Camile pro carrinho! [pesquisadora – procurando segurar Camile por baixo dos braços de Ieda para que ela não a derrubasse]

– Não é certo separá ela da mãe! Eu sô a mãe! [Ieda]

Peguei Camile e coloquei-a no carrinho, prendendo-a com o cinto para que ela não caísse.

– Não, tia! Não tira ela da mãe dela! Uma mãe nunca qué fica separada dos filhos! [Patrícia – agitando as mãos]

FILHOS DA LUA

Estávamos assistindo a um filme na padaria. Patrícia disse:

– Tia, eu não tô enxergando. Eu não vejo você. Eu fiz exame na escola e eu não via nada.

Eu vô tê que usá óculos! [Patrícia]

– É, Patrícia? Eu também usava. Eu fiz cirurgia e agora eu não preciso mais. [pesquisadora]

– Tia, os óculos que você usou dá pra mim, porque eu não tenho dinheiro pra comprar! Eu não sei o que fazer! Eu não sei como eu vô arrumar esse dinheiro! [Patrícia]

– Eu dei meus óculos para alguém que também precisava e já faz tempo. Além do mais, eram óculos de adulto. Mas, fique tranqüila que a tia Laura [a assistente social] vai resolver o problema pra você. [pesquisadora]

Quando fomos para o refeitório, perguntei à monitora Marta sobre o problema de visão de Patrícia e ela disse que não estava sabendo de nada.

Algum tempo depois, a monitora Marta comentou que eu havia sido a primeira pessoa a saber sobre o problema de visão de Patrícia. Ela disse também que havia encaminhado o caso para a assistente social para ver se a mesma iria conseguir os óculos para Patrícia.

Na semana seguinte, assim que cheguei à instituição, perguntei a Nadir sobre os óculos de Patrícia. Ela disse que o Centro de Assistência às Famílias Carentes da cidade não havia aprovado a compra dos óculos. Diante de tal situação, disse a ela para avisar a assistente social que eu iria providenciar a armação dos óculos para ajudar nas despesas, ficando a instituição com o custo das lentes. Foi somente assim que conseguimos resolver o problema de Patrícia.

O CORPO TAMBÉM FALA

Se por um lado havia aspectos recorrentes relacionados aos modos de agir, de pensar, de sentir e de falar das crianças da instituição em função das experiências que as mesmas haviam vivenciado, por outro lado havia um aspecto peculiar que afetava Patrícia e que, em determinados momentos, a diferenciava das outras crianças:

Eu e Patrícia estávamos sentadas no banco da área externa olhando João, Alberto, Tales e Danilo jogarem bola. Assim que Patrícia decidiu sentar em minhas pernas, notei que seu short estava molhado. Pensei que ela havia sentado anteriormente em alguma das poças de água que haviam se formado no piso de cimento, pelo fato da monitora Cidinha ter lavado a área dos fundos. No entanto, devido ao mau cheiro, logo percebi que era urina. Fiquei sem jeito de falar com Patrícia, pois ela me abraçava e dizia:

– Fofa! Conta a história dos dinossauros pra mim? [Patrícia – referindo-se a um livro que estava em cima da mesa e que Alberto havia trazido da biblioteca da escola]

O livro contava a história de um dinossauro chamado Aladar que havia sido separado de sua espécie ainda dentro do ovo e nascido aos cuidados de um clã de lêmures. No momento em que eu fazia a leitura, Patrícia me interrompeu dizendo:

– Tia, amanhã é dia de visita. Minha mãe nunca veio me visitá. Eu tenho saudade dela, porque nunca mais eu vi ela. Eu, a Priscila e o Davi fomos separados da família igual o Aladar. Olha como ele tá triste! [apontando para a gravura do dinossauro] Eu não conheci meu pai, igual o Aladar da história. A minha tia foi falá pro Juiz que nós ia vim aqui porque minha mãe morava aqui, mais só que a minha mãe não mora! O Juiz pensô que ela morava aqui, mais eu acho que a minha tia falô o lugar errado! Aqui é o lugar errado! Não era pra mim tá aqui! Era pra mim tá lá na casa onde minha mãe foi, minha mãe mora! [Patrícia – falando aflita]

Em certa ocasião, levei uma sacola de fantasias que foram doadas para as crianças. Patrícia colocou a fantasia de bailarina e ficou virando cambalhota e estrela no tapete da sala. Após alguns minutos, Patrícia fez xixi na fantasia. Ieda e Valquíria, ao perceberem, começaram a ralar com a menina, afinal elas também queriam colocar a fantasia de bailarina. A monitora Marta, ao ouvir a discussão, pediu às meninas que parassem de brigar e em seguida disse para Patrícia tirar a fantasia e levar para a monitora Odete lavar. Patrícia voltou para a sala com outra roupa, mas tempos depois a menina havia feito xixi, novamente, na roupa limpa. Marta pediu para Patrícia tomar um banho, enquanto Valquíria foi buscar um short para Patrícia. A monitora Marta comentou que todas as calças de Patrícia estavam sujas, já que ela precisava se trocar diversas vezes durante o dia. Por esse motivo, apesar do frio, Patrícia teve que colocar um short.

As crianças da instituição já haviam percebido que Patrícia freqüentemente urinava na roupa. Por isso, vez ou outra, elas aproveitavam a situação para tirar sarro de Patrícia ou para insultá-la:

Nas férias escolares do mês de janeiro, decidi levar as crianças, três de cada vez, para passar o domingo com minha família. Em um dia de visita, quando André Luís, Alberto e João estavam discutindo de quem seria a vez de passar o dia comigo, Alberto disse:

– Quando for a vez da Patrícia ela vai dá trabalho, porque ela só mijá na calça. [Alberto]
– É dona! Ela mijá na calça e não vai no banheiro. Acho que ela tem algum problema. [André Luís]

Em certa ocasião, Danilo aproximou-se e disse:

– Dona, grava o que eu sonhei? [Danilo]

– O que você sonhou? [pesquisadora]

– Eu sonhei que a Patrícia ficava mijano. Só isso que eu sonhei. [Danilo – rindo]

Patrícia pegou o tênis de um dos meninos que estava no chão da padaria e jogou em Danilo.

Estava com Patrícia e Ieda na mesa da área dos fundos. A pedido de Ieda, comecei a ajudá-la a fazer as atividades de escola solicitadas por sua professora. Tratava-se de operações de adição com parcelas de apenas um algarismo. Patrícia, que estava ao nosso lado, embora ainda não estivesse na escola, prestava atenção em todas as perguntas que eu fazia à Ieda e conseguia acertar o resultado das operações. Cada vez que ela acertava, ela pulava em minhas pernas e me abraçava para comemorar. Logo na primeira vez que ela sentou em minhas pernas, notei que ela havia feito xixi na calça. Depois, percebi que Patrícia estava fazendo xixi aos poucos, em pequenos intervalos de tempo, pois a mancha molhada ia aumentando gradativamente e o cheiro de urina ia ficando cada vez mais forte. Ieda também começou a sentir o mau cheiro e, categoricamente, disse para Patrícia:

– Quê que adianta acertá tudo, essa menina só mija na calça! Cê tá fedeno, Patrícia! Parece um bicho! [Ieda]

Patrícia não disse nada. Ela apenas ficou emburrada e entrou. Logo depois ela apareceu na área dos fundos vestindo um short limpo. Mesmo assim, após algumas horas, esse short também estava molhado de xixi.

Aproximei-me da estante em alvenaria para guardar o boné que Patrícia havia deixado comigo. Patrícia aproveitou o momento, subiu no sofá, colocou as mãos em meu pescoço e pulou em minhas costas. Como eu não estava prevenida, me desequilibrei e procurei me apoiar no braço do sofá para não cair. Fátima viu a cena e disse:

– Nada disso! Cê vai machucá a Sheila! E ainda mais que cê tá mijada! [Fátima]

Durante as minhas observações, pude perceber que Patrícia estava sofrendo muito com toda essa situação, pois ela estava ciente de que, por algum motivo, não conseguia ter o controle esfinteriano de seu organismo:

Todas as crianças estavam na sala de televisão se vestindo para irem tomar lanche no McDonald's com uma visitante, com exceção de Patrícia que ainda estava no banho. A monitora Marta comentou que Patrícia precisara se lavar novamente, pois havia feito xixi na roupa limpa. Para contornar a situação, a monitora Marta foi procurar uma calça que tivesse cores semelhantes à blusa de Patrícia, para que ela não ficasse chateada, uma vez que a menina, antes do ocorrido, havia ficado muito empolgada em colocar o conjunto de short e blusa que eram novos. Assim que saiu do banheiro, Patrícia veio me abraçar e, com os olhos cheios de lágrimas e a voz trêmula, perguntou se ela ia ficar bonita com aquela calça.

Estávamos na padaria assistindo televisão. André Luís disse:

– A Patrícia mijô na calça! [André Luís]

– Nossa! Essa menina só mija na calça! Ela não vai no banheiro! [Alberto]

– Patrícia, quer que eu vá com você ao banheiro? [pesquisadora]

– Não, tia. [Patrícia, com lágrimas nos olhos]

Patrícia foi até o banheiro sozinha e voltou logo em seguida com a mesma roupa.

– Tia, eu já tinha terminado de fazê. A hora que eu cheguei no banheiro não adiantava mais, já tinha saído tudo na rôpa. Eu não sinto, tia! [Patrícia – procurando se explicar]

A monitora Marta aproximou-se e após ouvir o argumento de Patrícia, disse:

– Então vai trocá o shortinho, vai Patrícia! [Marta]

Ao ter em conta que Patrícia urinava o tempo todo na roupa, decidi perguntar para as monitoras qual era o problema que a menina apresentava:

Nadir estava chamando as crianças menores para dormir. Ao ver que Patrícia havia feito xixi na roupa, ela pediu que a menina fosse se trocar. Enquanto isso, perguntei para Nadir:

– A Patrícia sempre faz xixi na roupa. Ela tem algum problema? Outro dia o Alberto disse que ela tem medo de ir ao banheiro. [pesquisadora]

– Não é medo, não. Eu fui com ela na médica e ela disse que a Patrícia faiz xixi e não sente, por isso ela faiz na calça. [Nadir]

A monitora Marta, por sua vez, disse que o problema de Patrícia era psicológico, pois as monitoras já haviam levado a menina em diversos médicos e todos disseram que ela não tinha nada.

Embora as monitoras tivessem mencionado superficialmente o problema de Patrícia, ainda havia ficado uma lacuna para que eu pudesse compreender o que realmente estava acontecendo e alguns indícios revelados por Patrícia e por Priscila, sua irmã mais velha, fizeram com que eu construísse um quadro, sem muitos fragmentos, em relação a esta situação observada:

Estava na mesa da área dos fundos lendo um livro da estória do gato de botas para Patrícia, enquanto alguns meninos jovagam bola. Patrícia interrompeu a leitura e disse:

– Tia, a minha mãe brigava comigo às vezes. [Patrícia]

– É? Por quê? [pesquisadora]

– Um dia, eu molhei a minha rôpa. Eu tava indo no bar, né, aí eu num agüentei. Lá no bar não tinha banheiro. Aí eu perguntei pra minha mãe: “Mãe, posso í no banheiro?” Daí ela falô: “Aqui não tem banheiro, você vai tê que esperá chegá em casa”. Mais ela demorô até a noite. [Patrícia]

– E aí? [pesquisadora]

– Aí eu mijei na calça, aí ela brigô comigo. Ela pegô aquele ferro, aquela parte da cinta, o ferro que põe aqui [mostrou a cintura] e me bateu e me deu um monte e fico até a marca. Fico roxo.

[Patrícia]

Tales aproximou-se e, após ter ouvido parte da conversa, disse com a intenção de provocar Patrícia:

– Mentira! [Tales]

– Verdade! Eu tinha até a marca! [Patrícia]

Em certa ocasião, Priscila falou sobre o dia em que ela, Patrícia e Davi, foram levados para a instituição:

Estava com Priscila na mesa da área dos fundos. Priscila disse que gostaria de passar o Natal com sua mãe, mas que se isso não fosse possível, não haveria problema, porque ela acreditava que no próximo ano ela e os irmãos voltariam a morar com a mãe, que estava tentando tirá-los de lá. Em seguida ela disse:

– A minha mãe não tem culpa da gente tá aqui. Ela trabalhava e só voltava no escuro, de noite. Quando ela chegava, ela trazia marmiteira pra nós. Às vezes sobrava um pouquinho pro dia seguinte e aí eu esquentava pra mim e pros meus irmãos. De dia não tinha nadinha pra gente comê. Tinha vezes que a minha mãe saía e não voltava mais, aí a gente começava a chorá. Um dia a vizinha foi lá em casa, viu que a gente tava sozinha e olhô no armário pra vê se não tinha nada pra gente comê. Aí ela viu que a minha mãe não deixava nada pra nós. Aí ela telefonô pra polícia e a polícia levô nós embora. Eu entrei no carro e fiquei quietinha no banco. A Patrícia também ficô com muito medo. Eu fico triste de ficá longe da minha mãe. A culpa de tudo isso é da vizinha. [Priscila]

Algumas crianças também comentaram sobre o dia que Priscila, Patrícia e Davi chegaram à instituição:

Priscila e Alberto estavam na mesa da área dos fundos pintando um desenho com guache. Eu estava apenas observando-os. Valquíria aproximou-se com um guarda-chuva aberto na mão. Depois de fechá-lo, ela sentou-se em uma de minhas pernas. Danilo aproximou-se e sentou na outra. Em seguida, Danilo segurou em meu rosto e me disse cantando, em uma melodia desconhecida:

– Te amo... demais, demais! [Danilo]

Valquíria olhou para Danilo e comentou:

– Esse moleque, quando chegô aqui chorô muito. [Valquíria]

– Sim, sim, sim... Não, não, não... [Danilo – cantando]

– Tava chorando ele, o Toni, a Karina, menos a neném. É que a neném é muito pequena e não sabia ainda que ia ficá sem a mãe. [Valquíria]

Alberto entrou na conversa:

– Eu não chorei dona, quando eu cheguei aqui! Só que eu fiquei olhando pra tudo assustado. Eu cheguei antes do André Luís. [Alberto]

– Eu também não chorei. [André Luís]

– Essa menina não chorô, dona! [Alberto – referindo-se à Patrícia] O Davi também não, mais a Priscila ficou com o olho parado e começou a encher de lágrima. [Alberto]

– Claro! Cê queria o quê, moleque! [Priscila]

Priscila era uma menina tímida, que possuía um olhar triste e distante:

Estávamos na sala assistindo televisão. Valquíria comentou que no dia anterior havia sido o aniversário de Priscila. Logo em seguida, Priscila comentou:

– Nem precisava ter contado pra dona, Valquíria, porque o meu aniversário foi horrível! Foi como um dia qualquer, só que pior, porque era meu aniversário e foi igual aos outros dias. [Priscila]

Patrícia, percebendo a tristeza da irmã, completou:

– Vamo cantá parabéns pra Priscila? [Patrícia]

– Vamos!!! [pesquisadora]

As crianças menores se empolgaram e começaram a acrescentar elementos à simples ação de cantar “Parabéns”, instituindo uma situação de jogo simbólico:

– Faiz de conta que a mãe dela e o pai dela fez uma festa pra ela. [Toni]

– Eu sô o bolo e essa pecinha [uma pequena corneta de plástico] é uma vela. A mãe e o pai dela tem que tá na festa, pra dexá ela feliz. [Danilo]

– Eu sô a mãe dela. [Ieda]

– Os irmãos já tão aqui. E esses são de verdade, né tia? [Patrícia – rindo]

– Falta o pai. [Danilo]

– Eu sô o pai! Eu sô o pai! [Walmir]

– Ai que pai pequenininho! [Danilo – rindo]

Priscila estava com um olhar melancólico, mas mesmo assim arriscou um sorriso e nos abraçou, porém a encenação dos papéis de pai, de mãe e de filha não se concretizou.

Estávamos na padaria assistindo o filme *Lilo e Stitch*. Durante o filme, Priscila chegou do Centro de Saúde Mental. Ela comentou que já havia assistido aquele filme e que havia gostado tanto que queria assisti-lo novamente. Depois ela disse:

– Tia, eu também quero *Ohana*. *Ohana* quer dizer família⁶⁷. Eu adorei esse desenho porque no final a menina encontra uma família. Eu vi esse desenho no cinema quando eu morava na outra Casa do Menor. Sabe tia, eu tô com saudade da minha mãe. Eu queria saí da casa, mais eu não sei se um dia isso vai acontecê comigo e com os meus irmãos. [Priscila]

MUDANÇA ENIGMÁTICA

Após ter em conta estas situações, um acontecimento inusitado fez com que o modo de agir de Patrícia, Priscila e Davi mudasse de forma significativa.

A monitora Nadir comentou que Patrícia e os irmãos iriam receber a visita da mãe pela primeira vez. No entanto, as monitoras foram orientadas a não avisar as crianças com antecedência para que as mesmas não ficassem ansiosas ou frustradas após criarem expectativas, pois poderia acontecer da mãe não aparecer. Nadir disse que seria difícil se conter, pois ela gostaria de dar essa notícia às crianças para que as mesmas ficassem felizes.

No dia anterior à visita, Nadir apenas perguntou à Patrícia qual seria o maior desejo de sua vida e, assim que a menina respondeu que seria ver a mãe novamente, Nadir procurou dar-lhe esperanças dizendo: “Por que você não pede para o papai do céu? Quem sabe a sua mãe vem te ver amanhã!”

Nadir disse que a mãe de Patrícia realmente apareceu no dia seguinte. Ela chegou na instituição com um bebê no colo, de aproximadamente três meses, e comentou com as monitoras que durante o tempo em que Priscila, Patrícia e Davi estavam na instituição, ela havia engravidado de um outro rapaz e havia tido esse filho. Em certa ocasião, Patrícia veio me contar os detalhes dessa visita:

– Tia, minha mãe veio me vê. Eu tô tão feliz! Eu pensei que ela não queria me vê nunca mais, mais ela qué. Ela trouxe meu irmão. Eu ainda não conhecia ele. Até que enfim ela vai ficá com um namorado só! Ela tinha um monte, tia! Ela namorava o pai da Priscila e nasceu a Priscila. Aí ela namorô meu pai e eu nasci. Aí ela namorô o pai do Davi e ele nasceu. Agora ela namorô o pai do meu irmãozinho e aí nasceu esse irmãozinho. Esse irmãozinho nasceu da barriga dela. Eu falei pra ela ficá só com esse namorado. Já chega! [Patrícia]

Davi, que estava ao nosso lado, lançou um sorrisinho. Patrícia continuou:

⁶⁷ Em uma das cenas, *Lilo*, a protagonista do filme, explica para *Stitch*, um alienígena, que *Ohana* quer dizer família. O filme de animação se passa no Havaí.

– Sabe, tia, o Davi começou a chamar a minha mãe de tia! A cabecinha dele tá confusa, porque aqui ele chama todo mundo de tia. Acho que ele nem lembrava da minha mãe. Então quando ele chamou a minha mãe de tia, minha mãe ficou brava e falou pra ele que ela não era a tia dele, que ela era a mãe. Ela falou que não queria mais saber de ouvir ele chamando ela de tia. Só que o Davi não conseguia e ele chamava ela de tia toda hora. Ele não tá acostumado. [Patrícia – abraçando o irmão]

Em uma das visitas que fiz na instituição, tive a oportunidade de conhecer a mãe de Patrícia:

Olhei pela janela da sala e vi no corredor da padaria, uma moça negra com um bebê no colo. Patrícia e Priscila estavam juntas. Assim que me viu pela fresta da janela, Patrícia falou toda feliz e com orgulho:

– Tia, essa é a minha mãe! Ó o meu irmão, tia! Vem conhecê! [Patrícia]

A monitora Nadir levou-me até a padaria, onde estava a mãe de Patrícia. Notei que Priscila era muito parecida com a mãe e esta, por ser muito jovem, chegava a parecer a irmã mais velha de Priscila. Logo depois que a cumprimentei, ela avisou as crianças que já estava indo embora. Priscila e Patrícia se aproximaram e deram um beijo em seu rosto. Davi ficou parado, apenas olhando para a mãe:

– Vem dá um beijo na mãe. [mãe das crianças – referindo-se a Davi]

Davi foi até a mãe e beijou-a. Assim que ela foi embora, os olhos de Priscila se encheram de lágrimas. Patrícia, por sua vez, pulava de alegria e me abraçava. Já Davi, pegou alguns brinquedos de dentro de uma sacola e os jogou com toda força contra a parede, espalhando-os pelo chão.

Patrícia procurou justificar a atitude do irmão:

– Tia, o meu irmão tá bravo porque a minha mãe foi embora e não levou ele. Levou só o bebê. Eu não fico brava porque eu sei que o nenê nasceu depois que a gente veio pra cá. Minha mãe me explicou. Por isso que só ele tá com ela. Mais a minha mãe prometeu que vai tirar nós daqui, é só ter paciência. Só que o Davi não sabe esperar porque ele é muito pequeno. Eu sei esperar, tia! Minha mãe mandou esperar. [Patrícia]

A monitora Marta, que estava por perto, disse:

– Olha como essa menina é esperta, Sheila! Eu fico boba de vê! E não é só isso! Ela também não dá trabalho nenhum e é uma belezinha! [Marta]

Estávamos na padaria assistindo uma fita de vídeo. Davi aproximou-se e ficou em pé, de costas para mim, encostando seu corpo em minhas pernas e dando a entender que queria que eu o pegasse. Procurei erguê-lo e colocá-lo sentado em minhas pernas. Passado alguns minutos, Davi deitou a cabeça em meu ombro. Com uma das mãos comecei a acariciar a sua face e com a outra, procurei

sentir a batida de seu coração. Notei que seu coração batia acelerado. Ele parecia tenso. Olhei em seu rosto e ele estava com os olhos fechados, demonstrando estar gostando muito do carinho que eu estava fazendo. Ficamos assim durante algum tempo. Olhei novamente para seu rosto. Como Davi percebeu que eu havia me mexido, ele abriu os olhos, lançou um sorrisinho que lhe era peculiar, e disse: “Minha mãe veio aqui”.

Um fato curioso que pude observar é que antes, Patrícia comentava sobre determinados acontecimentos tristes que havia vivenciado ao lado da mãe, mas após a visita da mesma, deixou de mencioná-los. Aliás, Patrícia passou até mesmo a negá-los. Sem contar que a maioria dos desenhos que Patrícia passou a fazer era de uma figura feminina que ela dizia ser sua mãe.

Estávamos assistindo uma fita de vídeo na padaria. Patrícia estava com um cheiro muito forte de urina. Decidi avisá-la:

– Patrícia, você fez xixi na roupa, amor! Vamos tomar um banho? Quer que eu avise a tia Marta? [pesquisadora]

– Eu vou trocar de roupa. [Patrícia]

– Não deu tempo de ir ao banheiro? [pesquisadora]

– Não. Eu nem sinto, tia. A hora que eu vou ver eu já fiz. [Patrícia]

– Patrícia, eu me lembro que um dia você contou que saiu com a sua mãe e que você queria fazer xixi. Ela disse que ia embora logo, mas não foi e você acabou fazendo xixi na calça. Fala pra mim um pouco mais desse dia! [pesquisadora]

– Não, tia! Eu falei? Eu não falei isso! Cê sonhou! [Patrícia]

Tales, que estava por perto, interferiu:

– A tia não sonhê, não! Eu lembro disso. A tia tem gravado. É o dia que a tia tava com o gravador. [Tales]

Patrícia não quis admitir o fato e ao ficar sem argumentos após a intervenção de Tales, disse:

– Foi sonho e pronto! Então, eu que sonhei e aí eu contei o meu sonho. Qué dizê, meu pesadelo, porque isso não é um sonho, é um pesadelo. A minha mãe gosta de mim! [Patrícia]

O assunto acabou aí, pois Patrícia saiu da padaria para trocar a roupa.

Estávamos na padaria. Patrícia pediu uma folha de sulfite e disse que ia desenhar sua mãe.



Figura 21 – Desenho de Patrícia

Uma outra situação de brincadeira envolvendo Patrícia, Priscila e outras crianças, trouxe à tona aspectos da realidade em que elas viviam, bem como aspectos que se relacionavam ao desejo que elas possuíam:

Em uma das visitas levei massinha de modelar para as crianças. João e Valquíria sugeriram a confecção de personagens para encenarem uma peça de teatro. As crianças aprovaram a idéia e começaram a fazer figuras humanas e objetos para compor a dramatização. Priscila fez uma flor e um vaso sanitário. Valquíria fez uma figura humana do sexo feminino e disse que seria a mãe. Alberto fez apenas a cabeça de um boneco e disse que o seu personagem seria o pai. Patrícia fez um boneco pequeno e disse que ele seria o bebezinho. Carlos fez uma banheira e João fez uma cobra e um carrinho. A brincadeira teve início com João anunciando que iria ser o narrador da história. Logo depois, as enunciações das crianças foram emergindo e articulando experiências reais/imaginárias:

- Eu vô sê o narrador da história! [João]
- Eu vô sê a mãe! [Valquíria]
- Era uma vez uma mãe muito malvada que maltratava o seu bebê. Certo dia o seu... o pai do bebê levô o bebezinho lá pro Conselho Tutelar. Daí o bebezinho... [João]
- Por causa que a mãe dele tava maltratano ele e ele tinha que mamá no peito e ela não dexava. [Priscila]
- Daí o bebezinho entrô na Casa do Menor. [João]
- Depois ele foi adotado e viveu feliz para sempre. [João]
- E o pai chegô lá. [Priscila]
- Deixa eu sê o pai! Deixa eu sê o pai! [João – tirando da mão de Alberto a cabeça do boneco que ele havia confeccionado]

– Não! Ele tá magoado! [Alberto – referindo-se à expressão de tristeza que ele havia feito no rosto de seu boneco]

– Aí vem a cobra. [Patrícia]

– Aí come o bebê! Come o bebê! [João]

Patrícia começou a gargalhar.

– Ah, dona! A Patrícia fica rino! Não dá certo! [Alberto]

– Daí depois o pai foi lá, pegô o bebezinho no colo e viu que ele tava sem corpo. Daí levô pro médico correndo. O médico pesquisô ele, porque ele tava sem corpo. Como ele podia vivê sem o corpo dele? O médico viu que ele era mutante só de um dedinho. [João]

– Ah, dona! Tá estragano a história! Eu vô voltá tudo! [Alberto – referindo-se a fita do gravador]

– A mãe morreu. [Valquíria]

– Não! A mãe pegô a guarda do bebê de volta, o papai também e eles viveram felizes para sempre, com o bebê mutante. [João]

As crianças aplaudiram e a história terminou aí.

Depois que a brincadeira acabou, Patrícia e Priscila consertaram os bonecos que correspondiam às figuras familiares, uma vez que os mesmos estavam com algumas partes danificadas:

– Patrícia, conserta o bebê que eu vô fazê um filho maior! [Priscila]

Após consertar o bebê de massinha, Patrícia começou a fazer uma mamadeira e uma fralda para o mesmo. Ela disse:

– Tia, leva pra casa esses bonecos e tira a foto deles e dessa panela com a comida, porque eles não pode passá fome. O pai e a mãe tem que dá comida pros filhos! [Patrícia]

– Ah! E leva o bercinho. A hora que o pai cansá de segura o nenê, ele vai pôr no berço. [Priscila]

– Ó, tia, tira a foto deles sorrindo e depois trais pra gente vê! [Patrícia]



Figura 22 – Foto dos bonecos de massinha confeccionados por Patrícia e Priscila. Na figura ampliada, detalhe da “comida” dentro da panela.

Um sentido se instaura com força a partir da fala de Priscila: *“Tia, leva pra casa esses bonecos e tira a foto deles e dessa panela com a comida, porque eles não pode passá fome. O pai e a mãe tem que dá comida pros filhos”*, uma vez que ela e os irmãos chegaram a passar fome e a viver em condições desumanas. É por esse motivo que, em outra situação, a figuração das irmãs Priscila e Patrícia era constituída pela (re)significação de experiências concretas e de eventos imaginados, fortemente desejados:

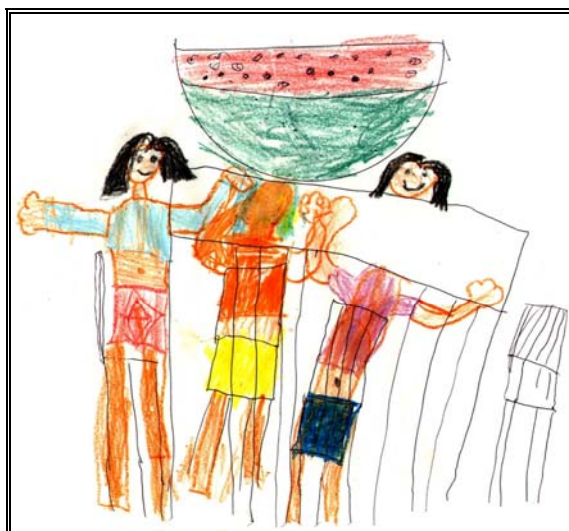


Figura 23 – Desenho de Patrícia



Figura 24 – Desenho de Priscila

De acordo com Vigotski (1995), como o desenho da criança está vinculado a suas lembranças e, ainda, como contém e representa aspectos essenciais que permitem o reconhecimento e a interpretação de objetos ou de situações vivenciadas pela criança, pude notar que Priscila e Patrícia estavam reconstruindo, num processo ativo, acontecimentos registrados em suas memórias, figurando-os. Tanto é que as imagens produzidas por Priscila e Patrícia, que ganharam concretização no papel, referiam-se a algo que elas desejaram intensamente quando vivenciaram uma experiência dramática: a fome.

Episódio 6

Dias Florescentes

Conforme eu havia combinado com as monitoras, levei uma pequena árvore de Natal com sininhos, lacinhos e pacotinhos de presentes, bem como uma árvore grande de plástico, com bolas coloridas, para decorar a instituição no mês de dezembro.

Assim que cheguei, a secretária apareceu no portão para abri-lo, uma vez que Valquíria estava na varanda à minha espera e havia avisado a mesma que eu já me encontrava do lado de fora da casa.

Após explicar à secretária que a árvore de plástico estava toda empoeirada e precisava ser lavada antes de ser montada, deixei os enfeites na porta da sala da assistente social, para que a limpeza e a organização dos mesmos fossem providenciadas.

Logo em seguida, cruzei o refeitório e caminhei em direção à sala de televisão. Quando as crianças menores me viram, todas ficaram agitadas e começaram a falar ao mesmo tempo:

- Minha mãe veio me vê! [Karina]
- Buna! Buna! Buna! [Viviane]
- É o tio Isaías, riquinho, ricão, meu amor! [Walmir]
- Cê trouxe filme? [Toni]
- Cê trouxe seu filho? [Sandro]

Sem que eu tivesse tempo de responder a qualquer uma das perguntas, Ieda e Davi me pediram um beijo, enquanto Patrícia se aproximou para me abraçar, coçando a cabeça. Após cumprimentá-los, fui até a padaria onde estavam as crianças maiores e dei a notícia:

- Eu tenho uma novidade. Adivinhem o que eu trouxe? [pesquisadora]
- Um filme? [André Luís]
- Não! Eu trouxe alguns enfeites de Natal e duas árvores! [pesquisadora]
- O quê, dona? O quê? [André Luís – demonstrando grande alegria]
- Eba! Uhhhh! Uhhhh! Uhhh! Dona! Dona! Dona! [crianças]

As crianças formaram um círculo ao meu redor ao mesmo tempo em que gritavam:

– Viva a Dona! A Dona é a melhor! Uhhh! Tererê! Uhhh! Tererê! [crianças]

Ao final da algazarra, as crianças me abraçaram bem forte. Como elas ficaram muito agitadas e ansiosas, a monitora Nadir achou melhor deixá-las montar a árvore naquele momento.

As crianças foram até a sala da assistente social e pegaram a árvore. Alberto, Tales, Danilo⁶⁸, Ieda, Patrícia e Valquíria começaram a enfeitar a árvore menor. Depois disso, André Luís foi para a pia da padaria e começou a lavar os galhos da árvore maior. Enquanto Valquíria e Tales tiravam a água dos galhos e balançava-os contra o vento no corredor ao lado da padaria, Danilo pegava os galhos limpos e colocava-os na haste da árvore.

Quando as crianças perceberam que Danilo havia iniciado sozinho a montagem da árvore, elas ralharam com ele:

– Pára, moleque! É pra montar todo mundo junto! [André Luís]

– Sai moleque chato! Cê não sabe! [Valquíria – dando um tapa com toda força nas costas de Danilo]

– Moleque feio e beijudo! Cagão! [Tales]

Danilo ficou emburrado e veio me abraçar chorando. Ele disse:

– Tia, eu queria í embora daqui. Eu não gosto daqui. Eu queria í pra minha casa. Minha mãe falô que vai buscá eu e meus irmãos pra passá o Natal com ela e depois nós vamo ficá morano lá. Tia, traiz um anjo pra pendurá em cima, qué dizê, prá colocá lá em cima na ponta da árvore? Um anjo pra gente fazê um pedido? Eu vô pedi pra í embora pra minha casa. [Danilo – chorando]

André Luís interferiu:

– Quê anjo o quê, moleque! A dona vai trazê o que ela pudê! Não é pra ficá pedino pra ela comprá as coisa! [André Luís]

Logo depois, fomos para a área dos fundos porque as crianças queriam confeccionar cartõezinhos para colocar na árvore de Natal. No entanto, Danilo disse que queria que eu escrevesse uma cartinha para o Papai Noel e foi ditando o que eu deveria escrever:

⁶⁸ Este episódio refere-se à história de Danilo (7 anos) e de seus irmãos Camile (7 meses), Karina (3 anos) e Toni (5 anos).

– Eu quero que o Papai Noel traiz brinquedo pros meus irmãos, traiz uma bicicleta pra mim, uma boneca pra minha irmã Karina e um ursinho pra nenê, pra Camile. Eu quero í no Jardim Rosário, na minha casa, número seis, e quero que o Papai Noel leva um presente pra minha mãe e pro Vicente. [Danilo]

– Quem é Vicente? [pesquisadora]

– É o namorado da minha mãe. [Danilo]

– Eu quero que o Papai Noel leva uma bermuda e uma jaqueta pro Vicente. Pra minha mãe eu quero que ele dá uma saia bem bonita! Ah! E escreve que eu quero passá o Natal com a minha mãe e o Papai Noel dá coisa pra mim e eu mando um beijo pra ele. [Danilo]

– Nossa, dona! Cê escreveu tudo isso pra esse moleque forgado! [Alberto]

– Esse moleque beçudo! Papai Noel vai chegá aqui e vai levá um susto! Só você que qué passá o Natal com a sua mãe é? Eu tamém queria! [Tales – batendo no braço de Danilo]

– Minha mãe vem aqui na sexta-feira. Eu vô embora no Natal. Minha mãe que me falô. [Danilo – chorando ainda mais]

Nesse momento, percebi que o fim de minha visita estava próximo, uma vez que as crianças menores haviam voltado da escola. Danilo notou que eu estava organizando minhas coisas e disse que não queria que eu fosse embora⁶⁹. Aliás, nesse dia, ele já havia pedido diversas vezes para que eu ficasse. Como eu expliquei que precisava ir, pois iria trabalhar, ele agarrou uma de minhas pernas, impedindo que eu andasse. A monitora Irene, que estava por perto, procurou intervir. Então, Danilo, após dar uma risadinha sem graça, acabou soltando a minha perna.

No entanto, antes de ir embora, perguntei à monitora Nadir, que havia me acompanhado até o portão, se realmente Danilo e os irmãos iriam sair da instituição no Natal. Ela disse que não, embora estivesse previsto para eles saírem definitivamente em fevereiro do próximo ano. Ela disse também que eles iriam passar o Natal na casa de uma tia que havia morado na instituição durante seis anos.

De acordo com a assistente social, a mãe de Danilo é dependente química. Além disso, ela não teve a possibilidade de garantir as necessidades básicas das crianças. Na época, levantou-se a hipótese de que ela havia caído numa situação de estresse emocional e por esse motivo não havia dado conta de cuidar dos quatro filhos.

⁶⁹ Toda vez que eu arrumava o material que levava, as crianças perguntavam preocupadas: “Cê já vai embora?”

Embora tivesse pouco contato com a mãe, Danilo freqüentemente fazia referência à mesma:

Danilo pegou um batom rosa que estava na mão de Ieda e tentou delinear o contorno de uma boca em sua bochecha. Feito isso, ele disse:

– Olha, dona! Minha mãe veio me vê e me deu um beijo. Ficô a marca. [Danilo – exibindo a marca de batom para mim e para as outras crianças]

Tales começou a rir de Danilo. Em seguida comentou comigo:

– Esse moleque gosta de sonhá, dona! Pra mim, ele é doido! [Tales – rindo]

Em outra circunstância Danilo proferiu em voz alta, num tom quase gritante:

–Tia, minha mãe veio me visitá com a madrinha da Karina. Ela deu muita coisa pra mim e eu passei mal. Elas trouxero chiclete, suco de laranja... [Danilo]

Em seguida, ele deu uma volta de bicicleta, derrapou em minha frente e disse:

– A minha mãe me ama! [Danilo]

Valquíria interferiu:

– Mais o pai nem liga! [Valquíria]

– Liga sim! Meu pai é o José Baiano! Ele vem me vê a hora que cê tá na escola. [Danilo – enfatizando o nome do pai]

Tendo em conta que, segundo a monitora Marta, Danilo mal conhecia pai, pude notar que o menino estava elaborando a figura do mesmo, bem como a relação que existia entre ele e o pai, de forma onírica, uma vez que Danilo se referia a ele com muito orgulho, afirmando diversas vezes que o pai estava presente em sua vida.

Durante uma conversa informal, perguntei à monitora Marta se as crianças já haviam recebido, alguma vez, a visita do pai. No entanto, Marta respondeu que na história das crianças não havia “um único pai”, pois enquanto Danilo era filho de um homem conhecido na cidade inteira, o José Baiano, Toni e Karina eram filhos de um outro pai, de um segundo relacionamento da mãe. Já Camile, era filha de um terceiro relacionamento que a mãe havia tido. Logo em seguida, após informar que atualmente a mãe das crianças estava com um outro homem, que não era pai de nenhum de seus filhos, a monitora Marta finalizou a conversa dizendo:

– Pai é o que essas crianças mais têm, mas nenhum está com a mãe e nenhum deles ajuda!

[Marta]

Acrescentam-se a estas informações obtidas, outros fatos revelados por Danilo e Toni que diziam respeito a acontecimentos que eles haviam vivenciado:

Toni queria que eu gravasse a sua voz. Ele aproximou-se do gravador e disse:

– Lá na casa da minha avó deu um tiro no Danilo e na minha mãe. Aí, depois, a polícia trocô bala perdida, né. Aí tranco minha avó dentro do buraco. Aí ela foi pro Deus. [Toni]

– Eu levei um tiro no pé, dona! [Danilo – mostrando uma cicatriz em seu pé]

De fato, havia uma cicatriz em seu pé, na forma de uma pequena circunferência, com o contorno mal definido. Danilo continuou:

– O bandido ia matá meu pai, daí ele foi matá e acertô no meu pé. Acertô mais não doeu na hora. Mais depois quando mexia dóia. [Danilo]

– Ó que pé de carço, mano! [Tales – tirando sarro de Danilo]

– Não tô achando nenhuma graça! [Danilo – demonstrando estar bravo]

Toni interferiu, mudando o assunto:

– Eu bebi cerveja, aí eu passei mal e vomitei. Foi meu tio que me deu, o Adilson. [Toni]

Danilo completou:

– A minha mãe também bebe cerveja e fuma cigarro! [Danilo]

CICATRIZES PROFUNDAS

Estávamos na área dos fundos. As crianças começaram a desenhar. Patrícia desenhou uma menina e disse que quando crescesse queria ser uma bailarina. Alberto desenhou um campo de futebol e disse que queria ser um artilheiro. Tales comentou que não queria desenhar e simplesmente escreveu na folha: “Eu gostaria que eu fosse só legal”. Danilo, por sua vez, disse:

– Eu só quero ser um cocô. [Danilo]

– Um cocô? [pesquisadora]

As crianças deram gargalhadas.

– É! Um cocô bem fedido! [Danilo]

Em seguida, Danilo pediu para Alberto ensiná-lo a escrever a palavra: chato. Após Alberto escrever em uma folha em branco, Danilo fez a cópia da palavra e depois começou a rabiscar o papel.

– Ele vai sê um rabisco, dona! [Alberto]

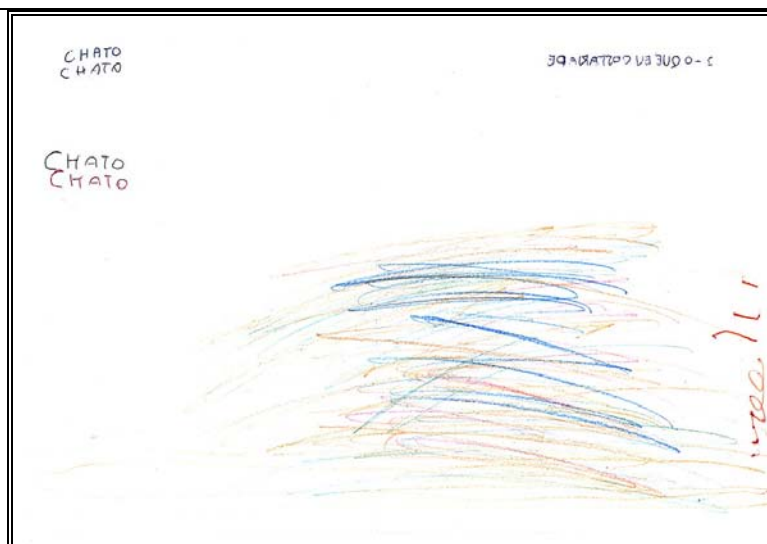


Figura 25 – Produção gráfica de Danilo

Da mesma forma que Danilo, seus irmãos também expressavam uma atitude evasiva e apática:

A monitora Beatriz comentou comigo que trabalhava cobrindo folga e férias das outras funcionárias da instituição. Ela me explicou que o período noturno era completamente diferente do diurno, uma vez que as crianças iam dormir cedo, aproximadamente às 19h30min, e o clima na casa ficava bem tranquilo⁷⁰. Aproveitei e perguntei à monitora Beatriz se as crianças, quando chegavam à instituição, davam trabalho para dormir à noite. Em resposta à minha pergunta, ela disse:

– Algumas sim. A Viviane, por exemplo, deu muito trabalho, porque ela chorava dia e noite e a gente ficava sem saber o que fazer. Geralmente, as crianças dormem a noite toda, inclusive os bebês, e só dão trabalho quando estão doentes. A Patrícia e os irmãos se adaptaram rápido; Danilo e os irmãos também, com exceção da Karina que sentiu bastante. Mas o comportamento da Karina foi diferente do comportamento da Viviane. A Karina, ao contrário da Viviane, nunca reclamou, nunca falou nada. Ela ficava nos cantinhos da casa e saía lágrimas dos olhinhos dela. Ela se encolhia nas paredes e ficava chorando em silêncio. [monitora Beatriz]

Em todas as visitas realizadas, a primeira coisa que Karina dizia logo que me via era: “Minha mãe veio me vê!”

⁷⁰ A monitora Beatriz comentou que as crianças acordam todos os dias às 6h30min., com exceção das crianças maiores, que acordam um pouco mais tarde aos sábados e domingos.

Toni era o menino que, em “todas” as visitas que fiz à instituição, sugeria brincarmos de “Mamãe, papai e filhinho”, atribuindo a mim o papel de mãe e às crianças da casa os papéis de filhos.

É interessante destacar que, como minhas visitas eram frequentes, Toni, irmão de Danilo, pensava que eu vivia o mesmo drama das crianças que ali moravam:

Estava na sala de televisão. Toni aproximou-se e perguntou para mim:

– Cadê seu pai e sua mãe? [Toni]

– Eles estão em casa. [pesquisadora]

– Eles não vêm te visitá? Eles não vêm hoje? [Toni]

– Eles estão em casa. [pesquisadora – sem saber o que dizer]

– Ah, coitada! Cê não tá triste porque eles não vem te visitá? Não fica triste, um dia eles vêm!

[Toni]

Camile, o bebê, também sentia falta de atenção e de carinho. Como havia apenas duas monitoras para cuidar das vinte e seis crianças⁷¹, era impossível para elas dar a atenção que um bebê merecia. As monitoras se viravam como podiam, solicitando diversas vezes a ajuda de Fátima e Silvia, as meninas mais velhas, para trocar, dar banho ou dar comida para os bebês. Embora as monitoras, vez ou outra, parassem o que estavam fazendo para proferir algumas palavras carinhosas aos bebês ou para acariciá-los, a maior parte do tempo dispensado para dar atenção a eles ficava por conta das próprias crianças:

Enquanto eu dava sopinha a Paulo, comentei com a monitora Irene que Camile nunca havia dado um sorriso para mim, ao contrário de Paulo. Após o comentário, Valquíria começou a fazer gracinhas para Camile. Como ela não sorriu, Valquíria decidiu fazer cócegas, colocando sua boca na barriga do bebê. Mesmo assim, Camile não sorriu. Valquíria disse: “Desisto!” Em seguida a monitora Irene comentou que Camile era muito fechada.

Em certa ocasião, Camile estava no carrinho ao meu lado. Patrícia aproximou-se:

– Cadê meu nenê? Cadê minha gracinha? [Patrícia]

Logo depois, Valquíria chegou da escola e também brincou com o bebê:

– Nenê! Cadê o nenê? Fofa! Fofa! [Valquíria]

⁷¹ Para agravar ainda mais a situação, alguns meses depois a instituição deixou apenas uma monitora durante o dia e uma durante a noite para cuidar de todas as crianças.

Alberto, ao perceber que as meninas brincavam com Camile, comentou:

– Coitada da nenê! Óia, tia! Sempre com a cara triste! [Alberto]

Camile estava no carrinho. Walmir aproximou-se e começou a brincar com ela:

– Cadê a minha pêta? [Walmir – falando e beijando o bebê]

Camile, por sua vez, não apresentava qualquer reação. Apenas ficava quietinha olhando para Walmir.

Camile tinha apenas sete meses, mas já revelava em seu olhar uma espécie de tristeza inerente. Também, não era para menos. Além de vivenciar a vida de institucionalizada, Camile, por apresentar traços de negritude, também estava sofrendo o preconceito da sociedade. Afirmo isso porque Camile era um bebê que não recebia a mesma atenção dos visitantes, tal como ocorria com Paulo e Viviane:

Comecei a conversar com a monitora Beatriz sobre a saída de Paulo da instituição:

– A Maria José⁷² disse no dia em que o Paulo foi embora, que isso era a mão de Deus. E eu disse para ela: “Mão de Deus que nada! Se fosse mão de Deus, não era pra levá só os bonitinhos!” Todo mundo que vem aqui, fica de olho no Paulo e na Viviane. Por que eles não olham pros outros? Pros grandes? O Sandro, coitadinho? O João? Deles ninguém pergunta, nem olha! Eu queria tanto que esses meninos arrumassem uma mãe! E a Camile, então! Os outro fala que não liga, que não tem preconceito da cor, mais tem sim. Os escurinhos quase ninguém qué! [Beatriz]

Patrícia estava ao lado ouvindo nossa conversa e completou:

– Coitada da nenê, tia! As visitas quase não ligam pra ela, só ligam pro Paulo. Tem visita que não gosta de neguinho! Pior que eu sô neguinha tamém! [Patrícia – abaixando a cabeça]

Nos dias de visitas ou festas, quando as monitoras mostravam os bebês para os visitantes, embora estes pronunciassem para Camile frases do tipo: “Ai que gracinha!”, “Ai que linda!”, os mesmos a pegavam no colo por alguns instantes e logo a colocavam de volta no chiqueirinho. O mesmo não ocorria com Paulo, uma vez que os visitantes ficavam o tempo todo “disputando” quem iria pegá-lo, tirando fotos com o menino e fazendo cócegas em sua bochecha para que ele risse⁷³.

⁷² Tratava-se de uma funcionária que ocupava um cargo de confiança e era encarregada de supervisionar a parte administrativa da instituição.

⁷³ Esse tipo de atitude fazia com que o comportamento dos bebês, quando comparado, apresentasse uma diferença significativa, pois enquanto Paulo era um menino tranqüilo, que estava sempre dando gargalhadas como resposta ao agrado dos visitantes, Camile mantinha-se com o olhar vazio e distante.

Quando Paulo e Viviane já não estavam mais na instituição, um fato ocorrido veio reforçar ainda mais essa observação:

A monitora Nadir entrou na sala de televisão acompanhada de um casal que queria conhecer as crianças da instituição. Durante uma conversa informal, o casal comentou que não podia ter filhos e que tinha interesse em adotar uma criança. Algum tempo depois, e após olhar todas as crianças, o rapaz disse:

- Gostei da menina de short vermelho. Achei ela muito simpática! [visitante]
- De short vermelho? [Nadir – pensando em quem poderia ser]
- Ai, a de short vermelho não é daqui! É filha da Sheila! Essa não pode! [Irene]

Assim que o rapaz fez esse comentário com as monitoras, Tales, Alberto, João, Priscila e Patrícia, que até então estavam na sala assistindo televisão, desviaram o olhar da TV e ficaram olhando para ele. O rapaz, por sua vez, não imaginou que as crianças estavam atentas ao que ele havia dito e acabou ficando sem graça. Assim que ele virou de costas, Patrícia me abraçou e disse:

- Eles nunca se interessam pela gente! [Patrícia]

FELICIDADE INCERTA

Cheguei à instituição às 14h15min. A monitora Marta veio abrir o portão e disse que Danilo e os irmãos tinham ido embora. Ela disse que eles estavam ansiosos e felizes. A mãe veio cedo para visitá-los e os levou. Depois, na sala, a monitora Marta comentou:

– Se você soubesse como essas crianças chegaram na instituição! Chegaram sujas, sujas e mais uma vez sujas; chegaram com piolho, com ferida, uma judiação! A Camile tinha uma ferida desse tamanho no pé! [Marta – fazendo um gesto com a mão]

– Quando as crianças chegam, elas trazem alguma coisa delas ou vem só com a roupa do corpo? [pesquisadora]

– Roupas? É o que eu disse. Elas trazem muita sujeira, muito piolho, muitas doenças. Tem criança que cê vê agora, cê não acredita como chegou! [Marta]

A monitora Nadir interferiu:

– Elas só vêm com a roupa do corpo. A gente tem tudo aqui e dá pra criança. [Nadir]

– E as outras crianças quando viram o Danilo e os irmãos indo embora, como ficaram? [pesquisadora]

– Elas ficaram todas felizes. Acho que elas ficam pensando que o dia delas também vai chegar e ficam felizes pelos colegas. [Marta]

Lembrando que a vida de cada ser humano é um drama, que se não for lido até a última página não se sabe como irá terminar, me senti como se tivesse interrompido a leitura de um livro raro e único, para depois ficar imaginando como seria a vida de Danilo e de seus irmãos dali para frente, uma vez que eles haviam deixado a instituição.

Esta mesma sensação perdurou em mim nos dias que transcorreram após a saída de Jaci, Raul e Raí⁷⁴, já que o que eles mais queriam era sair da instituição para morar com o pai:

Antes de fazer as crianças menores dormirem, a monitora Marta comentou:

– A Jaci e os irmãos vão embora a semana que vem. O Juiz investigou a vida do pai de Jaci e disse que ele mudô, que virô evangélico. O pior é que eles vão embora para uma outra cidade distante daqui. Acho que é em outro Estado. A gente sente, porque faiz um tempão que eles tão aqui. Jaci tinha dois anos e os gêmeos apenas oito meses quando chegaram na instituição. [Marta]

As monitoras Marta e Nadir disseram que estavam preocupadas, pois se não desse certo morar novamente com o pai, Jaci e os irmãos seriam encaminhados para uma instituição que pertencesse à cidade para onde estavam indo. Nadir disse que apesar dos três terem sofrido muito com a família, o desejo de irem embora com o pai era tão grande que até mesmo ela estava ansiosa para que desse tudo certo. Nadir disse também que eles queriam tanto ficar com o pai que não tinham nenhuma noção sobre se iam estranhar morar com o mesmo ou se iam gostar do lugar. O único desejo que Jaci e os irmãos tinham era o de ficar com o pai.

Na quinta-feira telefonei para a instituição a fim de saber a que horas Jaci e os irmãos iriam embora. A funcionária Maria José disse que não tinha uma previsão do horário, pois o Fórum não havia telefonado informando a respeito.

Quando cheguei à instituição, Nadir e Marta disseram que as crianças não iriam aquele dia, pois o carro do pai havia quebrado e ele viria buscá-las somente na segunda-feira. As monitoras disseram que o pai falou com Jaci ao telefone para explicar-lhe o que havia acontecido. Assim que entrei na sala, vi Jaci e os irmãos sentados no sofá, quietinhos, um ao lado do outro, com as perninhas esticadas, vestindo roupas e sapatos novos. Jaci esfregava uma mãozinha na outra, demonstrando ansiedade. Antes de me cumprimentar, os gêmeos disseram:

– O carro quebô! O carro quebô! [Raul e Raí]

A monitora Marta olhou para as crianças com compaixão e comentou comigo:

– Deus queira que essas crianças não sejam judiadas! Olha como elas estão! [Marta]

⁷⁴ Jaci tem 6 anos e os seus irmãos gêmeos, Raul e Raí, têm 4 anos.

Uma semana depois, logo no início de minha visita, perguntei à monitora Nadir como havia sido a saída de Jaci e dos irmãos da instituição. Ela disse:

– Foi uma choradeira só. No fim eu não estava aqui⁷⁵, foi a Marta que me contou. A Cidinha também estava aqui. Elas disseram que as crianças nem dormiram à tarde, de tão ansiosas. A Marta deu um banho nas crianças e elas ficaram prontas a tarde toda esperando o pai, sentadinhas no sofá, mais ele chegou só no final da tarde, na hora que deu aquela chuva forte. A hora que o pai apareceu no refeitório, a Cidinha foi chamar a Marta. Ela contou que nesse momento já começou a chorar, porque ela não queria ver as crianças indo embora. As crianças levaram as suas roupinhas e os seus brinquedos. A Jaci levou uma boneca da sua altura, que ela havia ganhado no domingo de uma visitante. Ela mal podia segurar a boneca. A Jaci e os irmãos também levaram as roupinhas novas que haviam ganhado no churrasco que uma empresa realizou aqui na instituição. Eles não levaram muita coisa, porque eles tinham pouca roupa. É que as crianças da casa usam as roupas todas juntas e as crianças daqui também precisam. [monitora Nadir]

As monitoras comentaram que depois que Jaci e os irmãos foram embora, Silvia e Fátima choraram muito. Além disso, como as crianças tinham uma rotina na instituição, tanto as monitoras como as meninas, vez ou outra ficavam se perguntando: O que será que a Jaci, o Raul e o Raí estão fazendo agora? Será que eles estão bem? Será que eles estão estranhando?

⁷⁵ A monitora Nadir comentou que havia levado Dagoberto para o hospital, uma vez que o menino havia escorregado no piso molhado da padaria e batido a cabeça. Como ele desmaiou e começou a vomitar, Nadir decidiu procurar um médico. No entanto, Dagoberto ficou apenas em observação durante oito horas, pois já estava tudo bem com ele.

Episódio 7

Lágrimas da separação

Eram duas horas da tarde, em ponto, e as crianças da instituição já estavam agitadas e preocupadas com a minha chegada, pois, da rua podia-se ouvir o rumor de suas vozes dispersas, crescendo e condensando-se, ora perguntando: “Será que a Sheila não vem?”, ora afirmando: “A Sheila já vai chegar”.

Assim que toquei a campainha da casa, as crianças gritaram: “Eba! Eba! Ela chegou!” Em seguida, elas correram em direção ao portão para me cumprimentar. Como eu havia levado o gravador, João pegou-o da minha mão e disse que iria até a área dos fundos gravar a sua voz, embora ele tivesse me avisado de antemão que eu só poderia ouvir a gravação quando chegasse em casa.

A convite das crianças, fui até a padaria brincar com bolinhas de gude. André Luís tirou uma chave de seu bolso, abriu uma das gavetas de um arquivo que ficava neste local e pegou algumas bolinhas rajadas e coloridas. Depois, André Luís me explicou que aquele arquivo era dele e de Roberto e que eles haviam improvisado um furo na lateral das gavetas e colocado um cadeado novo para que as crianças menores não mexessem nas coisas deles.

Com o intuito de participar da brincadeira, Ieda tirou três bolinhas de gude da boca e disse que, diferente de André Luís e Roberto, a boca era o único lugar que ela tinha para guardar as bolinhas sem que as crianças as pegassem.

Nesse momento, lembrei-me de Campos (1984, p. 91) ao comentar sobre algumas práticas geralmente adotadas por instituições de atendimento à infância, tais como: a falta de espaço individual para que as crianças possam guardar suas coisas, a distribuição de roupas trocadas, o recolhimento de material de uso coletivo, a substituição de objetos sem normas pré-determinadas (perde-se um, ganha-se outro) e os mesmos horários e regras para todos, independente da idade.

Como a maioria das roupas, dos objetos e dos brinquedos é de uso comum, foi impossível deixar de pensar no papel da instituição enquanto reprodutora das relações de produção. Nesse sentido, a impressão que se tem é que elas estão sendo preparadas para se conformarem a não terem nada futuramente.

Nesse movimento discursivo, após considerar estes aspectos, quando eu ia chamar a atenção de Ieda para o perigo de colocar as bolinhas de gude na boca e engoli-las, Fátima entrou precipitadamente na padaria e começou a falar esbaforida:

– Tia, vem vê o nenê que chegô! Corre! [Fátima – referindo-se a mim]

Todas as crianças correram. Saímos pela porta da padaria e vimos Cidinha com um bebê no colo, na porta do refeitório. Era uma menina bem miúda que tinha apenas dois meses de vida, embora aparentasse ser um bebê recém-nascido.

A monitora Marta estava ao lado de Cidinha, de mãos dadas com um menino de pele morena e cabelo raspado. O menino tinha sete anos. Ele estava com a outra mão na boca, tentando esconder a face pálida atrás de Marta. Como o menino estava olhando para baixo, coloquei a mão em seu queixo e ergui cuidadosamente a sua cabeça, com o intuito de vê-lo melhor. Logo depois, perguntei qual era o seu nome. Ele levantou a cabeça bem devagar e, com um olhar assustado, respondeu baixinho, com a voz trêmula:

– Vagner.

Vagner estava com uma pequena mochila nas costas, um tênis, um short e uma camiseta sem manga. Marta pediu sua mochila para guardar. Enquanto isso, decidi apresentar-me e convidá-lo para assistir um filme. Como Vagner concordou, dei a mão para ele e levei-o até a padaria. Algumas crianças foram conosco. Durante o pequeno trajeto, elas começaram a questionar Vagner:

– Sua mãe te largô? Sua mãe te maltratô? [Carlos]

– Não. [Vagner]

– Aquela é sua irmãzinha? [Patrícia – se referindo ao bebê]

Vagner fez sinal de afirmativo com a cabeça.

– Qual é o nome dela? [André Luís]

– Gabriela. [Vagner]

– Por que cê veio pra cá? [Alberto]

– Porque tinha uns amigos em casa que queriam me batê. Eles batiam muito ni mim. [Vagner]

– Isso não tem nada a ver, dona! Garanto que não é por isso não! [Alberto – falando para mim]

– E a sua mãe e o seu pai? [Priscila]

– Tão lá em casa. [Vagner]

Nesse momento, Sandro perguntou para mim:

– Esse é o seu filho? [Sandro – apontando para Vagner]

– Não, Sandro. [pesquisadora]

Vagner sentou no chão da padaria e começou a mexer em um brinquedo que estava próximo. Sandro aproximou-se e passou a mão na cabeça de Vagner. Vagner, por sua vez, não disse nada, mas demonstrando estar ainda mais assustado, começou a tremer.

Valquíria, Alberto e Patrícia foram buscar salgadinho no refeitório e ofereceram a Vagner diversas vezes, com a intenção de dissolver a tensão ansiosa que ele sentia. Algum tempo depois, Priscila pegou uma folha em branco, escreveu os nomes Sheila, Priscila, Patrícia, Carlos, Alberto, Valquíria, João, Ieda e Vagner e, em seguida, desenhou um coração, escrevendo dentro do mesmo: “Vagner e Gabriela, novos amigos”. Logo em seguida, ela mostrou o papel a Vagner. Vagner olhou o papel e começou a chorar.

Apesar de estarem preocupadas com o colega, as crianças não estavam conseguindo reconfortá-lo, uma vez que o menino estava num estado que mal podia sufocar os soluços. Então, com os olhos intumescidos, Vagner não se conteve e disse para mim:

– Eu queria a minha mãe! Acho que eu nunca mais vô vê a minha mãe! Eu não queria ficá aqui!

[Vagner]

Vagner estava se sentindo tão perdido e tão só, que era difícil imaginar como uma criança de apenas sete anos poderia ser capaz de viver e suportar a situação que lhe estava sendo imposta. Algum tempo depois, Marta aproximou-se com uma troca de roupa e um chinelo, e disse:

– Vagner, vai colocá essa roupinha. Tira esse tênis e põe esse chinelo pra ficá mais à vontade.

[Marta]

O chinelo era o mesmo que Danilo usou durante o tempo que morou na instituição. Nesse momento, não pude deixar de pensar em Danilo e em seus irmãos e no fato das crianças estarem ora chegando, ora saindo da instituição.

Nas semanas seguintes, Vagner se sentiu ainda mais angustiado. Ele pedia a mãe diversas vezes e perguntava quando iria embora. Sem contar que Vagner estava vivenciando um momento difícil em sua vida, já que estava sendo submetido ao convívio com um grande número de crianças e à obediência de determinadas normas institucionais. Em outros termos, ele estava vivenciando uma rotina diária até então desconhecida.

As crianças estavam na área dos fundos desenhando. Nadir apareceu na porta da sala e chamou as crianças menores para dormir. Vagner olhou para mim e seus olhos já começaram a encher de lágrimas:

– Tia, pede pra tia Nadir deixá eu ficá com você desenhando. Eu não quero dormir! [Vagner]

– Vagner, a tia disse que se vocês não dormirem, vocês ficam cansados mais tarde e nem jantam! [pesquisadora]

Vagner começou a chorar. Nadir procurou acalmá-lo e levou-o para dormir.

As crianças estavam brincando com água na área dos fundos. Elas estavam alegres e agitadas, exceto Vagner que estava sentado quieto, em um dos bancos, apenas observando as crianças brincarem. Assim que me viu, Vagner veio correndo me abraçar e disse:

– Eu queria í embora! [Vagner]

Dei um beijo em sua face e falei sem jeito:

– Tenha calma, Vagner! Vá brincar de se molhar, vai, meu bem! [pesquisadora – passando a mão na cabeça de Vagner]

As outras crianças vieram me cumprimentar. Como eu havia levado lápis de cor, folhas de papel, algumas caixas de massinha de modelar e o gravador, elas decidiram parar o que estavam fazendo para ficar comigo. Vagner disse:

– Tia, eu quero desenhá. [Vagner]

Algumas crianças olharam para ele e começaram a criticá-lo:

– Esse moleque é folgado, tia! Ele é chato! Eu não gostei desse moleque. Ele é encrenqueiro. [Alberto]

– É, ele é pilantra, tia! Não pode nem encostá nele que ele já vem bateno nos ôtro. [Priscila]

– Ele bate nos pequeno. Ele já brigô de se pegá com o Carlos. [Patrícia]

Vagner permaneceu o tempo todo calado, de cabeça baixa, desenhando. Ele apenas ouviu as críticas das crianças. Quando elas pararam de falar, Vagner começou a chorar e disse novamente:

– Tia, eu quero í embora daqui! Quando eu vô saí? Quantos dias faltam pra eu saí? [Vagner, chorando, aflito]

– Eu não sei Vagner. É a tia Laura que sabe se você vai ficar pouco ou bastante. [pesquisadora]

– Tia, por que eu vim pra cá? Eu não fiz nada! Eu não tive culpa de nada! [Vagner]

– Não, Vagner! A culpa não é sua. Você não fez nada. [pesquisadora]

Vagner me abraçou chorando ainda mais. Alguns minutos depois, ele disse:

– Eu não tô gostando daqui! Eu quero a minha mãe! Me tira daqui, por favor! Por favor!

[Vagner]

Fiquei abraçada com Vagner até ele se acalmar. Ao final da conversa Vagner me entregou seu desenho. Perguntei o que ele havia desenhado e ele respondeu:

– Fiz a minha mãe de um lado, a minha irmã Gabi do outro e eu no meio. [Vagner]



Figura 26 – Desenho de Vagner

Em uma outra visita, Vagner estava isolado na área dos fundos, apenas observando os meninos jogarem bola. Logo que o cumprimentei, ele disse:

– Tia, eu quero í embora! Eu não gostei daqui. Eu tô acostumado junto com a minha mãe!

[Vagner]

Em seguida, Vagner começou a chorar desesperadamente, como se ninguém fosse capaz de escutá-lo naquele momento.

– Não chore, Vagner! [pesquisadora – abraçando-o]

– Eu não queria ficá aqui! Eu tô com saudade da escola, tia! Por que faiz tempo que eu num vô pra escola? [Vagner]

– Eu não sei. Você precisa perguntar pra tia Laura. Agora, vá brincar um pouco com as crianças! [pesquisadora]

– Eu gosto de brincá só lá na minha casa! [Vagner]

Vagner não quis brincar e ficou chorando baixinho, com a cabeça deitada na mesa, até silenciar.

Em uma das visitas, levei novamente massinha de modelar para as crianças brincarem. No entanto, somente as crianças menores se empolgaram para fazer uso desse material. Os meninos maiores preferiram ficar jogando bola na área dos fundos. Vagner pegou alguns rolinhos de massa coloridos e começou a confeccionar figuras humanas. Algum tempo depois, ele veio me mostrar um bonequinho e disse que havia feito sua mãe porque estava com saudades. Depois ele disse que ia fazer os seus quatro irmãos.

Nesse momento, a monitora Nadir aproximou-se para ver a produção de Vagner. Aproveitei a ocasião para perguntar-lhe se Vagner realmente possuía outros irmãos. A monitora Nadir respondeu de modo afirmativo e em seguida comentou que todos os irmãos do menino já haviam sido adotados. Depois, ela disse que a mãe de Vagner foi visitar os filhos na instituição e ela achou que a mulher aparentava ser uma pessoa muito sofredora⁷⁶.

Assim que Nadir se afastou, Vagner disse:

– Nem eu, nem minha mãe fizemo nada de errado! Eu não entendo porque eu tô aqui! Eu já tô me acostumano com essa casa, mais a minha mãe vai conversá com o juiz pra eu e minha irmã saí daqui. [Vagner]

Enquanto falava, Vagner terminava de confeccionar os detalhes dos bonecos de massinha.



Figura 27 – Foto dos bonecos de massinha confeccionados por Vagner

⁷⁶ Durante uma conversa informal, a monitora Nadir comentou que Vagner e a irmã menor haviam sido encaminhados à instituição porque a mãe e o padrasto eram alcoólatras. Nadir disse também que a mãe de Vagner já estava atrás de um advogado para tirar os dois filhos da instituição.

Um dos acontecimentos mais interessantes que pude observar envolvendo Vagner, foi uma situação de jogo simbólico em que as crianças vestiram diversas fantasias que eu havia levado como doação para a instituição, e fizeram uma dramatização:

Era semana de carnaval e eu havia levado diferentes fantasias (de enfermeira, de cigana, de bruxa, de bailarina, de índio, de Branca de Neve e de Pantera Cor-de-Rosa) para as crianças vestirem. Ao ver a sacola de roupas, Priscila sugeriu às crianças que brincassem de teatro. Como as fantasias eram pequenas, somente as crianças menores puderam vesti-las. Participaram da brincadeira: Valquíria, Priscila, Ieda, Patrícia, Letícia (minha filha), Walmir, Davi e Sandro. Vagner não quis brincar e ficou apenas observando.

Foi difícil iniciar a encenação, uma vez que as crianças queriam experimentar todas as fantasias ao mesmo tempo. No início da brincadeira, cada criança começou a dramatizar o papel sugerido pela própria vestimenta. No entanto, Priscila, que estava de espectadora, decidiu mudar o enredo do jogo: a Branca de Neve [Letícia] passou a ser a mãe; o cigano [Davi] passou a ser o pai; o bruxo [Walmir] passou a ser o padre; e a índia [Valquíria], a Pantera Cor-de-Rosa [Ieda] e a bailarina [Patrícia] passaram a ser convidadas do casamento que iria se realizar entre a Branca de Neve e o príncipe.

Enquanto a encenação do casamento acontecia, Vagner estava deitado em uma das repartições da estante em alvenaria, apenas observando as crianças brincarem. Vagner parecia estar deslocado, pois em alguns momentos ele saía de onde estava para engatinhar sobre o tapete da sala, para subir em uma repartição mais alta da estante ou para se esconder no cômodo que ficava ao lado da sala de televisão.

Assim que Walmir (o padre) terminou a cerimônia do casamento, Patrícia ergueu Davi na altura de Letícia para que ele pudesse beijá-la no rosto. As crianças riram e comemoraram após acontecer o beijo. Em meio a toda essa agitação, olhei para Vagner e percebi que ele havia voltado para uma das repartições da estante em alvenaria e continuava deitado de lado, com a cabeça apoiada na palma de sua mão. Priscila e Ieda começaram a gritar:

– Agora vai tê o filho! [Priscila e Ieda]

– Quem vai sê o filho? [pesquisadora]

Nesse momento, Vagner repentinamente levantou-se e candidatou-se para ser o filho da Branca de Neve e do príncipe. No entanto, Priscila anunciou:

– O filho vai sê o Sandro! [Priscila]

Ao ver que Sandro havia sido escolhido e que Letícia o abraçava, Vagner voltou decepcionado para o lugar onde estava.

Logo depois, Priscila disse que antes dos noivos terem um filho, seria necessário fazer o baile de casamento e a lua-de-mel. Por esse motivo, Valquíria foi até um dos quartos e retornou com um

rádio. Nesse momento, Priscila percebeu que Vagner estava deitado em uma das repartições da estante em alvenaria e decidiu atribuir-lhe um papel de figurante:

– O Vagner vai sê o bêbado que tava na porta do baile do casamento. [Priscila]

Vagner contestou:

– Eu não sou o bêbado! Eu não bebi! [Vagner]

Durante o “baile”, Patrícia virava estrela, Sandro se jogava no chão, Letícia andava de um lado para o outro, Ieda pulava em cima de Walmir, e Davi se arrastava pelo chão. Como as crianças estavam agitadas, Priscila me pediu para falar a elas que estava na hora da lua-de-mel e que depois disso, o casal iria ter um filho. Nesse momento, Vagner escutou os dizeres de Priscila e, mais uma vez, levantou-se bruscamente para entrar na brincadeira:

– Quem vai sê o filhinho, Priscila? [pesquisadora]

Vagner estava do meu lado e levantou a mão. Como eu não havia percebido, ele posicionou-se em minha frente até ser notado. Tal como da outra vez, Sandro foi novamente escolhido por Walmir para ser o filho. Davi, Letícia e Sandro ficaram alguns minutos juntos, de mãos dadas. Procurei interferir com a intenção de incluir Vagner na brincadeira:

– Olha, Letícia, o Vagner também é filho! [pesquisadora]

Vagner aproximou-se de Sandro e deu a mão a ele. Sandro, por sua vez, abraçou Vagner e ficou nessa posição com o colega por alguns segundos. Os quatro ficaram juntos, como se estivessem posando para uma foto. Vagner arriscou um sorriso. No entanto, quando finalmente Vagner parecia estar satisfeito numa situação de jogo simbólico, Priscila e Patrícia iniciaram uma outra brincadeira. Elas fizeram uma “cadeirinha” com os braços e levaram Davi e Letícia para dar uma volta ao redor da sala, um de cada vez.

Como Sandro deixou de abraçar Vagner, porque também queria brincar com as meninas, Vagner ficou ali imobilizado, sozinho, com os olhos diminuídos.

Ao perceber que a brincadeira havia terminado, quando, para ele, mal havia começado, Vagner, franziu os lábios e, se afastando lentamente, recostou a cabeça no batente da porta do pequeno cômodo onde ficavam guardados os materiais escolares. Como o desejo de Vagner de (re)viver o papel de filho naquele momento se esvaiu de modo fugaz, ele caminhou até a porta da sala e permaneceu ali por algum tempo olhando as gotas da chuva que caíam leves e descompassadas com o sopro do vento.

O IMPACTO DE UMA NOVA EXPERIÊNCIA

Vagner, vez ou outra, demonstrava estar meio cismado em relação à nova situação que estava vivenciando; o espaço físico e os brinquedos eram comuns; as atividades eram

compartilhadas por diferentes crianças e as rotinas, as práticas e os horários que antes ele realizava dentro do contexto familiar, agora estavam sendo realizados coletivamente.

No entanto, aos poucos, Vagner foi internalizando não só o tipo de relação e os valores veiculados dentro da instituição, mas também a trama particular de expectativas, normas e interdições que circulavam entre as crianças institucionalizadas e a sociedade. Em outros termos, a inserção de Vagner em um novo grupo cultural desencadeou-lhe um processo que implicava, entre outras coisas, na aquisição de funções psicológicas e de padrões culturais de comportamentos próprios desse grupo.

Estávamos na área dos fundos. Vagner bateu em Davi. Patrícia viu de longe e procurou interferir para defender o irmão. Percebi que ela ia pedir para Davi bater em Vagner. Vagner, por sua vez, ficou assustado. Como eu olhei para Patrícia para ver qual seria a sua reação e ela ficou com receio que eu pudesse repreendê-la, a mesma disse para Davi:

– Faiz carinho. [Patrícia – segurando o braço de Davi para passar em Vagner]

Vagner se sentiu tão aliviado que disse à Patrícia:

– Você é a criança que eu mais gosto aqui na casa! [Vagner]

Alberto, que havia presenciado a cena, comentou comigo:

– Tá veno, dona! Ele é falso! [Alberto]

Como na visita anterior eu havia filmado as crianças brincando na área dos fundos, decidi levar a fita de vídeo para a instituição para que elas pudessem assisti-la. A cena se referia a uma brincadeira que algumas crianças haviam iniciado na área próxima ao *playground*. Nesta cena, Valquíria e Priscila vestiam túnicas de cetim que, segundo elas, haviam sido doadas pela escola onde elas estudavam. Priscila estava com uma túnica de cor azul e Valquíria com uma de cor amarela. Elas disseram que iriam ser os anjos. Alberto não colocou nenhuma fantasia porque havia dito que ele iria ser um soldado encarregado de prender ladrões. Vagner também não quis colocar nenhuma fantasia. Ele apenas corria atrás das crianças. No entanto, antes de começar a brincar, Vagner fez o sinal da cruz e saiu correndo.

Ao assistirem a esta cena, as crianças começaram a dar gargalhadas. Então, perguntei:

– Por que você fez isso, Vagner? [pesquisadora]

– Pra Deus me protegê nessa casa das briga com essas crianças. Eu fiquei cum medo que as crianças iam me batê. Eu pedi proteção, tia, porque eu tô sozinho aqui! [Vagner]

Durante o filme, Vagner sentou ao meu lado e procurou encostar a sua mão na minha. Como eu havia percebido que ele queria que eu o tocasse, comecei a passar a minha mão em seu braço. Patrícia aproximou-se e queria que eu fizesse o mesmo com ela. Então, comecei a fazer carinho em

Vagner com a mão esquerda e em Patrícia com a mão direita. Às vezes, Vagner olhava para mim e lançava um sorriso.

Durante o período de inserção de Vagner na instituição, o menino começou a fazer de tudo para ter a minha atenção, bem como das monitoras e da assistente social:

Eu e a assistente social estávamos conversando no refeitório. Nesse momento ouvimos um grito estridente que vinha da sala e em seguida o choro de uma das crianças. A assistente social saiu correndo para ver o que era. Vagner estava caído no chão e disse, chorando, que Walmir havia batido nele. A monitora Nadir olhou assustada para Vagner, sem entender porque ele estava dizendo aquilo, afinal ela estava na sala com as crianças e tinha visto que nada havia acontecido. A monitora comentou que Walmir esteve o tempo todo sentado no sofá assistindo televisão e nem havia se aproximado de Vagner. Depois, Nadir comentou que às vezes as monitoras viam que as outras crianças não tinham feito nada a Vagner e mesmo assim ele insistia em dizer que as crianças o haviam machucado.

Em uma das visitas realizadas à instituição em que eu havia levado minha filha para brincar com as crianças, assim que Nadir abriu o portão, Vagner apareceu no corredor e começou a virar cambalhota para chamar a minha atenção e a de Letícia. Fomos até a área dos fundos. Vagner correu para o balanço e disse:

– Tia, olha o que eu sei fazer! [Vagner – virando cambalhota e se apoiando nos ferros que sustentavam o balanço]

Eu e minha filha fomos para a sala. Vagner foi atrás e começou a fazer piruetas para que o elogiássemos.

A monitora Marta chamou as crianças para o lanche. Enquanto estávamos no refeitório, perguntei à Marta se Vagner já havia se adaptado à casa. Marta respondeu:

– Ele já se adaptou sim. E ele se adaptou bem, minha filha! Nas primeiras semanas foi um pouco difícil, mais agora ele já sai bateno e se alguém bate nele, ele fica: “Ô, tia! Ô, tia! Ô, tia! Fulano feiz isso! Fulano feiz aquilo!” Só que tem dia que ele brinca das 7:00 horas da manhã até às 7:00 horas da noite, toma banho, janta, e quando já tá deitado na cama, cansado, pronto pra dormir, ele lembra da mãe e começa a reclamar da casa dizendo que quer ir embora e que não gosta de ficar aqui. [monitora Marta]

Foi possível acompanhar todo o processo de inserção de Vagner à rotina da Casa. Com o passar do tempo, o menino começou a agir do mesmo modo que as outras crianças da instituição,

disputando a atenção dos visitantes, abraçando-os, agarrando-os e pedindo para que eles não fossem embora.

Atentando para todas estas situações, pude perceber que viver em um ambiente institucional levou Vagner a procurar soluções alternativas para poder se adequar e inserir-se em um novo meio físico, social, ideológico e simbólico, que além de propiciar-lhe novos contatos e experiências, também estava lhe permitindo capturar, confrontar e criar continuamente novos significados a partir de toda uma malha de significações já construídas, de tal modo que novos recursos pessoais fossem promovidos.

Capítulo VI

Da sociabilidade natural às relações humanas

Após a organização e análise do material empírico, tive a impressão de ter encontrado um antídoto para o veneno que me petrificava, uma vez que as chaves da relação inextricável entre a produção teórica e a prática vivenciada, começaram a me abrir as portas da compreensão sucessivamente, uma após a outra.

Nesse embate, tendo em conta as situações dialógicas e de interação social vivenciadas, comecei a reconstituir o que mais havia chamado a minha atenção em cada episódio e notei que a explicação para os fatos observados ia além da teoria da representação social de Lefebvre (1983), uma vez que o problema que se apresentava era mais complexo do que eu imaginava. Por esse motivo, confesso, tive a sensação de estar extraindo de dentro de ostras, pérolas raras.

Como os pontos de ancoragem desse trabalho situam-se na perspectiva histórico-cultural em Psicologia, cujo principal representante é Lev S. Vigotski, pude perceber fundamentalmente duas coisas. A primeira é que as crianças estavam desejando algo que supostamente consideravam ser a família, porque as pessoas, de um modo geral, chamavam isso a que elas se referiam de família. Em outros termos, as crianças estavam querendo dizer algo que não conseguiam expressar de outro modo. A segunda, e a mais importante, é que o que as crianças estavam desejando, o que as crianças estavam reclamando e o que elas não tinham, eram determinadas funções ou papéis sociais a serem desempenhados pelas pessoas com as quais elas entravam em relação. No fundo, o que as crianças estavam procurando eram *relações sociais* de reconhecimento de seus direitos. Portanto, as crianças estavam falando em voz alta aquilo de que estavam precisando e ninguém escutava.

Sem contar que estas crianças também reclamavam de algo que era básico e que era o mínimo a ser exigido na relação que elas estabeleciam com o *outro* que ocupava uma posição recíproca e contraditória: a “necessidade de contato”⁷⁷ e a “necessidade de criar e manter vínculos”.

⁷⁷ Autores que se preocuparam com essas questões criaram a “Teoria da Ligação”. De acordo com Zazzo (1989, p. 127) é consenso entre estes autores ser imensamente importante para a criança que sofreu a perda ou a separação da figura materna dispor de uma pessoa que atue como substituta, a quem ela possa ligar-se gradualmente.

Até meados da década de 1950, predominava apenas um ponto de vista explicitamente formulado sobre a origem e a natureza do vínculo. Tanto os psicanalistas, quanto os teóricos da aprendizagem (DOLLARD E MILLER, 1969; SEARS, 1975) invocaram razões relacionadas ao alimento e ao sexo. Na tentativa de explicarem porque uma criança se ligava ao *outro*, supuseram, cada um a partir de sua perspectiva teórica, que isso se devia ao fato da criança depender do *outro*, como fonte de suas satisfações fisiológicas.

Durante muito tempo sustentou-se a hipótese de que os vínculos desenvolviam-se porque, para satisfazer certos impulsos, como de alimentação na infância, e de sexo na vida adulta, um indivíduo necessitava de outro ser humano.

Esse pressuposto (tradicional) propunha duas espécies de impulso, os primários e os secundários, sendo que o alimento e o sexo eram classificados como impulsos primários, e a “dependência”, bem como as outras relações pessoais eram classificadas como impulsos secundários. Acreditava-se, até então, que a alimentação era a única necessidade primária do recém-nascido e que, a partir da satisfação desta necessidade, eram criadas relações que uniam o bebê ao mundo.

Para Freud (1998) a dependência física geraria pouco a pouco a dependência psíquica, ou seja, as necessidades fisiológicas gerariam a necessidade de outro ser humano. Entretanto, como esses estudos foram questionados e as pesquisas minuciosamente examinadas, verificou-se que as explicações dadas eram insuficientes.

Então, no início da década de 1950, essa lacuna foi preenchida pelos etologistas, começando pelo estudo clássico de Lorenz, *The Companion in the Bird's World*, publicado originalmente em 1935. Esse estudo, por conter experimentos sobre *imprinting*⁷⁸, ofereceu uma abordagem alternativa e inspirou psicólogos a realizarem pesquisas sobre a temática em primatas não humanos, bem como em seres humanos (AINSWORTH, 1963; SCHAFFER, 1984).

Lorenz (1970) tinha verificado que, embora não fossem universais em aves e mamíferos, vínculos fortes e persistentes eram a regra em numerosas espécies. Lorenz (1970) observou em algumas aves que, durante os primeiros dias de vida, desenvolviam-se fortes vínculos com uma

⁷⁸ De acordo com Lorenz (*apud* ZAZZO, 1989, p. 113), este conceito refere-se a um tipo particular de condicionamento denominado impressão ou marca.

figura de ligação, sem nenhuma referência à alimentação, simplesmente através da exposição do filhote à figura em questão, com a qual se familiarizou.

Portanto, os estudos sobre a temática foram ampliados por inúmeros teóricos que, apesar de apresentarem divergências quanto ao enfoque teórico, demonstraram haver unanimidade em considerar a importância do vínculo desde os primeiros dias de vida e o efeito prejudicial que a perda desse vínculo acarretava.

Em 1958, Harlow (1965), ao realizar experiências incessantemente renovadas e refinadas, provou de diversas maneiras a prioridade, a força e a necessidade vital do vínculo. Ao publicar os resultados de seus primeiros estudos com filhotes de macacos *rhesus* criados com bonecos como “mães substitutas”, demonstrou experimentalmente a predominância do contato (pelo calor) sobre as atividades ligadas à fome. Um bebê macaco, apurou Harlow (1965), irá agarrar-se a um boneco que não o alimenta, desde que esse boneco seja macio e confortável.

Esses experimentos provaram que nem mesmo a necessidade do alimento era capaz de substituir a necessidade de segurança e bem-estar assegurados pelo contato com a figura de ligação. Sem contar que a procura desse contato era caracterizada pela força de uma emoção e por uma persistência quase incontrolável.

A partir dos estudos de Harlow (1965) e de Lorenz (1970, 1995, 2000), ficou provado que não só entre as aves, mas também entre os mamíferos, os filhotes criavam vínculos com uma figura de ligação, apesar de não serem alimentados por essa fonte.

De acordo com Bowlby (2001, p. 99) o vínculo tem um valor de sobrevivência tão grande para uma espécie, quanto a capacidade de ver, ouvir, comer e digerir. Segundo esse autor, a propensão dos seres humanos a estabelecerem fortes vínculos com outros seres da mesma espécie se manifesta com o máximo vigor durante o segundo e o terceiro anos de vida e persiste com menos intensidade, indefinidamente.

Apesar da necessidade de criar vínculos ser especialmente evidente durante os primeiros anos da infância, Bowlby (1990) sustenta que tal comportamento caracteriza os seres humanos do berço à sepultura:

[O vínculo] inclui o choro e o chamamento, que suscitam cuidados e desvelos, o seguimento e o apego, e também os vigorosos protestos se uma criança ficar sozinha ou na companhia de estranhos. Com a idade, a frequência e intensidade com que esse comportamento se manifesta diminuem gradativamente. No entanto, todas essas formas de comportamento persistem como parte importante do equipamento comportamental do homem. Nos adultos, elas são especialmente evidentes quando uma pessoa está

consternada, doente ou assustada. Os padrões de comportamento de ligação manifestados por um indivíduo dependem em parte, de sua idade atual, sexo, e circunstâncias, e, em parte, das experiências que teve com figuras de ligação nos primeiros anos de sua vida. (BOWLBY, 1990, p. 171)

Essas investigações mostram com convicção que a criança humana une-se a uma figura de ligação por mecanismos análogos ou semelhantes aos que ocorrem no mundo animal, o que não significa uma redução do homem ao animal. Portanto, a partir das pesquisas realizadas pelo enfoque etológico, o modelo-animal, de uma vez por todas, inverteu o seu significado.

Segundo Zazzo (1974, 1989), esta descoberta toma uma amplitude inesperada no momento em que se verifica que o fenômeno primário da vinculação não é único à nossa espécie e que existe igualmente (como demonstraram nomeadamente os trabalhos de Harlow e Lorenz) em numerosos mamíferos e certos pássaros. Essa descoberta implica em uma reorganização profunda das nossas perspectivas sobre a primeira infância e, por conseguinte, sobre o desenvolvimento humano.

De acordo com Zazzo (1974, 1989), compreende-se hoje que a oposição radical entre o animal e o homem, é falsa. Tanto para um como para o outro, existem sistemas inatos cuja ativação opera-se em certos períodos críticos, e o fenômeno da vinculação é um destes sistemas. Desse modo, para esse autor, o vínculo é uma necessidade primária, uma vez que há uma tendência original e permanente do ser humano procurar a relação com o *outro*.

Portanto, apesar das idéias dos teóricos citados anteriormente sobre a teoria do vínculo contribuírem com significativas parcelas e subsídios na busca de um instrumento interpretativo coerente que pudesse dar continuidade à análise do material empírico, foi na perspectiva teórica de Zazzo (1974), que pude compreender que a necessidade de contato, de criar vínculos, não deve ser pensada apenas em termos biológicos, mas deve ser pensada principalmente em termos de *relações sociais*. Nesse sentido, é por sua singularidade que esse autor marca lugar entre as produções sobre a teoria do vínculo.

Chegando a este ponto do processo de investigação e dados todos esses elementos, se na perspectiva histórico-cultural em Psicologia as funções biológicas são o substrato sob as quais se constroem as funções sociais, e se o vínculo é uma função básica, biológica sob a qual se constitui a sociabilidade humana, então pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que as relações sociais se sustentam numa sociabilidade cuja base é a necessidade de contato.

Trazendo as reflexões empreendidas até o momento para o campo do assunto que ocupa este trabalho, pode-se dizer que, em síntese, as noções de vinculação e de sociabilidade não devem ser confundidas. Na verdade esta seria uma armadilha etimológica. Em relação a esse aspecto, Pino (2000) afirma:

[...] tanto no mundo animal quanto no mundo humano, o social é um “valor agregado” ao biológico, qualquer que seja a maneira como ele emerge. Isso quer dizer que, se o biológico constitui o substrato de toda forma de sociabilidade, não constitui, porém, causa suficiente para a sua emergência, relacionada às diferentes formas de adaptação de determinadas espécies de organismos às condições de existência nos seus respectivos meio ecológicos – formas de adaptação que evoluem em função das mudanças que ocorrem nessas condições de existência. (PINO, 2000, p. 60)

Como no mundo animal existem formas variadas de organização social, muitas delas próximas das criadas pelo homem, na lógica do princípio evolutivo pode-se afirmar que a sociabilidade animal é o substrato da sociabilidade humana, do mesmo modo que a natureza é a condição de emergência da cultura.

Se eu parto de um modelo teórico em que falo de funções básicas e funções culturais, a função cultural nunca pode substituir uma função básica; não é nenhum tipo de relação interpessoal que vai substituir aquela relação básica que é sentir que o *outro* o reconhece, seja quem for. Isso quer dizer que não se pode construir uma sociabilidade em cima de princípios abstratos, metafísicos.

Sendo assim, é possível às outras espécies animais diferentes da humana, principalmente àquelas providas de um sistema nervoso suficientemente desenvolvido, emitir e captar sinais (visuais, sonoros, olfativos) que lhes permitem orientar suas ações, realizar escolhas de parceiros, e compartilhar emoções que lhes dão a possibilidade de interagir com o meio físico do qual fazem parte e com os seus congêneres.

Por outro lado, apesar desses *sistemas sinaléticos* serem considerados altamente especializados no mundo animal, o que faz da sinalização, de acordo com Pino (2000), a base mais geral das condutas animais e humanas, vejo que no mundo dos homens tais sistemas se tornam limitados devido ao caráter fixo e imutável que adquirem neste contexto.

Desse modo, como a sociabilidade humana se concretiza numa estrutura de relações que são estruturas de reconhecimento, por mais que as relações que ocorrem no mundo dos homens

sejam semelhantes às que ocorrem no mundo animal, tais relações não são simplesmente relações de contato, pois no mundo dos homens há reconhecimento dentro das características que constituem a sociabilidade humana. Portanto, contrariamente ao que ocorre no mundo biológico, a sociabilidade humana não é simplesmente dada pela natureza, mas é assumida pelo homem, que procura formas variadas de concretizá-la.

Numa de suas obras, Wallon (1995) afirma que através de sinais, os indivíduos identificam e reconhecem quem é o *outro*, se ele é estranho ou se ele é familiar, se ele pode se aproximar desse *outro* ou não. Mas, para isso, os indivíduos conferem a essas funções uma *significação*, atribuindo às atividades biológicas uma dimensão *simbólica*. No campo humano, para ultrapassar esse tipo de sociabilidade são instituídas as relações sociais.

Nesse sentido, segundo Zazzo (1989), mesmo se for estabelecido que as sociedades humanas têm as mesmas estruturas elementares que certas sociedades animais, mesmo se for confirmado que a lógica da vida e a lógica dos grupos humanos são idênticas, continuaria a ser evidente que qualquer sociedade, que qualquer grupo humano, seria capaz de extrapolar e transcender o plano biológico, instituindo-se no plano cultural, uma vez que o homem é produtor do real. Desse modo, o perigo principal de tal argumento é a tendência de reduzir precipitadamente o comportamento humano aos “modelos animais”, aos mais simples destes modelos, considerando como semelhança o que é apenas analogia. Não podemos nos esquecer de que a comparação exige a investigação tanto das diferenças quanto das semelhanças, para que tal comparação seja válida e realmente explicativa.

[...] o social humano, cuja emergência, com maior razão que a das formas animais de sociabilidade, tem de ser explicada por princípios outros, e não os meramente naturais ou biológicos. As formas humanas de organização social, em que a sociabilidade natural se concretiza, são obras do homem e, como tal, obedecem a leis históricas que determinam as condições concretas de sua produção. É o caráter histórico dessa produção que define o social humano. (PINO, 2000, p. 61)

A partir dessas considerações teóricas, creio que o problema fundamental que se coloca é saber quais processos e em quais condições, o vínculo dá origem à sociabilidade.

Nesse momento, vejo que o termo vínculo, como uma peça de dominó que recai sobre outras dispostas sucessivamente, nos conduz a uma questão do mesmo modo essencial: como conceber a passagem do biológico ao cultural?

Lev S. Vigotski, principal teórico da vertente histórico-cultural, introduz na história do pensamento psicológico a análise do processo de transformação de um ser biológico em um ser cultural⁷⁹. Pino (2000, p. 65), a partir da leitura dos trabalhos desse autor, enfatiza que o desenvolvimento cultural passa por três momentos: o desenvolvimento *em si*, *para os outros* e *para si*. Em relação a esse aspecto, diz ele:

O primeiro momento é constituído pelo “dado” *em si*, realidade natural ou biológica da criança enquanto algo que está dado. É o momento teórico que precede à emergência do estado de cultura. O segundo momento é aquele em que o “dado” *em si* adquire significação para *os outros* [...]. É o momento histórico da emergência do estado de cultura; momento de distanciamento do homem da realidade *em si*, a qual se desdobra nele na forma de representação, testemunhando a presença da consciência. Enfim, o terceiro momento é aquele em que a significação que os outros atribuem ao “dado” natural se torna significativo *para si*, ou seja, para o indivíduo singular. É o momento da constituição cultural do indivíduo quando, através desse outro, ele internaliza a significação do mundo transformado pela atividade produtiva, o que chamamos de mundo cultural. Portanto, o desenvolvimento cultural é o processo pelo qual o mundo adquire significação para o indivíduo, tornando-se um ser cultural. (PINO, 2000, p. 65-66, grifos do autor)

De fato, há um caráter indissociável do biológico e do social na natureza humana: as inaptidões do recém-nascido, que poderiam ser vistas como uma debilidade física e um obstáculo ao seu desenvolvimento, na verdade não o são. Isso porque essas inaptidões sofrerão profundas transformações e serão superadas pelo contato com o mundo social, de tal forma que o recém-nascido possa beneficiar-se da experiência cultural da espécie humana para tornar-se um *ser humano*. Em outras palavras, essa fraqueza inicial, confere ao ser humano uma dimensão social que é a condição de sua superioridade sobre as outras espécies animais. O corpo, ainda imaturo fisiologicamente, busca no social o seu complemento⁸⁰.

O recém-nascido é capturado por uma multiplicidade de relações. Suas primeiras experiências de relação, marcadas pela linguagem, ocorrem com o *outro* num contexto em que diferentes mecanismos culturais entram em ação. Nesse processo, o recém-nascido fica atrelado às condições reais de existência e de nossa história social, ao mesmo tempo em que lhe é permitido adquirir a condição humana.

⁷⁹ Embora a realidade biológica e a realidade cultural pertençam a ordens bem diferentes, pelo fato de possuírem propriedades diversas e forças que se opõem, podemos dizer que essas duas dimensões constituem um par inseparável e compõem “uma unidade de contrários” na história humana. Em outras palavras, uma pressupõe a outra para que ocorra a emergência do homem como ser humano.

⁸⁰ De acordo com Zazzo (1989, p. 95) nossa sobrevivência supõe a sociabilidade.

Estas proposições nos remetem ainda a uma das afirmações de Zazzo (1989) ao enfatizar, de forma profícua, que a idéia de que a criança passa de um estado meramente biológico ao estatuto de um ser cultural, trata-se, por conseguinte, de explicar como se estabelecem progressivamente as primeiras relações sociais.

Desse modo, considerando que a passagem do biológico para o cultural se dá através das relações sociais, uma vez que elas são constitutivas da pessoa, e ainda considerando, conforme Vigotski (1996) observou, que toda relação social envolve o *outro*, vejo que a necessidade de contato não pode ser explicada apenas no mundo animal, uma vez que é essa mesma necessidade de contato que leva à sociabilidade humana.

Segundo Pino (2000), como o *social* é um fenômeno mais antigo que a cultura, por ser um dos atributos de certas formas de vida, é possível falarmos de uma sociabilidade biológica, natural, que sob a ação criadora do homem, é capaz de adquirir formas humanas novas de existência, tornando-se modos de organização das relações sociais dos homens.

Neste sentido, o *social* é, ao mesmo tempo, condição e resultado do aparecimento da cultura. É condição porque sem essa sociabilidade natural a sociabilidade humana seria historicamente impossível e a emergência da cultura seria impensável. É, porém, resultado porque as formas humanas de sociabilidade são produções do homem, portanto obras culturais. (PINO, 2000, p. 59)

Pensando na necessidade de contato dentro desses dois campos (a sociabilidade biológica e a sociabilidade humana), pode-se dizer que a mesma torna-os inextricáveis, pois se não houvesse necessidade de contato, não haveria a condição básica para a constituição das relações sociais⁸¹.

UM OUTRO SENTIDO DO TERMO FUNÇÃO

Segundo Vigotski (1996), como as relações sociais entre as pessoas dão origem às funções psicológicas superiores, a natureza psicológica dos homens representa o agregado de relações sociais internalizadas que se tornaram para o indivíduo funções e formas da sua

⁸¹ Convém ressaltar que se, de um lado, as relações sociais marcam a vida humana, de outro, a vida humana imprime um sentido de dramaticidade às relações sociais.

estrutura⁸². De acordo com esse autor, as mudanças que ocorrem nesse processo não se referem precisamente a estas funções, nem à sua estrutura, mas ao nexo destas funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível precedente. Nesse sentido, Vigotski (1996) afirma:

Não se trata de que as alterações se dêem exclusivamente no seio das funções, mas de que existem alterações nas conexões e na infinita diversidade de formas destas se manifestarem; que em uma determinada fase de desenvolvimento aparecem novas sínteses, novas funções cruciais, novas formas de conexões. (VIGOTSKI, 1996, p. 135)

Se por um lado, Vigotski concentrou suas análises nas relações sociais concretas entre as pessoas mostrando como elas se tornam “funções da pessoa”, por outro lado, de acordo com Pino (2005), diversos textos de Vigotski sugerem que o termo função possui tanto o sentido sociológico de posição social, quanto o sentido de uma correspondência matemática entre dois elementos de um conjunto. Estes dois sentidos distintos, a partir de uma perspectiva dialética, podem ser combinados se aceitarmos que toda posição social é função de outra posição, ou seja, se admitirmos que só existe posição de mestre se houver posição de servo, que só existe posição de professor se houver posição de aluno, que só existe posição de pai se houver posição de filho, entre outras posições⁸³.

Conforme Pino (1996) bem observou, como “essas funções, na sua origem, são ‘relações sociais entre pessoas’, as quais, ao serem internalizadas, tornam-se funções da pessoa” (PINO, 2005, p. 102, grifo do autor), pode-se dizer que é através das relações sociais que o indivíduo assume a posição que lhe cabe frente ao *outro* dentro da relação.

A posição social de pai é função da posição social de filho, assim como a posição social de filho é função da posição social de pai. Do mesmo modo que uma posição não pode ser pensada sem a outra, as funções que cada sujeito desempenha dependem da posição social

⁸² Lembrando o que disse Wallon (1968, p. 69): “toda recordação atua em nós sob a influência de nossa evolução psíquica, de nossas disposições e situações”, acredito que seja possível dizer, pensando o contrário, que toda evolução psíquica só pode operar dentro desta condição: a de recordar/(re)viver as relações sociais (antes de serem convertidas em funções) para que a criança possa conferir uma significação às suas novas relações com as coisas e com as pessoas e, deste modo, possa convertê-las em funções psicológicas. Afirmando isso porque, segundo Wallon (1968, p. 71), “durante a evolução psicológica, nada do que foi abandonado se destrói, nada do que ficou para trás fica sem ação. A cada etapa vencida, a criança deixa para trás de si possibilidades que não estão mortas”.

⁸³ Em nossa sociedade o sujeito pode ocupar simultânea e contraditoriamente diversas posições sociais. Uma pessoa pode ser ao mesmo tempo: pai e filho, aluno e professor, patrão e empregado. Cada posição é acompanhada de funções que a sociedade determina, uma vez que as posições sociais são criadas pelos homens a partir das estruturas das organizações sociais próprias do mundo da cultura.

recíproca que cada um deles ocupa. Cada uma dessas posições sociais se constitui a partir da oposição e da negação que uma exerce sobre a outra.

Em nossa sociedade, por exemplo, a posição de pai significa ao filho as funções ou papéis sociais da paternidade, funções estas que a sociedade determina: o pai deve garantir as necessidades materiais básicas do filho⁸⁴, bem como dar segurança, proteção, carinho. Do mesmo modo, e em sentido contrário, o filho deve exercer as funções ou papéis da filiação determinados de acordo com o grupo cultural do qual faz parte, funções sociais estas de respeito, carinho, obediência. Estas são as funções das relações que convencionalmente se esperam deles.

No entanto, como cada sujeito vivencia um processo semiótico que lhe permite atribuir, de forma pessoal, significação social às múltiplas relações em que está envolvido ao longo da sua história pessoal, o modo de desempenhar as funções das relações pode ser diverso dentro de uma sociedade, favorecendo práticas sociais, tipos de interação e experiências também diversos, que dependem da história da sociedade, dos discursos circulantes, das esferas institucionais e da relação entre os eventos singulares e os outros planos da cultura.

Com base nessas considerações, pode-se afirmar que a significação das relações não só depende da mediação da sociedade, que atribui significação às respectivas “posições de sujeito” que estão em relação, como também depende da mediação⁸⁵ do *outro* que ocupa posição simultânea e contrária.

Daí a importância de se pensar as funções que os sujeitos desempenham uns em relação aos outros em determinada sociedade e as atitudes, os sentimentos, os modos de linguagem, que se esperam deles em razão das posições sociais que ocupam socialmente.

Ao termo dessa discussão surge, necessariamente, a contribuição de Peirce (1975) ao propor uma estrutura relacional onde o signo é posto em relação com seu objeto em função de um terceiro elemento (interpretante), que é a razão ou o princípio da relação.

Considerando que existe uma semelhança entre essa estrutura triádica de signo de Pierce (1975) e a estrutura de qualquer relação, cuja “relação social” é um tipo específico, pode-se dizer que **S₁** ocupa o lugar do signo, **S₂** ocupa o lugar do objeto e **Z**, é o significado dessa relação. Desse modo, se **S₁** se contrapõe a **S₂**, ao se mudar a posição social de **S₁**, conseqüentemente irá

⁸⁴ No entanto, tal como foi discutido no capítulo II, para que os pais possam garantir as necessidades materiais básicas aos filhos, é preciso que o Estado crie condições para isso.

⁸⁵ De acordo com Pino (1996), não basta apenas que dois sujeitos se encontrem, é necessário que se constitua uma relação entre eles, sendo necessária a mediação.

mudar não somente a posição social de S_2 , como também a função da relação que se estabelece entre eles. Dessa maneira, não podemos nos esquecer que as posições sociais implicam funções e as funções se manifestam através de relações.

Transpondo esse raciocínio para a estrutura das relações sociais, é possível depreender daí que o *outro* que as crianças analisadas chamam de pai e/ou de mãe pode ser representado como S_1 ; a criança que, supostamente poderia ser chamada de filho, seria representada como S_2 e as relações entre eles seriam representadas como Z .

Todavia, se no mundo da cultura existe um espaço instituído, relacional e simbólico, chamado família, onde o pai ou a mãe (S_1) entram em relação com o filho (S_2), historicamente não importa se as pessoas que ocupam S_1 mudam (se são os pais, os avós, os tios, ou se é uma pessoa qualquer); o que importa é a função da relação que se estabelece entre S_1 e S_2 . Desse modo, como as funções das relações estão em contínua transformação, o que está em jogo é Z , ou seja, o conjunto de funções recíprocas e dialéticas.

Essas funções das relações são como uma espécie de representação teatral. O ator está no lugar do personagem, mas ele não é o personagem. Ele “está no lugar de”, e vive o papel associado a esse personagem.

Nesse momento, é inevitável supor que as crianças analisadas estão, na verdade, falando de relações sociais com o *outro*, lugar simbólico que tanto pode ser ocupado pelo pai, pela mãe, pela avó, pela tia, pela madrinha, quanto pelos funcionários da instituição, pelos visitantes, ou por qualquer outra pessoa que possa dar o que elas têm por direito: reconhecimento, educação, respeito, proteção, cuidados, afeto, carinho, segurança. Sim, porque as necessidades básicas com relação aos aspectos materiais, de alguma forma estão sendo satisfeitas pela instituição⁸⁶.

O *outro* a que estou fazendo referência, é imprescindível para a constituição do ser semiótico, capaz de produzir/reproduzir símbolos, de representar o mundo que o cerca e de viver exclusivamente dentro do universo de signos. Se o *outro* é que dá sentido às relações sociais, porque o *outro* é constitutivo da relação, a questão que se coloca não é quem está ocupando determinada posição social na relação, mas sim quais são as funções ou papéis sociais que o

⁸⁶ Silvia, à medida que começou a visitar a família, reconheceu que na instituição suas necessidades materiais estavam sendo satisfeitas, até com certo conforto. Campos (1984, p. 97) refere-se a este aspecto afirmando que a função da instituição é contraditória, afinal, de um lado a mesma é provedora das condições materiais, porém, de

outro desempenha nessa relação.

A esse respeito, pode ser citado o comportamento das crianças quando cheguei à instituição: me agarraram, me chamaram de mãe e demonstraram querer que eu ficasse lá; ou quando eu as vi chamando outros visitantes de mãe, de pai e, ainda, quando as vi pedindo para que elas as levassem embora. Confesso que, de início, fiquei iludida com toda aquela realidade que as crianças estavam mostrando. No entanto, com as discussões teóricas empreendidas, comecei a perceber que isso era apenas a aparência e que abaixo disso é que estava a essência. As crianças não me agarravam e me chamavam de “mãe”, porque pensavam que eu fosse “a mãe” delas; elas me chamavam de “mãe”, porque estavam procurando alguém que realizasse as funções sociais de que necessitavam. E, de algum modo, eu estava mostrando estas funções: carinho, atenção, compreensão, respeito, presença.

Mas, como as crianças não eram capazes de verbalizar e de se expressar de outra forma, elas manifestavam que queriam vivenciar estas funções sociais “quase” fisicamente; às vezes, “literalmente” fisicamente.

Isso fica evidente em todos os episódios. Para enfatizar alguns momentos, eu poderia citar o fato de Valquíria estar à minha espera no portão da instituição, até mesmo embaixo de uma chuva forte de granizo, somente para me ver chegar e ser a primeira a me abraçar (episódio 1); o fato de Tales e Alberto me abraçarem, um de cada lado, durante uma visita realizada à instituição, e não me soltarem nem mesmo para passarmos pela porta (episódio 1); o fato das crianças menores “pularem” em cima de meu marido, abraçando-o e beijando-o, até ele se desequilibrar e cair no chão (episódio 3); o fato das crianças maiores brincarem com meu marido de abraçar em diferentes níveis – nível 10 correspondia ao abraço mais forte e nível 1 ao abraço mais fraco (episódio 3); o fato de Patrícia ficar passando a mão em meu rosto, em meu cabelo, em meus braços e em minhas costas por mais de 50 minutos, durante o filme que estávamos assistindo (episódio 5); o fato de Danilo deitar no chão e segurar as minhas pernas para que eu não fosse embora (episódio 6); entre outras situações.

O mesmo pode ser observado, de modo intenso, no episódio 2. Quando a monitora Marta diz que Viviane gosta tanto do pai quanto da mãe, a ponto de se sentir mal antes e após as visitas

outro, é ausente quanto aos aspectos afetivos e quanto ao preparo da criança para enfrentar o mundo e integrar-se à sociedade.

dos mesmos, pude notar que a menina chorava copiosamente e chegava a ficar prostrada, mas ao que tudo indicava, pela falta das funções sociais que seriam vividas com o *outro*.

Portanto, quando Viviane chorava diversas vezes ao dia pedindo o pai, a mãe ou a irmã, o que ela pedia eram as funções sociais de carinho, de proteção, de contato físico, de reconhecimento. Isso fica claro quando, após chorar intermitentemente, Viviane se acalma e pára de chorar quando eu a abraço, quando os visitantes a seguram no colo, e até mesmo quando Valquíria e André Luís lhe dão atenção. Valquíria a segura no colo e fala pacientemente com a menina, e André Luís a leva para dar uma volta de bicicleta – essa foi a primeira e a única vez que vi Viviane sorrir⁸⁷. Sem contar que a própria assistente social, em seu depoimento, afirmou que Viviane era uma criança que solicitava o tempo todo a atenção de “algum adulto”, chorando e pedindo colo.

Dois fatos interessantes, relatados pela monitora Nadir, reforçam estes aspectos observados. O primeiro deles refere-se ao fato de Viviane ter mudado seu comportamento, ficando menos tensa, ansiosa e apática, quando passou a ser amamentada por ela; e o outro refere-se ao fato de Viviane chorar toda vez que ela ia embora e solicitar somente a sua presença para comer, para tomar banho e para dormir.

Em relação a esse aspecto, a monitora Marta disse também que para Viviane o importante era ter saído da instituição e não quem iria levá-la: se ia ser a avó, o pai ou a madrinha. Em outros termos, o importante para a Viviane era que houvesse alguém que exercesse as funções sociais de que ela necessitava.

Tal fato também fica visível quando André Luís afirma que o seu maior desejo é ser adotado, não importa por quem: por um casal de italianos, por um casal de americanos, por sua tia ou por seu professor. O importante era poder vivenciar as funções sociais. No entanto, na opinião de André Luís, para aumentar as possibilidades de isso acontecer e ele ser realmente notado, ele deveria apresentar um diferencial em relação às outras crianças. Tanto é que, em certa ocasião, ao conversar com Alberto sobre o desejo de ser adotado, André Luís disse: *“É, Boi, só que eu tenho mais chance!”*; *“Eu já tô até fazendo inglês, porque se um casal dos Estados Unidos gostá de mim e quisé me adotá eu já vô sabê falá inglês. Aí eles vão me escolhê porque eu já sei inglês.”*

Atentando para estes aspectos, pude notar que, de um modo geral, as crianças ficavam ansiosas quando eu e outros visitantes estávamos para chegar. Elas esperavam pela visita na janela dos quartos do piso superior e no portão de entrada. Assim que chegávamos, elas

⁸⁷ Vale ressaltar que esse modo de agir não foi observado nem mesmo quando o pai e a irmã foram visitá-la.

perguntavam qual seria o próximo dia que iríamos voltar para vê-las novamente. Durante a visita não era diferente, pois se estivéssemos sentados e levantássemos, elas perguntavam aflitas se iríamos embora. O anúncio da partida era o momento mais difícil, pois algumas choravam, outras pediam “por favor” para que ficássemos e outras, ainda, nos “enganavam” dizendo que iria ter uma festa na instituição para que não fôssemos embora (tal como fez Danilo no episódio 4).

Se o que interessa é vivenciar tais funções, quando Valquíria e Carlos querem ficar com o pai, mesmo depois da violência física/simbólica provocada pelo mesmo (episódio 1); quando Patrícia e Priscila afirmam que querem ir embora com a mãe (episódio 5); quando Danilo e os irmãos querem sair da instituição para morarem com a mãe, bem como Jaci e os irmãos para morarem com o pai (episódio 6), é possível supor que pode não ser necessariamente “esse pai” ou “essa mãe” que eles querem.

Afirmo isso, porque ficou evidente, através da análise dos dados, que estas crianças querem alguém que possa proporcionar-lhes as funções sociais que têm por direito. No entanto, essa experiência é confusa, é incompreensível, porque é colocado/imposto pela sociedade que esse alguém que elas desejam chama-se pai e/ou chama-se mãe.

Além disso, como as crianças não entendem por que estão na instituição e por que são ignoradas pelo Estado/pela sociedade, acabam se sentindo culpadas. No episódio 7, as falas de Vagner, recém-chegado à instituição, revelam essa falta de compreensão: *“Tia, por que eu vim pra cá? Eu não fiz nada! Eu não tive culpa de nada!”*; *“Nem eu, nem minha mãe fizemos nada de errado! Eu não entendo porque eu tô aqui!”*. Isso também fica explícito quando André Luís e Tales, em suas produções escritas, pedem perdão a Deus “por tudo o que haviam feito na vida” (episódio 4); quando Alberto menciona, em sua produção escrita, que ele e os irmãos estão na instituição por culpa de Dagoberto, o irmão mais velho, uma vez que o mesmo havia jogado uma pedra na mãe (episódio 4); e quando Tales afirma que ele e os irmãos foram para a instituição porque aprontaram tanto quando eram pequenos, que deixaram a mãe doente (episódio 4).

Esse aspecto pode ser igualmente observado no episódio 3, quando Isaías interrompe as visitas feitas a Ieda e a Walmir, e as outras crianças afirmam que “a culpa” de toda aquela situação era simplesmente dos dois irmãos. Algumas diziam que Ieda ou Walmir haviam feito xixi no carro do “tio Isaías” e por esse motivo ele não ia mais vê-los na instituição; outras diziam que era porque Ieda “não possuía educação” e comia com a boca aberta na casa do tio Isaías; e

outras, ainda, diziam que Ieda “fazia besteira” com os meninos no banheiro da escola ou da instituição e por esse motivo ela e Walmir haviam ficado sem pai, ou melhor, sem o “tio Isaías”.

As vozes que reclamavam pela falta de funções se tornavam ainda mais impetuosas à medida que as crianças eram “lembradas”, de algum modo, através da televisão, dos livros, dos colegas e dos professores da escola, dos próprios funcionários ou das outras crianças da instituição e das pessoas que iam visitá-las, de que “deveriam” viver em família.

Sem contar que, na escola, quando chegava o famoso “Dia das Mães”, “Dia dos Pais”, “Dia da Família”, as crianças tinham que confeccionar “uma lembrança” para ser entregue aos pais. Como nesta instituição algumas crianças já não mantinham mais nenhuma relação com os pais – porque ficaram órfãs ou porque foram destituídas do pátrio poder – e outras mantinham uma relação muito frágil com os pais, de tal forma que os mesmos iam visitá-las apenas esporadicamente, a escola sugeria às crianças que procurassem alguém que elas considerassem como pai ou como mãe. No entanto, essa situação se complicava para as crianças, uma vez que elas não encontravam nas pessoas com as quais entravam em relação, as funções ou papéis sociais que necessitavam.

Aliás, há momentos em que a instituição proibia qualquer manifestação reclamando tais funções. No episódio 3, isso fica claro quando a diretora da instituição repreende Ieda por me chamar de mãe, explicando à menina que eu era “tia” e não “mãe”. Em outros termos, tal atitude mostra que ela não estava ouvindo ou não queria ouvir as vozes enigmáticas dessas crianças, para que tais vozes não fossem acirradas ou intensificadas.

Nesse momento, bem se vê que por trás das vozes das crianças havia um drama. Um olhar superficial para a produção destas vozes poderia até colocá-las dentro de acontecimentos corriqueiros de uma instituição de atendimento à infância. Por outro lado, um olhar que age como quebra da retidão e que procura decifrar o espectro dos traços constitutivos da realidade social, histórica e cultural dessas crianças, mostra que aquilo que se tem por hábito supor evidente e sem importância, na verdade, está impregnado de significados e de sutilezas.

Assim, no episódio 1, as crises de Valquíria para chamar a atenção da assistente social e das monitoras, na verdade, eram vozes, que não estavam sendo ouvidas, reclamando pelas funções sociais.

Embora a assistente social e as monitoras afirmassem que Valquíria apresentava problemas de relacionamento e tinha “uma espécie de crise” que ninguém conseguia controlar,

devido não só à violência física/simbólica vivenciada na infância, mas também devido à falta que estava sentindo dos irmãos menores que haviam sido adotados, é bastante visível que Valquíria queria chamar a atenção sim, mas para o fato de que ela e o irmão não estavam vivenciando as funções sociais de que necessitavam e que, portanto, não estavam sendo devidamente reconhecidos.

Outro aspecto interessante de ser observado foi o fato de Vagner, durante o seu período de inserção na instituição, ter “aprendido” a reclamar as funções sociais de que necessitava, tal como faziam as outras crianças. Tanto é que em algumas de minhas visitas à instituição, Vagner fazia de tudo para chamar minha atenção: virava cambalhota em minha frente, fazia piruetas no ar, se pendurava nas barras de ferro que havia no *playground* e me chamava para vê-lo, dizendo: “*Tia, olha o que eu sei fazer!*”

Em certa ocasião, assim que cheguei à instituição, Vagner começou a gritar de modo estridente, a se jogar no chão e a chorar, dizendo que Walmir havia batido nele, sendo que as outras crianças e a monitora Nadir, presentes no local, viram que nada havia acontecido. Em visitas posteriores, assim que eu aparecia no portão, Vagner vinha ao meu encontro todo sorridente, me abraçava, me beijava, ficava agarrado a mim, sem querer me soltar.

Portanto, se a criança é órfã, se é destituída do pátrio poder, vai sentir falta de alguém que exerça as funções semelhantes àquelas que convencionalmente a sociedade estabeleceu como sendo as funções de pai ou as funções de mãe. Crianças que são colocadas numa instituição sentem falta dessas funções ou papéis sociais. Portanto, essas crianças estão falando de coisas fundamentais: de carinho, de proteção, de atenção, de segurança mas, acima de tudo, de respeito, de reconhecimento, do que é ser gente. Em outros termos, estas crianças estão reclamando seus direitos, direitos à vida e não a qualquer forma de existência, direitos estes que estão sendo ignorados pelo Estado, pela sociedade.

ECOS DO IMAGINÁRIO

João pegou o gravador de minha mão e começou a gravar, falando baixinho:

– Meu nome é João, eu tenho vinte e cinco anos, vinte e cinco anos⁸⁸... A casa da criança,

⁸⁸ Vale lembrar que João tem apenas 12 anos.

assim, assim, a gente é feliz, mais tem esse problema. A gente perde a mãe... a gente ganha bastante presente. Aqui é legal, aqui é muito legal tá aqui. Você pode brincá, saí para brincá, saí para passear, ir para a escola estudar, ir no bosque, um monte de coisa pode fazer aqui! [João]

A voz de João levou-me a refletir enfaticamente sobre uma outra situação observada durante uma das visitas realizadas à instituição:

Estávamos na sala de televisão quando um menino e uma menina, aparentando ter nove e doze anos respectivamente, apareceram no limiar da porta da sala acompanhados de seus pais. As crianças menores olharam surpreendidas, pois não haviam escutado a campainha tocar. A monitora Nadir apresentou-os e disse que eles estavam lá para presenteá-las. Hélio não deu importância e continuou sentado no chão da sala, com Camile no colo. Roberto, Carlos, Priscila e Valquíria se aproximaram dos filhos do casal e ficaram apenas ao lado das crianças.

A mãe das crianças disse que vivia em condições sócio-econômicas difíceis, mas que ela e o marido haviam guardado dinheiro para comprar brinquedos para as crianças da Casa porque estavam cumprindo uma “promessa” que haviam feito.

Os visitantes ficaram apenas o tempo necessário para a distribuição dos presentes. Enquanto a filha do casal entregava uma boneca de pano para as meninas, o filho entregava um caminhão de plástico para os meninos.

Os visitantes não trocaram uma palavra sequer com as crianças e, após finalizarem a entrega dos brinquedos, foram embora. As crianças, por sua vez, não deram atenção aos brinquedos, tanto é que, assim que os visitantes viraram as costas, Valquíria jogou sua boneca no piso de cimento molhado e ali a deixou. Priscila nem tirou a sua boneca da embalagem e largou-a em cima da mesa da área dos fundos. Os meninos fizeram o mesmo com os seus brinquedos, deixando-os espalhados em lugares diferentes.

No chão de terra batida, onde ficava o *playground*, havia um carrinho de bebê de brinquedo e uma boneca que Ieda havia ganhado no dia anterior, mas que já estavam quebrados. Havia também alguns brinquedos novos danificados em cima do telhado.

Diante do ocorrido, perguntei para alguns meninos:

– Parece que vocês não ligam muito quando ganham brinquedo? Olha lá o caminhão e o boneco novinho jogado na terra! [pesquisadora]

– Não liga não. [Alberto]

Em certa ocasião, Silvia mostrou-me o diário que ela havia escrito quando tinha quatorze anos. No dia 12 de outubro de 1998, ela escreveu:

12/10/98 Dia dos Brancos
 Hoje eu me diverte bastante. Como todos os brancos daqui. Mas ao mesmo tempo eu não me diverte como todos e todos meenado vive em um mundo tão azul. Eu sei que tem muitas coisas sem um presente. Passando fno e passando fone.
 Foi assim que as pessoas tentam ajudar não conseguem. Lo que quando sai da sua vida chance não se outo e fno no lugar da outra. E to feliz, mas sei que as chances da sua não. Ele quer um caminho da minha mãe, de um pai um presente não e nada.

Continuous as the stars that shine - And twinkle on the milky way, they stretched in never-ending line Along the margin of a boy.

Figura 28 – Cópia de uma página do diário de Silvia.

mas um lainho de uma mãe e muito mais importante que tudo. Um presente acabar mas um lainho e por sempre. Os paros, que vinham um par, são bastante divertidos e legal a par de um dois se eu chafar e ir para o médico. Eu vi um garoto muito bonito. Ele era magro, baixo, mas tinha se apoderado de ser alto, tinha olhos verdes e cabelos cacheados, ele era muito bonito. O irmão da Luísa também, mas de pois eles foram embora e me deixaram. Bem eu não me sinto por, pois tenho muita vida pela frente. A minha vida é igual a de todos. Divertido em tudo se tinha um tempo a minha espre, e tam-

Figura 29 – Cópia de uma página do diário de Silvia.

O dia da branca e um dia novo, um dia que todos vivem juntos com os outros e brincar principalmente se unir. meu irmão e diferente, eu não sei, minha irmã e to do do, dho, aqui e ao outro do dho, verde e eu não sei. tudo e diferente. So o sangue há. Eu não conheço mais meus próprios irmãos e nem eles me conhecem. Eu sei com isso. meu irmão preta de mim e eu preta dele. Ele e um pedaço da minha história da minha vida, como as minhas irmãs também são. meu pai e minha mãe, minha mãe também ninguém está junto. Estamos longe uns dos outros.

Figura 30 – Cópia de uma página do diário de Silvia.

Hoje eu me diverti bastante, como todas as crianças daqui. Mas ao mesmo tempo eu não me diverti. Como pode eu e todo mundo viver em um mundo tão cruel? Eu sei que tem muitas crianças sem um presente, passando frio e passando fome.

Por mais que as pessoas tente ajudar não conseguem. Porque quando sai da rua uma criança, nasce outra e fica no lugar da outra. Eu tô feliz, mas sei que as crianças da rua não. Elas querem um carinho de uma mãe, de um pai. Um presente não é nada, mas um carinho de uma mãe é muito mais importante que tudo. Um presente acaba, mas um carinho é pra sempre [...]

[...] O dia da criança é um dia nosso, um dia que todos devem ajudar uns aos outros e brincar, principalmente se unir. Meu irmão é deficiente, eu não sou. Minha irmã é loira dos olhos azuis e a outra dos olhos verdes e eu não sou. Tudo é diferente, só o sangue não.

Eu não conheço mais meus próprios irmãos e nem eles me conhecem. Eu sofro com isso. Meu irmão precisa de mim e eu preciso dele. Ele é um pedaço da minha história da minha vida, como as minhas irmãs também são. Meu pai é minha vida, minha mãe também.

Ninguém está junto.

Estamos longe uns dos outros.

[Silvia]

Atentando para estes aspectos, pude notar que a instituição procurava suprir as necessidades materiais das crianças oferecendo moradia, alimentação, vestuário, saneamento básico, condições de higiene e assistência médica. Quanto às pessoas que cuidavam das crianças na instituição, pude constatar que as mesmas tinham como formação apenas o ensino fundamental, às vezes incompleto, geralmente até a 4ª série, de tal forma que não havia equipes integradas para pensar a educação das crianças. A instituição mandava as crianças para a escola mais próxima e a partir dos quatorze anos, já eram introduzidas em subempregos tais como guardas-mirins, recepcionistas, telefonistas, babás. Em outros termos, a instituição assumia o cuidado dessas crianças de acordo com o nível de formação de seus profissionais e com os recursos disponíveis, funcionando, na verdade, como reprodutora e mantenedora das profundas desigualdades sociais e da situação de extrema pobreza existente no país.

Desse modo, como propiciar condições materiais básicas não é o suficiente, as crianças estavam procurando *relações sociais* de reconhecimento. Não eram relações simplesmente

humanas, de caráter pessoal⁸⁹, porque as funcionárias da instituição ofereciam esse tipo de relação às crianças: as alimentavam, as trocavam, as colocavam para dormir, não as maltratavam. O que ocorria é que as crianças estavam dizendo que aquilo que estava faltando era algo que a sociedade não dava.

Nesse movimento de relações e de negociações, por mais que a instituição procurasse suprir as necessidades materiais das crianças, por mais satisfatórias que fossem as relações que se davam na instituição com os funcionários, estas sempre estavam, de alguma forma, nos limites de uma relação estruturada enquanto relação de trabalho.

É por esse motivo que as crianças expressavam a necessidade de vivenciarem as funções sociais dentro da estrutura das relações e realizarem os papéis associados a determinada posição social, uma vez que, para elas, não existia no mundo nenhum feixe de condições materiais capaz de superar a indiferença e a ausência de reconhecimento.

Guirado (1986) nos chama a atenção para o fato de que a instituição, mesmo se colocando como a única forma de vida para a maioria das crianças que vivem condições sociais e econômicas adversas, possui um elemento presente em seu interior que altera o sentido da relação, afinal, “as crianças estão sob responsabilidade de pessoas que inserem o ato de cuidar num conjunto de práticas profissionais, mediatizadas pela condição de ser esta uma relação de trabalho, uma prática produtiva”. (GUIRADO, 1986, p. 201)

Desse modo, se as crianças que não possuem mais nenhum vínculo familiar, ou cujo vínculo está frágil, não encontram na instituição pessoas que desempenhem as funções ou papéis sociais de que necessitam, então é inevitável supor que as mesmas irão buscar essas funções, na maioria das vezes, nos visitantes com as quais entram em relação.

Portanto, segundo Vigotski (1994), como o ser humano é capaz de recriar o real no plano simbólico, de alterar as diferentes posições que os indivíduos ocupam, uns em relação aos outros dentro das relações sociais, atribuindo outras funções que orientam a maneira como estes indivíduos ocupam as novas posições, pude constatar que as crianças observadas, atores sociais dessa pesquisa, estavam enfrentando a realidade que se impunha diante delas, reclamando incessantemente determinadas funções da relação.

⁸⁹ As *relações sociais* pertencem a uma estrutura mais ampla, pois são decorrentes do sistema social do modo de produção capitalista na qual estamos todos envolvidos. Dentro desse quadro geral, estão as relações pessoais entre os sujeitos.

Nesse momento, bem se vê que o homem é um ser social por natureza. E o é geneticamente. Há uma natureza biológica da sociabilidade. O homem está preso à existência do *outro* e manifesta uma necessidade vital de complementaridade. Portanto, a necessidade do *outro* é uma necessidade biológica.

Uma análise atenta dessa problemática mostra que as crianças observadas expressam o modo como a ausência de determinadas funções sociais com o *outro* está afetando-as: Roberto e Alberto ficam ansiosos quando um parente está para buscá-los para uma festa de aniversário, de tal forma que Roberto coloca o relógio para despertar de uma em uma hora e Alberto fica arrumado quatro horas antes desse parente chegar (episódio 4); Dagoberto tem crises de depressão e, por esse motivo, toma medicamentos anti-depressivos (episódio 4); Patrícia não consegue ter o controle esfinteriano de seu organismo (episódio 5); Karina silencia e continuamente profere as mesmas palavras: “*Minha mãe veio me vê!*” (episódio 6); Camile, mantém um olhar triste e não sorri (episódio 6); Vagner chora, fica apático, permanece enclausurado em seu silêncio e numa situação de brincadeira só concorda em participar da mesma quando surge a oportunidade de vivenciar o papel de filho na trama de relações que estava sendo instituída no jogo dramático⁹⁰ (episódio 7); e Danilo faz marcas de batom em sua própria face, afirmando que a sua mãe o havia beijado porque gostava muito dele e logo iria tirá-lo da instituição. Além disso, Danilo também afirma para quem quer que seja, que seu pai, que ele mal conhecia, freqüentemente ia visitá-lo na instituição (episódio 6).

Nesse momento, vale ressaltar que a conduta de Camile, o bebê de apenas sete meses, constitui um claro indicador das conseqüências prejudiciais que a falta de funções sociais de reconhecimento está acarretando. Isso porque as relações que se entrelaçaram na vida de Camile durante os seus primeiros meses de vida, impediram que ela fosse convidada a sorrir.

Da mesma forma que a ausência das funções sociais afeta as crianças, a presença das mesmas também as afeta de modo distinto. Tal fato torna-se evidente no episódio 3, uma vez que Ieda e Walmir mudam a conduta por estarem vivenciando estas funções sociais. Conforme o depoimento da própria assistente social, Ieda passou a cumprimentar as pessoas, a sorrir e a se sentir amada. No entanto, com esses sentimentos vieram outros, tais como o ciúme, o medo e o desespero de Walmir e Ieda de perderem a pessoa que lhes proporcionava as funções sociais de

⁹⁰ De acordo com Vigotski (1994), isso ocorre porque no brinquedo tudo é possível e os desejos não realizáveis podem ser realizados.

que necessitavam. Tais aspectos ficam explícitos durante e após as visitas do “tio Isaías” à Ieda e ao Walmir; no dia em que as crianças tiraram o chaveiro com a foto do “tio Isaías” das mãos de Walmir (o menino gritava, chorava e dizia: “*Esse pai é meu! É só meu! É meu e da Ieda! Eu consegui primeiro!*”; “*Ele é meu pai! Não deixa ninguém levá meu pai! Eu não vô arrumá ôtro!*”) e durante o período que o “tio Isaías” deixou de visitar Ieda e Walmir.

De fato, ao perceberem que Ieda e Walmir estavam tendo a oportunidade de experienciar as funções sociais que tanto reclamavam, as outras crianças passaram a agir de modo diferente diante de tal constatação. Durante as visitas de Isaías a Ieda e ao Walmir, ou nos dias em que ele buscava os dois irmãos para passear, algumas crianças ficavam no canto de um dos cômodos da casa, demonstrando estarem tristes e irritadas: Patrícia sentou no banco da área dos fundos, emburrada; Danilo se escondeu atrás da mureta da área dos fundos; Davi foi para o cômodo ao lado da sala de televisão e ficou sentado no chão, olhando para baixo, com a cabeça apoiada nos joelhos; e Jaci entrou embaixo da mesa, com o olhar triste, se recusando a sair de lá. Outras crianças, por sua vez, proferiram palavras ofensivas sobre Isaías: “*Eu tô fora de falar oi pra esse hómi aí!*”, “*Hómi feio, esse tio Isaías!*”, “*Eu tô fora de í na casa desse tio Isaías!*” (episódio 3).

Estes sentimentos também ficam evidentes em André Luís, quando as crianças recebem visitas de parentes ou quando algumas delas estão para sair definitivamente da instituição ou apenas para passear. Nesses momentos, André Luís tira sarro das crianças, deixando-as irritadas com brincadeiras sarcásticas e apelidos tendenciosos (episódio 4).

Isso estava ocorrendo porque essa experiência fazia parte de um processo semiótico, em que as crianças estavam descobrindo e atribuindo, de forma pessoal, uma nova significação às múltiplas relações em que estavam envolvidas.

Indo ao encontro desses aspectos, é interessante observar também o modo de agir, pensar e falar de Alberto, uma vez que, no episódio 5, se por um lado o seu desejo de vivenciar as funções sociais é grande: “*O que eu mais queria na vida era sê adotado, porque com a minha família eu não tenho mais chance*”; “*Eu queria ter um pai que viesse atraís de mim*”, por outro lado o menino vê a realização de tal desejo a cada dia que passa mais distante.

Por isso, não é à toa que ele expressa, em diversas situações, o quanto se sente diminuído e sem esperanças. Ao saber que um casal iria adotar Paulo, Alberto comentou: “*Eles vão ser o maior presente de Natal do nenê! Acho que eu nunca vô tê esse presente*”. Ao falar de um urso de pelúcia que havia ganhado, Alberto disse: “*Ele não tem nome. É um Zé Ninguém, que nem eu!*”.

Em certa ocasião Alberto disse: *“Eu nunca vô conseguí sê adotado!”*. Ao contar que Danilo havia chegado à instituição no dia de seu aniversário, Alberto afirmou: *“Esse é o único presente de aniversário que eu mereço: um moleque bem chato e cagão”*. Quando estávamos próximos do Natal, Alberto comentou comigo: *“Dona, o Papai Noel tá triste! Ele não conseguiu dá uma família pra todas as crianças, principalmente pra mim”*. Em uma produção escrita, Alberto escreveu: *“sou muito chato”, “sou feio”, “sou horroroso”*.

Da mesma forma que Alberto, Danilo também se sente inferiorizado. Isso fica claro quando algumas crianças estão conversando sobre “o que querem ser quando crescerem” e Danilo diz: *“Eu só quero ser um cocô. Um cocô bem fedido!”*

Ao ter em conta as situações observadas e as discussões teóricas, como a tese das relações sociais, proposta por Marx e Engels e formulada por Vigotski, envolve dois planos distintos, porém inextricáveis: o plano estrutural da organização social, com suas dimensões políticas e econômicas, e o das relações pessoais entre os indivíduos concretos⁹¹, vejo que no caso desta pesquisa, as relações sociais não vão simplesmente explicar porque as crianças estão na instituição, mas as relações sociais vão explicar “porque essas crianças não são devidamente reconhecidas”.

Portanto, a questão que ainda aguarda uma resposta minimamente plausível é: Por que em nossa sociedade, cuja estrutura de relação é marcada por leis em defesa dos direitos humanos, os princípios de relacionamento entre as pessoas não são princípios de reconhecimento desses direitos básicos?

⁹¹ De acordo com Pino (2000, p. 64), “dado que as relações sociais são determinadas pelo modo de produção da sociedade, as posições sociais e os papéis a elas associados traduzem a maneira como as forças produtivas se configuram nessa sociedade”.

Considerações Finais

HISTÓRIAS QUE VÃO E QUE VÊM

A vida na instituição continua. Eu, meu marido e minha filha ainda fazemos visitas às crianças e já levamos algumas delas para passar o dia conosco. Os meninos maiores já chegaram até mesmo a telefonar no trabalho de meu marido convidando-o para vê-los jogar futebol de salão em um campeonato promovido pela escola. Vez ou outra recebo notícias das crianças que já saíram da instituição. Por tratar-se de uma cidade pequena, onde a maioria das pessoas se conhece, tais notícias não são dadas apenas pelas monitoras, mas por pessoas com as quais mantenho amizade e que residem na cidade, como professores, diretores de escola ou simplesmente vizinhos dos familiares das crianças.

Viviane deixou de morar com a madrinha para morar com outros parentes, uma vez que seu pai ia embriagado fazer escândalos na frente da casa desta madrinha, ameaçando-a e dizendo que mais cedo ou mais tarde iria fugir com a filha.

Ieda e Walmir foram adotados pelo “tio Isaías” e, de acordo com o depoimento de uma professora conhecida, em um ano eles mudaram três vezes de escola, uma vez que enfrentaram problemas de preconceito e discriminação por parte das crianças e até dos professores das duas escolas particulares onde haviam começado a estudar. No mês de outubro, Ieda e Walmir passaram a frequentar uma escola pública, estudando juntos na primeira série⁹².

Jaci e os irmãos gêmeos não deram mais notícias, já que estavam morando em uma cidade distante, em um outro estado do país.

Vagner voltou a morar com a mãe, mas de acordo com vizinhos, continuava vivenciando situações de humilhação e de violência simbólica provocadas pelo padrasto. Os vizinhos comentaram que, vez ou outra, faziam denúncias anônimas para que o menino voltasse para a instituição.

⁹² Durante as observações realizadas no ano de 2003, quando Ieda ainda residia na instituição, a menina já cursava a 1ª série. Após receber esta informação, ou seja, dois anos mais tarde, fiquei sabendo que apesar de ter sido aprovada para as séries subseqüentes, Ieda havia voltado para níveis anteriores, ou seja, para a 1ª série.

André Luís foi adotado pelo seu professor. De acordo com as monitoras, quando já estava para sair a autorização para a adoção, André Luís não as obedecia mais, provocava as crianças com brincadeiras de mau gosto e desprezava o atendimento prestado às crianças pela instituição.

Valquíria e Carlos saíram da instituição para morarem na casa da tia Íris, a namorada do pai.

Fátima foi morar com a irmã⁹³. No entanto, depois de algum tempo, ela apareceu na instituição dizendo que havia se arrependido de ter saído de lá, uma vez que a vida em família não era condizente com aquilo que havia imaginado.

Silvia⁹⁴, a menina mais velha da casa, apesar de manter contato com seus familiares e de ter a possibilidade de morar com os mesmos, preferiu sair da instituição para morar com o namorado.

Danilo e os irmãos estavam morando com a mãe, mas de acordo com Celeste (uma tia que também havia morado na instituição), eles não estavam bem. Ela comentou que a mãe de Danilo estava grávida novamente, desta vez do quinto filho, e que devido à situação de extrema miséria em que viviam, a mesma não estava dando conta de cuidar das crianças: Danilo estava com a mão toda enfaixada, uma vez que havia levado ponto em um corte profundo após ter se machucado em sua casa; Karina havia emagrecido bastante e Camile estava internada no hospital com uma grande quantidade de feridas espalhadas pelo corpo. A tia de Danilo disse, ainda, que Camile, antes de ser internada, estava estranhando muito a mãe e a casa onde morava, pois já fazia dias que ela chorava dia e noite sem parar.

As demais crianças permaneciam na instituição. E a cada dia que passava, com a expressão melancólica, elas iam baixando a voz ao invés de elevá-la; afinal, a sociedade estava reavivando ininterruptamente as marcas de exclusão em relação a estas crianças.

⁹³ A assistente social comentou que Fátima, quando era criança, havia sido encaminhada à instituição porque os pais não tinham condições de oferecer os cuidados básicos a ela. Depois que foi encaminhada à instituição, a mãe de Fátima morreu, em decorrência do alcoolismo e o pai optou por deixar a filha na instituição. Somente depois que Fátima cresceu é que o pai veio procurar a instituição para levar a filha embora, mas já não podia mais porque o processo havia resultado em destituição do pátrio poder. Como Fátima possuía uma irmã que era casada e estava querendo levá-la, acabou saindo da instituição para ficar ao lado da irmã.

⁹⁴ A assistente social disse que Silvia foi encaminhada à instituição assim que nasceu, pois a mãe, que morava no Paraná e veio para Serra Azul, não tinha nem mesmo onde morar. Somente depois que Silvia cresceu é que a mãe veio procurá-la, mas esta já não podia mais visitar a filha porque havia ocorrido a destituição do pátrio poder. Silvia não compreendia por que a mãe não podia vê-la e a assistente social sempre lhe explicava que a mãe não podia ir à instituição, mas que se Silvia quisesse, ela poderia ir vê-la em outro local e até morar com a mesma, já que estava com dezoito anos de idade. A assistente social disse também que as crianças que não são adotadas podem permanecer na instituição até completarem dezoito anos ou até mais tempo, caso realmente não tenham para onde ir.

Priscila, Patrícia e Davi não receberam mais a visita da mãe. Patrícia, por sua vez, continuava urinando na roupa. A última vez que a vi, pedi a ela para se trocar, já que seu short estava todo molhado. No entanto, ela me disse que fazia pouco tempo que havia vestido uma outra roupa e que ela já estava cansada de se trocar o dia todo. Afirmou, então, que ia ficar daquele jeito mesmo e começou a chorar, pedindo para que eu não contasse para ninguém da casa que estava com a roupa molhada novamente. Logo em seguida, ela disse que esse segredo seria só nosso e me abraçou bem forte.

Os irmãos João e Hélio; Tales e Sandro; Dagoberto, Roberto e Alberto, continuavam na Casa e demonstravam já não terem mais esperanças de um futuro melhor, pois à medida que os anos iam se passando, as marcas da exclusão social que eles vivenciavam não só permaneciam concretamente, como também iam se acentuando de forma significativa. Tanto é que até mesmo nos dias de visita e de festa eles mantinham um olhar triste e vazio e preferiam ficar reclusos em seus quartos.

Se por um lado algumas poucas crianças estavam saindo da instituição, outras, em um número proporcionalmente maior, estavam paulatinamente chegando:

As gêmeas Laís e Luísa⁹⁵, de um ano e meio, bem como a irmã Sofia, de seis anos, foram encaminhadas à instituição porque os pais das meninas gêmeas (a mãe e o padrasto de Sofia), estavam presos por se envolverem com drogas. Algum tempo depois, Sofia foi morar com a avó e as gêmeas foram morar com a madrinha. No entanto, após alguns meses, as gêmeas foram devolvidas à instituição pela madrinha, que alegou não ter condições de cuidar das meninas.

Esse mesmo drama foi vivenciado por Jussara, uma menina negra, bem magrinha, que havia morado na instituição quando era bebê e agora, com aproximadamente nove anos, estava de volta.

Os irmãos Tânia (seis anos) e Leonardo (nove anos); Armando (onze anos), Arnaldo (oito anos) e Álvaro (um ano e meio); e Cláudia (doze anos) e Flávia (sete anos) chegaram à instituição praticamente na mesma época.

Alguns meses depois, Donizete, um menino de sete anos, chegou à instituição, uma vez que estava vivendo nas ruas e havia se envolvido com drogas.

⁹⁵ Após chegarem à instituição, devido à diferença discrepante existente entre as gêmeas no que se referia ao desenvolvimento (andar, falar, representar os objetos mentalmente...) as monitoras descobriram que Laís apresentava problemas de surdez e necessitava de um cuidado especial. Tal constatação foi confirmada pelo médico que prestou atendimento à menina.

Pensando nesse ir e vir das crianças, percebi que não seria possível falar sobre a história de todas elas; afinal, à medida que eu avançava pelo “interior da casa”, outros problemas desconexos iam irremediavelmente surgindo.

Por isso, vou me despedir de você, leitor, retomando alguns aspectos relevantes desse trabalho:

O primeiro aspecto refere-se ao fato de que a relação com o *outro* é a condição essencial da existência do homem e da cultura humana. É importante insistir no fato de que, para o ser humano, essa função é tão importante quanto a propagação da espécie, já que, sem cultura, o homem não poderia sobreviver, assim como a cultura não poderia existir sem a espécie humana para transmiti-la.

O segundo aspecto refere-se ao fato de que antes de se pensar em relações sociais, é necessário pensar em relações básicas, biológicas, chamadas vínculo, porque o ser humano tem necessidade do *outro*. No caso das crianças que vivem em instituições de atendimento à infância, pode-se dizer que as mesmas entram em relação com o *outro*, esperando que esse *outro*, cujo lugar pode estar sendo ocupado pelo pai, pela mãe, pela tia, pela madrinha, pelo visitante, assuma uma posição em relação a elas capaz de lhes propiciar as funções de que necessitam. Em outros termos, estas crianças esperam que o *outro* exerça determinadas funções ou papéis sociais de reconhecimento e de respeito, na falta de uma sociedade que as trata com indiferença e de um Estado que as ignora e que não lhes dá condições para que as funções sociais de que elas necessitam sejam vivenciadas.

Afirmo isso porque, na realidade observada, pude constatar que o futuro que estava se criando para essas crianças não era outro senão o de viver em subempregos e em um sistema de treinamentos e de atividades profissionalizantes que, mais cedo ou mais tarde, iria fazê-las constituir uma parcela do “exército de reserva”. De acordo com Marx e Engels (1989), essa população excedente e disponível, que se entrega a toda sorte de atividades, bem como a pequenas ocupações, se configura como um produto necessário à acumulação capitalista.

Desse modo, vejo que as crianças analisadas, assim como tantas outras crianças que fazem parte da realidade brasileira e que carecem das condições mínimas de sobrevivência, enquanto adultos, irão participar futuramente da manutenção da estrutura de dominação vigente no país,

reproduzindo a situação que as gerou, ou seja, a situação de rebaixamento ainda mais acentuado de suas condições econômicas, bem como a situação de não-reconhecimento social.

Por certo, se a vida dessas crianças continuar sendo expropriada das possibilidades de futuro, se a cidadania para tais crianças continuar sendo peça de retórica, restará a elas apenas escrever as páginas seguintes de suas histórias no vasto livro da vida, enquanto a lua permanecer no alto do céu guardando os segredos, os sonhos e os desejos dessas crianças.

Como essas crianças carregam as marcas das relações sociais das classes populares, ou melhor, como são o resultado de relações injustas em nossa sociedade que têm como referência as relações de trabalho, elas estão reclamando de uma sociabilidade que é justamente falha do próprio modelo de desenvolvimento econômico que impera em nosso país.

Portanto, assim como as florzinhas do texto de abertura desse trabalho, que não são olhadas, ouvidas e sentidas, essas crianças também não o são. E isso acontece não é porque estas flores não têm brilho, não são fortes ou porque são pequeninas demais. O que ocorre é que se faz imprescindível ter interesse por elas, pois qualquer tipo de flor pode ser vigorosa.

Apesar do crescimento significativo das organizações da sociedade civil e do surto de ações sociais, com parcerias firmadas com o Estado e com Bancos ou Empresas do país ou do exterior, no intuito de oferecer a essas crianças alimentação, moradia, segurança, vestuário, acesso à escola, não são oferecidas a elas coisas fundamentais: cidadania, consciência crítica, um futuro com dignidade; afinal, hoje, bem se vê que “doar é um instrumento de poder” e que “quem financia solidariedade está preocupado com o retorno”, por isso uma minoria privilegiada economicamente, até mesmo através de projetos sociais, fatura sob a permanência da miséria.

Nesse sentido, do mesmo modo que aquelas florzinhas são filhas da lua, as meninas e meninos que vivem em instituições de atendimento à infância também são “filhos da lua”. E são filhos da lua não porque o pai e/ou a mãe não lhes oferece cuidados. Eles são filhos da lua porque o Estado/a sociedade ignoram os direitos dessas crianças, procurando substitutos para a falta de cumprimento de suas obrigações básicas.

Por fim, fica explícito que esses meninos e meninas que vivem em instituições de atendimento à infância são “*Filhos da Lua*”, porque é indubitável que esses meninos e meninas em nossa sociedade são “*Filhos de Ninguém*”.

MAIS UMA VEZ O MENSAGEIRO

João pegou o gravador de minha mão e disse que queria ficar sozinho, tal como havia feito da outra vez. No entanto, ao invés de ir para a área dos fundos, ele subiu as escadas da padaria e ficou no cômodo que existe no piso superior deste local. Então, ele começou a cantar:

*Desde o dia em que eu te reencontrei
Me lembrei daquele lindo lugar
Que na minha infância era especial, para mim
Quero saber se comigo você quer vir dançar
Se me der a mão, eu te levarei
Por um caminho cheio de sombras e de luz!
Você pode até não perceber
Mas o meu coração se amarrou em você
Que precisa de alguém,
Pra te mostrar o amor e o mundo te dar!
Meu alegre coração palpita
Por um universo de esperança
Me dê as mãos, a magia nos espera!
Vou te amar por toda a minha vida,
Vem comigo por este caminho,
Me dê as mãos,
Pra fugir dessa terrível “escuridãããã”!⁹⁶*

*João Pedro da Silva cantou essa música para os fãs, meus fãs, carteirinha de fã-clubê.
Amanhã, às 7:00 horas da noite, na rádio FM.*

[João]

⁹⁶ Música de um desenho exibido, na época, pela Rede Globo de televisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. (Org.) *Temas básicos da Sociologia*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1978.
- AINSWORTH, M. D. *Privacion de los cuidados maternos: revision de sus consecuencias*. Genebra: OMS, 1963.
- ALMEIDA, F. H. M. (Org.) *Código de Menores*. São Paulo: Saraiva, 1965.
- ALTOÉ, S. *Infâncias perdidas: o cotidiano nos internatos/prisão*. Rio de Janeiro: Xenon, 1990.
- ANDRÉ, M.; LUDKE, M. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- ANTUNES, R. A crise contemporânea e as metamorfoses do mundo do trabalho. In: _____ *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez e Editora da Unicamp, 2000.
- ARIÈS, P. *Histoire des populations françaises: et de leurs attitudes devant la vie depuis le XVIIIe siècle*. Paris: Editions du Seuil, 1971.
- _____. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- _____; DUBY, G. *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v. 3.
- BALEN, A. D. J. V. *Disciplina e controle da sociedade: análise do discurso e da prática cotidiana*. São Paulo: Cortez Editora, 1983.
- BARTHES, R. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- _____. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BITTENCOURT, M. E. *A infância nos recolhimentos da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro*. 1991. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- BOTO, C. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, M.C.; KUHLMANN JR. M. (Org). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 11-60.
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos vínculos afetivos*. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Apego: a natureza do vínculo*. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990, v. 1.

BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. 7. ed. Petrópolis, RJ: 1991, v.1.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Organização de Alexandre Moraes. 22. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BRASIL. *O Estatuto da Criança e do Adolescente*, lei 8.069, de 13.6.1990, Diário Oficial da União de 16.6.1990.

BULFINCH, T. *Mitologia geral: a idade da fábula*. Tradução de Raul L. Moreira e Magda Veloso. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

CAMPOS, A. V. D. S. *O menor institucionalizado: um desafio para a sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

CANEVACCI, M. (org.) *Dialética da família*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução de Ruy Reynaud. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CORALINA, C. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 5. ed. São Paulo: Global, 1995.

CORREIA, M. Apresentação. In: *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CRAIDY, C. M. Meninos de rua: a rua dos meninos. In: Secretaria Municipal de Cultura. *A rua invisível*. Porto Alegre, Unidade Editorial Porto Alegre, 1993.

DEL PRIORE, M. (Org.) *História das crianças no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

DOLLARD, J.; MILLER, N. E. *Frustration and aggression*. New Haven: Yale University press, 1969.

DONZELOT, J. *A polícia das famílias*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

DOWDEN, K. *Os usos da mitologia grega*. Tradução de Cid Knipel Moreira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

DUMÉZIL, G. *Heur et malleur du guerrier: aspects mythiques de la fonction guerriere chez les Indo-Europeens*. Paris: Flammarion, 1992.

EDMONDS, C. H. Mame. In: STEUER, W. *Hot Air 1*. Cincinnati, Ohio: North Light Books, 1990, p. 28.

- ELIADE, M. *Mito do Eterno Retorno*. Tradução de José Antônio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de Rosa Camargo Artigas e Reginaldo Forti. São Paulo: Global, 1988.
- _____. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. *Dialética da natureza*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. *Pesquisa participante*. Tradução de Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1989.
- FAZENDA, J. V. A roda (Casa dos Expostos). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo LXXI, 1908, parte II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1991, p. 153-181.
- FERREIRA, A. G. A infância no discurso dos intelectuais portugueses do Antigo Regime. In: FREITAS, M. C.; KUHLMAN JR. M. (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 167-196.
- FLORES, M. A casa dos Expostos. *Revista de Estudos Íbero-Americanos*, dezembro de 1985, p. 49-57.
- FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- GARCIA, W. E. Propostas educacionais das instituições de menores carentes no estado de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 31, p. 81-85, 1979.
- GINZBURG, C. O paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOETHE, J. W. *Fausto*. Tradução de Jenny Klanbin Segall. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GUIRADO, M. *Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono*. São Paulo: Summus, 1986.
- HARLOW, H. F. *Behavior of nonhuman primates: modern research trends*. New York: Academic, 1965.

HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora Unb, 1999.

HOBSBAWN, E. J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LEFEBVRE, H. *A cidade do capital*. Tradução de Maria Helena Rauta Ramos e Marlena Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. *La presencia y la ausencia: contribucion a la teoria de las representaciones*. México: FCE, 1983.

_____. *Lógica formal, lógica dialética*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Problemas actuais do marxismo*. Tradução de Gilberto Viegas. Portugal: Ulmeiro, 1977.

_____. *A reprodução das relações de produção*. Tradução de A. Ribeiro e M. Amaral. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

_____. *Para compreender o pensamento de Karl Marx*. Tradução de Laurentina Capela. 2 ed. Portugal: Bordas, 1966.

_____. *O Marxismo*. Tradução de Jacó Guinsburg. 3 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. (Coleção Saber Atual).

LOBO NETO, F. J. A FUNABEM e o sistema de atendimento ao menor. In: RIBEIRO, I. ; BARBOSA M.L.V.A. (Org.) *Menor e sociedade brasileira: análises, programas institucionais; experiências*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

LORENZ, K. *Trois essais sur l'è comportement animal et humain: les leçons de l'évolution de la theorie du comportement*. Traduit de l'allemand par C. et P. Fredet. Paris:Ed. Du Seuil, 1970.

_____. *Os fundamentos da etologia*. Tradução de Pedro Mello Cruz e Carlos C. Alberts. São Paulo: Unesp, 1995.

_____. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Tradução de Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACEDO, J. M. *A luneta mágica*. São Paulo. Ática, 1995.

MACEDO, R. M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? A família em destaque. *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, Cortez Editora, São Paulo, n. 91, Nov. 1994, p. 62-68.

MALINOWSKI, B. K. *Argonautas do Pacífico ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquíelagos da Nova Guiné Melanésia. Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

MARCÍLIO, M. L. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998. MARICONDI, M. A. (Coord.) *Falando de abrigo*: cinco anos de experiência do Projeto Casas de Convivência. São Paulo: FEBEM, 1997.

MARTINS, J. S. (Org.) *O massacre dos inocentes*: a criança sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. *A ideologia alemã*. Tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARX, K. *O capital*. Tradução de Regis Barbosa e Flavio R. Khote. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *Manuscrits de 1844*. Paris: Editions Sociales, 1972.

MATOS, O. C. F. Apresentação. In: CANEVACCI, M. *Dialética da família*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MEIRELES, C. *Cânticos*. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1982. Coleção Veredas.

MENDES JR. A.; MARANHÃO, R. *Brasil História*. (República Velha). São Paulo: Brasiliense, 1983.v. 3.

MESGRAVIS, L. A assistência à infância desamparada e a Santa Casa de São Paulo: a Roda dos Expostos no século XIX. *Revista de História*. São Paulo, v. III, n. 103, ano XXVI, 1975.

NEGRÃO, A. M. M. *Infância, educação e direitos sociais*: Asilo de Órfãs (1870-1960). 2002. 334 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

OLIVEIRA, A. C. *Infância, adolescência e políticas públicas*: discutindo Conselhos, Fundos e Abrigos. Rio de Janeiro: Nova, 1997.

PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

PINO, A. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Ensinar: aprender em situação escolar: perspectiva histórico-cultural. Faculdade de Educação, UNICAMP/Campinas/SP: Laboratório Interdisciplinar de tecnologias Educacionais. Disponível em <<http://www.lite.fae.unicamp.br/sapiens/ensinar.htm>>. Acesso em 15.out.2001.

_____. O social e o cultural na obra de Lev S. Vigotski. Vigotski – O manuscrito de 1929. Tema sobre a constituição cultural do homem. *Educação e Sociedade*, 2. ed. Campinas-SP, n. 71, p. 45-78, out. 2000.

_____. Constituição e modos de significação do sujeito no contexto da pré-escola. In: PEDROSA, M. I. Investigação da criança em interação social. *Coletâneas da ANPEPP*, vol. 1, n. 4, p. 11-32, set. 1996.

_____. A Interação Social: perspectiva sócio-histórica. *Idéias*, São Paulo, n. 20, p. 49-58, 1993.

_____. Direitos e realidade social da criança no Brasil. A propósito do “Estatuto da Criança e do Adolescente”. *Educação e Sociedade*. Cedes/Vértice, São Paulo, ano XI, n. 36, p. 61-79, ago. 1990.

_____. Política de promoção social e exercício da cidadania – uma crítica às práticas de confinamento da pobreza. *Serviço Social e Sociedade*. Cortez Editora, São Paulo, ano X, n. 31, p. 141-159, dez. 1989.

_____. A questão do menor e o significado da infância na sociedade burguesa. *Educação e Sociedade*. Cortez Editora, São Paulo, ano IX, n. 28, dez. 1987, p. 33-51.

RIBEIRO, I. Sociedade e Família no Brasil contemporâneo: de que menor falamos? In: _____; BARBOSA, M. L. V. A. (Org.) *Menor e sociedade brasileira: análises, programas institucionais, experiências*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

RIZZINI, I. *Assistência à infância no Brasil*. Uma análise de sua construção. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.

ROUSSEAU, J. J. *Confissões*. Tradução de Fernando Lopes Graça. Lisboa: Relógio d'água, 1988.

SARACENO, C. *Sociologia da família*. Tradução de M. F. Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

- SARTI, C. A. A família como ordem moral. *Caderno de Pesquisas*. São Paulo, n. 91, p. 46-53, nov. 1994.
- STOLCKE, V. *A Família que não é Sagrada*. In: Colcha de Retalhos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SEARS, R. R. et al. (Org.) *As 7 idades do homem: um estudo do desenvolvimento humano: corpo, personalidade, capacidades*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- SILVA, R. *Trajetória de institucionalização de uma geração de ex-menores: o processo de constituição da identidade delinquente em crianças órfãs e abandonadas*. Dissertação Mestrado, USP, São Paulo: 1996.
- SPITZ, R. *O primeiro ano de vida*. Tradução de Erothildes Millan Barros da Rocha. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- TARKOVSKI, A. *Esculpir o tempo*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- TCHEKHOV, A. P. A mulher do Farmacêutico. In: _____. *Para gostar de ler: contos universais*. São Paulo: Editora Ática, 1995. v. 11. p. 25-34.
- THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.
- VAINSENCHE, S. A. *O projeto de vida do menor institucionalizado*. Recife: Unicef, 1989.
- VENÂNCIO, R. P. *Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. In: Vigotski – O manuscrito de 1929. Temas sobre a constituição cultural do homem. *Educação e Sociedade*, Cedes, Campinas, SP, ano XXI, 2 ed. n. 71, p. 21-44, out. 2000.
- _____. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *A Formação social da mente*. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. *Teoria e método em psicologia*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Editora Persona, 1968.

_____. *As origens do caráter na criança*. Tradução de Heloysa Dantas de Souza Pinto. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WEREBE, M. J.; NADEL-BRULFERT, J. (Org.) *Henri Wallon*. Tradução de Elvira Souza Lima. São Paulo: Editora Ática, 1986.

WESTPHAL, M. F. (Org.) *Violência e criança*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

ZACHARAKIS, G. E. *Mitologia grega: genealogia das suas dinastias*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ZAZZO, R. et al. *L'attachement*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1974. (Collection Zethos).

_____. *Onde está a psicologia da criança?* Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas, SP: Papirus, 1989.